

DA AUTORA *BESTSELLER* DO *NEW YORK TIMES*

ALYSON NOËL

O PASSADO ESTÁ
NAS NOSSAS MÃOS

ROUBAR
o INFINITO

O TEMPO NÃO SE VIVE,
ROUBA-SE.

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

DA AUTORA *BESTSELLER* DO *NEW YORK TIMES*

ALYSON NOËL

O PASSADO ESTÁ
NAS NOSSAS MÃOS

ROUBAR
o INFINITO

O TEMPO NÃO SE VIVE,
ROUBA-SE.

Table of Contents

Roubar o Infinito

Dedicatória

William Blake

Caro Leitor

Numerologia

Facto

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

William Gibson

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

William Shakespeare

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
Capítulo 83
Capítulo 84
Capítulo 85
Capítulo 86
Capítulo 87
Capítulo 88
Capítulo 89
Capítulo 90
Capítulo 91
Capítulo 92
Capítulo 93
Capítulo 94
Capítulo 95
Capítulo 96
Capítulo 97
Capítulo 98
Capítulo 99
Capítulo 100
Capítulo 101
Capítulo 102

Capítulo 103

Capítulo 104

Capítulo 105

Capítulo 106

Capítulo 107

Capítulo 108

Capítulo 109

Capítulo 110

Capítulo 111

Capítulo 112

Capítulo 113

William Shakespeare

Capítulo 114

Capítulo 115

Capítulo 116

Capítulo 117

Capítulo 118

Capítulo 119

Capítulo 120

Capítulo 121

Capítulo 122

Capítulo 123

Capítulo 124

Capítulo 125

Capítulo 126

Capítulo 127

Capítulo 128

Capítulo 129

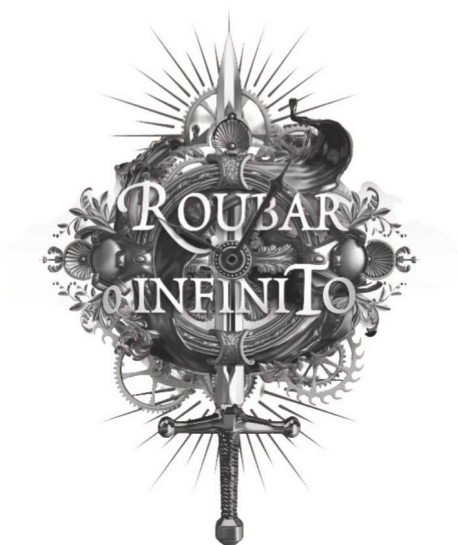
Capítulo 130

Capítulo 131

Arcano

Agradecimentos

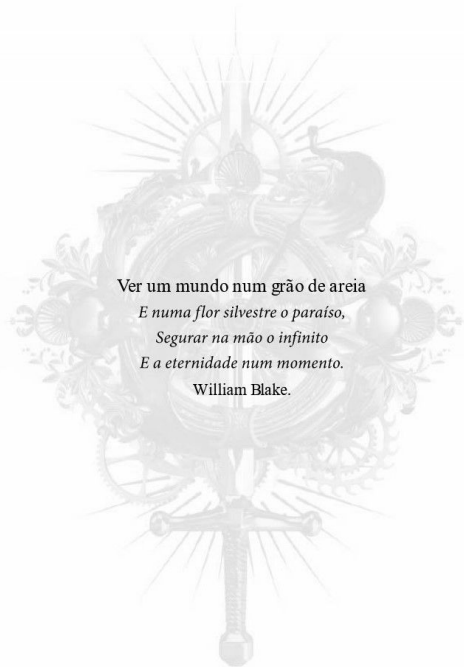
ALYSON NOËL



Tradução de Rita Amaral

 Porto
Editora

*Para Elizabeth Bewley,
tantos anos e tantas razões.*



Ver um mundo num grão de areia
E numa flor silvestre o paraíso,
Segurar na mão o infinito
E a eternidade num momento.
William Blake.

Caro Leitor,

Durante a história que se segue, vamos mergulhar um pouco em numerologia (isto não é um *spoiler*, juro!). E, já que alguns de vocês poderão não estar familiarizados com esta antiga ferramenta de adivinhação, resolvi incluir um pequeno manual para que possam somar os números do vosso aniversário e ver como a numerologia se aplica ao vosso caso.

Como é óbvio, se preferirem não ter de fazer contas (o que eu entendo completamente!), sintam-se à vontade para passar esta parte à frente. Na verdade, não fará a menor diferença na vossa experiência de leitura.

Se optarem por fazer os cálculos, procurem-me no Instagram [@alyson_noel](#) e digam-me se o número que calhou vos fez sentido!

(Confissão: Eu sou um oito!)

Numerologia: Como calcular e entender o significado por detrás do teu número de vida através da numerologia.

Tal como o teu signo solar na astrologia, o teu Número de Vida reflete os teus pontos fortes e pontos fracos, os teus interesses, talentos, metas e sonhos, assim como o tom geral da tua experiência e da tua missão de vida.

Para calcular este número, adiciona a tua data de nascimento completa (mês, dia, ano inteiro) e continua a calcular até chegares a um número de um só dígito, com a exceção dos números 11, 22 e 33, que são Números Mestres.

Por exemplo:

Data de nascimento: 24 de maio de 2004

ou $24/05/2004 - 2 + 4 + 0 + 5 + 2 + 0 + 0 + 4 = 17$

Se o resultado for um número de dois dígitos (novamente, à exceção de 11, 22 e 33), adiciona esses dois números, reduzindo-os a um único dígito.

$$1 + 7 = 8$$

O Número de Vida para esta data de nascimento é 8.

Muito bem, agora que já sabes o teu número, queres saber o que isto significa?

Número 1 (10/1, 19/1): Se fores um número um, és alguém que entra em ação. És confiante, independente, inovador e tens características de um líder natural. És a pessoa no teu grupo que põe mãos à obra e se certifica de que as coisas são feitas.

Número 2 (11/2, 20/2): As pessoas número dois têm talento para tudo o que esteja relacionado com relações, cooperação e trazer harmonia a uma situação, sempre que seja necessário. Se fores um dois, és sensível às energias e és conhecido por ter uma intuição apurada, o que te torna no amigo a quem todos recorrem para conselhos.

Número 3 (12/3, 21/3): Os números três são bons a comunicar. Seja a falar, a escrever, a desenhar, a dançar, a compor, seja o que for. Se fores um três, gostas muito de te expressar, e as tuas criações são conhecidas por inspirar os outros.

FACTO:

Máquina de Anticitera: Um antigo instrumento planetário grego, operado manualmente, que esteve perdido no mar por mais de 2 mil anos. Pensa-se ser o exemplar mais antigo de um computador analógico, usado para prever posições astronómicas e eclipses com décadas de antecedência. Muitas das peças do mecanismo continuam desaparecidas – incluindo a caixa de madeira para o guardar, os botões utilizados para girar as engrenagens de metal (também desaparecidas), uma coleção de pedras que representavam o sol, a lua, vários planetas, mostradores rotativos e muito mais. Muitas das suas inscrições ocultas continuam por traduzir.

Escolas de Mistérios do Egito: Estas sociedades antigas mantinham e protegiam a sabedoria dentro dos limites das paredes do templo. Estes segredos eram transmitidos no âmbito do sacerdócio, mas proibidos ao homem comum.

Tarô: Julga-se que o baralho de tarô mais antigo que ainda existe, conhecido como baralho de Visconti-Sforza, remonta ao norte da Itália do século XV, quando foi encomendado pelo Duque de Milão, Francesco Visconti. As 22 cartas dos Arcanos Maiores representam uma procissão pictórica alegórica de um jovem que morre simbolicamente e posteriormente renasce. Embora fosse originalmente usado como um jogo de cartas, o uso generalizado do tarô para adivinhação começou a tomar forma no final do século XVI e início do século XVII.

Henricus Martellus: Em 1491, o cartógrafo alemão criou um mapa-mundo que retratava a Europa e o Mediterrâneo, que se acredita ser o mapa que Cristóvão Colombo usou durante a sua viagem através do Atlântico. Recentemente, a tecnologia moderna permitiu descobrir textos ocultos no mapa.

Todas as obras de arte mencionadas neste livro são verdadeiras.



Prólogo

O Guardião do Tempo

Basilique Royale De Saint-Denis, França

1741

Acordo para o vazio da escuridão com a ponta de um punhal frio e afiado encostado aos meus pulsos, que estão amarrados.

— Levanta-te — grita uma voz. — Quanto mais depressa o fizeres, mais depressa eu vou embora.

Com um único movimento da lâmina, a corda que prende as minhas mãos cai ao chão.

Solto um grunhido e estico os dedos, enquanto um par de mãos ásperas obriga-me a levantar. Aquele movimento repentino faz com que uma onda de náusea me invada tão violentamente que me encolho de agonia e vomito.

— Meu Deus! — grita o meu captor. Rasgando a venda que me cobre os olhos, bate-me com força na parte de trás da cabeça. — Olha só o que fizeste!

Uma dor aguda atravessa-me o crânio, mas pelo menos a névoa provocada pela sedação está a começar a dissipar. Balançando de forma instável, foco-me no vômito que agora cobre as botas pretas e polidas do meu captor.

As botas são novas, parecem ainda desconfortáveis. São as botas de alguém jovem, ou vaidoso, ou incrivelmente inexperiente. Quando encaro o meu captor nos olhos, apercebo-me de que

apresenta estas três características. Os olhos azuis que me olham de volta são de um rapaz que não terá mais do que 14 anos.

No sítio de onde venho, ele seria considerado uma criança, protegida pelos pais e sujeito a leis destinadas a mantê-lo a salvo precisamente do tipo de pessoas para as quais ele, sem dúvida, trabalha.

Mas aqui...

Olho em redor, tentando perceber onde estou. Ainda que não haja dúvidas sobre a razão pela qual fui levado.

Dois rapazes agarraram-me no meio da rua e enfiaram-me uma agulha no braço. Pouco antes de desmaiar, vi que um deles tinha a marca ou, pelo menos, os contornos do símbolo, ainda assim, não me ajudou. E embora apenas um dos rapazes esteja agora diante de mim, isso não significa que o outro não esteja à espreita em algum lugar.

— Em que ano estamos? — pergunto, o pavor na minha voz rouca a ecoar pelo espaço antigo e cavernoso. *Algo parece estranho. Há algo de errado com este lugar.*

— 1741 — responde bruscamente o rapaz.

Então, é verdade. Um arrepio lento sobe-me pela espinha, a minha respiração torna-se curta e fraca. Tinha ouvido dizer que era possível — viajar para trás no tempo. E agora que o fiz, parece-me uma pena não viver tempo suficiente para poder contar a alguém.

— Não tens de fazer isto — digo. — Estão a usar-te. Foste enviado numa missão covarde. Tu...

— Silêncio! — O rapaz empunha o punhal, claramente ansioso por o usar. Ainda que não o queira usar já. Pelo menos até conseguir o que veio buscar.

Depois disso, é improvável que consiga escapar.

Embora eu tenha passado a vida inteira a treinar para este momento, sinto-me surpreendido ao aperceber-me de que, para lá do arrependimento, está uma aceitação silenciosa da desgraça que me espera. *Seria assim que os meus antepassados se sentiram quando confrontados com o destino de um Guardião do Tempo?*

Vejo o rapaz a desenrolar um rolo de pergaminho velho e a apontar para um esboço desbotado de um esqueleto a segurar uma vértebra.

Meu Deus. Inspiro rapidamente, reconhecendo de imediato o

mapa como aquele que pertenceu a Colombo. Embora o símbolo tenha sido acrescentado um século depois de o explorador ter usado o mapa para atravessar o Atlântico. *Como raios é que se apoderou disto?*

— A carta da Morte — diz o rapaz, os olhos azuis a brilhar. Agarra-me pelo ombro e leva-me em direção a uma cripta na parede oposta.

Claro, estamos na Necrópole Real. O local onde a realeza francesa foi enterrada durante séculos. O rapaz, e quem quer que o tenha contratado, interpretou mal o tarô e caíram na esparrela da Ordem dos Guardiões do Tempo. O tesouro está seguro. E, pelo menos por enquanto, assim continuará.

— A Máquina de Anticítera está quase completa. Só falta uma peça. — O sorriso do rapaz é presumido, mas o que ele diz é uma mentira. A Anticítera nunca estará completa. Os Guardiões do Tempo remontam às grandes Escolas de Mistérios do Egito. Nós entendemos o verdadeiro funcionamento do tempo e dedicamos as nossas vidas a proteger as preciosas peças que este rapaz quer.

— Tu desvendaste todas as pistas — digo —, por isso, não deixes que seja eu a impedir-te de ganhares o jogo.

É um desafio que o rapaz não consegue enfrentar. As peças que faltam são encantadas para que apenas os dignos as possam recuperar. Este rapaz, claramente, não se enquadra nestes critérios.

— O trabalho pesado é contigo. — O rapaz olha-me fixamente. — Ou posso sempre trazer a rapariga de volta para terminar o trabalho...

Um frio súbito assoma-me. Fiz de tudo para a manter em segredo. Raios, nem os outros Guardiões do Tempo sabem da minha filha. *Como é que ele sabe?*

— Chegou a altura de tu e os teus irmãos entregarem as peças e devolverem a Anticítera à humanidade, *à qual pertence!* — ordena bruscamente o rapaz.

Há tantas mentiras perigosas contidas naquela afirmação, mas, para mim, há uma coisa que está acima de todas as outras.

— Ela é uma criança! — grito.

— Não por muito tempo. Podemos viajar para a frente e ratá-la no futuro, ou então esperar. É agora que podes decidir se a

vais poupar a esse destino.

Eles podem viajar para a frente? Duvido. Embora não haja nada que os impeça de esperar.

— Eu vou buscar a peça — digo, e a minha voz treme. — Mas não a metas nisto.

Olho fixamente para o túmulo do rei Dagoberto e para os três painéis esculpidos sobre o túmulo que contam a história do eremita João.

Os tarôs antigos retratavam a carta do Eremita — também conhecido por Tempo — como um velho a segurar uma ampulheta. Os baralhos modernos trocaram a ampulheta por uma lanterna. Uma vez mais, o rapaz e as pessoas que o contrataram estão nas nossas mãos. Ainda assim, duas coisas são claras.

O rapaz não tem qualquer intenção de me deixar viver.

E a minha filha já não está segura.

Embora... se eu conseguir protelar as coisas durante tempo suficiente, talvez a janela para viajar se feche e este rapaz fique preso num tempo e num lugar ao qual não pertence.

Não é propriamente um final feliz, mas é o melhor que consigo.

Ponho mãos à obra, esforçando-me por mover a laje. Mas o rapaz começa a ficar impaciente, afasta-me para o lado e empurra a tampa para o chão, desfazendo-a em pedaços.

— Não está aqui! — grita ele, encostando o punhal ao meu pescoço.

— Está *encantado* — recordo-o, com dentes cerrados. — Não foi por isso que me trouxeste aqui?

Para o olhar comum, a cripta está quase vazia. Mas a visão de um Guardiã do Tempo está longe de ser comum. Quando olho lá para dentro, os anos desenrolam-se rapidamente e revelam o local onde, há séculos, um dos meus irmãos escondeu o chamariz de ouro reluzente.

Estico o braço por entre um monte de roupas e velhos ossos em decomposição, e fecho a mão à volta dele. Começo então a infundir a bola dourada com uma mensagem energética que apenas pode ser desbloqueada pela minha filha. Apesar de eu já ter começado as lições de que ela precisará no caso de a encontrarem, apercebo-me agora de que fui demasiado lento. Demorei demasiado tempo.

De forma insensata, acreditei que tinha uma abundância da única coisa de que nunca há o suficiente — a única coisa que não pode ser comprada nem conquistada.

Tempo.

E, no entanto, este rapaz, e quem quer que seja que o contratou, estão determinados a fazer precisamente isso. Para eles, a bola dourada é um passo em direção ao poder total.

Para mim, é a última oportunidade para terminar o que praticamente nem comecei.

Quando o rapaz encontrar a minha filha — o que decerto irá acontecer —, só posso esperar que isso a leve a descobrir este objeto.

— O que pensas que estás a fazer? — O rapaz tenta agarrar a peça, mas eu dou-lhe um encontrão e corro para a saída.

Há tanto para contar à minha filha sobre o seu legado de Guardião do Tempo — como gerir a Revelação, o seu dom de ver através do tempo. Um dom que apenas recentemente se manifestou.

Ela ficou aterrorizada quando aquilo aconteceu. E embora eu tivesse ficado feliz por lá ter estado para a ajudar, arrependo-me profundamente de nunca ter tido a oportunidade de lhe mostrar como o controlar, e muito menos de lhe explicar de que forma, num futuro próximo, ela terá de o usar contra os nossos adversários.

Mas agora é demasiado tarde para isso. O máximo que posso fazer é deixar-lhe um vislumbre do rosto deste jovem inimigo de olhos azuis.

Apenas consegui dar alguns passos quando a ponta da lâmina corta o ar e mergulha nas minhas costas.

A dor é imediata, deitando-me ao chão. O rapaz aproxima-se, puxa a lâmina para fora e arranca a bola dourada das minhas mãos.

— Foste parvo ao ponto de achares que conseguirias escapar, velhote?

Com um sorriso mordaz, o rapaz ergue o punhal ensanguentado e enterra-o no meu coração.

De imediato, sinto a minha visão a estreitar-se e o mundo começa a desaparecer. Com um olhar toldado pela dor, olho o rapaz nos olhos e digo:

— E tu és parvo ao ponto de acreditares que tens na mão a bola dourada verdadeira?

Cansado, inspiro uma última vez e vejo o rosto do rapaz a empalidecer. Depois, fecho os olhos e caio no nada.



Capítulo 1

Uma Escola Secundária No Sul Da Califórnia Atualidade

— Odeio este sítio.

O Mason abana a cabeça e esmaga um pedaço de abacate, quinoa, batata-doce e um cubo branco e sedoso (que suponho ser tofu) com um garfo de plástico. Parece ser uma das *Buddah bowls* mais populares do café vegano onde trabalhamos. Deve tê-la trazido de lá. Para mim, mais parece uma versão adulta de comida para bebês.

— A sério, que raio de ironia do destino me fez cair aqui de paraquedas! — O seu braço castanho elegante gesticula em direção à paisagem suburbana infernal de paredes de cimento, passando pela banca da cantina da escola e parando nas mesas reservadas para os miúdos populares, com a coleção de pulseiras de prata a tilintar. São as mesmas mesas onde eu me costumava sentar, na altura em que era uma rapariga diferente, a viver uma vida diferente. — Tenho 99 por cento de certeza de que me trocaram na maternidade e estou preso no pesadelo distópico de outra pessoa.

Pego no meu pacote de batatas fritas e lembro-me de que também eu costumava dizer que tinha sido trocada na maternidade, até ao dia em que minha mãe me espetou, orgulhosamente, um certificado de nascença na cara. “Vês?”, disse ela, com um ar triunfante, sublinhando o próprio nome e o nome do meu pai com a unha lascada. “*Quer queiras, quer não, nós fizemos-te!*”

Nesse dia, fechei-me no quarto e chorei a tarde toda.

— Levem-me daqui! Levem-me para qualquer sítio, menos aqui!

— O Mason larga o almoço e deita-se no banco. Coloca um braço sobre o rosto e eu apenas consigo ver-lhe os lábios vermelhos, abolutamente perfeitos. Faz-me lembrar uma atriz de um filme a preto e branco que precisa muito de alguns sais aromáticos. — Que grande seca — queixa-se ele. — Faz-me um desenho com palavras.

— Estamos em Paris — respondo eu de imediato. É um dos nossos jogos favoritos. — Temos a melhor mesa na esplanada mais chique e lançamos olhares mortíferos a qualquer pessoa que se atreva a estar mais bem vestida do que nós. O que, basicamente, não acontece, já que estou a usar um vestido de seda com uma estola de pelo sintético e botas de biqueira de aço adornadas com joias, e tu quase te afogas numa túnica bordada muito elaborada, *leggings* de camurça vegana e *mules* de 10 cm em veludo azul.

— E o que vamos comer? — pergunta ele, lambendo os lábios.

Já que não sou propriamente uma *gourmet*, como ele, fico-me pelo básico.

— Eu estou distraída a tirar pedacinhos de um *croissant* de chocolate enquanto tu tens nas mãos um café com leite que, embora seja sem lactose, é incrivelmente cremoso e, surpreendentemente, nunca fica frio, independentemente do tempo que demorarmos na esplanada.

— Costumas ter saudades? — Ele senta-se tão abruptamente que sou arrancada de imediato de Paris.

— De quê? — pergunto.

— Hum, de fazer parte daquilo? — Ele passa a mão na cabeça rapada e acena na direção do sítio onde eu me costumava sentar... antes de ser relegada para perto do caixote da reciclagem.

— Não — respondo, virando rapidamente a cara para ele não ver que estou a mentir. Embora não sinta saudades da mesa ou das pessoas que lá se sentam, sinto falta da pessoa que eu costumava ser... aquela que se importava com as minhas notas, que sonhava com um futuro melhor para lá destes corredores beges.

Estou prestes a dizer algo mais quando o Mason solta um grunhido e começa a arrumar as coisas dele.

— Abram alas para a rainha — diz ele. Olho para cima e vejo a

Elodie a aproximar-se. — Não acredito que ainda te dás com ela.

Observo a Elodie enquanto ela atravessa a cantina. Tal como uma celebridade na passadeira vermelha, há tantas pessoas que tentam captar a sua atenção que o percurso leva muito mais tempo do que seria suposto.

— Ela é divertida — respondo, encolhendo os ombros. — E consegue ter acesso a coisas bem fixes. Listas de convidados VIP, lugares no camarote presidencial dos...

— Dos Lakers? — O Mason lança-me um olhar mortífero. — Desde quando é que tu te interessas por desporto?

— Estava só a dar um exemplo... Talvez devesse dar-lhe uma oportunidade.

O Mason abana a cabeça.

— Ouve o que te digo, eu sei o que são más energias, e essa miúda cheira-me a sarilhos. — Ele atira a sua carteira contrafeita por cima do ombro, esperando conseguir ir embora antes que ela nos alcance.

— Às vezes, estar metido em sarilhos é divertido — digo, rindo-me e tentando aligeirar o ambiente. Mas ao ver a cara feia que o Mason faz, claramente não funcionou.

— Toda a magia tem um preço — rebate ele.

— Estás mesmo a citar Rumpelstiltskin?

— Estou apenas a dizer factos. Um dia, toda esta *diversão* vai ter consequências. Se é que já não aconteceu.

— E agora pareces a minha mãe a falar — resmungo, mas depois lembro-me de como ele conheceu a minha mãe verdadeira, quando apareceu em minha casa sem avisar. — Bem... ou como uma mãe qualquer.

— Não é demasiado tarde. — Os olhos castanhos e sinceros do Mason focam-se nos meus. — Ainda podes dar a volta a isto, melhorar as tuas notas. Porque é que te comportas como se a escolha não fosse tua, como se não fosses tu a escrever a tua própria história?

E tem razão, claro. Mas o que o Mason não entende é que não sou nada como ele.

O Mason vive com a avó, que, apesar de não ter dinheiro, faz

tudo para o ajudar a ter sucesso. As notas dele vão garantir-lhe o futuro, abrir caminho para uma vida brilhante num lugar muito melhor.

Eu até podia ser a melhor aluna do meu ano e isso não mudaria nada. Não posso ir para a faculdade, porque não posso deixar a minha mãe. Ela é completamente dependente de mim.

Quando a Elodie se aproxima, grita o meu nome:

— *Natashaaaaaa.*

Preciso mesmo que ela pare de me chamar isso. Natasha é a imagem anterior da minha vida. O nome dado por uma mãe que sonhou com o futuro promissor da filha.

Nat é quem me tornei depois de o meu pai se ir embora e nunca mais voltar, deixando minha mãe demasiado vazia para se preocupar com as restantes sílabas.

O Mason murmura algo sobre mandar-me uma mensagem mais tarde e depois desaparece antes de eu tentar convencê-lo a ficar. É o acordo que fizemos. Ele (no geral) para de falar mal dela se eu deixar de o chatear para que lhe dê uma oportunidade.

Eu sei que *devia* ir atrás dele antes que seja tarde de mais, mas, em vez disso, dou por mim a virar-me na direção da Elodie. E quando ela acena, e eu vejo um sorriso a espalhar-se no seu rosto, sorrio secretamente para mim, fingindo não reparar em todos os olhares invejosos que me observam, a rapariga mais fixe da escola a gritar novamente o meu nome.



Capítulo 2

— *Na-ta-sha!* — diz a Elodie, arrastando cada uma das sílabas. Tem o rosto corado, os olhos iluminados, e está diante de mim em toda a sua glória adolescente.

— *Elodie Blue* — respondo, tentando igualar o tom dela, mas saí-me completamente desafinado. Parece um nome artístico, totalmente falso. A mãe dela devia ser uma sonhadora ainda maior do que a minha.

E também devia ser melhor a sonhar, considerando como o sonho dela se tornou realidade.

O meu olhar passa das maçãs do rosto proeminentes para o tipo de lábios almofadados perfeitos pelos quais as pessoas pagam muito dinheiro para ter, e depois para o que realmente me interessa — as roupas. Uma das vantagens de me dar com ela: estar na moda por associação.

A minha mãe costumava dizer uma piada (na altura em que ainda dizia piadas): eu passei de ler o Dr. Seuss para devorar a *Vogue*. Adoro alta-costura, *design* e arte. Só porque agora não tenho dinheiro, isso não significa que não fantasie com o dia em que um par de saltos altos de mil dólares e o batom perfeito me transportarão para uma nova existência.

A Elodie apanha-me a olhar para a roupa dela.

— Empresto-te quando quiseres. É só dizeres.

O estranho é que eu sei que ela está a falar a sério. A Elodie adquire coisas tão rapidamente quanto as descarta. Às vezes

pergunto-me quanto tempo falta até que ela se farte de mim e me descarte tão facilmente quanto a túnica em seda que agora me oferece.

Ela começa a retirar a túnica dos ombros, mas abano a cabeça. Naquela sua estrutura alta e elegante, pronta para a passarela, a peça fluida que ela combinou com um *top* branco canelado e umas calças de ganga desbotadas dá-lhe um ar arejado e natural. Se eu usasse aquilo, com o meu 1,55 m (de saltos), iria parecer que fui para a escola de robe.

A Elodie agarra-me pelo braço e leva-me para fora da cantina. Passamos pela fila de cacifos que foram recentemente pintados, mas não conseguem esconder o último ato de vandalismo de grafíti.

— Vê bem... — A Elodie bate com o dedo cheio de anéis contra um cacifo. — Se olhares com atenção, ainda se consegue ver a palavra “pila”.

Reviro os olhos e começo a acelerar, e a Elodie agarra-me pela manga.

— Porquê tanta pressa? — pergunta ela. — Não estás mesmo a pensar em ir à aula, pois não?

À primeira vista, a Elodie parece uma princesa dos desenhos animados: tem um cabelo louro tal qual um conto de fadas, a pele branca e cremosa, o nariz pequeno e atrevido, a boca perfeita e os olhos azuis brilhantes. Mas sei por experiência própria que o Mason tem razão — ela é precisamente o tipo de “má influência” para a qual os nossos pais nos alertam.

— Se faltar, vou chumbar.

Segundos depois de eu dizer isto, dá o segundo toque e os últimos alunos atrasados apressam-se a ir para as salas de aula, ficando apenas eu e a Elodie no corredor deserto.

— Pequena correção — diz ela, a sorrir. — Já estás quase a chumbar e agora estás a prestes a ficar com reputação de atrasada. Além disso, ambas sabemos que hoje não vais fazer nada de jeito, por isso, anda lá. — Dá-me mais um puxão na manga. — Conheço uma discoteca onde de certeza não pagamos entrada, e provavelmente até temos bebidas grátis, se estiveres disposta a tirar essa camisola de capuz.

— Uma discoteca? Estás a falar a sério? — Olho para o relógio.

— Às 13h30?! — A minha voz torna-se esganiçada, fazendo-me parecer tão indignada como a minha mãe fica sempre que o meu telemóvel toca quando ela está a ver TV.

— É isso que a torna exclusiva. — A Elodie ri-se. — Talvez isto te convença?

Passa-me o telemóvel dela e eu vejo a fotografia de um rapaz com feições tão perfeitamente esculpidas que tenho a certeza de que puseram um filtro naquela imagem. Ainda assim, sustenho a minha respiração por momentos ao focar-me no naquele cabelo escuro e nos olhos azul-marinhos. Por alguma razão, parece-me familiar, mas provavelmente é só porque me faz lembrar do género de rapazes com quem me costumava dar quando me sentava na mesa dos populares.

— Chama-se Brax. — Ela pega no telemóvel e atira-o para dentro da carteira. — Ele quer conhecer-te.

— Hum, pois, sim. Claro que sim, El. — Abano a cabeça. — Estás mesmo a dizer que esse tipo, com esse queixo de modelo — gesticulo para a carteira dela como se ele vivesse no meio de batons e pastilhas elásticas de mentol —, me quer conhecer. A *mim*?

— Alinhas? — Ela sorri excitadamente.

Ainda que eu reconheça o esquema, dada a escolha entre enfrentar o olhar desaprovador do meu professor de História e ir a uma discoteca manhosa a meio da tarde com um rapaz cujo rosto é bom de mais para ser verdade... na realidade, não há grande escolha.

A História que dão na escola resume-se basicamente à memorização de lugares, datas e contos politicamente corretos sobre velhos brancos a realizar feitos heroicos. É uma aula incrivelmente chata que serve mais para fazer umas sestras.

Ainda assim, ela nem sequer me dá uma oportunidade de responder. Apenas desata a correr pelo corredor e grita:

— Vou chegar primeiro!

Mantenho-me fixa no mesmo sítio, vendo a Elodie a correr pelo pátio e a dirigir-se para o portão como se as regras da escola não se aplicassem a ela.

Gostava de conseguir explicar a minha ligação à Elodie, ou por que razão continuo a ignorar os conselhos do Mason. Tudo o que sei é que, nos últimos anos, ele tem sido praticamente o meu único

amigo verdadeiro — e até ela aparecer, parecia ser suficiente.

Mas, numa quarta-feira qualquer, a Elodie Blue apareceu na nossa escola e, a partir desse momento, tudo mudou.

Lembro-me de a ver a atravessar o pátio da escola, espantada. Ela era tão confiante, tão fixe, e era-o sem se esforçar minimamente. Por outras palavras, era o exato oposto de mim. E, tenho de admitir, fiquei completamente fascinada.

Como é óbvio, o Mason não gostou dela desde o início, dizendo que conseguia ver para lá daquela fachada brilhante até às camadas interiores de podridão. Acho que até disse que a via como uma futura líder de um culto, uma modelo do Instagram e uma política corrupta, tudo ao mesmo tempo.

Mas, para mim, a Elodie era como a encarnação viva de tudo o que eu alguma vez desejei ser, mas nunca consegui.

Poucos dias depois, todas as pessoas da escola estavam obcecadas por ela. Mesmo assim, apesar do número de miúdos que estariam dispostos a arriscar as médias perfeitas para faltar às aulas com ela, a Elodie escolheu-me.

Talvez tenha sido por ela saber que eu já estava tão enterrada na minha própria espiral descendente que nunca poderia ser culpada por comprometer o meu futuro.

Talvez até seja mesmo como ela disse, que eu sou mais inteligente do que a maioria dos alunos, mais bonita do que acho que sou e não tenho medo de correr alguns riscos.

Naquela altura, não liguei e limitei-me a murmurar uma versão qualquer de uma citação de Janis Joplin sobre liberdade e não ter nada a perder.

Nada disso era verdade, claro. Quando se tem tão pouco quanto eu, não nos podemos dar ao luxo de perder uma única coisa.

— Vá! Vamos! — grita a Elodie, a voz dela a competir com a minha voz interior que me diz para ir para a aula e pôr a minha vida nos eixos.

Se eu não seguir essa voz, serei a única culpada pelo que vier a seguir.

Com o coração prestes a explodir-me dentro peito, ignoro a voz e acelero o passo.

Uma rajada de trovões irrompe sobre a minha cabeça, uma pa-

rede de nuvens deixa cair uma chuva torrencial.

De imediato, baixo a cabeça e puxo o capuz para cima. A Elodie, claro, faz exatamente o oposto.

Atira a cabeça para trás e abre muito os braços, como se adentrasse ficar encharcada. Quando dou por mim, o portão já se abriu e a Elodie correu para o carro.

Com os pés a salpicar na água, corro para a alcançar.



Capítulo 3

— Pensava que íamos a uma discoteca. — Olho para a Elodie e depois para o rapaz que estaciona os carros, que segura a porta do carro e, ao mesmo tempo, gesticula para o passeio, como se eu não fosse capaz de o encontrar sozinha. A Elodie é a única pessoa que conheço que dá tudo o que tem nas aulas de grupo do ginásio para depois depender de um rapaz para lhe estacionar o carro no centro comercial.

Sem dizer uma única palavra, agarra-me pelo braço e arrasta-me para dentro de uma deslumbrante loja com pisos de mármore branco reluzentes e o tipo de etiquetas com preços tão ambiciosos que estão completamente fora do meu poder de compra.

— Então, suponho que a discoteca seja dentro de um provador ao qual apenas acedes se tiveres senha? — digo, soltando-me da mão dela. — Ou talvez seja uma cave secreta por baixo do balcão da MAÇ?

— Olha... — A Elodie vira-se para trás tão rapidamente que as biqueiras das minhas *All-Star* batem contra as dela. — Não sei como dizer isto de forma educada, por isso vou simplesmente dizê-lo. — Coloca as mãos nas ancas e inspira de forma teatral. — Precisas de um novo visual.

Pisco os olhos. Ela tem razão: essa afirmação não foi, de todo, educada.

— Não quero ser má para ti, mas para alguém que supostamente gosta tanto de moda, é estranho que não faças o mínimo esforço

por parecer bonita. — O dedo dela traça uma linha que vai desde a minha camisola com capuz puída, passando pelas minhas calças de ganga largas, até às minhas sapatilhas *Converse* gastas. — É como se estivesse a tentar sabotar-te de propósito. E, sinceramente, Natasha, só te quero ajudar.

Agora é a minha vez de suspirar de forma teatral. Deixo-a para trás e paro à frente de uma vitrina com óculos de sol de *designer* que custam quase um quarto da hipoteca mensal que o meu pai nos deixou para pagar. Ainda assim, experimento um par de óculos, só por diversão.

— Conta a lenda que costumavas importar-te com estas coisas. Mas não sei se acredito.

— É compreensível — anuo. — Porque haverias de acreditar? — Troco os óculos de sol por outros com uma armação quadrada enorme e inclino-me na direção do espelho. Inicialmente, escolhi-os por achar que eram cómicos, mas agora acho que me gosto de ver com eles. Tiro os óculos e espreito o preço.

Talvez numa vida diferente, com uma conta bancária diferente.

— Mas depois vi o livro de curso de quando eras caloirá.

Pego noutros óculos, com os vidros espelhados e redondos. Não se enquadram na minha cara, mas escondem-me os olhos, dando-me tempo suficiente para me preparar para o que vem a seguir.

Sei exatamente onde isto vai dar. A única pessoa que nunca viu a minha versão como Natasha está agora totalmente a par com o que o resto da turma de finalistas sempre soube — a pessoa que eu era no 9.º ano e a que sou agora no 12.º ano parecem ser completamente diferentes.

— Não só eras uma gata total, mas também foste eleita princesa do baile de finalistas do 9.º ano, eras a delegada de turma e arrasavas no quadro de honra.

Olho para ela e até fumego. Não é como se o meu passado impecável fosse um segredo, mas por que raio é que a Elodie anda a procurar informações sobre mim?

— Tipo, é uma mudança bastante drástica, e fiquei curiosa por saber o que aconteceu. — Ela estende a mão na direção do meu braço. Há uma preocupação genuína no olhar dela, mas a história da minha queda não é para aqui chamada.

— Não aconteceu nada — digo.

Os olhos azuis da Elodie fixam-se nos meus, à procura da verdade que ela tem a certeza de que estou a esconder: a prova irrefutável, aquele evento cataclísmico que deu início ao meu declínio. Mas a questão é que não foi nada desse género.

Quero dizer, não é como se alguém tivesse morrido.

Não é como se a minha vida tivesse implodido da noite para o dia.

Foi mais um declínio gradual. Uma pequena série de eventos que fizeram com que a pobreza, a depressão e o desespero invadissem a minha casa como um vírus, espalhando-se primeiro pela minha mãe e depois por mim.

Durante algum tempo, tentei manter as aparências. Mas, pouco depois, o fosso entre mim e praticamente todos os outros alunos na minha escola fez-me ficar cada vez mais para trás; até ao momento em que já não fazia sentido continuar a tentar.

O que à primeira vista parece fracasso é apenas autopreservação. Guardo as minhas energias para o meu trabalho depois da escola, porque precisamos do dinheiro. E, já que ninguém me paga para fazer um exame de História, não está propriamente no topo da minha lista de prioridades.

Ainda assim, sinto-me desapontada na Elodie. Era suposto ser a única pessoa que me permite desligar da minha vida normal para eu me poder divertir um pouco. Se ela quer mudar isso e comportar-se como se fosse a minha psicóloga, então talvez devesse entrar verdadeiramente nesse novo papel e levar-me de volta à escola, onde eu deveria estar.

— É suposto isto ser uma intervenção? — pergunto. — Porque eu preferia ir à tal discoteca. — Tiro a mão dela do meu braço e coloco os óculos de sol no sítio. — O que quero dizer é que não podes ser ambas as coisas, El. Ou és a minha cúmplice nas maluqueiras, ou então és a minha psicóloga.

— Está bem. — Ela agarra nos óculos com as armações quadradas e chama a vendedora. — Mas quer queiras, quer não, vais ter uma mudança de visual. Porque isto — ela aponta na direção da minha camisola — não vai colar no sítio onde nós vamos.



Capítulo 4

Estamos na rua. O meu longo cabelo castanho ondulado, já solto do habitual rabo de cavalo, foi penteado em ondas suaves que caem em torno do rosto maquilhado, e o vestido que estou a usar expõe muito mais as minhas coxas do que os calções que uso em Educação Física.

— Sinto-me como a personagem de *Um Sonho de Mulher* — digo, referindo-me ao filme favorito da minha mãe, que é basicamente a história de uma prostituta que recebe uma mudança de visual de um cliente rico que a tira das ruas.

Quando a minha mãe decidiu que eu finalmente tinha idade suficiente para ver o filme com ela, passou o tempo todo a soltar risinhos excitados ou a levar o lenço molhado ao rosto, ansiosa, como se o final do filme pudesse mudar após as centenas de vezes que ela já o tinha visto. Quando apareceram os créditos finais e ela viu a minha caixa de lenços intacta, julgo que pensou que isso queria dizer que eu não tinha entendido o filme, pois tentou-mo explicar.

“Mas olha!”, gritou ela, rebobinando o filme para a parte em que a trabalhadora do sexo e o empresário sem escrúpulos se vão embora de limusina. “Ela também o salva!”

Na cabeça da minha mãe, aquilo compensou o facto de esta mulher ter de mudar literalmente tudo sobre si mesma para ser suficientemente boa para um tipo qualquer. Pois. Não, obrigada.

— Essa mudança de visual foi mesmo incrível! — A Elodie tirame dos meus pensamentos e traz-me de volta ao presente. — E a

melhor parte é que tu nem sequer tens de me fazer o que ela teve de fazer ao tipo.

Puxo a bainha do vestido e faço cara feia.

Se deixarmos de lado a parte ética da questão da mudança de visual, já passou realmente muito tempo desde a última vez em que tentei parecer bonita e o resultado é simultaneamente ambicioso e perturbador.

Tipo, uma parte de mim está a pensar: *Sim, esta é a pessoa que é suposto seres!*

Enquanto outra parte de mim insiste: *Nunca vais conseguir safar-te com isto.*

-Queres que seja honesta? — pergunto-lhe. — Sinto-me... um pouco estranha.

Os meus braços pendem desajeitadamente a meu lado, como se eu tivesse esquecido de como os usar. Entre o vestido, os sapatos, os óculos de sol, a maquilhagem e o novo sutiã que faz o meu peito parecer muito maior do que realmente é, a Elodie fez um grande investimento, e nem se parece importar com o facto de ser impossível devolver-lhe o dinheiro.

— Obrigada — digo-lhe. — A sério.

Tipo, é a coisa certa a dizer quando alguém gasta montes de dinheiro contigo e não pede nada em troca.

Ela acena para o meu reflexo na montra à nossa frente. Eu aceno de volta. A Elodie não mudou de visual, principalmente porque não precisava. Ela simplesmente trocou o *top* canelado por um *top* em seda e as sapatilhas por umas sandálias de salto alto.

Ainda assim, é a primeira vez que me sinto à altura dela.

Por isso, decido aproveitar o momento e também começar a comportar-me da mesma forma.

Empino a anca, sacudo o cabelo e adoto uma expressão vaga, como uma rapariga de um videoclipe misógino. A Elodie ergue uma sobrancelha e esboça um sorriso curioso que só pode ser descrito como jocoso, se eu usasse esse tipo de palavras.

— Estás pronta para te aventurar no desconhecido? — Entrelaça o braço no meu.

Olho para o edifício — um bloco de painéis espelhados que se

estendem do passeio até ao aglomerado de nuvens cinzentas no céu. É o tipo de lugar cheio de pessoas que seguiram as regras e fizeram as coisas certas, só para darem por si de caras frouxas, dormentes, a arrastarem-se pelos dias em busca do fim de semana.

— Eu troquei a minha camisola por isto?

A Elodie atira a cabeça para trás e ri-se. Depois encaminha-me em direção ao prédio ao lado, que é muito mais baixo e mais escuro, com as poucas janelas que tem todas pintadas de preto.

— Ah, e outra coisa. — Ela coloca algo duro e retangular na minha mão. — Isto é uma discoteca privada. Faz o que eu fizer.

O cartão de plástico tem uma fotografia minha que eu sei que nunca tirei, especialmente porque estou a vestir uma blusa que não é minha.

— Ou é magia, ou Photoshop. — A Elodie pisca-me o olho. — Tu decides.

Volto a olhar para o cartão. Aparentemente, já sou membro desta discoteca há quase um ano.

— *Arcano*? — Olho para o nome da discoteca e depois para ela. Por alguma razão, aquele nome parece lembrar-me alguma coisa. Mas a Elodie já está perto do segurança e a mostrar-lhe o cartão, por isso esqueço o pensamento e sigo-a, sussurrando para mim mesma:

— Que raio de sítio é este?



Capítulo 5

— Não podes levar nada lá para dentro — avisa a Elodie. — Nem carteira, telemóvel, nada.

Olho para ela e depois para a rapariga atrás do balcão.

— Esquece — digo. — Não deixo o telemóvel.

A Elodie revira os olhos.

— Para de ser dramática. Eles devolvem-te tudo quando acabar.

— Quando acabar o quê? — pergunto, ainda agarrada à minha mochila.

Exasperada face à minha intenção de não dar todas as minhas coisas a uma estranha num local estranho, a Elodie agarra na minha mochila e no meu telemóvel, e coloca-os em cima do balcão. Em troca, recebo uma carranca da funcionária, que me dá uma pulseira preta em borracha com um número.

— Este lugar é totalmente obscuro — revela a Elodie. — É, tipo, *pré-selfie*, à moda antiga. Por isso é que é tão fixe.

Ela leva-me por um caminho alinhado de flores que termina num pequeno abrigo feito de ramos de árvores que brilha com luzinhas cintilantes. Lá dentro, uma mulher está sentada atrás de uma mesa coberta por um pano de seda azul. Tendo em conta a bola de cristal à sua direita e o defumador de salva à sua esquerda, imagino que seja uma vidente.

Ou, provavelmente, a fazer passar-se por uma.

A mulher sacode o longo cabelo ruivo por cima do ombro e ges-

ticula para o banco de veludo roxo à sua frente.

— Vocês sabem como o tarô funciona? — pergunta, entregando-me um baralho de cartas, os olhos castanhos curiosos a fixarem-se nos meus.

Tal como acontecera com o nome da discoteca, ao ouvir a palavra *tarô*, algo no meu cérebro dispara. Depois de anos a evitar pensar em tudo o que tinha que ver com o meu pai — já que ele, claramente, não pensa em mim, eu recuso-me a pensar nele —, fico surpreendida com o conjunto de imagens que de repente invadem a minha mente. A visão é clara e transparente como água.

Sou mais nova, tenho cerca de 9 anos, e eu e o meu pai estamos inclinados sobre um antigo baralho de tarô que ele espalhou sobre a mesa à nossa frente. Ele analisa as cartas uma por uma, explicando todos os segredos escondidos naquelas estranhas ilustrações.

Apesar de ainda não entender a maior parte das coisas que ele diz, escuto, fascinada, querendo absorver o máximo possível. Mas ele só chega à carta final dos Arcanos Maiores, a carta do Mundo, pois, nesse momento, o carro da minha mãe para à porta de casa e ele esconde rapidamente o baralho. Segundos antes de ela entrar pela porta, ele vira-se para mim e leva um dedo aos lábios...

Foi a última vez que vi aquelas cartas. E uma das últimas vezes que vi o meu pai.

Alguns dias mais tarde, foi-se embora e eu nunca mais soube dele.

Arcano. Claro. O nome da discoteca faz todo o sentido. O tarô é composto por 78 cartas, 22 que compõem os Arcanos Maiores e 56 que compõem os Arcanos Menores — as tais cartas sobre as quais ele não teve a oportunidade de falar.

— É uma chave pictórica para o Universo, uma viagem alegórica da vida — respondo à mulher. Depois baralho as cartas como se fosse uma especialista, movendo-as de forma tão fluida que parece que o faço há anos.

Devolvo o baralho à vidente e ela coloca as cartas em meia-lua à minha frente.

— Escolhe uma — pede a mulher. — E usa a mão esquerda.

— A Mão do Destino. — A frase dispara-me da boca instintivamente, e sei que é um eco de algo que o meu pai certa vez me disse.

Escolho uma carta e observo ansiosamente a vidente a virá-la.

— A tua vida está prestes a mudar — revela ela. Depois, empurra a carta na minha direção com a unha pontiaguda. — De hoje em diante, nada voltará a ser igual.



Capítulo 6

Inclino-me para a frente, de forma a tentar ver melhor a minha carta, e a Elodie agarra-me nos ombros e diz bruscamente:

— A Roda da Fortuna!

Apesar de a imagem nesta carta ser diferente da do baralho do meu pai, ao ver as duas cobras entrelaçadas, a roda dourada com o mostrador de um relógio ao centro e a criatura alada empoleirada no topo, uma súbita onda de arrepios percorre-me a espinha.

— É uma boa carta, certo? — interroga a Elodie.

— Boa... má... A mudança é o que nós fazemos dela. — A vidente enfia a carta novamente no baralho e faz um gesto para a Elodie tirar uma.

Aparentemente, a Elodie não está destinada a uma grande mudança. Escolhe uma carta completamente diferente. Por outro lado, a vida dela já é incrível, por isso, provavelmente até é um alívio.

— Dois de copas. — Ela sorri ao caminharmos mais para o interior do edifício. — Espera-me um novo amor. Ou, pelo menos, que seja só por esta noite. É uma pena que tu não vás ver isso — diz a Elodie, a rir-se.

Volto-me para ela, uma onda de pânico a invadir-me.

— Espera lá, o quê?!

— É aqui que nos separamos — confessa ela, como se esse fosse o plano desde o início. Se era, esqueceu-se de me dizer.

— Mas viemos juntas! — queixo-me. Sinto o rosto a ficar quente

quando me apercebo de quão patética e carente pareço.

A última coisa que quero é ficar sozinha. Mas a Elodie já se virou para um tipo que está a usar um fato *vintage*. Ele está a distribuir máscaras, e ela pede-lhe duas.

— Relaxa — diz ela, voltando-se para mim. — Isto é só uma discoteca, é suposto ser divertido. Além disso, assim será muito mais engraçado quando nos encontrarmos mais tarde e trocarmos histórias. Mas, para já... — Ela entrega-me uma máscara de veludo preto. — Entra pela porta que está marcada com a tua carta.

— Mas, e se eu me perder e não te conseguir encontrar? Eu nem tenho o meu... — Estava prestes a recordá-la de que não tenho o meu telemóvel, mas antes de o conseguir dizer, já ela desapareceu.

Olho na direção em que ela foi. Depois, olho nervosamente ao meu redor.

Este sítio é estranho. E apesar de ser estranho de uma forma interessante, vaguear por aqui sozinha não é o que eu pensava que ia fazer quando concordei em faltar às aulas.

Que se lixe a Arcano.

Que se lixe a Elodie.

Tenho de encontrar o caminho de volta para a saída, ir buscar o meu telemóvel e pedir um Uber. É, obviamente, a maneira mais segura e inteligente de sair desta confusão.

Mas assim que estou prestes a sair, uma voz irritante invade a minha mente.

Porque não experimentas?

E se a vidente até tiver razão?

Quer dizer, eu sei que é ridículo e, embora sempre me tivesse marimbado para presságios, ou sinais, ou para quando Mercúrio fica retrógrado, a minha carta realmente prometeu uma grande mudança.

E a minha vida não é assim tão boa que eu me possa arriscar a que tudo continue na mesma.

Suspiro, coloco a máscara e murmuro:

— Siga para a Roda da Fortuna! — Uma tentativa sem convicção de me entusiasmar.

Depois, inspiro devagar e, a medo, empurro a porta com a

minha carta, entrando para um mundo totalmente novo.



Capítulo 7

O vento a assobiar que vem de altifalantes invisíveis e o brilho da lua que irradia do teto pintado de preto dá a sensação de estar ao ar livre, mas claro que não estou.

Isto é apenas um espaço grande, vazio e inquietante, o qual rapidamente percorro.

Quando chego ao fim, há uma porta estreita que dá acesso a outra sala, também ela pintada de preto. Só que esta tem um longo trilho de terra no centro, com uma floresta de pinheiros falsos de ambos os lados.

Sigo em frente, os meus saltos a pisarem a terra, até ver uma boneca velha caída ao lado do trilho. Tem um vestido imundo, o cabelo desganhado e, se eu não achasse impossível, iria jurar que o olhar vazio dela me segue enquanto caminho.

Só quando o trilho vira à direita é que reconheço aquela boneca como o meu brinquedo preferido quando era criança.

Hum... OK...

Passo as mãos pelos braços para afastar um arrepio e apresso-me em direção a uma porta que, espero eu, me leve à tal discoteca clandestina exclusiva que a Elodie me prometeu. Mas, sinceramente, começo a duvidar que exista. Porque parece-me que a Elodie se está a divertir às minhas custas.

E a seguir volto a ver a boneca.

E mais uma vez.

Uma fila inteira de bonecas de olhar vazio, todas a conduzir para uma sepultura no final.

Quem concebeu isto está mesmo empenhado em realizar a sua visão. Ainda assim... que raio de casa dos horrores é esta?

Paro diante de um monte de terra fresca, sentindo, estranhamente, mais curiosidade do que medo. Também há uma lápide, com um anjo empoleirado no topo. Numa das mãos segura um relógio de bolso, a outra aponta para o céu.

Gravado na pedra está o meu nome, a minha data de nascimento e o dia da minha morte...

Hoje.



Capítulo 8

Olho para a minha lápide.

E embora suponha que seja esperado que eu grite ou algo do género, em vez disso, dou por mim a rir-me tanto que as lágrimas descem pelo meu rosto.

É exatamente o tipo de partida que a Elodie inventaria. E aposto que ela está por aí escondida algures a rir-se comigo a bandeiras despregadas.

— Achas que ela morreu de quê?

Olho para cima e vejo à minha frente um rapaz alto e de ombros largos. Tem o queixo pontiagudo, uma boca grande e o nariz dele tem um alto a meio, dando-me a sensação de que o partiu em alguma altura. O cabelo escuro e ondulado vai até meio do pescoço e, apesar de os olhos estarem cobertos por uma máscara azul-escura, o seu fato *vintage* parece ter saído diretamente da era vitoriana.

Olho para ele e depois para a minha suposta lápide.

— Hum... tenho quase a certeza de que deve ter morrido de tédio.

Ele observa-me durante uns longos momentos, os cantos da boca a mexerem-se ligeiramente, mas parando antes de esboçar algo sequer parecido com um sorriso.

— Sou o Braxton — apresenta-se ele.

— És o rapaz da foto — solto, sem pensar. Fico logo toda corada.

— Desculpa? — Ele inclina a cabeça na minha direção e sorri.

— Nada — respondo rapidamente, fazendo um gesto rápido com a mão. — Tu... és amigo da Elodie, certo?

O meu olhar percorre o corpo dele. *Tu és o tipo bonito. O tal que me parecia tão familiar. O que supostamente me queria conhecer. E ainda és mais giro ao vivo. Afinal, não precisas de filtros.*

Embora eu nem imagine qual é a expressão dele sob a máscara, fico aliviada por ver que o sorriso se abriu.

— É isso — assente ele. — Pode ser. *O rapaz do telefone*, o Braxton ou até o Brax, qualquer um desses.

A voz dele tem um toque de sotaque britânico que me faz lembrar colégios internos chiques, caça à raposa e todos os heróis deslumbrantes dos meus romances góticos favoritos. E isso faz-me querer saber mais, *ouvir* mais. Mas depois reparo que ele está à espera e percebo que é a minha vez de me apresentar.

— Eu sou a miúda morta — digo, acenando na direção da minha lápide.

Ele inclina a cabeça, observando-me.

— Tenho de admitir que nunca vi alguém a reagir da forma que tu reagiste.

— Como é que as pessoas geralmente reagem às notícias da sua morte prematura? — O tom da minha voz é mais atiradiço do que o habitual. Acho que a culpa é da máscara.

— Posso dizer que és a primeira pessoa a rir-se.

Ainda que não consiga ver muito bem os olhos dele, consigo sentir o peso daquele olhar profundo sobre mim. E embora tenha a certeza de nunca conheci este rapaz — principalmente porque nada nele é passível de ser esquecido —, há algo tão familiar na forma como se comporta, na forma como o ambiente mudou no momento em que ele apareceu. É como se houvesse uma química invisível entre nós que me faz estremecer, que me deixa tão instável que dou por mim a tentar ocupar o silêncio para que ele não repare no quão agitada me deixou.

— Afinal, que sítio é este? — interrogo. — Quero dizer, eu estava à espera de uma discoteca, mas isto mais parece uma casa assombrada cheia de estilo.

O Braxton olha rapidamente por cima do ombro e depois vira-se para mim.

— Na verdade, é mesmo uma discoteca — revela ele, praticamente num sussurro. — Mas não é suposto eu estar aqui. Devias ter encontrado o caminho sozinha.

— Então, porque é que improvisaste? — pergunto, consciente da minha respiração entrecortada ao vê-lo passar uma mão no queixo como se estivesse a decidir o que fazer a seguir.

Ele encolhe os ombros.

— Acho que fiquei curioso — responde ele.

Depois, sem dizer mais nada, encaminha-me para fora do cemitério e para um lugar ainda mais estranho.



Capítulo 9

— Apresento-te a *Arcano*. — O Braxton encaminha-me para o interior de uma sala gigantesca que me faz lembrar o Palácio de Versalhes... se o Palácio de Versalhes tivesse sido decorado pelo Salvador Dali.

A pista de dança está repleta de casais que dançam uma música cantada por uma mulher que usa um longo vestido com brilhantes e uma máscara com chifres dourados.

As paredes estão adornadas com todo o tipo de curiosidades. Há imensas coisas, desde relógios antigos cujos ponteiros giram ao contrário a retratos de pessoas com molduras douradas em que todos, incluindo as mulheres, têm bigodes com as pontas encaracoladas. E quase junto ao teto, como se de uma coroa se tratasse, há uma longa fila de troféus de caça embalsamados — cada uma das cabeças adornadas com tiaras, perucas elaboradas e joias brilhantes.

— Não te preocupes — tranquiliza o Braxton, quando me apanha a olhar para os animais embalsamados. — São falsos. Nenhum animal foi sacrificado por razões estéticas.

À nossa volta, as pessoas riem-se e dançam, enquanto os empregados serpenteiam com travessas de bebidas habilmente equilibradas nas palmas das mãos, os rapazes com vestidos pretos, as raparigas de *smoking*.

É precisamente a quantidade certa de bizarria. Um banquete visual. E um milhão de vezes melhor do que a escola Deve ser o sítio mais fixe a que a Elodie já me levou. É uma pena que ela não esteja

aqui a divertir-se comigo.

Observo o oceano de máscaras à minha frente e questiono-me se a Elodie estará por aqui algures. O Braxton faz sinal a um rapaz lindo, que usa um longo vestido sem alças preto, e tira as duas últimas bebidas da travessa dele, oferecendo-me uma. Os copos são de cristal e contêm algo verde-pálido reluzente.

— Chama-se Fada Verde. — O Braxton brinda comigo. — A novos começos — diz ele, falando mais alto por causa do barulho.

Ele dá um gole na sua bebida, mas eu não toco na minha. Quero dizer, ele é giro. E, pelo menos à primeira vista, parece ser relativamente inofensivo. Mas não estou disposta a beber uma bebida estranha que não reconheço.

— Porque se chama assim, Fada Verde? — questiono, girando o líquido e observando-o enquanto escorre pelas laterais do copo.

— Não vais experimentar? — diz o Braxton, apontando para o meu copo.

Abano a cabeça, prestes a oferecer-lhe a minha bebida, quando a cantora começa a cantar uma música que me é familiar — é a mesma que eu e a Elodie cantámos a caminho do centro comercial. Tinha parado de chover, por isso ela baixou a capota do carro e aumentou o volume da música. Eu inclinei a cabeça em direção ao céu e imaginei que estávamos a viajar em direção a um qualquer horizonte distante. Esta memória deixa-me tão leve, quase a flutuar, que me ponho em bicos de pés, prestes a levantar voo.

— Estás bem? — pergunta o Braxton, mas as palavras dele soam abafadas, como se ele estivesse a quilómetros de mim.

À minha volta, a música fica mais alta, fazendo os meus ouvidos zumbirem. A minha respiração torna-se mais rápida e a visão começa a focar e a desfocar, ao mesmo tempo que os corpos na pista de dança se transformam em borrões desfocados. O Braxton inclina-se na minha direção com um ar preocupado.

— Natasha — chama ele. — Estás bem?

Quero perguntar-lhe porque é que toda a sala está a brilhar e a andar à roda. E como é possível que as cabeças dos animais se estejam a rir e os rostos dos retratos pintados a óleo saltem das molduras. Mas não consigo dizer nada. A única coisa que posso fazer é assistir, horrorizada, à coleção de relógios a derreter e

escorrer pelas paredes.

Lá muito ao fundo, ouço uma voz dizer:

— *Que raio me deste?*

Passam uns segundos até perceber que a voz é minha.

— Não te dei nada. — O Braxton gesticula para o meu copo.

Continua cheio. Mas os meus dedos tremem tanto que o copo cai ao chão.

— Parece que a Elodie tinha razão acerca de ti — diz o Braxton, mas não faço ideia do que ele quer dizer.

A música entranhou-se nas profundezas do meu cérebro, e agora tudo está distorcido, incluindo eu.

O rosto mascarado do Braxton paira à minha frente. E apesar de o chão estar a ceder sob os meus pés, apesar de o teto e de as paredes se curvarem na minha direção, ainda consigo dizer:

— Que raio está a acontecer?

A última coisa de que me lembro, antes de desmaiar, é da sensação de ser amparada pelos braços do Braxton.

— Ah, querida — diz ele —, receio que estejas prestes a descobrir.



Capítulo 10

Quando acordo, estou sentada em frente a uma mesa.

Só quando vejo o professor Jansen a escrever no quadro é que me apercebo de que estou na aula de Inglês.

Mas que...

A minha mente é invadida por imagens aleatórias da noite anterior. Tal como peças de um quebra-cabeças, há algumas que se encaixam facilmente, enquanto as restantes são como um sonho... *tipos com vestidos de gala pretos, um alce a usar uma tiara, algo sobre uma fada verde, uma música que parece uma canção de embalar para a minha mente...*

Nada disto faz sentido.

E, pior ainda, por mais que tente, não me consigo lembrar de como vim aqui parar.

Olho freneticamente em volta e depois para o meu corpo, percebendo que estou a usar a minha camisola de capuz por cima do vestido que a Elodie me comprou quando fomos às compras.

Às compras.

É uma das poucas coisas de que me lembro, e agarro-me à imagem de nós as duas enfiadas dentro daquele provador.

Quando olho para os meus pés, vejo que os saltos altos que a Elodie me comprou foram trocados pelas minhas sapatilhas. Mas a minha mochila e o meu telemóvel não estão aqui.

Uma torrente de imagens invade a minha mente... Arcano —

aquela estranha discoteca clandestina com cartas de tarô, a minha lápide, um rapaz com uma máscara de veludo azul... Será que me esqueci de ir buscar as minhas coisas à rapariga do bengaleiro?

Ou será que aconteceu outra coisa?

Algo tão mau que a minha mente bloqueou?

O meu coração começa a bater muito depressa, as minhas pernas a tremer. E quando levanto o olhar, vejo o meu professor a observar-me. Por isso, fecho a boca com força, tento não me passar e foco-me no teste à minha frente.

Com a mão trémula, respondo às perguntas o mais rapidamente possível, escolho os quadradinhos de escolhas múltiplas de forma aleatória e escrevo palavras sem sentido. Depois, no momento em que termino, deixo o teste na mesa do professor e corro porta fora.

Assim que a porta se fecha atrás de mim, ouço o professor a gritar o meu nome, mas posso lidar com isso mais tarde. Neste momento, não há tempo a perder.

Preciso de encontrar o meu telemóvel.

Tenho de mandar uma mensagem à Elodie para que ela me explique o que aconteceu.

Sinto o ar frio da manhã a bater-me no rosto e corro em direção ao meu cacifo, na esperança de encontrar a minha mochila e o meu telemóvel lá dentro. Os meus dedos tremem ao tentar destrancar o cacifo e recito mentalmente a combinação, tentando ser mais rápida do que os passos pesados que ouço a virem na minha direção.

Anda lá! Rápido! Dou um pontapé no cacifo por baixo do meu e rogo uma praga aos meus dedos desajeitados por se enganarem no último número, forçando-me a recomeçar.

— Natasha?

Giro furiosamente o disco do cacifo. A única pessoa que me chama assim é a Elodie, e não foi a voz dela que me chamou.

— Natasha Clarke?

Os passos tornam-se mais determinados, e pertencem a mais do que uma pessoa.

— Afasta-te do cacifo, Natasha.

O meu coração bate desenfreadamente e a minha respiração está tensa.

Mas não vou olhar para trás. Não consigo olhar para trás.

Se pelo menos conseguir abrir este maldito cacifo, então...

Uma mão pesada agarra o meu ombro e vira-me para trás. É o professor Morris, o diretor da escola. O homem de rosto corado ao lado dele é o segurança da escola.

— Natasha, preciso que te afastes do cacifo — ordena o diretor Morris.

— Mas porquê? O que se...

Antes que eu consiga terminar, o segurança tira uma ferramenta do bolso — uma coisa que parece um pequeno pé de cabra — e abre o meu cacifo.

O diretor suspira.

Incrédula, vejo um monte de roupas, sapatos e óculos de sol novos que, definitivamente, não são meus.

— Vem comigo. — O diretor Morris gesticula para que eu o siga e o segurança começa a esvaziar o meu cacifo.

— Não percebo — desabafo, com voz trémula.



Capítulo 11

Acontece que a pior parte de ser exposta como uma criminosa não é receber olhares de soslaio dos funcionários da escola ou da equipa de alunos graxistas que escolhem como atividade extracurricular o voluntariado na secretária.

A pior parte foi observar o ar exausto e desmoralizado da minha mãe, a boca dela arrastada e o desapontamento contundente no olhar ao ver-me a ser levada para o gabinete do diretor Morris.

Depois de o meu pai se ir embora, foi como se os nossos papéis tivessem sido trocados. A minha mãe arranjou um emprego que pagava pouco, mas ao qual chegava a horas e se comportava como qualquer outro adulto responsável. Mas todas as noites, assim que chegava a casa, encarnava um estado infantil frágil, dependendo de mim para preencher o vazio da ausência do meu pai.

Comecei a dar-lhe a maior parte do dinheiro que ganhava como *babysitter*, e depois o dinheiro que fazia no trabalho que arranjei depois da escola.

Fiz tudo o que pude para lhe dar o tipo de apoio emocional de que *eu* desesperadamente precisava.

Por causa disso, ela ficou tão dependente de mim que agora já não age como uma mãe.

E consigo perceber, só pela maneira como suspira quando me vê a entrar no gabinete, que acha que toda esta confusão é um ato contra ela. Sou apenas mais uma decepção a juntar a todas as outras.

Sento-me ao lado dela e encolho-me, de forma a ficar o mais

pequena e discreta possível. Com os ombros curvados e as pernas firmemente cruzadas, enrolo os braços ao meu redor e olho para as minhas sapatilhas, aguardando o sermão que aí vem.

— Recebemos uma denúncia credível de que estarias a esconder bens roubados no teu cacifo. Lamento que isso se tenha confirmado. Há alguma coisa que queiras dizer em tua defesa? — O diretor Morris inclina-se para trás na cadeira, fingindo que há alguma hipótese de eu explicar o que aconteceu, que ainda não decidiu que sou culpada.

Entre o meu péssimo desempenho académico e a blusa desgastada da minha mãe, e os seus dedos manchados de nicotina que tremem desesperadamente por mais um cigarro, o diretor *já* tirou as suas conclusões sobre o tipo de família de onde eu venho.

O pai foi-se embora. A mãe está a passar por um mau bocado. A filha desistiu.

E embora ele não esteja equivocado sobre nós, está errado sobre mim. Posso estar disposta a quebrar algumas regras, mas não roubei nada daquilo.

Mas reconheço aqueles objetos como o monte de coisas descartadas da ida às compras de ontem. É tudo o que eu e a Elodie decidimos não comprar.

O diretor Morris junta as mãos, como se estivesse a rezar, e aguarda que eu me defenda.

A única coisa que digo é:

— Onde está a Elodie?

Pela primeira vez, a minha mãe olha diretamente para mim.

— Quem? — Os olhos dela estreitam-se tanto que quase desaparecem.

— A Elodie Blue. Onde está ela?

Demasiado tarde, apercebo-me do quão ridícula devo parecer.

Tudo se desmorona. O diretor Morris inclina-se para a frente, as mãos apoiadas na mesa.

— Estamos a falar dos bens roubados. Tens alguma coisa a dizer em tua defesa, sobre as provas que descobrimos?

Provas?

Nesse momento, ele vira o ecrã do computador e mostra um

vídeo de vigilância no qual estou a esconder o monte de coisas roubadas no meu cacifo. De facto, eu a fazer aquilo, com o meu vestido amarrotado e os olhos borratados com delineador preto, não dá nada bom aspeto.

De acordo com o diretor Morris, foi cometido um crime e eu sou a principal suspeita. E apesar de saber exatamente quem é responsável por isto — quer dizer, quem mais poderia ser, senão a mesma pessoa que insistiu em levar-me às compras —, também sei que ninguém acreditará em mim.

A Elodie Blue emergiu como a estrela desta escola.

Já eu passei os últimos anos a ensinar as pessoas a esperar o pior de mim.

— Preciso mesmo de falar com a Elodie — apelo, a minha voz novamente a trair a minha urgência, mas estou demasiado desesperada para me importar.

O diretor Morris suspira. Passa os dedos pela mesa e confirma o que eu já imaginava: estou metida em grandes sarilhos.

Sou escoltada até ao exterior, o diretor à minha esquerda, um polícia à minha direita. Uma multidão de estudantes começa a juntar-se.

Alguém chama por mim e olho para trás, esperando que seja a Elodie, para que ela possa dizer alguma coisa, seja o que for, de forma a esclarecer esta confusão.

Mas em vez dela, vejo o Mason. Parece chocado, assustado e de coração partido — tudo ao mesmo tempo.

O que aconteceu? Diz ele só com os lábios, mas o polícia puxa-me pelo braço com força, muito mais força do que a necessária, e leva-me embora.

Antes de ser empurrada para o banco de trás de um carro-patrolha, viro-me para a minha mãe.

— Desculpa — sussurro. — Mas não fiz nada daquilo. Preciso que acredites em mim. — Agarro-me a ela, procurando por algo inominável que ela está demasiado derrotada para dar.

— Esperava mais — diz ela, a sua estrutura ossuda a afastar-se, deixando-me a pensar se está a falar sobre a vida dela ou a minha.



Capítulo 12

Há coisas piores do que a prisão.

Quer dizer, nada que já tenha experimentado, mas há definitivamente coisas piores do que ser fotografada, serem tiradas as impressões digitais e ser revistada por uma polícia do sexo feminino com dedos anormalmente fortes. Todos os dias, há pessoas que lidam com verdadeiras atrocidades que nem se comparam ao que me aconteceu.

Mas a pior parte disto é saber que sou a culpada pelo que me aconteceu. Tinha uma vozinha dentro da minha cabeça que me avisava para não ir atrás da Elodie, ainda assim marimbei-me para o que a vozinha disse e fiz precisamente o contrário.

— Até tens sorte — dizem-me eles. — Ainda és menor de idade. Depois de fazeres 18 anos, as consequências são muito piores, bem mais sérias.

Bem, a decepção da minha mãe parece-me bastante séria. Ser suspensa da escola parece-me muito sério.

As custas judiciais que vou ter de pagar parecem-me muito, muito sérias. A possibilidade de ter de ir para um Centro Educativo é inimaginavelmente séria.

Nem sequer comecei verdadeiramente a elaborar a minha lista de coisas *sérias* quando alguém chama por mim.

— És a Natasha Clarke?

Assinto, sem saber o que esperar.

— Podes ir embora.

— A sério?

A polícia faz cara feia, destranca a minha cela e gesticula em direção à porta.

— Deve ser bom ter amigos ricos.

Não faço ideia do que ela está a falar.

Depois de passar no balcão da entrada para ir buscar a minha camisola, saio da esquadra, parando no passeio e levantando o rosto em direção a um pedaço esfarrapado de nuvem rasgado e chamuscado pelo sol do meio-dia.

A liberdade nunca soube tão bem.

Assim que abro os olhos, vejo um *Mercedes* preto e brilhante. A janela de trás abre-se e vejo um rapaz. Tem a minha mochila nas mãos.

O Braxton.

Oh, bolas! Não!

Sem pensar, tento agarrar a mochila, mas ele é mais rápido do que eu e puxa-a para dentro do carro.

— Que raio?! — grito. Recuso-me a desistir tão facilmente e volto a investir contra ele.

— Eiii! — Ele faz um gesto para eu parar. — É melhor acalmares-te um pouco. Caso não tenhas reparado, temos público — diz ele, acenando na direção de dois polícias ao lado dos carros-patrolha que me observam com ar de poucos amigos.

— O que queres? — sussurro.

— Entra — pede ele. — Vamos dar uma volta.

O Braxton afasta-se e dá-me espaço para eu entrar.

Olho de soslaio por cima do ombro e vejo os polícias a entrarem nos carros e a afastarem-se. Depois espreito para dentro do *Mercedes*, tentando ver quem está a conduzir, mas os vidros são escurecidos e há um painel que divide os bancos da frente e os de trás.

— Nem que me dê todos os gelados e cachorrinhos do mundo — respondo-lhe. — Dá-me a minha mochila.

— Não vais facilitar as coisas, pois não?

Cruzo os braços e franzo a testa.

— Por que raios o faria?

Que idiota.

O Braxton solta um suspiro exagerado, sai do carro e dá dois toques no tejadilho. Um segundo depois, o carro arranca e deixa-nos sozinhos.

— Tiveste uma noite difícil, Natasha — diz ele. — Deves estar exausta, de certeza.

— Que raio me fizeste? — Dou um passo decidido em frente, o que, na minha cabeça, parecia ser um ato ameaçador. No entanto, o Braxton permanece completamente à vontade e agora questiono-me se não devia ter aproveitado e ter feito um grande escândalo enquanto os polícias ainda cá estavam.

O Braxton levanta as duas mãos, segurando a minha mochila numa delas.

— O que quer que estejas a pensar, estás errada. Tu desmaiaste, só isso.

— Desmaiei?! — Solto um gargalha. — Ainda que estivesses a usar aquele fato ontem, informo-te de que já não vivemos no século XIX. As mulheres já não têm desmaios histéricos.

Os cantos da boca dele ficam tensos.

— Prometo que te devolvo a mochila. Mas primeiro deixa-me pagar-te o pequeno-almoço. Há um café aqui perto, servem panquecas o dia todo — diz ele, num tom de voz duro. Depois gesticula vagamente para a direita, mas mantenho o meu olhar fixo nele.

— Tenho uma ideia melhor — replico. — O que achas de eu voltar à esquadra e contar tudo o que me lembro sobre ontem à noite e tudo o que eu suspeito que aconteceu. Sabes que sou menor de idade, certo?

— Estou bem ciente disso — retorque ele, o tom de voz cansado. — A questão é que tu não lhes vais contar nada. Especialmente porque foste libertada sob minha custódia. Fui eu que paguei a fiança.

E eu sou quem vai ilibar e limpar o teu registo criminal.

Nada disto faz sentido. Desde aquele momento em que falei à escola, parece que entrei num mundo alternativo. O Braxton é, no máximo, um ou dois anos mais velho do que eu. Porque me libertariam sob custódia dele?

Já para não falar — *onde é que anda a Elodie?!*

Mas o que eu lhe digo é:

— O que está realmente a acontecer? Não me mintas. Lixaste a minha vida. O mínimo que podes fazer é dizer-me a verdade.

Acho que ele não esperava que eu dissesse isso, porque, por uns segundos, perde a calma. Consigo vê-lo nos lábios contraídos, na mandíbula a ficar rija. Mas o que realmente o desmascara são as mãos. No momento em que começa a mexer no anel de ouro, encaro isso como um sinal de que o consegui afetar.

Quando o Braxton percebe que estou a olhar para as mãos dele, enfia-as rapidamente nos bolsos.

— Respondo às perguntas que quiseres, sem problema — diz ele, as palavras misturadas com um leve toque de sotaque britânico. — Talvez o possamos fazer enquanto comemos uns ovos mexidos ou umas panquecas?

Abro a boca, prestes a passar-me por completo com ele, quando o meu estômago me trai e desata a fazer barulhos, e lembro-me de que já se passaram quase 24 horas desde a minha última refeição!

— Lá se vai a desculpa de que *não estás com fome* — troça ele, voltando a ser um idiota.

Ele oferece o braço, mas passo por ele sem lhe tocar.

Reviro os olhos de forma óbvia e dirijo-me para o café.



Capítulo 13

— Não há nada como um menu plastificado peganhento com fotografias de comida com ar delicioso. — O Braxton aponta para uma fotografia com dois ovos e uma salsicha colocados de forma a parecerem uma cara a sorrir.

Olho fixamente para a minha mochila, que continua do lado dele da mesa.

Quando aparece a empregada de mesa, peço café, sumo, ovos mexidos e panquecas. Ele apenas pede café.

— Sabes que podias simplesmente vir entregar-me a mochila e passar por um *Starbucks* a caminho de... — faço um gesto vago com a mão — seja onde for que passes o dia.

— E perdia esta conversa animadíssima? Nem pensar.

Faço cara feia e olho pela janela. Há um homem lá fora que caminha com dificuldade e fala para alguém que só ele sabe quem é. Está tão imerso no seu mundo invisível, completamente alheado da quantidade de pessoas que se desvia dele.

Assim que chega a minha comida, começo logo a devorá-la. Nunca fui uma daquelas miúdas que são esquisitas a comer ou que pedem desculpa por terem de comer para sobreviver. Estou a espalhar novamente xarope de ácer quando o Braxton diz:

— Desculpa.

Continuo a comer. Finjo que ele nem sequer falou. Ele sabe o que quero e agora é só uma questão de esperar até que desista.

— Eu... Podes olhar para mim, por favor?

Dou mais uma garfada, acabo de mastigar e depois digo:

— Podes tirar os óculos escuros? É mesmo irritante a forma como estás sempre a esconder os olhos atrás de qualquer coisa.

— É só a segunda vez que estamos juntos. Não sei bem se a palavra *sempre* se aplica.

Abano a cabeça, continuo a comer e olho pela janela. O velhote está agora a tirar coisas de um caixote do lixo. Fico de coração partido ao ver aquilo.

O Braxton coloca os óculos escuros em cima da mesa e ao olhar para ele vejo uns olhos azuis verdadeiramente extraordinários, da cor de mares tempestuosos.

Ele tira o gorro de malha e passa a mão pelo cabelo.

É impossível parar de olhar para ele, por isso encolho de ombros, como se estivesse entediada, para que ele pense que estou pouco impressionada com a revelação final.

— Em primeiro lugar, quero que saibas que nada de impróprio te aconteceu ontem à noite.

— *Impróprio?* A sério?! — Reviro os olhos e levo uma garfada de panqueca à boca.

— Para começar, tu não bebeste. E mesmo que tivesses bebido, aquilo era apenas água com corante alimentar verde. Além disso, tenho provas.

Agora conseguiu captar a minha atenção.

— Vou sair um pouco do protocolo, mas...

Ele dá-me a minha mochila e, depois de fazer um rápido inventário, vejo que está lá tudo, além de um grande envelope branco que nunca vi antes. A frente do envelope tem uma fotografia da carta de tarô da Roda da Fortuna que tirei do baralho.

— Como é que isto prova seja o que for? — pergunto.

O Braxton acena na direção do envelope.

— É exatamente como eu te disse. Foste libertada sob minha custódia, ou melhor, sob custódia de Arthur Blackstone, embora eu trabalhe para ele como seu representante.

Observo o Braxton, lembrando-me de como a polícia mencionou algo sobre um amigo rico. Na altura, foi um comentário tão

estranho que resolvi ignorá-lo. Mas agora, mesmo que ele não me tenha dado qualquer razão para confiar nele, há uma parte de mim que se questiona se o Braxton não estará mesmo a dizer a verdade. Pelo menos sobre isto.

Ainda assim, nem sequer tento esconder o meu ceticismo e digo:

— A sério? Arthur Blackstone?

O Braxton assente, como se essa fosse a única confirmação de que preciso. Mas não é. Nem de longe nem de perto.

— Referes-te ao colecionador de arte, ao lendário multimilionário do mundo da tecnologia que, logo após chegar ao primeiro lugar da lista dos mais ricos do mundo, desapareceu do mapa e não é visto por ninguém há anos? *Esse* Arthur Blackstone?

Uma vez mais, o Braxton assente.

— E isto aqui — abano o envelope na cara dele —, supostamente, serve de prova de que esse homem importantíssimo não só continua vivo, mas que se preocupa tanto comigo ao ponto de te mandar numa missão para me entregares isto pessoalmente?

O Braxton bate com os dedos na caneca.

— Acho que devias abrir o envelope — diz ele.

Deixo cair o envelope sobre a mesa.

— E eu acho que devias contar-me o que realmente se está a passar. O Braxton dá um gole do café. É o equivalente a um rufar de tambores lento e monótono, só que não funciona. Mais me valia acabar o pequeno-almoço e ir embora sem saber o que ele está prestes a revelar.

Ele volta a pousar a caneca na mesa.

— Tu foste aceite na Academia Gray Wolf — revela, e depois aguarda a minha resposta, como se esperasse que eu estivesse grata por isso ou algo do género.

— Certo, não, obrigada. — Levo mais uma garfada à boca, obtendo grande prazer ao ver a forma como o Braxton olha para mim em choque.

— Porque dirias isso se nem sabes o que é?

Mastigo, pensativa, como se estivesse a pensar a fundo na pergunta que me fez. Levo um guardanapo de papel aos lábios e digo:

— Porque não estou interessada. — Deslizo o envelope na direção dele e vejo-o com um ar confuso. É como se eu já não estivesse a seguir o guião e ele não soubesse como voltar a pôr a cena em andamento. — Parece uma escola para totós.

O Braxton olha para mim, incrédulo, sem palavras. Decido que gosto mais dele assim.

— Bem, tudo bem então — diz ele, por fim. — Embora, em última análise, a escolha seja tua, antes de tomares o tipo de decisão da qual não podes voltar atrás, podes pelo menos ouvir o que tenho para dizer?

— E se eu não quiser? — Coloco o garfo e o meu guardanapo amachucado no prato. — E se eu simplesmente me levantar, sair daqui e fingir que tu, o Arthur ou a sua ridícula academia nunca existiram, o que acontece?

Sem hesitar, ele responde:

— Nesse caso, estarás a exercer o teu direito ao livre-arbítrio. — Os olhos azul-marinhos dele focam-se nos meus. — Mas, como recentemente aprendeste, há consequências para os teus atos. E se fores agora embora, arriskas-te a perder o tipo de oportunidade que pode mudar a tua vida. Já para não falar que a tua mãe concordou.



Capítulo 14

— Falaste com a minha mãe?! — A minha voz fica tão estridente que algumas das pessoas do café param de comer e olham para nós com ar reprovador. Era a última coisa que esperava que ele dissesse.

— Falou o Arthur. — Com um ar satisfeito, o Braxton levanta o queixo e estreita os olhos, tal como um lutador de boxe que acaba de dar um murro que derruba o adversário. — A tua mãe assinou os papéis. A tua cópia está aqui dentro.

Ele volta a empurrar o envelope na minha direção, mas nem sequer lhe vou tocar.

— O Sr. Blackstone sabe o que é ter origens humildes, e ele criou a academia para ajudar crianças que enfrentam desafios semelhantes aos que ele enfrentou. Natasha, tu és esperta, criativa, engenhosa e bonita. Mais do que isso, não tens medo de correr alguns riscos. O Arthur consegue ver o potencial que tens e quer ajudar-te a concretizar os teus sonhos. Os teus problemas atuais vão desaparecer. O passado será apagado, como se nunca tivesse existido. A única coisa necessária é a tua presença.

Esperta, engenhosa, bonita. Não tens medo de correr alguns riscos. Faz-me lembrar o modo como a Elodie me descreveu, mas não tenho a certeza se concordo.

Correr riscos implica pensar de forma cuidada e calculada.

As minhas escolhas de vida podem ser mais bem descritas como impulsivas, autodestrutivas e incrivelmente inconsequentes.

— Se essa escola é assim tão boa, então porque se deram ao tra-

balho de me drogar e de me incriminar só para eu concordar em ir?

O Braxton nem pensa duas vezes:

— Em primeiro lugar, se nós simplesmente te tivéssemos abordado com a proposta, era muito provável que dissesse que não. Não me pareces propriamente o tipo de miúda que aceita de bom grado algo que te beneficie. E, em segundo lugar, ninguém te drogou. Podes esquecer isso de uma vez por todas?

— Talvez não tenha bebido nada — reconheço. — Mas tenho a certeza de que não desmaiei. Aconteceu *alguma coisa* na *Arcano*. Algo que não me estás a contar propositadamente. E o que mais quero saber é qual é o papel da Elodie no meio disto tudo. — Observo o rosto do Braxton e lembro-me vagamente de ele dizer que a Elodie tinha razão acerca de mim, segundos antes de eu perder os sentidos. Também me chamou *querida*, mas prefiro nem pensar nisso.

— Quer queiras admitir, quer não, sei que vocês estão a trabalhar juntos.

O Braxton remexe no anel de ouro. E como é a segunda vez que faz isso por eu estar mais próxima da verdade, tomo isso como prova de que estou no caminho certo.

Por fim, olha para mim e diz:

— Natasha, a questão é que, desde o momento em que concordeste em faltar às aulas, tornaste-te numa participante voluntária de todo este processo. E, na minha opinião, não estás propriamente numa posição de recusar uma oferta como esta.

Quando ele acaba de falar com um encolher de ombros, tenho de me conter para não lhe atirar o resto do meu café àquela cara ridiculamente bonita e convencida.

— Olha lá... — Inclino-me na direção dele. — Não te conheço nem faço ideia por que razão decidiste implicar comigo, mas sei que isto ficará tudo resolvido se eu conseguir provar que fui incriminada. E *vou* conseguir fazê-lo.

O Braxton encosta-se para trás.

— Se queres a minha opinião — diz ele —, a tua vida já era um caos antes de seres presa por roubo.

O olhar dele fixa-se no meu e, num ápice, o equilíbrio precário do poder volta a mudar.

Ele tem razão, é óbvio. Mas eu também tenho razão sobre o facto de ele e a Elodie conspirarem contra mim. Que provas tenho? Ele nem hesitou, quanto mais o tentou negar.

— Interessa assim tanto a forma como surgiu esta oportunidade única? Natasha, este é o momento em que decides se preferes morrer ou renascer. A escolha é inteiramente tua.

A escolha.

Faz-me lembrar o modo como ele me encontrou a rir da minha própria lápide. Aquelas roupas, a discoteca, as cartas de tarô, a bebida — todas essas coisas estavam a trazer-me para este momento.

E agora que aqui estou, suponho que não haja mal em pelo menos perceber o que quer que seja que ele me está a oferecer.

Tipo, não é como se a minha vida pudesse piorar ainda mais.

Rasgo o envelope e vejo um documento de ar oficial lá dentro. Mas como o documento está escrito naquele tipo de linguagem que só os licenciados em Direito compreendem, passo para a parte onde a assinatura da minha mãe se encontra.

Só me apetece chorar ao seguir a assinatura dela com o dedo. A sensação oca dos seus braços, o olhar de desespero quando me disse “*esperava mais*” giram num círculo infinito na minha mente.

Talvez esta seja a minha oportunidade de me redimir.

Ou de, no mínimo, lhe dar menos uma coisa com que se preocupar. Ainda assim... poderei mesmo deixá-la?

Quero dizer, quem é que vai tomar conta dela se eu não estiver cá?

— Tenho um emprego — digo, mas o Braxton já está a abanar a cabeça.

— Agora já não.

Olho fixamente para o papel, mordo o lábio e tento não me desmanchar.

— Se houver propinas, não posso... — Deixei a minha melhor desculpa para o fim, mas ele interrompe-me.

— A Academia Gray Wolf oferece tudo. Alojamento, alimentação, roupa, custos extra... Está tudo coberto. Além disso, o Arthur vai sustentar a tua mãe. Ele sabe o quão importante é manter um ambiente familiar estável.

— Então, é um colégio interno? Pergunto porque não jogo lacrosse, aviso já.

Pela primeira vez desde que nos conhecemos, um sorriso ténue esboça-se no meu rosto. Segundos depois, já desapareceu.

— Acho que ninguém vai reparar — garante ele.

Olho para os restos do meu pequeno-almoço. Há uma parte teimosa de mim que se quer revoltar e protestar contra um sistema injusto e uma má amiga em quem nunca deveria ter confiado. Mas de que serviria isso?

Claro que posso voltar para a escola e para a vida que tenho vivido até agora. Mas depois de anos a sonhar com algo melhor, não deveria pelo menos arriscar?

Seguir a minha própria Roda da Fortuna?

Volto-me para o Braxton.

— O que esperam de mim? Quer dizer, o que esperam que faça em troca da generosidade do Arthur? O que ganha *ele* com isto?

O Braxton assume um ar sério que iguala o tom de voz.

— O Arthur ganha a satisfação de te ver a superar as tuas expectativas.

Olho novamente pela janela. O velhote já foi para outro lado qualquer. Talvez também seja hora de eu ir para outro lado.

— E agora? O que acontece? — pergunto. Sinto um nó na garganta. Quase nem consigo acreditar que decidi fazer isto.

Ele atira uma nota para cima da mesa.

— Vamos para o aeroporto.

Olho pela janela para a rua.

O *Mercedes* preto voltou.



Capítulo 15

Não entro no carro.

Não sou crédula.

— Onde vais? — grita o Braxton.

Imagino que o rosto dele continua incrivelmente belo, mesmo que esteja zangado, mas não me viro para trás para confirmar.

O que estou a fazer é a ir para casa. Tenho de ver a minha mãe. Tenho de ter a certeza de que a assinatura dela não era uma falsificação, de que ela realmente assinou um papel que põe a minha vida nas mãos do recluso mais rico do mundo.

As minhas sapatilhas batem com força no chão. Está a ficar quente, mas mesmo assim ponho o capuz para cima e enfio as mãos nos bolsos.

Passo pelo edifício onde ficava a *Arcano*. A porta está entaipada e tem um cartaz com a palavra “Arrenda-se” na janela. Olho norata para o edifício em betão preto e questiono-me se poderei estar enganada, mas tenho a certeza de que não.

Depois, aparece um autocarro, eu começo a correr e consigo apanhá-lo por um triz. Um presságio de sorte, sem dúvida.

O autocarro arranca rua fora, fazendo com que me desequilibre e tenha de me agarrar a algo para não cair.

— Cuidado — resmunga uma mulher, ofendida por me ver a agarrar a parte de trás do assento dela. Olha fixamente para mim, à espera que continue a andar.

Continuo pelo autocarro fora, sento-me num lugar vazio e olho pela janela. Prefiro focar-me nas coisas na rua para não ter de pensar na vozinha na minha cabeça que me faz entrar em pânico. A que me grita: *O que foste fazer? A sério, que raio foste fazer? O que será da tua vida?*

Tento afastar esses pensamentos e foco-me na multidão de pessoas nos passeios da baixa. Estão todas tão focadas nos seus telemóveis que vão de encontro umas às outras sem sequer se aperceberem.

Quando chegamos aos subúrbios, a história é diferente. Com a exceção de uma ou outra pessoa a correr ou alguém a passear um cão, os passeios estão praticamente vazios.

Vivo com a minha mãe no cimo de uma colina, na mesma casa onde vivíamos com o meu pai. No interior, a casa é como uma cápsula do tempo: não há uma única coisa que tenha sido alterada desde o dia em que ele nos deixou. E a razão principal para isso é não termos dinheiro para renovações. Ao longo dos anos, o telhado começou a meter água, as tomadas deixaram de funcionar e numa das casas de banho é preciso usar um balde cheio de água para que o autoclismo funcione.

Nós devíamos era vender a casa e tentar arranjar outra, mas a minha mãe insiste em agarrar-se ao sonho da vida que outrora teve. Move-se de divisão em divisão, como uma sombra do seu antigo eu.

A minha paragem é a seguinte, por isso carrego no botão e dirijo-me para a porta. A paragem fica a alguns quarteirões de minha casa, e quando chego à minha rua, estaco. À porta da minha casa estão uma série de carrinhas, uma equipa de homens a fazer medições, a ver as janelas, o telhado, as caleiras e as ervas daninhas onde costumava estar o relvado.

Estacionado à porta está também um SUV de luxo novinho em folha. A mulher ao lado do carro parece tão feliz que, a princípio, nem a reconheço.

Mãe.

— Tudo isto é cortesia do Arthur Blackstone.

Observo tudo aquilo e não fico nada surpreendida ao ver que o Braxton me seguiu.

— Telhado novo, cozinha e casas de banho renovadas, eletrodo-

mésticos novos, um carro novo, uma remuneração mensal generosa... e isto é apenas o começo.

A minha visão começa a ficar desfocada. Passo a mão no rosto. Tenho de ouvir isto com os meus próprios ouvidos. Preciso que ela me olhe nos olhos enquanto me explica por que razão resolveu escolher uma vida mais fácil, em vez de uma vida comigo.

Já estou quase do outro lado da rua quando o Braxton diz:

— A escolha continua a ser tua. Podes destruir esse documento e fingir que nunca nos conhecemos. A tua mãe já não receberá a remuneração mensal, ainda assim o Arthur pagará as tuas custas de tribunal e certificar-se-á de que ficas sem registo criminal. Mas, e depois disso? Queres mesmo voltar à vida que tu e a tua mãe tinham? Ou estás disposta a arriscar em algo melhor para vocês as duas?

Sinto um aperto no peito e é difícil respirar, sinto-me como se fosse uma borboleta presa numa rede. Vejo a minha mãe a passar a mão sobre o seu carro novo como se nem acreditasse na sorte que tem. Da última vez que a vi assim foi quando assistimos ao final daquele filme sobre a trabalhadora do sexo na limusina.

Quero que ela me veja e me implore para ficar. Mas está rodeada por tanto brilho e tantas promessas que nem se apercebe de que estou aqui.

A tua vida está prestes a mudar. Nada voltará a ser igual, disse-me a vidente.

Na esperança de que tudo seja mesmo verdade, volto as costas ao passado e entro dentro do *Mercedes*.



Capítulo 16

É a segunda vez que ando de avião, ainda que seja, definitivamente, a primeira vez que ando de jato privado.

Para já, é totalmente o oposto da minha experiência de voo em classe económica.

Atravesso a pista e subo a meia dúzia de degraus até ao avião. Uma hospedeira bonita cumprimenta-me e faz sinal para me sentar onde quiser.

Há um assento branco em pele junto a uma janela. Deixo-me cair no assento confortável, volto-me para a coxia, olho para o Braxton e digo:

— Quanto tempo demora o voo?

— Bastante. Quanto tempo ao certo depende dos ventos — responde ele, já no lugar à minha frente.

A hospedeira regressa com uma toalha quente e uma travessa com copos de champanhe. Pego na toalha, limpo a cara, mas recuso o champanhe e peço uma água. O Braxton faz um brinde e dá uma golada do champanhe.

— Como é que o vento influencia o tempo do voo? — Sinto-me um pouco embaraçada por perguntar, mas tenho curiosidade em saber.

Ele vira-se para mim.

— Quando nos deslocamos, o vento influencia tudo. Pode estar a soprar contra ti e abrandar-te ou a vir de trás e fazer-te andar mais

rápido.

Assinto, sentindo-me ainda mais ridícula do que antes. Se tivesse pensado melhor, teria chegado a essa conclusão sozinha. Pela milésima vez, questiono-me por que razão o Arthur Blackstone me escolheu, de todos os miúdos da minha escola — aliás, de todo o país!

O Braxton acaba de beber o champanhe, olha para mim e diz:

— Acorda-me quando chegarmos.

Depois, segue pelo corredor e desaparece por trás de uma porta.

— Há outro quarto, se desejar descansar — diz-me a hospedeira. Mas, apesar de estar verdadeiramente cansada, não consigo dormir nem pensar. Não quero correr o risco de perder seja o que for.

Passo a maior parte do voo a explorar o avião (a casa de banho é muito melhor do que a de minha casa); a ver filmes (há centenas por onde escolher); a olhar pela janela (nuvens, nuvens e mais nuvens); a comer praticamente tudo o que a hospedeira de bordo me oferece (bolachas, amendoins, um hambúrguer e um gelado — porque não?); e a procurar no meu telemóvel tudo o que consiga encontrar sobre o Arthur Blackstone (praticamente tudo o que já sei e nada que ainda não soubesse) e sobre a Academia Gray Wolf (nem um único resultado, o que não faz sentido. Que colégio interno nem sequer tem um *website*?).

Logo após pousarmos, o Braxton aparece, os olhos semicerrados do sono.

— Porque é que não há informações sobre a academia? — interrogo.

Ele passa a mão lentamente sobre o rosto, como se estivesse a apagar os restos de um sonho.

— Não se encontra nada sobre a academia na Internet — acrescento. — Nem uma única menção.

Ele passa para a zona da sala de estar (segundo a hospedeira, é assim que chamam à secção do avião que contém uma TV enorme, sofás e poltronas), retira uma camisola da sua mala e veste-a.

— Está frio lá fora — diz ele, olhando para mim e para as minhas pernas por uns segundos, desviando prontamente o olhar e corando. — Não tens roupa mais quente?

— Não é como se eu tivesse tido autorização para fazer as malas

— recordo-o.

— Pois. Desculpa. — Ele volta a colocar a mão na mala e atira-me umas calças de fato de treino e o gorro de malha que usava anteriormente. Quando começo a atirá-los de volta, ele diz: — Confia em mim, vais precisar dessa roupa.

— Confiar em ti? — Olho para ele, incrédula. — Estás a gozar, certo? — Atiro as calças para o lado e enfio o gorro no bolso da minha camisola com capuz. — Além disso, ainda não respondeste à minha pergunta.

Ele encolhe os ombros.

— A academia não é propriamente secreta, Natasha. Nós vamos para lá agora.

Estou prestes a dizer-lhe que prefiro que me trate por Nat, mas antes que consiga pronunciar as palavras, o avião para. A porta do avião abre-se e uma rajada de ar gelado invade a cabine.

Hum, OK. Tudo bem.

Visto as calças de fato de treino, coloco o gorro na cabeça, ponho a mochila ao ombro e sigo o Braxton escada abaixo para dentro de um carro com motorista que está parado na pista.



Capítulo 17

— Como está o vento junto à água? — quer saber o Braxton, olhando pela janela do banco de trás. — É seguro atravessarmos?

O olhar frio do motorista reflete-se no espelho retrovisor. Ele olha para o Braxton, depois para mim e novamente para ele, e diz:

— Não há outra hipótese, não é?

A voz dele tem um sotaque que não consigo identificar. Será irlandês? Escocês? Londrino? Nunca fui a esses sítios, por isso não sei diferenciá-los.

Ao virar para uma estrada deserta, o vento continua a soprar com força e faz com que as rodas vibrem e as janelas tremam. Quando, por fim, estaciona em frente a uma pequena doca, olho para o Braxton, assustada. Acho que não tinha feito a associação entre o nosso destino final e a conversa anterior dele sobre atravessar a água.

— Por favor, diz-me que estás a brincar.

Com uma voz solene e uma expressão igualmente séria, o Braxton responde:

— Quem me dera.

Do lado de fora do carro, o vento sopra violentamente, enquanto estreito os olhos na escuridão da noite, observando o mar revolto e o vislumbre de uma rocha na linha do horizonte.

— Aquela é a Ilha Gray Wolf. — O Braxton acena na direção das luzes ténues. — O Arthur é o dono da ilha, desta doca e de prati-

camente tudo o resto aqui à volta. É um dos benefícios de estar na vanguarda da revolução tecnológica.

Ele retira o cachecol de lã que tem ao pescoço e coloca-o cuidadosamente no meu.

O ato dele é tão inesperado e gentil que sinto lágrimas nos olhos, mas recuso-me a chorar.

— Não te preocupes — tranquiliza-me ele. — O capitão conhece muito bem estas águas e os ventos.

Devo estar com um ar inseguro, porque o Braxton coloca um dedo no meu queixo e vira o meu rosto na direção dele.

— Desculpa — diz ele, olhando-me diretamente nos olhos. — Desculpa por tudo isto, tudo o que aconteceu. Eu...

Ao fundo da doca, o capitão aclara a garganta de forma óbvia.

Olho para lá do feixe do farol, para a fortaleza sombria no topo da colina. É o género de lugar onde uma rapariga como eu pode facilmente desaparecer.

— Nem sempre conseguimos controlar as circunstâncias em que nos encontramos — continua o Braxton. — Mas podemos sempre controlar a forma como decidimos encará-las.

— Estás a citar quem? — pergunto, presumindo que ele deve ter roubado aquela frase de um meme.

— Todas as pessoas sábias que alguma vez existiram. — O olhar dele encontra o meu. Os lábios esboçam um sorriso. — Vai correr tudo bem — assegura-me, sem ser muito convincente. Os meus pés estão colados a este pequeno pedaço de terra e as minhas pernas recusam-se a andar.

Não consigo fazer isto.

Se algo correr mal, não sei nadar suficientemente bem para sobreviver àquelas correntes. Se não morrer de hipotermia, morro afogada.

E se, por algum milagre, conseguirmos atravessar em segurança, o que acontece? Vou ficar presa na ilha para sempre?

Posso ir a casa nas férias ou quando houver um fim de semana prolongado?

Quando é que vou ver a minha mãe novamente?

— Natasha. — O Braxton acorda-me dos meus pensamentos e

estende a mão.

Lembro-me dos olhares de soslaio do pessoal da secretária da escola quando saí escoltada pela polícia.

Do olhar depreciativo do diretor quando ele decidiu que eu já não merecia ser aluna da sua escola.

Do olhar triste do Mason, ao ver quão fundo batera no poço.

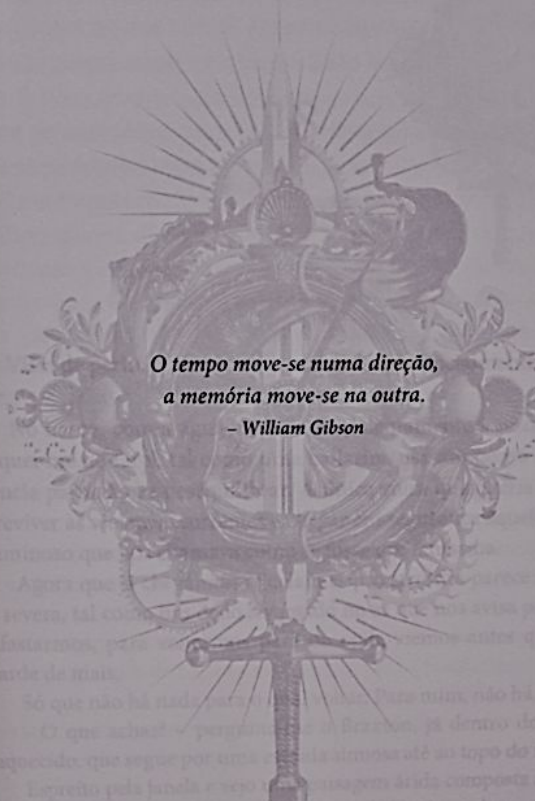
Do ar ganancioso da minha mãe, ao calcular o valor das doações do Arthur.

As feições do Braxton suavizam-se, os lábios abrem-se ligeiramente.

Quando não se pode voltar atrás, a única opção que nos resta é seguir em frente.

Agachada para enfrentar o vento, agarro a mão do Braxton e sigo-o pela doca até um barco a remos. O capitão entrega-me uma capa para a chuva e umas botas altas de borracha. Depois, sento-me no banco do barco e espero que tudo corra pelo melhor.

A viagem que se segue é ainda pior do que eu imaginava.



**O tempo move-se numa direção,
a memória move-se na outra.**

– William Gibson



Capítulo 18

Vista de perto, a ilha é muito maior do que inicialmente parecia ser.

No barco, com a água a agitar-se violentamente à nossa volta, foquei-me no farol, tal como uma bailarina usa um ponto de referência para não se desequilibrar. A única coisa que queria era sobreviver às violentas correntes e chegar em segurança àquele ponto luminoso que nos chamava como se fosse um fantasma.

Agora que já chegámos, aquela mesma estrutura parece austera e severa, tal como um dedo levantado no ar que nos avisa para nos afastarmos, para voltarmos para de onde viemos antes que seja tarde de mais.

Só que não há nada para o qual voltar. Para mim, não há.

— O que achas? — pergunta-me o Braxton, já dentro do carro aquecido, que segue por uma estrada sinuosa até ao topo do monte.

Espreito pela janela e vejo uma paisagem árida composta apenas por terra e pedras. Suponho que a ausência de árvores se deva ao vento.

— “Isolado” é a primeira palavra que me ocorre.

O brilho que emana de um candeeiro de rua divide o rosto do Braxton ao meio; tem metade do rosto iluminada, a outra metade escurecida pela sombra.

De imediato, sei que é a representação mais verdadeira que alguma vez terei dele.

Uns segundos depois, a luz passou e o carro fica escuro. O Braxton está a mexer num telemóvel ultrafino que parece ser umas quantas versões mais recente do que o meu.

— É realmente uma fortaleza — comento, a minha respiração a acelerar, o meu estômago às voltas devido aos nervos. Quando damos a última curva e o edifício aparece à nossa frente, sustenho a respiração.

A academia parece gigantesca — é inteiramente feita de pedra, é ominosa e pouco acolhedora. Quando o portão da frente se abre, ponho-me em sentido, esperando rata-la cercada por um fosso cheio de crocodilos ou algo do género.

— O... Drácula mora aqui?

Um sorriso ténue esboça-se no rosto do Braxton.

— As primeiras impressões são muitas vezes enganadoras — responde ele, colocando o telemóvel no bolso. O motorista para o carro em frente a uma enorme porta de ferro. — Acho que vais ficar surpreendida com o que nos espera lá dentro. Vamos.

Sáímos ambos do carro e caminhamos para a porta. O Braxton encosta o polegar a um leitor de impressões digitais e a porta abre-se.

— É por aqui.

Ele gesticula em direção a um túnel pouco iluminado, mas eu estaco, tentando descobrir por que razão a frase numa placa na parede me é tão familiar.

— Panta Rhei. — O Braxton olha para a placa e depois para mim.

— O que quer dizer? — interrogo, esperando que ele diga algo que me avive a memória.

— *Tudo flui* — responde ele, encolhendo os ombros. Como se isso explicasse tudo. Como se este rapaz alguma vez me tivesse explicado o que quer que fosse.

Antes que consiga fazer mais perguntas, ele encaminha-me pelo túnel até um belo jardim iluminado pela lua. O jardim é tão inesperadamente exuberante que levo uns momentos até os meus olhos se ajustarem.

Estamos agora protegidos pelas grossas paredes de pedra e tomamos um caminho em azulejos delimitado por palmeiras altas e

sumptuosas floreiras de primulas, com as delicadas pétalas amarelas inclinadas para um céu repleto de estrelas.

— Faz-me lembrar o Jardim do Tarô — observo, dirigindo-me para uma fonte cuja água brilha e abunda de nenúfares, e que está cercada por estranhas esculturas de serpentes com seis cabeças e outras criaturas fantásticas.

— Ah, já foste a Itália?

O Braxton vira-se para mim, espantado, e eu apercebo-me de que é a primeira vez que partilho algo da minha vida que realmente o surpreendeu. E, para ser honesta, esta pequena conquista sabe bem. Ainda que seja algo trivial, continua a ser uma vitória.

Caminho em direção a uma escultura de uma criatura gigante semelhante a um pássaro com uma lua em quarto crescente, em vez de um coração.

— Fiz um trabalho sobre Niki de Saint Phalle para a aula de Educação Visual, no 9.º ano. Ela é uma das minhas artistas favoritas.

O Braxton descontrai, claramente aliviado por confirmar que nada lhe escapou na sua investigação prévia sobre mim.

— Este é um dos muitos jardins de esculturas que existem na academia — revela ele. — O Arthur é um colecionador.

— De arte? — Passo cuidadosamente a mão sobre a construção de argamassa e de azulejos brilhantes.

— De beleza. — Ele caminha à minha frente. — Vamos lá — diz ele. — Está na hora de conhecer os outros.



Capítulo 19

O Braxton leva-me para fora do pátio e entramos num átrio com uma luxuosa poltrona em veludo suspensa do teto e um candelabro de cristal pousado no meio do chão de mármore branco.

— Uma sala de pernas para o ar? — observo, intrigada pelo conceito, mas o Braxton limita-se a encolher os ombros e encaminha-me para um longo corredor com chão de madeira que me faz lembrar uma pista de *bowling* elegante.

Ouçõ ao longe um coro de vozes. Quanto mais nos aproximamos, mais alto eles falam. Os gritos ecoam e crescem em intensidade, e, embora eu não consiga perceber o que estão a dizer, claramente alguém está a ter uma discussão séria.

No momento em que o Braxton entra pela porta, a sala cai em silêncio. Mantenho-me ao lado dele, desconfortável e sentindo-me totalmente fora do meu ambiente. Para já, o Braxton tinha razão — este sítio não é nada como eu pensei que seria.

Observo a estranha variedade de poltronas penduradas por grossas correntes prateadas, assim como os estranhos que nelas estão sentados. À medida que o meu olhar percorre o grupo de rostos à minha frente, também eles aproveitam para me observar enquanto o Braxton faz as apresentações.

Oliver, Song, Jago, Finn — vou tentar não os confundir.

O Oliver tem olhos castanhos, pele branca e um sorriso rápido e confiante que mascara um resquício de raiva.

A Song tem uns lindos olhos castanho-escuros e longos cabelos

pretos que lhe caem sobre os ombros como se fossem um xaile.

O Jago é alto e magro, com pele castanho-clara e um olhar profundo azul-topázio. Cumprimenta-me com um aceno rápido, balançando para frente e para trás na poltrona de veludo roxo, observando-me de forma prudente.

O Finn é magro e tem uma cabeleira desgrenhada cor de palha, um monte de sardas salpicadas no nariz e o brilho dos olhos verdes sonolentos dá-lhe um ar de elfo travesso.

E eu estou aqui à frente deles com o gorro de malha do Braxton enfiado na cabeça e a bainha do meu vestido preto arrepanhada na cintura das calças de fato de treino. É óbvio que houve um engano qualquer. Tudo neste lugar é tão bonito e organizado — incluindo as pessoas — que certamente não sou a única a ver que não me encaixo aqui.

Tenho de encontrar uma forma de me ir embora.

Não quero saber se a minha mãe me trocou por um carro novo; deve haver alguma lacuna no contrato... ou até uma maneira de fugir daqui...

Quando dou por mim, o Braxton dá-me um toque no ombro, afastando-me dos meus pensamentos, e diz:

— Ah, e, claro, já conheces a Elodie.



Capítulo 20

Volto-me e vejo a Elodie a entrar na sala, caminhando de forma desinteressada e confiante. Veste um vestido curto cor de laranja sem alças, botins azuis brilhantes e uma tiara colocada na cabeça tão casualmente como quando usa um boné dos New York Yankees.

— Natasha — diz ela, sorrindo.

De rosto fechado e olhar furioso, observo a Elodie a caminhar para junto do Braxton. A forma como ela lhe toca no ombro faz-me lembrar um cão a urinar contra um poste para marcar território.

Tenho os dentes a ranger, as mãos fecham-se em punhos e uma torrente de acusações invade-me a mente. As frases *como pudeste fazer-me isto... como te atreves... porquê eu...* derretem-se na minha língua no momento em que ela dá um passo em frente para me abraçar.

— É tão bom ver-te — diz ela, os lábios encostados perto da minha orelha.

Mantenho-me imóvel, com a cara fechada e em silêncio. A única coisa que me consola é o facto de não a ter abraçado de volta.

Fingindo não ter notado, ela continua:

— Soube desde o início que tu ias ser difícil.

Não faço ideia do que isso significa. Aliás, não faço ideia do que tudo isto significa.

Porque é que as cadeiras estão suspensas como baloiços? Porque é que a Elodie está vestida como se pertencesse à realeza? Por que razão

estão todos tão agitados pela minha presença? Porque fui escolhida para estar aqui com eles? Mas, acima de tudo, que raio de sítio é este?

Apesar de não ter respostas para estas perguntas, tenho as minhas suspeitas.

— Vocês lixaram-me. Vocês os dois incriminaram-me. — Olho para a Elodie e depois para o Braxton. Mas agora que, por fim, consegui dizê-lo, sinto-me exausta, parva e insignificante.

O Braxton olha para um enorme quadro na parede ao fundo da sala.

A Elodie abre a boca, prestes a explicar-se, quando outra voz intervém.

— Tenho a certeza de que tens muitas perguntas.

Olho para cima e constato que a lenda viva se juntou a nós.

A minha primeira impressão dele é a de que é um homem encorpado, mas quando torno a olhar, chego à conclusão de que isso não é verdade. Era apenas a expectativa que tinha, moldada por artigos de jornais, perfis de revistas e fotografias tiradas com a câmara apontada para cima.

Visto pessoalmente é bastante comum, com o tipo de corpo irregular e energia de um corredor de longa distância. As feições são atraentes e têm carácter q.b. para não parecer insosso. O queixo é assertivo e bem desenhado, o nariz levemente pontiagudo, os lábios não são muito finos nem muito largos, estando enquadrados por um conjunto de rugas de sorriso profundas, como se fossem parênteses. Veste calças de ganga desbotadas, uma camisola azul e mocassins caros, e emana uma onda casual e fácil que quase me convenceria — se não fossem os olhos.

O olhar dele é escuro e brilhante, e lembra-me algo que aprendi sobre a obsidiana, da vez em que a Elodie me arrastou para uma loja que vendia cristais.

“Não é um mineral para a qualquer pessoa”, disse o vendedor, quando peguei na pedra negra brilhante. “É uma pedra poderosa, impiedosa e que não permite que nada permaneça escondido. Revela a verdade, o que pode ser avassalador para um principiante.”

Troquei-a de imediato por um pequeno quartzo citrino polido.

“É a pedra da abundância”, afirmou a Elodie, o que me levou a

escolher a pedra mais pequena e mais barata que consegui encontrar, e a metê-la dentro do meu sutiã.

Infelizmente, a magia da pedra não funcionou.

Ou talvez até tenha funcionado. Talvez até tenha sido por isso que a minha mãe teve direito a um carro novo e a uma renovação de casa, e eu vim aqui parar.

Mas agora, ao contemplar o olhar do Arthur, percebo que, tal como a obsidiana, é aí que reside a sua verdade.

Também fico a perceber que, no que lhe diz respeito, não haverá forma de esconder a minha.

— Bem-vinda, Natasha. — A voz dele é assertiva, o aperto de mão firme. — Peço desculpa pela viagem atribulada. Mas receio que haja grande probabilidade de enfrentares ventos semelhantes sempre que te quiseses aventurar para lá dos muros da academia.

— É só por isso que pede desculpa? Pelo tempo?

Forço-me a olhá-lo diretamente nos olhos. *Venha daí a verdade.*

O Braxton parece desconfortável. A Elodie inspira com tanta força que parece sugar todo o ar da sala. O Jago, o Oliver, o Finn e a Song inclinam-se para a frente nas poltronas, esperando para ver se me vou safar por ter falado com o senhor Blackstone com tanto desrespeito.

Vejo os cantos dos lábios dele a tremelicar, sinto o olhar quase a trespassar-me, fazendo desabar o meu gesto de fanfarronice e revelando uma miúda hesitante que treme por dentro. Depois de, propositadamente, deixar passar alguns segundos, o Arthur diz:

— Amanhã, terás respostas para todas as tuas perguntas e poderemos falar de quaisquer preocupações que tenhas. Por agora, a Elodie vai mostrar-te o teu quarto. Tenho a certeza de que precisas de descansar.

. O tom de voz é agradável, mas não deixa margem de negociação e, felizmente para mim, sou suficientemente inteligente para saber quando devo desistir. Além disso, o Arthur tem razão. Preciso mesmo de descansar. Uma boa noite de sono vai ajudar a organizar as minhas ideias, para que amanhã, quando acordar, ponha logo mãos à obra de modo a arranjar um plano para sair desta confusão.



Capítulo 21

A Elodie encaminha-me para fora da sala.

E assim que estamos a uma distância segura para que o Arthur não nos ouça, ela diz:

— Eu sei que estás chateada, mas em breve vais agradecer-me por te ter trazido para aqui.

— Tens a certeza disso? — Paro de andar e olho fixamente para a parede. Estou tão zangada, quase a ferver de raiva, que passam uns segundos até reparar no quadro à minha frente.

É um quadro de uma mulher num cemitério, de costas para um bosque de árvores altas e despidas. O cabelo ruivo é longo e forte, e ela veste um vestido preto transparente que revela os seios nus. Numa das mãos tem uma caveira com uma coroa. Na outra uma ampulheta, com o tempo a decrescer.

— *Vanitas* — revela a Elodie. — É um quadro do pintor neerlandês Léon Frédéric.

— Belga — corrijo, surpreendida pelo erro dela. Conhecemo-nos pela primeira vez na aula de Artes Visuais e, embora a Elodie não tivesse muito jeito para artes, conhecia bem a teoria. Até o nosso professor ficou surpreendido. Só quando vejo aquele ar convencido e um brilhozinho nos olhos é que percebo que ela disse aquilo de propósito para ver se eu a corrigia.

OK, tudo bem. Um ponto para a Elodie.

— Não podemos simplesmente esquecer o passado e começar de novo? — pergunta ela.

Instala-se um silêncio entre nós, e sei que ela espera que eu me passe, que faça um escândalo enorme. Mas eu já disse tudo o que tinha a dizer por hoje. O meu único objetivo, para já, é provar o quão pouco ela sabe sobre mim.

— Como queiras — solta ela, com um suspiro. — Vais mudar de ideias. Acontece sempre isso.

Ela vira-se e faz-me sinal para a seguir, mas já não estamos na secundária e da última vez que segui a Elodie as coisas não correram lá muito bem.

Ainda assim, tenho de admitir que não há a mínima hipótese de eu encontrar o meu quarto sozinha, por isso começo a segui-la, ainda que com relutância. Percorremos uma série de corredores, subimos umas escadas e, por fim, deparamo-nos com uma porta vermelha envernizada.

— Se precisares de alguma coisa, a Song está na porta roxa à tua esquerda — diz ela. — Até te diria onde é o meu quarto, mas acho que não deves estar interessada em saber.

Olho para a minha porta. Não tem puxador, por isso empurro-a, mas a porta não se mexe nem um milímetro.

— Funciona com leitor biométrico. — A Elodie aponta para o aparelho. — Abres a porta com a tua impressão digital. Já está tudo programado.

— Mas... como? — Volto-me para ela e vejo que está com aquele ar inocente e plácido que me irrita profundamente. O facto de eu aqui estar prova que o Mason tinha razão.

Nunca devia ter acreditado nela.

Devia ter dado ouvidos ao Mason quando ele me tentou avisar de que ela era implacável e falsa, e que me dar com ela ia dar asneira.

— Vais ter de aprender a confiar em mim — garante ela. O tom de voz é meigo, mas deixa-me apreensiva.

— Acho que essa fase já lá vai — respondo bruscamente.

A Elodie olha-me de cima a baixo e depois encara-me diretamente nos olhos.

— É bom que estejas errada. Em breve, a tua vida poderá depender disso.

Sem dizer mais uma palavra, a Elodie desce pelo corredor, deixando-me a fumar de raiva e com uma longa lista de perguntas.

A primeira: *Como raio é que o Arthur conseguiu as minhas impressões digitais?*



Capítulo 22

Para ser honesta, acordar numa cama de dossel com lençóis de algodão egípcio num quarto tão fixe que mais parece uma suite de luxo (e nada um dormitório de uma academia) é realmente um sonho.

Depois de usar a casa de banho que mais parece um autêntico *spa* — com um chuveiro gigantesco e uma coleção impressionante sabonetes, cremes, perfumes, champôs e condicionadores caros que não se arranjam em supermercado —, dirijo-me para o enorme roupeiro que está a abarrotar com tantas roupas, sapatos e acessórios de marca que quase nem cabem lá dentro.

E a parte mais fixe é que tudo dentro do roupeiro é do meu tamanho.

Há um suporte para cabides cheio de vestidos chiques semelhantes aos que são usados em sessões de moda ou em festas de celebridades, todos com etiquetas das marcas mais cobiçadas: Gucci, Balenciaga, Dior, Louis Vuitton. E não tenho vergonha em admitir que até solto guinchos de alegria quando vejo os vestidos mais de perto.

Pego num vestido justo preto da Valentino e visto-o. Depois coloco um casaco prateado em *tweed* da Chanel sobre os ombros, calço uns saltos altíssimos Louboutin, ponho uma carteira de cetim Prada no braço e faço semelhante pose em frente ao espelho que envergonha as Hadids e as Crawfords.

Todas as fantasias de alta-costura que alguma já tive acabaram

literalmente de ganhar vida, e fico feliz por constatar que a realidade não dececiona.

E, no entanto, por mais que eu esteja a gostar desta nova versão chique de mim própria, há uma vizinha irritante dentro da minha cabeça que me diz que nada deste esplendor é, de facto, gratuito.

Quero dizer, talvez esteja só a ser cínica. Ingrata. Demasiado desconfiada da surpreendente demonstração de generosidade por parte de um multimilionário.

Mas, geralmente, costumo ser cautelosa e prudente...

Caminho desajeitadamente, com os meus saltos altos de 12 centímetros, até uma enorme janela com vista para o terreno da academia. Não consigo deixar de sentir que há muito mais coisas sobre esta academia do que me contaram.

Levo a mão ao vidro e sinto-o gelado. Lembro-me da minha primeira impressão da ilha — um pedaço de rocha duro e desolado delimitado por um mar revolto — e chego à conclusão de que esta temperatura quase frígida é normal para Gray Wolf. E estando eu habituada a um clima muito mais quente, fico toda arrepiada só de pensar no frio que faz lá fora.

Fecho o meu casaco, ponho-me em bicos de pés, espreito lá para baixo e vejo uma figura com um manto a mover-se por um labirinto de sebes em direção a uma esfera de cristal cintilante que fica no centro do labirinto.

Bem, isto é um pouco... estranho.

Olho fixamente para a pessoa, tentando perceber o que está a acontecer. Atrás de mim, as pequenas lâmpadas no candelabro de cristal começam a estalar e a piscar, e o chão sob os meus pés começa a tremer.

Fantástico, era mesmo isto que eu precisava: um terramoto. Não acredito que vim da Califórnia para ter de levar com terremotos aqui também.

Abano a cabeça e afasto-me da janela, mas subitamente os meus pés ficam presos ao chão e todo o quarto começa a desmoronar-se.

Oh, não... Que treta... Por favor, espero mesmo que isto seja um terramoto... por favor.

Espero que...

As paredes com painéis verdes e o teto branco começam a des-

fazer-se e a desaparecer. O que significa que, por muito que tente, não vou conseguir evitar sentir aquela coisa estranha que às vezes sucedia quando eu era miúda — a qual não me acontecia há quase uma década — e que está agora a acontecer novamente.

A Revelação.

Era o nome que o meu pai dava àqueles momentos terríveis em que a realidade se transforma.

Segundo ele, é uma coisa hereditária que tem sido passada de geração em geração. E embora ele tenha falado sobre isso apenas uma vez, lembro-me claramente de o meu pai me dizer que havia duas regras que eu precisava de seguir sempre que me encontrasse no meio de uma.

Primeira: aconteça o que acontecer, aguarda, mantém a calma e espera pela revelação.

Segunda: nunca deves, em circunstância alguma, contar à tua mãe ou a qualquer outra pessoa sobre esta coisa estranha que te acontece.

Claro que, em teoria, isto parece fácil de fazer, mas é quase impossível de colocar em prática.

Por isso, quando a sala começa a desmoronar-se, reduzindo o meu mundo a pouco mais do que o pequeno pedaço de madeira sob os meus pés e ao som do meu próprio coração a bater descontroladamente, não consigo manter a calma nem por nada.

Nesse momento, observo a figura a chegar ao centro do labirinto, a pressionar a esfera e depois a desaparecer como se nunca tivesse existido. Segundos depois, reaparece.

Com lágrimas a caírem dos olhos, vejo um pequeno objeto castanho na mão da pessoa — algo que, definitivamente, não estava lá segundos antes. Um objeto que penso ser um livro ou talvez até...

De repente, uma mão aperta o meu braço.

Uma voz familiar chama por mim.

A visão desaparece.

O meu quarto volta a reconstruir-se.

Viro-me e vejo o rosto do Braxton encostado ao meu.



Capítulo 23

— Que raio estás a fazer? — grito.

Nesse instante, o Braxton pergunta-me se estou bem.

Mas a minha voz é mais forte, mais zangada e exige ser ouvida.

— Não podes entrar no meu quarto assim de repente! E se eu...

— A minha mente pensa em todas as coisas embaraçosas que eu podia estar a fazer. Mas há poucas tão más como ser apanhada a meio de uma Revelação.

Quer dizer, como é suposto explicar porque é que ele me viu feita estátua em frente à janela, com lágrimas a correrem-me pelo rosto, a murmurar e a hiperventilar?

Afasto-me do Braxton, dirijo-me para a frente da lareira e estendo as mãos à minha frente para as aquecer, tentando disfarçar a verdadeira razão pela qual as minhas mãos tremem.

— Eu bati à porta. — O tom de voz do Braxton é menos defensivo do que eu esperava. — Várias vezes. E com bastante força, se queres que te diga. Natasha... — Ele começa a dar um passo na minha direção, mas depois estaca quando vê o meu olhar. — Estás bem? Aconteceu alguma coisa?

O olhar dele implora por uma resposta, mas eu viro-me rapidamente e olho para as chamas da lareira. Passou tanto tempo desde a última Revelação que pensava que já não ia voltar a acontecer. Ainda assim, não vou tentar explicar-lhe o que isto é. Mal consigo rata-lo a mim mesma.

— É assim que as coisas funcionam aqui? Se não respondo

quando tu queres, simplesmente entras no meu quarto? — O meu tom é duro, mas tenho todo o direito de estar chateada. — E como é que conseguiste entrar sequer? As tuas impressões digitais dão acesso a qualquer quarto? Não há respeito pela privacidade das pessoas?

O Braxton solta um longo suspiro.

— Desculpa — diz ele. — Mas depois de bater tantas vezes à porta, decidi entrar.

— Como podes ver, estou ótima — insisto, apesar de não me atrever a olhá-lo nos olhos, por medo que ele perceba que estou a mentir.

Ele olha para mim durante uns momentos, pensando em como proceder. Decidindo ser prático, gesticula na direção de uma travessa com café acabado de fazer e bolos.

— O almoço é daqui a pouco — diz ele —, mas como faltaste ao pequeno-almoço, achei que isto poderia ajudar a matar a fome até lá.

Enche duas chávenas com café e oferece-me uma delas.

À primeira vista, o gesto é gentil. Mas vai ser preciso muito mais do que isto para eu baixar a guarda. Ainda assim, aceito o café, pego num *croissant* e sento-me no sofá de veludo. Já que estou presa a esta rocha durante os próximos tempos, posso pelo menos tentar aprender alguma coisa.

Não perco tempo e vou direta ao assunto.

— Que sítio é este, exatamente? — interrogo, pondo um pedaço de *croissant* na boca, na esperança de parecer apenas curiosa e nem um pouco incomodada por ter visto aquela pessoa a desaparecer à minha frente.

Segundo o pouco que o meu pai me contou, a Revelação é semelhante ao que um vidente experiência quando vê o futuro. Só que em vez de ver o futuro, tenho vislumbres do passado.

O que quer dizer que, em algum momento do passado, houve uma pessoa com um manto de veludo vermelho que desapareceu e depois reapareceu no labirinto lá em baixo.

Vá lá saber-se qual é o real significado disso ou por que razão fui a escolhida para o testemunhar.

O Braxton senta-se hirtos na cadeira estofada em seda ao meu

lado.

— O que queres realmente saber? — pergunta ele.

Sem hesitar, respondo:

— Qual é o preço? O que quer o Arthur de mim?

Ele nem sequer pisca os olhos. E com aqueles olhos azuis a encararem diretamente os meus, e as mãos sobre os joelhos, ele faz-me lembrar uma testemunha no tribunal, nervosa, que jurou dizer a verdade, mas que ainda não decidiu se o fará.

Ele inspira lentamente. Ao expirar, diz:

— Isto não tem nada que ver com tráfico de pessoas ou noivas por correspondência. — Pega no café, segurando a chávena com ambas as mãos. — Essa é a primeira coisa que a maioria das pessoas pensa, mas não tem nada que ver com isso. Gray Wolf é mesmo uma academia, embora admita que não é uma academia tradicional. As aulas aqui são mais... práticas. As lições têm aplicações na vida real... assim como implicações.

— Implicações na vida real... como pessoas a desaparecer?

O Braxton tenta manter a calma, mas é tarde de mais. Consigo ver o olhar assustado que emana do rosto dele.

— Ali em baixo. — Aponto na direção da janela. — No labirinto.

As feições dele fecham-se e contorcem-se como se estivesse a considerar de que forma reagir a seguir.

— Não há nada lá em baixo, Natasha. Quer dizer, pelo menos, não há qualquer labirinto.



Capítulo 24

Pestanejo, esperando que ele comece a rir, que admita que estava a gozar. Quando não faz nem uma coisa nem outra, vou até à janela.

— Olha — digo, encostando o dedo ao vidro. — Ali.

Ele põe-se atrás de mim, a respiração a flutuar sobre a minha orelha.

— Mostra lá — pede ele.

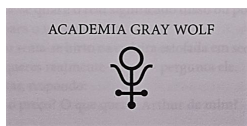
Ponho-me em bicos de pés, encosto-me ao vidro e vejo o mesmo Jardim do Tarô pelo qual passeei na noite anterior. Não vejo um labirinto em lado nenhum.

— Não... não percebo... — Vejo a coleção de esculturas coloridas; isto não faz sentido. Nas outras Revelações, só as pessoas não eram reais... tudo à volta delas mantinha-se inalterado.

Será que isto significa que o labirinto existia antes de o Arthur fazer o Jardim do Tarô?

E, se for esse o caso, até que altura no passado foi esta Revelação?

— Talvez isto responda a algumas das tuas perguntas. — O Braxton leva-me de volta ao sofá e entrega-me um saco de pano branco com o nome da academia a preto e um estranho símbolo que parece uma cruz. Dentro do saco está uma camisola verde com o mesmo símbolo.



— Não esperas mesmo que eu use isto? — Passo um dedo sobre o tecido. É macio, mas agora que tenho acesso a roupa Gucci e Prada, não vou voltar a usar uma camisola com capuz. — Quer dizer, já viste a roupa que tenho no armário? — continuo, atirando a camisola para o lado.

— Todos usam estas camisolas — revela ele.

— Até a Elodie? — Lanço-lhe um olhar desafiador. E assim que o Braxton o confirma, tento imaginar a Elodie a usar algo tão comum.

— Só que a dela é...

Vejo-o a contemplar o seu café, hesitando de uma forma que me deixa nervosa.

Bem, ainda mais nervosa do que já estou.

— A dela é o quê? — pergunto. — Está coberta de lantejoulas? É da marca Hermès?

— A dela é de cor diferente — prossegue ele. — A maioria delas são. Mas isso é só porque estão todos aqui há mais tempo. E tenho certeza de que, em breve, vais alcança-los e...

Pouso o *croissant*, cruzo as pernas e inclino-me na direção do Braxton.

— Caso não tenhas reparado, esta pequena pausa para café que organizaste não está a correr tão bem como esperavas.

Ele suspira e passa a mão pelo cabelo de estrela de cinema.

— O que estou a tentar dizer é que todos os alunos usam a camisola da academia. O que significa que também tens de a usar.

— Mas *tu* não estás a usar uma. — Gesticulo para a camisola preta dele, que, embora eu não tenha a certeza, parece ser de caxemira.

— Eu não sou aluno.

— Então, és o quê? Um professor?

Ele abana a cabeça.

— Um funcionário?

— Olha — diz o Braxton —, eu não tenho um título, OK? Só

estou aqui para ajudar.

— Ah, então é isso que isto é... tu a *ajudares*.

O olhar do Braxton encontra o meu, mas o que quer que seja que está a pensar, não o demonstra. O costume.

— Olha — intervém ele, por fim, pousando a chávena —, temos de cumprir o horário, para...

— Tudo bem — interrompo. — Mas antes de irmos, responde-me só a uma pergunta. Quem mais é que usa a camisola verde?

Com um suspiro cansado, o Braxton fecha os olhos, que é a única resposta de que preciso.



Capítulo 25

— Deixa-me lá ver se percebi bem — digo. — As verdes são para os novatos. E eu sou uma novata e, provavelmente, não há mais novatos aqui. O que quer dizer que, ao usar esta camisola, irei dar demasiado nas vistas.

— Não é nada disso — replica o Braxton, mas voz dele, bem como a energia, estão a começar a desaparecer.

— Então, como é? Diz lá. O Arthur dividiu-nos em fações opostas? E isto é algo como *O Deus das Moscas*, em que as diferentes cores lutam pelo domínio?

— Tens alguma pergunta séria que queiras fazer? — reage o Braxton.

— Ah, tenho muitas questões. — Aponto em direção à imagem estranha estampada na frente da camisola e do saco. — Para começar, o que é isto?

As feições do Braxton suavizam-se, como se eu lhe tivesse estendido um ramo de oliveira e ele pudesse baixar a guarda.

— É o símbolo da academia.

Olho para ele sem emoção. E tem muita sorte por eu não revirar os olhos diretamente na cara dele. Será que acha mesmo que eu não ia chegar a essa conclusão sozinha?

— E é também o símbolo alquímico do antimónio. *Lupus Metallorum*, o lobo dos metais. É um agente corrosivo que se une a todos os metais conhecidos, exceto o ouro, o qual serve para purificar.

— Ceeeeerto — digo, arrastando a palavra. — Que raio tem isso que ver com a academia, ou com qualquer outra coisa, já agora?

— Gray Wolf é o nome da penúltima fase na produção da pedra filosofal.

— A pedra filosofal... — Esta afirmação pende pesadamente entre nós. — Então... isto é uma escola de alquimia?

— De certa forma... — O Braxton deixa a frase inacabada e pega novamente no café.

— E que versão da alquimia? — questiono. — Transformar o chumbo em ouro, a busca da vida eterna ou a iluminação espiritual? Quer dizer, o que é que realmente se estuda aqui? — continuo, a minha voz a soar demasiado esganiçada.

Ainda que eu tivesse tido a sensação de que havia algo de muito estranho neste sítio, isto agora tomou um rumo que eu não esperava.

— Estás a ficar enervada sem razão — assegura ele. — Isto é apenas um símbolo, uma metáfora, para o tipo de transformação pessoal que os alunos do Arthur experienciam aqui. — Ele gesticula em direção ao saco de pano. — Tens aqui dentro o programa para hoje. Embora receie que a maior parte dele já tenha decorrido, tendo em conta este começo tão tardio. Ainda assim, terás uma ideia do que esperar.

Retiro o horário de dentro do saco, bem como um caderno verde que também tem aquele símbolo alquímico estranho. Para um lugar tão obscuro, são surpreendentemente bons em *marketing*.

Vejo o meu nome em caracteres pretos impresso em papel de alta qualidade com o emblema Gray Wolf no topo:

Natasha Antoinette Clarke

Por baixo está um horário tão estranho que tenho de o ler duas vezes, e mesmo assim continua a não fazer sentido.

7h00 — 8h50: Pequeno-almoço na Sala Primavera

9h00 — 9h15: Apresentação

9h20 — 10h00: Visita guiada à academia

Ainda que já passe da hora marcada para o início da visita guiada, espero que ainda esteja a decorrer, já que, pelo que vi deste lugar ontem à noite, nunca me safarei cá dentro sozinha.

Mas é aqui que as coisas mudam:

10h05 — 11h00: Teste de Aptidão — Espoliação

11h05 — 12h00: Teste de Aptidão — Hipismo

12h05 — 13h00: Almoço na Sala Primavera

13h05 — 14h00: Teste de Aptidão — Esgrima/Técnicas de sobrevivência

14h05 — 15h00: Teste de Aptidão — Línguas/Normas culturais

15h05 — 15h20: Pausa na Saía Verão

15h25 — 16h45: Introdução à Estrada da Quarta Dimensão

18h00 — 19h30: Jantar na Sala Inverno

19h35 — 21h45: Tempo livre na Sala Outono

22h00: Recolher

Quando chego ao fim, clareio a garganta.

— Hum, tenho, de facto, uma pergunta — revelo. — Mas que...

Antes de conseguir terminar, o telemóvel do Braxton começa a vibrar. Ele levanta-se rapidamente e murmura algo sobre termos de nos despachar.

— Quando estiveres pronta — diz ele, já a caminho da porta —, estou lá em baixo à tua espera.

— Espera! A sério que não me vais explicar por que razão é suposto eu ter aulas de esgrima e técnicas de sobrevivência? — Ele olha para o chão por vários segundos. Quando, por fim, levanta a cabeça, o olhar dele espelha algo que poderia ser facilmente confundido com remorsos, autoaversão ou vergonha, se eu fosse parva ao ponto de achar que este tipo é capaz de sentir qualquer uma dessas coisas.

— Eu sei que não vais acreditar no que vou dizer — replica ele.

— Mas ofereci-me para te fazer a visita guiada na esperança de que pudéssemos ser amigos. — O Braxton passa a mão pelo cabelo e estreita aqueles surpreendentes olhos azuis que provavelmente conquistaram muitos corações, mas não o meu. — Eu sei que tudo isto é mesmo muito intimidante, mas se conseguires deixar de estar zangada e deres uma oportunidade, vais ver que...

— E se eu não quiser dar uma oportunidade? — interrompo.

— O que é que acontece? O Arthur deixa-me ir embora? — Olho para o rosto dele, tentando ver para lá da máscara que usa, tentando chegar à verdade que não está disposto a partilhar.

Quando ele finalmente fala, a voz é grave e o corpo mexe-se de forma inquieta.

— Não te precipites a tomar esse rumo — aconselha ele. —
Poderá não te levar onde tu pensas.

Antes que eu consiga pedir que se explique melhor, já ele está
porta fora, deixando-me sozinha com o assobio das chamas na
lareira e o eco inquietante daquelas palavras.



Capítulo 26

Embora esteja verdadeiramente tentada a ignorar o conselho do Braxton e a descer as escadas usando o vestido chique e os saltos Louboutin — nem que seja apenas para provar que faço as minhas próprias regras eu odiaria que o Arthur ficasse com a ideia errada e pensasse que sou superficial ao ponto de me deixar conquistar por um roupeiro cheio de roupas de luxo.

Já para não falar que já não me aguento dos pés nestes saltos altos.

Assim, quando finalmente saio do quarto com a minha camisola verde Gray Wolf vestida, calças de ganga escuras e sapatilhas novinhas em folha, e encontro o Braxton no fundo das escadas, tenho de tentar ao máximo esconder a minha frustração, porque ele diz de imediato:

— Olha, eu sei que sou a última pessoa que queres ver, mas há muitas coisas para conhecer, por isso temos mesmo de começar.

Ele tenta apressar-me, mas eu, teimosa, movo-me tão lentamente que as minhas sapatilhas praticamente se arrastam pelo chão.

Ele olha para os meus pés e franze a testa.

— Não achas que isso é um bocado infantil?

Eu estaco, recusando-me a dar mais um passo.

— Qual é o problema? Tens medo que eu me atrase para o meu exame de Espoliação?

— Natasha... — Ele começa a andar na minha direção, mas

levanto a mão para ele parar.

— Nat — corrijo, pondo os braços à volta da minha cintura de forma instintiva. Depois, ao perceber que este gesto, provavelmente, me faz parecer tão assustada e pequena quanto me sinto, obrigo-me a colocar os braços para baixo.

Ele olha para mim e depois para o relógio dele.

— Eu sei que estás chateada — insiste. — Mas se pudéssemos simplesmente fazer a visita, então...

Inclino-me contra a parede e coloco uma mão desafiadora na anca. Estou a testar a paciência dele. Vejo-lhe a mandíbula rígida, o pé a bater rapidamente contra o chão. E quando o olhar dele se fixa em mim, ainda que esteja parcialmente escondido por uma mecha de cabelo caída sobre o rosto, consigo perceber que está a resultar, que o estou a desgastar.

O que seria fantástico, não fosse pelo facto de também me estar a desgastar.

A última vez que chorei foi há anos, mas tenho a nítida sensação de que se estivesse sozinha no meu quarto, com o chuveiro ligado no máximo, é exatamente isso o que estaria a fazer neste momento.

— Para que saibas — diz ele, a voz quase um sussurro no meu primeiro dia, eu também estava assustado. Todos nós estávamos. É perfeitamente normal sentires-te assim.

Ele olha-me de uma forma tão meiga e gentil que é como se o estivesse a ver pela primeira vez — não apenas como um tipo giro e o inimigo que roubou a minha mochila e toda a minha vida (de treta, admito), mas como uma pessoa verdadeira que talvez também tenha um passado de que se arrependa.

Em breve aprenderei tudo sobre a academia, mas esta pode ser a minha única oportunidade de realmente aprender algo sobre ele.

— Então, sempre *foste* a ser aluno aqui. Como é que vieste parar a Gray Wolf? — pergunto.

Ele olha diretamente para mim e nem sequer hesita quando diz:

— Roubei. E, tal como tu, também me saiu a carta da Roda da Fortuna.

Tenho dificuldade em respirar. Preciso de uns momentos para processar isto.

— A Elodie esteve por detrás disso? — interrogo, já certa da resposta. Quantas pessoas é que ela manipulou?

Quantas vidas devastou?

Devia ter dado ouvidos ao Mason quando ele me tentou avisar, mas estava demasiado ocupada em querer dar-me bem com ela.

A Elodie era entusiasmante. Inebriante. Ela fazia o que queria — ultrapassava todos os limites, quebrava todas as regras — sem quaisquer consequências.

A minha vida era o oposto. Eu fazia equilíbriismo sem rede para me apanhar. No entanto, sempre que estava com a Elodie, convenia-me a acreditar que também podia viver como ela.

O Braxton observa-me durante uns momentos e depois vira-se abruptamente.

— Vamos lá, Tasha — diz ele. — Temos muito que ver.

— Nat — corrijo-o, correndo para o alcançar. Mas ele finge não ouvir.

O *campus* é surpreendentemente grande, cobrindo muito mais terreno do que eu inicialmente imaginei. E à medida que o Braxton me leva através de um labirinto interminável de salões, não posso deixar de admirar como o Arthur conseguiu combinar de forma tão perfeita os mundos opostos da arte clássica e da alta tecnologia.

Paramos do lado de fora de uma biblioteca formal, em estilo antigo, com paredes de madeira polida e uma coleção infinita de livros dispostos em prateleiras que parecem estender-se até ao céu.

— Livros a sério? — Viro-me para o Braxton. — Esperava encontrar um monte de leitores de livros eletrónicos.

— O Arthur ganhou dinheiro a investir em tecnologia, mas prefere coisas tangíveis que pode tocar. Além disso, a maioria dos livros que aqui vês são edições raras. Vamos lá.

Ele leva-me para fora da biblioteca e para uma sala de aula que parece uma sala de operações futurista. Todas as superfícies são tão brilhantes e brancas que tenho de semicerrar os olhos para conseguir ver tudo.

— É aqui que são as aulas de esgrima? — Olho de relance para o Braxton, mas ele está a gesticular para eu seguir em frente. A sala seguinte parece um teatro. Há um grande palco redondo no centro da sala e algumas filas de cadeiras de ar confortável em redor.

— E deve ser aqui que o elenco da peça da escola se reúne para os ensaios... — Quando Braxton me ignora, digo: — Pensei que estivesse aqui para responder às minhas perguntas.

— Então, faz-me uma pergunta a sério — replica ele, continuando pelo corredor fora.

— Isto é um Picasso verdadeiro? — Aponto para uma pintura que reconheço da aula de Artes Visuais do 10.º ano.

— Um de muitos — confirma o Braxton, assentindo. — E caso tenhas curiosidade em saber, as paredes estão cobertas pelo gesso veneziano mais caro que existe.

Não querendo parecer muito impressionada, passo a mão pela parede e digo:

— E, ainda assim, parece feita de cimento. Além disso, este lugar não perdia nada se tivesse mais uma janela ou duas. Quero dizer... — Carrego sem querer num leitor biométrico, fazendo um alarme soar. — Bem, suponho que seja proibido entrar neste quarto. — Solto um risinho, tentando disfarçar o quão envergonhada estou, mas o Braxton nem repara.

— Tens de pensar em Gray Wolf como uma pequena cidade — diz-me ele. — Tem tudo aquilo de que possas precisar sem nunca ser necessário sair daqui.

— Isso é porque ninguém *pode* sair daqui? — Lanço-lhe um olhar de soslaio. Considerando a localização remota da ilha e as muralhas da fortaleza, a minha afirmação não deve estar assim tão longe da verdade.

Viramos uma esquina e ele encaminha-me para outro longo corredor.

— Tu falas disto como se isto fosse uma prisão — diz.

— Pois. E não é?

— Não podes estar a falar sério. — Solta uma gargalhada e gesticula em direção aos pisos de mármore reluzentes, aos quadros antigos em molduras douradas pendurados nas paredes, aos candelabros de cristal, ao intrincado mural de anjos gloriosos e demónios assustadores envolvidos na batalha do bem contra o mal retratada no teto abobadado.

— Pronto, tudo bem... — concordo. — Portanto, não é propriamente uma prisão, é mais um globo de neve de luxo. De qualquer

forma, não há maneira viável de escapar.

O Braxton estaca e sua disposição parece ter ficado muito séria.

— Esta agora é a tua casa — diz ele, o tom autoritário a não bater certo com o olhar rápido que ele lança por cima do ombro, como se estivesse preocupado com a possibilidade de alguém poder estar a ouvir. — E quanto à tua antiga casa, tens de a esquecer. Nunca mais podes lá voltar.



Capítulo 27

Nunca mais podes lá voltar.

As palavras do Braxton repetem-se na minha mente.

— Nunca é mesmo muito tempo — consigo por fim dizer, tentando não mostrar como estou em pânico depois daquelas palavras. — E não gosto mesmo nada de me sentir presa.

Ele olha para mim com ar triste.

— Tens de parar com isto — aconselha ele. — Tens de encontrar uma forma de te adaptares.

— Foi isso o que fizeste?

Ele cerra a boca com tanta força que os lábios ficam brancos.

— E quanto tempo exatamente é que isso levou? — interrogo. — Quanto tempo levou até *tu* desistires de lutar?

O Braxton fecha os olhos e suspira. Quando os abre, diz:

— Tu assumes que eu tinha uma vida pela qual valia a pena lutar. — As palavras fluem-lhe suavemente, mas ecoam através de mim como se tivessem sido gritadas.

Olho para os meus pés, envergonhada por me comportar como se soubesse alguma coisa sobre ele. Eu, mais do que ninguém, não devia ter agido assim.

Caminho em silêncio ao lado dele, e o Braxton realça as obras de arte mais importantes e enumera uma lista de factos sobre a academia.

O *campus* cobre vários quilómetros quadrados.

Acolhe quase uma centena de pessoas — alunos, professores e diferentes funcionários.

Mas nem presto atenção. A minha mente viajou para o passado, lembrando-me do quão envergonhada eu me costumava sentir quando não podia reembolsar a Elodie pelas exposições ostensivas de generosidade. Mas agora sei que não era nada como o que pensava. Ela fora financiada pelo Arthur desde sempre, os dois a conspirar contra mim.

— Tu sentes-te culpado — digo, interrompendo o monólogo do Braxton sobre as diferentes características arquitetónicas e tecnológicas do edifício. Embora não tivesse pensado a fundo nisso, sei que é verdade. — Tu sentes-te culpado por me trazeres para aqui. É por isso que te estás a esforçar tanto: o café, os *croissants*, a visita guiada.

Lembro-me de quando ele pediu desculpa na doca, mesmo antes de embarcarmos no barco (que eu achava que me levaria à morte certa). Claramente, está em conflito sobre o papel que desempenhou.

Ele para e olha para mim, os braços caídos a seu lado, mirando-me com um olhar surpreendentemente aberto, os olhos azuis como o mar.

— E suponho que não sou a primeira pessoa que trazes para cá — acrescento.

A boca dele torna-se rígida. A mandíbula contrai-se ligeiramente. Mas, mais importante do que isso, ele começa a mexer no anel — um sinal claro de que estou certa relativamente a alguma coisa.

É um jogo de arqueologia emocional, e estou prestes a desenterrar a verdade dele.

— O que tenho curiosidade em saber é por que razão alinhaste isso. Quer dizer, já que tu és o que...

— Sou o quê? O que decide? — O seu tom é mais áspero do que eu esperava, embora o sotaque elegante soe claro. Passa a mão pelo cabelo e lança um olhar para o corredor antes de continuar. — Mandaram-me fazer um trabalho e eu fi-lo. Achas que és a única com um pai que recebe dinheiro do Arthur?

Engulo em seco. O meu olhar permanece firme no dele, mas, por dentro, sinto-me nervosa, tensa.

— Tudo bem. — Ele respira fundo. — Queres mesmo saber porque estás aqui? Além do facto de teres *escolhido* estar aqui? — O olhar dele fixa-se no meu. — É porque estavas deliberadamente a falhar, tanto na escola como na vida. E, além disso, não tinhas ninguém que estivesse disposto a salvar-te de ti mesma, apesar de fazeres tudo o que podias para os salvar.

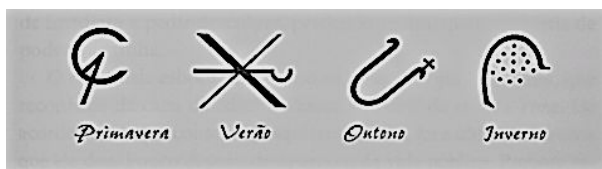
A verdade penetrante daquelas palavras dilacera-me o coração, deixando-me destroçada.

— Todos os alunos aqui têm uma história semelhante — prossegue ele, adotando um tom de voz muito mais suave. — Mas aprendemos a lidar com isso, e sugiro que faças o mesmo.

Tenho a barriga às voltas e sinto uma dor aguda no peito. E embora tivesse razão sobre o Braxton se sentir culpado, já não tenho a certeza se valia o preço de o confirmar.

— Estamos muito atrasados — diz ele. — Por isso, vamos só fazer uma visita rápida às salas que irás usar mais.

Sigo-o em silêncio, admirando a estranha justaposição entre o antigo e o moderno da academia — as obras de arte clássicas que revestem as paredes e a tecnologia avançada em que tudo funciona com um mero toque de botão. Depois de me mostrar as duas salas de jantar e duas salas de descanso, cada uma assinalada com os respetivos símbolos alquímicos sobre cada porta:



O Braxton vira-se para me acompanhar até a minha primeira sala de aula. Nesse momento, o telemóvel dele começa a vibrar.

Ele olha para o ecrã e diz:

— O Arthur quer reunir-se contigo na Sala Primavera para o almoço.

O meu estômago começa a dar voltas. Isto não pode ser bom.

— Mas, e se eu não estiver com fome? — pergunto.

— Acho que o objetivo não é esse.

Observo o rosto do Braxton, tentando entender o que está a acontecer, mas não consigo descortinar.

Embora saiba que existem centenas (talvez até centenas de milhares) de pessoas que matariam por um encontro privado com o Arthur Blackstone, não tenho propriamente uma aplicação para lançar ou um produto para vender, logo, não me incluo entre elas.

— Vamos lá — diz o Braxton. — Rápido! — Ele começa a levar-me para a Sala Primavera, mas como não é longe, acho que sou capaz de ir sozinha.

— Não te preocupes, eu vou — garanto, tentando parecer mais confiante do que me sinto. — A sério, eu vou sozinha.

Ele olha para mim com ar preocupado.

— Vai correr tudo bem — tranquiliza-me ele. — Tenho a certeza de que não vai ser como tu estás à espera que seja.

— E eu nem faço a mínima ideia do que esperar... — murmuro para mim mesma, caminhando pelo corredor fora.



Capítulo 28

Quando entro na Sala Primavera, fico surpreendida ao ver o Arthur já sentado numa mesa perto do canto da sala.

Pensei que ele fosse como um daqueles executivos poderosos que estão sempre atrasados no mínimo 15 minutos, com o único objetivo de fazer com que todos esperem, para saberem quem manda.

Mas quando começo a correr em direção a ele, as minhas sapatilhas a chiar tão alto que até me encolho com o som, percebo que o Arthur descobriu uma estratégia muito melhor. Por ser o primeiro a chegar, isso deixa-me tão alterada e inquieta que começo de imediato a pedir desculpas, perdendo, assim, qualquer réstia de poder que tinha.

O rosto dele esboça um sorriso enigmático, tipo Mona Lisa, que reconheço da capa da edição “Pessoa do Ano” da revista *Time*. De acordo com o que consegui pesquisar no avião, foi a última entrevista que ele deu. Pouco depois, desapareceu da vida pública. Embora esteja disposta a apostar que esteve aqui escondido o tempo todo.

A questão é: Porquê?

Ele inclina-se para frente, pousando os braços na mesa.

— Espero que não te importes — começa ele —, mas tomei a liberdade de pedir por ti.

Claro que pediste. Sinto-me tentada a revirar os olhos, mas decido apenas assentir. Ao contrário da noite de ontem, quando tive de me obrigar a conter todas as coisas horríveis que queria dizer, agora,

sentada sozinha com ele nesta sala de jantar grande e vazia, as palavras simplesmente não saem.

— Tenho a certeza de que tens muitas perguntas — continua ele.
— E agora é a tua oportunidade de obteres algumas respostas.

Engulo em seco, olho para a toalha de linho branca, os talheres de prata reluzentes, o cálice de água cristalina com a mais fina fatia de limão a flutuar à superfície.

— Porque é que se chama Sala Primavera? — pergunto, reparando que, apesar de a decoração ser agradável, não há nada que a diferencie das salas Inverno, Verão ou Outono.

O Arthur acena com a mão, mostrando um olhar divertido, e assim que o faz, a luz aquece como o sol, o canto de pássaros soa de todos os lados, um holograma de um rio cintilante alinhado com cerejeiras serpenteia pelas mesas e uma borboleta pousa no meu garfo.

A visão é tão incrível que sustenho a respiração.

— Podes tocar-lhe. Experimenta — incentiva ele.

Olho para o Arthur e para a borboleta. Depois, hesitante, toco-lhe no topo da asa com a ponta do meu dedo e sinto uma vibração reverberar por todo o meu braço até ao ombro. Uns momentos depois, a borboleta voa em direção a um campo de tulipas de um vermelho brilhante.

— Como é que isto é possível? — Olho fixamente para a borboleta.

O Arthur estreita os olhos.

— Tenho a certeza de que vais ver muitas coisas em Gray Wolf que roçam o limiar do impossível. — Os dedos dele brincam com o anel de que usa na mão direita. Ao contrário do Braxton, não é um sinal de nervosismo. Acho que ele quer que eu repare.

Confirma-se a minha hipótese quando ele me apanha a olhar para o anel e mo oferece para que o possa ver mais de perto.

O anel é dourado, grosso, todo ornamentado e com um rubi brilhante colocado no centro.

— Pertencia a Eduardo, o *Príncipe Negro* — revela ele.

— Porque é que se chamava assim? — pergunto. Não é uma das questões que eu pretendia fazer. Por outro lado, mostrar interesse

nos tesouros do Arthur é, provavelmente, o mais acertado a fazer.

— Algumas pessoas dizem que era por causa da sua distinta armadura e escudo pretos. Embora existam outras teorias, claro.

Não faço ideia do que ele está a insinuar. Nunca tive muito interesse em História.

Embora seja irónico que, por ter escolhido faltar à aula de História para poder sair com a Elodie, tenha acabado aqui.

Devolvo o anel e ele coloca-o novamente no dedo.

— Parece o tipo de coisa que se vê nos museus. — Pego no meu copo de água e dou um gole, ainda que não esteja com sede.

— Já foste ao Louvre? — pergunta o Arthur.

Levanto o olhar, surpreendida. Certamente, ele já estará a par de todos os detalhes da minha vida aborrecida. Mas respondo:

— Visitei o *website* deles algumas vezes.

Os olhos dele brilham de forma incognoscível e arregaça as mangas da camisola *bordeaux*, mostrando os pulsos nus. Surpreende-me constatar que ele não está a usar um relógio caro. Por outro lado, para um homem como o Arthur Blackstone, rei deste castelo (se não de todo o planeta Terra), o tempo é dele para comandar.

— Talvez um dia vás a Paris e vejas o Louvre — diz ele.

Encolho os ombros. Quer dizer, claro que espero visitar montes de lugares algum dia. Mas vendo onde estou agora, é como sonhar com uma viagem à Lua.

— Talvez eu possa propor uma visita de estudo da Academia Gray Wolf até lá — brinco, soltando um ronco estranho, do qual me arrependo, até o Arthur se juntar a mim com uma gargalhada forte e genuína.

— Ah, tenho a certeza de que podemos fazer muito melhor do que isso — reage ele, continuando a rir baixinho para si mesmo.

E apesar de ser bom pensar que o consegui divertir, e embora vê-lo a rir ajude a humanizá-lo, não posso deixar de me preocupar com a possibilidade de haver algo mais por detrás disso. Porque a julgar pelo brilho escuro nos olhos dele, tenho a nítida sensação de que a verdadeira piada é sobre mim.



Capítulo 29

Somos servidos por um *chef* francês.

Ele também é baixo, encorpado e usa uma jaqueta de *chef* branca, um lenço de pescoço azul-marinho e um toque de *chef* branco tão afundado na cabeça que fico com a impressão de que a cara dele se resume a umas sobrancelhas farfalhudas cinzentas, um nariz largo, um bigode encaracolado. Assemelha-se tanto a um *chef* que vi num filme de desenhos animados que até me questiono se ele, tal como a borboleta, não é real.

— Não te habitues a almoços destes — brinca o Arthur. — Este não é o menu normal.

Embora eu não faça a mínima ideia da razão por que ele se esforça tanto por me impressionar, foco-me na refeição, e a cada garfada deliciosa que dou só consigo pensar em como o Mason adoraria este almoço.

O Arthur levanta o seu copo de vinho.

— Eu até te oferecia um copo — diz ele. — Mas tendo em conta que ainda tens algumas aulas pela frente...

— Já que fala sobre isso... — Pouso o meu garfo, determinada a mostrar ao Arthur que o que quer que esteja a acontecer aqui, o que quer que esta academia seja, eu não sou uma boa candidata. — Sinceramente, acho que não fui feita para isto. Seja *isto* o que for.

— Como assim? — Ele gira o copo, observando o vinho a rodopiar. Depois, bebe um gole de vinho e, parecendo gostar, bebe mais um.

— Bem, depois de ver o meu horário e todos aqueles testes de aptidão, acho que o melhor a fazer é ir-me embora antes de que o Arthur perca mais tempo ou dinheiro...

— Tu tomas-me mesmo por parvo?

Pela primeira vez desde que a comida chegou, o Arthur parou de comer, parou de beber, parou de mexer no garfo e na faca, para se concentrar totalmente em mim. E isto tudo faz-me desejar não ter dito nada.

— Achas mesmo que eu me daria ao trabalho de te trazer para aqui se achasse que não tinhas nada para me dar em troca?

Engulo em seco. A minha respiração torna-se tensa.

— Não. Claro que não. Só quis dizer...

— Acredita no que te digo, já vi de tudo. — Faz um gesto com a mão e as cerejeiras, o rio cintilante e as borboletas desaparecem. O que não deixa nada com que me distrair do olhar cansado dele e da ferocidade séria por detrás de cada palavra. — Sabes como é que consegui tornar-me tão bem-sucedido?

Mexo nervosamente no guardanapo. Deve ser uma pergunta retórica.

— Não foi por ser um génio da tecnologia, ou uma criança-prodígio, ou qualquer outra história que possas ter ouvido. Foi porque eu uso os meus olhos para ver.

Paro de mexer no guardanapo. Não faço ideia do que isso significa. Quer dizer, não usamos todos os olhos para ver?

— Fui proclamado como um futurista, um sonhador, um génio... — Faz um gesto, como se apagasse os elogios como alguém que sacode uma mosca. — E isso faz-me sempre lembrar da citação de Schopenhauer: *O talentoso atinge um alvo que ninguém mais consegue atingir. O génio atinge um alvo que ninguém mais consegue ver.*

Engulo em seco. Coloco uma mão na minha barriga para a tentar acalmar.

— O que realmente me separa de todas as outras pessoas não é a pontuação num teste de QI. O que me diferencia da horda é a minha visão. — Ele estreita os olhos e observa-me. — Já ouviste falar no fenómeno das naves invisíveis?

Abano a cabeça e bebo um gole de água, nervosa.

— Dizem que quando o Capitão James Cook chegou à costa da Austrália, em 1770, os nativos ignoraram por completo a sua chegada, pois por nunca antes terem visto um navio, foram literalmente incapazes de perceberem aquele navio que apareceu na costa. De acordo com o diário do capitão, nenhum nativo sequer olhou para cima.

— Isso é verdade? Porque, sinceramente, parece-me bastante implausível. Quer dizer, talvez os nativos tenham visto o navio e não ficaram lá muito impressionados com o que viram. Para mim, o Cook ficou irritado por eles não terem parado o que estavam a fazer para admirar o barco dele. Na melhor das hipóteses, é mesquinho. Na pior, é completamente racista.

O Arthur assente.

— Ouvi a mesma história ser atribuída a Colombo, em 1492, e a Magalhães, em 1520. E pelo que sei, provavelmente tens razão. É mais um mito grosseiramente exagerado usado para servir a narrativa deles. Ainda assim, embora a história não esteja correta, a mensagem é clara: a maioria das pessoas abre *realmente* mão da visão logo no início. Só se permitem ver o que as outras pessoas dizem que é possível ver. Mas sempre fui diferente. Desde tenra idade, tenho olhado para o mundo através de uma lente profundamente curiosa e desafio-me regularmente a ver para lá das percepções sociais aceites. Graças à minha vasta coleção de arte, o meu olho para a beleza é reconhecido em todo o mundo. Mas o que a maioria das pessoas não entende é que a minha visão supera tudo o que elas se atrevem a imaginar. E tudo começa aí.

Ele inclina-se para trás na cadeira, levanta o copo de vinho no ar e depois dá um gole lento e pensativo, dando-me tempo para processar aquelas palavras.

Mas, sinceramente, nem todo o tempo do mundo é suficiente.

— D-Desculpe... mas não entendo — gaguejo, envergonhada pela minha incapacidade de compreender o que ele está a dizer. Sinto-me como uma parola, como se não pertencesse, de todo, a este lugar. Não é habitual eu ter conversas como esta nem, na verdade, usar mais do que um garfo para as minhas refeições. Claramente, ele consegue ver isso. Mas então, porque insiste em manter-me aqui?

— É claro que não entendes — concorda ele. — Tudo aqui é

novo e desconhecido, e as tuas competências também têm se ser desenvolvidas. Por isso, em vez de dares tempo para te adaptares aqui, criaste uma versão idealizada do teu passado e convenceste-te de que essa versão é a verdadeira.

O olhar penetrante e a sobrancelha ligeiramente levantada dizem-me de que ele não se vai deixar enganar. Nem por mim nem por ninguém.

— Construíste uma história da carochinha na tua cabeça — continua ele —, mas diz-me lá, se eu fizesse o que tu querias e te mandasse de volta para casa, tu estarias a voltar para quê? Vá, fecha os olhos e diz-me o que vês.

Faço o que ele diz. Quer dizer, pelo menos fecho os olhos. E mesmo que eu não tivesse intenção de examinar meu passado (basicamente, tudo o que ocorreu até ontem), uma série de imagens começa a percorrer o meu cérebro. Isto é o que eu vejo:

Tenho saudades do Mason.

Tenho saudades da versão da minha mãe que morreu no dia em que o meu pai foi embora.

E é basicamente isso.

Os meus olhos começam a arder. Por isso, espero alguns segundos até os abrir novamente. O Arthur pode ter visto o meu interior, mas recuso-me a deixá-lo saber o quão profundamente me afetou.

— Nunca te esqueças de que, de todos os possíveis candidatos, eu escolhi-te. — O tom dele é mais tranquilo, agora que me manipulou. — E, por causa disso, foste admitida num mundo que nunca pensaste ser possível existir, onde tens acesso a tudo o que alguma vez pudeste querer... incluindo todas as coisas que nem sabias que querias porque a tua vida lá fora era tão pequena que atrofiou a tua visão. Gray Wolf não é apenas um lugar de luxo e de beleza sem-fim, é um lugar onde vais transcender todos os teus limites preconcebidos e, ao longo do tempo, entenderás que a melhor coisa do passado é podermos escolher as partes que nos convêm e descartar tudo o resto.

O máximo que posso fazer é pestanejar e respirar. É muita coisa para assimilar, e tenho a certeza de que o Arthur prefere que eu não o interrompa.

— Tens algo de muito especial, Natasha. Um dom muito raro

que só agora estás a descobrir. E vou ajudar-te a aprimorar e a transformar esse dom em algo verdadeiramente notável.

Os meus dedos brincam nervosamente com o quadrado de linho que tenho pousado no colo. Encho-me de coragem e pergunto:

— E o que quer em troca?

Olho para ele, hesitante. O Arthur faz uma pausa para saborear o vinho. É a mesma pergunta que fiz ao Braxton. Mas depois de ouvir o Arthur, estou convencida de que ele espera tirar muito mais proveito deste acordo do que apenas a emoção de ver uma fracassada a atingir o seu potencial máximo.

— Quer dizer, é um compromisso muito grande, por isso o Arthur deve estar à espera de algo em troca por toda a sua... generosidade, certo?

Vejo-o a pousar o copo na mesa, colocando-o à direita do prato. A forma como se comporta é tão precisa, tão deliberada, que me faz lembrar o velho ditado: *Como fazemos qualquer corsa é como fazemos tudo*. E sei que, no que diz respeito ao Arthur, tudo sobre este almoço foi orquestrado para nos trazer a este momento. Ele conduziu-me habilmente para este porto, e eu nem me apercebi de que até já estava atracada.

O Arthur faz uma pausa e olha fixamente para mim.

— Em troca — diz ele tu vais ajudar-me a atingir a minha maior ambição.



Capítulo 30

Sento-me em silêncio diante do Arthur, desejando nunca ter feito aquela pergunta. Este é um homem que conseguiu fazer mais coisas durante a sua vida do que praticamente qualquer outra pessoa no planeta. O que pode ele querer mais? E o que poderá uma falhada como eu ter para lhe oferecer — que papel acha que posso desempenhar?

— E, hum... o que é isso exatamente? — interrogo, incapaz de esconder o meu nervosismo. — Qual é a sua maior ambição, se não se importa que eu pergunte?

Em segundos, as feições duras e angulares do Arthur suavizam-se e ele foca-se num qualquer horizonte distante, visível apenas para ele.

— Em breve — responde ele, recostando-se na cadeira —, descobrirás o que realmente fazemos aqui em Gray Wolf. Mas ainda é cedo.

Quando volta a olhar para mim, a expressão dele demonstra tanta fé nas minhas capacidades que subitamente estou disposta a fazer o que for preciso para exceder as expectativas ridiculamente altas que estabeleceu para mim.

E, no entanto, também temo o dia em que eventualmente provarei que não sou nada mais do que alguém terrivelmente comum.

Porque se há uma coisa que sei com certeza, é que esse dia chegará.

Se eu fizesse um gráfico da minha vida até agora, esse gráfico

consistiria numa inclinação gradual (embora nada impressionante), seguindo-se um declínio repentino e dramático que, em última análise, se estabiliza numa linha plana longa e consistente — que apenas um milagre pode reavivar.

Será que esse milagre é Gray Wolf?

O Arthur, claramente, pensa que sim.

Quanto a mim, nunca fui pessoa de ter muita esperança.

— Por agora — continua o Arthur —, porque não te ambientas e aprendes o processo à medida que ele se desenrola?

Eu sei que a pergunta era hipotética, mas na minha cabeça, a resposta vem rapidamente: *Porque posso não gostar do que vier a descobrir.*

Olho para o Arthur, prestes a responder, quando as luzes começam a piscar e o chão começa a tremer.

Estaco. *Por favor, não, que não seja outra Revelação.* Nunca aconteceu duas vezes num dia. Antes de ver a pessoa a desaparecer no labirinto, haviam passado anos desde a última vez que a realidade se desmoronou e eu fui obrigada a ver a verdadeira razão pela qual meu pai se foi embora.

Foi depois da escola, e imediatamente após entrar em casa, fui à despensa buscar algo para lanchar. Quando as luzes fluorescentes começaram a piscar, nem liguei. Só quando o chão começou a tremer e ouvi duas vozes a falar alto é que me virei e vi os meus pais ao lado da banca da cozinha.

Chamei-os, mas eles agiram como se eu não existisse. E embora eu estivesse habituada a vê-los a discutir, fiquei impressionada com o quão mais jovens pareciam — os rostos eram lisos e não tinham rugas.

Concentrei-me na mão trémula da minha mãe e no teste de gravidez que ela segurava. O queixo dela estremecia e os ombros tremiam, e o meu pai estava à frente dela, o rosto angustiado.

Levei uns minutos até perceber que era eu a bebé que fizera aquelas linhas aparecerem naquele pauzinho. E o olhar de tormento do meu pai era a única prova de que eu precisava para saber que tinha sido indesejada desde o primeiro momento em que ele soubera da minha existência.

— Natasha. — O som da voz do Arthur acorda-me do meu devaneio. — Estás bem?

Abro os olhos, vejo os meus dedos agarrados à borda da mesa e constato que a sala que me rodeia continua inalterada.

— Gray Wolf alberga a tecnologia mais avançada do mundo. Gera enormes quantidades de energia, o que, às vezes, resulta no tipo de efeitos que acabaste de experienciar. Eventualmente, vais ficar tão habituada a isso que nem notas.

Assinto, envergonhada, e murmuro alguma desculpa sobre não ter dormido bem, mas basta-me ver o olhar dele para perceber que sabe que estou a mentir.

Ele atira o guardanapo para cima do prato e levanta-se da mesa.

— Vamos lá — diz.

— Para onde?

O Arthur observa-me com um olhar estranho que não consigo descortinar.

— Parece-me que estás pronta para avançar nos teus estudos.



Capítulo 31

O Arthur encaminha-me para fora da Sala Primavera e passamos por um grupo de alunos no corredor.

É o maior número de pessoas que vi desde que cá cheguei e grande parte tem mais ou menos a minha idade. Rapidamente se torna óbvio que o Braxton tinha razão — de facto, toda a gente usa a camisola da academia e a minha é a única verde. A maioria das outras são azuis.

Por isso, é mesmo como tinha pensado: o verde é para os novatos.

Vejo a Song no meio da multidão, está ao lado de um rapaz que também reconheço: o Finn. Aceno-lhes com a mão e eles acenam de volta. Reparo que ficam a olhar para nós e a Song põe-se em bicos de pés para dizer algo ao ouvido do Finn.

A forma como nos observam, olhando para mim e depois para o Arthur, faz-me lembrar como os miúdos populares reagiam sempre que a Elodie se dignava a vir falar comigo na escola. Os olhares deles a perscrutarem-me, a procurar pistas, a tentar resolver o mistério: *O que tem ela de tão especial?*

Agora, mais do que nunca, preciso de uma resposta. Porque o facto de saber que o Arthur apostou em mim para realizar o seu maior sonho me deixa extremamente nervosa.

O Arthur leva-me por outros corredores que ainda não tinha visto e quando chegamos ao fim de um deles, dá um toque num aparelho que tem no ouvido que eu nem sequer tinha reparado que lá estava e diz:

— Tenho comigo a Natasha Clarke. Ela está pronta para avançar no programa.

Embora ele não seja alguém especialmente alto ou largo, quando se vira para me encarar, emana uma presença tão forte que parece que se assoma sobre mim.

Tenho borboletas na barriga. Sinto cócegas na parte de trás da garganta. Quero dizer-lhe que não estou pronta para avançar em nada, mas, prevendo que ele não vai aceitar isso muito bem, digo:

— Hum, na verdade, costumam chamar-me Nat.

O Arthur observa-me durante uns momentos. E posso estar enganada, mas acho que lhe vejo um vislumbre fugaz de compaixão nos olhos — até que esse vislumbre desaparece por completo.

— Não — diz ele, num tom inequívoco. — Agora já não.

Assinto, a medo, e olho fixamente para o chão, questionando-me se sempre será possível realizar o sonho da minha mãe e ser a Natasha que ela queria que eu fosse.

A porta abre-se. O Arthur vai-se embora.

E assim que entro pela porta, a luz de um único holofote brilhante ilumina-me.



Capítulo 32

— Natasha?

Semicerro os olhos e assinto. Levanto a mão para proteger os olhos do brilho e dou um passo hesitante em frente.

— Desculpa lá — diz uma voz. A seguir, a luz fica mais fraca e já não preciso de tapar a cara. — Porque é que não entras para eu me apresentar.

Caminho para a frente da sala, tendo cuidado ao contornar uma réplica de uma carruagem, daquelas que se veem em filmes históricos. Nesse momento, a voz diz:

— Ah, não te preocupes, são hologramas. Podes passar pelo meio deles.

— Isto é um holograma? — Olho espantada para a projeção. — Mas parece tão real... tão... 3D. — Estendo a mão para lhe tocar, mas a imagem desaparece.

— Essa ainda não está completamente pronta. Mas estará, em breve.

Olho para cima e vejo um homem parado à minha frente, segurando um *tablet* da grossura de um cartão de crédito. Tal como o telemóvel do Braxton, deve ser umas quantas gerações à frente dos que se vendem nas lojas. O homem dá uns quantos toques no *tablet* e a sala fica vazia, sobrando apenas duas cadeiras, uma planta no canto da sala e pouco mais.

— Sou o Hawke — apresenta-se ele, colocando o *tablet* debaixo do braço e estendendo a mão.

— Nat... Natasha — digo, esperando que ele não tenha reparado que me enganei a dizer o meu próprio nome.

— É o teu primeiro dia? — Ele vira-se e gesticula para eu o seguir.

— O que é que me denunciou? A camisola verde? — Faço cara feia e ando mais rápido para o acompanhar.

— Sim, a camisola e esse olhar de puro terror que tens na cara. — Ele senta-se e faz sinal para eu também me sentar.

— Há quanto tempo trabalhas aqui? — pergunto. O Hawke está entretido a mexer no *tablet* e aproveito para o observar. Só agora o posso fazer, pois daqui a nada ele estará focado em mim.

O cabelo dele é cor de areia e tem algumas mechas loiras perto da testa. É também ondulado e longo, como se já não cortasse o cabelo há muitos meses. E a pele branca emana um brilho bronzeado que me faz questionar se por aqui algures, neste sítio frio e ventoso, existe um solário ou algo do género.

À primeira vista, sinto-me tentada a rotulá-lo como um daqueles tipos de 20 e poucos anos, génios da tecnologia que usam camisolas com capaz, vindos de Silicon Valley. Só que ele usa uma camisa de ganga azul, em vez de uma camisola com capuz, e o sotaque dele soa mais à costa leste do que ao norte da Califórnia.

Quando ele desliza o *tablet* por baixo da perna e olha para mim, reparo que os olhos dele são azuis — mas não do mesmo azul tempestuoso dos olhos do Braxton. Os olhos do Hawke são muito mais claros e o seu sorriso é agradável, mostrando uma abertura entre os dentes da frente.

— Há quanto tempo estou aqui? — A expressão dele torna-se pensativa, inclina a cadeira para trás e olha para o teto como se a resposta estivesse escrita por entre as filas de luzes. — Conheces a teoria do tempo de Einstein?

Cerro os lábios, preocupada com a possibilidade de o teste já ter começado.

— É tudo relativo — diz ele, sorrindo. Baixa as pernas dianteiras da cadeira e solta uma pequena gargalhada. — Mas, se queres mesmo saber, suponho que seja há uns sete anos ou isso.

— Supões? — Não consigo evitar dizer isto, pois é uma forma

muito estranha de responder. Tipo, quem é que não sabe há quanto tempo trabalha e vive num sítio?

— Bem, presumo queiras passar já para a parte interessante? — Ele inclina a cabeça para o lado e estreita os olhos.

Encolho os ombros. Adoto uma postura desleixada na minha cadeira. Depois, reparando na impressão descuidada que estou a projetar, endireito as costas, cruzo as pernas e digo:

— Para ser honesta, não faço a mínima ideia do que estou aqui a fazer.

O Hawke olha-me atentamente, não dando qualquer pista sobre o tipo de conclusão que está a tirar.

— Hum. OK... — Pega novamente no *tablet*. — Uma pergunta... Sabes montar a cavalo? — Ele mexe no *tablet* e espera que eu responda.

Hum, o quê?! Abano a cabeça.

— Sabes falar alguma língua? És boa a fazer sotaques diferentes? Olho para o *tablet* e depois para ele.

— Hum, tive dois anos de Francês no secundário? — A minha resposta sai, inadvertidamente, em forma de pergunta, como se eu não tivesse a certeza e esperasse que ele o confirmasse. — Ah, e além de saber fazer uma imitação perfeita da líder das *cheerleaders*, não tenho qualquer dom para sotaques. — Foi uma tentativa para aligeirar o ambiente, mas apenas recebo silêncio e alguns toques no *tablet*.

— E jeito para atuar? Já tiveste algum papel numa peça da escola, algo do género?

Outro não. *Que raio de perguntas são estas?*

— Sabes empunhar uma espada? Algumas vez tiveste aulas de esgrima?

Olho para o chão. A sala é fixe, mas estou a começar a suar.

— Hum, empunhar uma espada? — Encolho os ombros, horrorizada com a rapidez com que estou a reprovar neste teste. E apesar de ter achado que queria ir para casa, depois do meu almoço com o Arthur, já não sei se essa é uma opção viável. E, se for, então já não tenho a certeza se quero.

— E como és a resolver quebra-cabeças, criptologia, coisas desse género? — O olhar dele é vazio, a voz emana pouca esperança.

Parece que estou a ficar sem ar. Faço um sorriso forçado, suplicante. É uma tentativa desesperada de dar a volta às coisas, mas o Hawke olha para mim com a mesma expressão entediada.

— Bem — diz ele, descruzando as pernas. — Acho que já sei como vieste aqui parar. Eu sou a tua última oportunidade.

Olho para ele com um olhar assustado, mas ele ri-se.

— Não te preocupes — tranquiliza-me ele. — Estás em boas mãos. Estás prestes a aprender tudo o que precisas de saber com o verdadeiro mestre.

Ele volta a mexer no *tablet* e eu não posso deixar de pensar no quão presunçoso foi aquele último comentário. Tipo, a *sério*? Este tipo é mesmo cheio de si.

— Pronto, vou deixar-vos a sós, então. — Ele levanta-se da cadeira e começa a ir embora.

— Espera, o quê?! — Olho entre a cadeira vazia e depois para ele.

— Ah, e não te esqueça de tomar notas! — Sem sequer olhar na minha direção, ele desaparece.

Estou prestes a ir atrás dele quando as luzes se apagam e Albert Einstein, ou pelo menos um holograma estranhamente realista de Einstein, puxa a cadeira e diz:

— Então, Natasha, que tal começarmos pelo início?



Capítulo 33

Em Gray Wolf, muda-se de roupa para o jantar.

Sei que assim é por causa do cartão que dizia precisamente isso e que foi enfiado por baixo da minha porta.

Embora não tenha a certeza de até que ponto me encaixo neste no mundo onde “mudamos de roupa para o jantar”.

Uso um dos vestidos de gala pendurados no meu roupeiro?

Ou uso um daqueles mais simples — mas ainda assim bonitos — pendurados ao lado desses?

Escolho um visual *vintage* ou algo mais moderno?

O meu guarda-roupa está cheio de coisas por onde escolher.

Não querendo parecer que me estou a esforçar demasiado, pego num vestido Dior azul-marinho, bonito e discreto. Talvez esta cor possa enviar uma mensagem subliminar de que, depois de ter passado quase a tarde toda a ter conversas profundas com Einstein, Stephen Hawking, Michio Kaku, entre outros físicos notáveis, vivos e mortos, já estou pronta para passar da equipa verde para a equipa azul.

Mas quando estou prestes a pegar no cabide, reparo num lindo vestido verde-esmeralda. Há uma estola de pelo falso ao lado do vestido e umas botas Jimmy Choo por baixo.

Até tenho dificuldade em respirar. É uma réplica exata da roupa que descrevi no meu último dia na escola, quando o Mason e eu jogámos aquele jogo.

Mas como é que o Arthur poderia saber? Será que ele pirateou o microfone do meu telemóvel? E, se sim, que mais ouviu ele?

Passo um dedo pelo vestido. É feito de uma seda pesada e de alta qualidade. Aqui não há *fast-fashion* nem imitações de poliéster. Pego nos dois vestidos e coloco-os à minha frente ao espelho, primeiro um e depois o outro, tentando perceber se isto é algum tipo de teste. Nesse momento, batem à minha porta.

— Olá, Natasha, é a Song — diz ela do outro lado da porta. — Pensei que talvez quisesse descer comigo. Eu sei que é a tua primeira noite, aliás, o teu primeiro jantar, e...

Ainda com os dois vestidos na mão, abro a porta.

— Esse. — Ela aponta para o vestido mais simples. — Sem dúvida.

— Presumo que já tenhas estado na Sala Inverno, não? — A Song caminha a meu lado, os seus saltos altos prateados a baterem contra o chão de pedra.

Usa uma maquilhagem minimalista e tem os longos cabelos pretos arranjados num coque solto, veste um vestido curto de tule quase do mesmo tom de azul dos brincos que usa em cada orelha. Tem ao pescoço um belo colar de cristal que cria um efeito tão glamoroso como despreocupado, e fico a pensar se fiz mal em pôr batom vermelho mesmo antes de sair, ainda que a Song o tenha encorajado.

Endireito nervosamente a minha estola e passo a língua pelos dentes de cima. A Song para de andar, agarra o meu braço e diz:

— Para com isso. Estás linda.

Sinto-me a corar. Estou envergonhada pelo quanto precisava que alguém me dissesse isso.

— Tudo aqui é tão diferente — começo por dizer. — Em minha casa, nunca mudávamos de roupa para as refeições. Aliás, nunca vestíamos roupa bonita para nada.

Ela olha para o fundo do corredor, com ar preocupado. Ao ver que não há ninguém por perto, os seus olhos negros fixam-se nos meus.

— Quanto mais cedo deixares de pensar na tua casa, mais fácil será adaptares-te.

À primeira vista, parece um bom conselho, mas não consigo deixar de pensar que há um aviso ali pelo meio.

Ela ainda está a olhar para mim, e quando assinto, ela solta-me o braço e continuamos a andar.

— Posso perguntar-te há quanto tempo estás cá? — interrogo.

Ela continua a olhar para a frente, o rosto completamente inexpressivo.

— Poder, podes — responde ela, por fim. — Mas não sei o que ganhas por saberes a resposta.

É um beco sem saída, mas ainda há mais uma coisa que lhe quero perguntar.

— Existem... — Mordo o lábio, olho em redor e, baixando a voz, digo: — Existem... hum, quero dizer, estamos a ser... observados?

A Song fica com um olhar vazio. Depois de andarmos mais alguns minutos, ela diz:

— Olha, Natasha, eu gostava mesmo que fôssemos amigas. Nem que seja pela simples razão de que é útil ter amigos aqui.

Olho para ela. Não faço mínima ideia de como responder.

Hum... obrigada?

— Toda a gente te viu a almoçar com o Arthur, hoje.

Não é como se eu não tivesse reparado que todos estavam a olhar para nós, ela e o Finn incluídos. Mas também não sei por que razão isso importa.

— Mas isso é estranho? Quero dizer, presumi que todas as pessoas pudessem almoçar com ele. — Encolho os ombros como se não fosse grande coisa, mas pela cara dela, não é bem assim.

— Queres um conselho?

Mal consigo respirar, mas ainda sou capaz de assentir.

— Não presumas nada aqui, sobre ninguém ou qualquer outra coisa. Entendes?

Engulo em seco. Espero que ela comece a rir. Quando isso não acontece, digo:

— Bem, isso não é nada assustador...



Capítulo 34

A Song para um pouco antes da entrada para a Sala Inverno, deixando um grupo de pessoas às gargalhadas entrar.

— Estava a falar a sério quando disse aquilo de sermos amigas — insiste ela, depois de o grupo entrar na sala. — Mas, infelizmente, os Azuis jantam juntos. Não se misturam os níveis às refeições.

Sinto-me derrotada só de pensar em comer sozinha. Mesmo quando fui relegada para o lado do caixote da reciclagem na minha antiga escola, ainda tinha o Mason como companhia.

Ela dá-me um pequeno apertão no braço.

— Não te preocupes — diz ela —, não vai durar para sempre. Em breve, passas de nível.

— E se isso não acontecer?

A cara dela fica séria.

— Se eu estivesse no teu lugar, nem sequer pensava nessa hipótese. Ah, e para que saibas, ficas sentada na mesa do Braxton, esta noite.

Deixo escapar um suspiro audível. E embora não saiba por que razão o fiz — nem esteja propriamente com vontade de tentar perceber o que isso poderá significar —, o problema é que a Song ouviu.

— Talvez ele não seja assim tão mau como achas que é — diz

ela. — E daí, talvez até seja pior. Tu é que vais ter de decidir isso. — Ela deixa escapar um sorriso malicioso, como se soubesse um segredo que eu ainda não sei. — Mas quanto à Elodie... — Lança um olhar por cima do meu ombro. — Tem cuidado com ela.

— Acho que já aprendi isso da pior maneira — replico. — Foi por causa dela que vim aqui parar.

A Song olha para mim.

— Não foi o que quis dizer — corrige ela. — Estou a falar da necessidade que tem de ser a favorita do papá. E por *papá* refiro-me ao Arthur. Ou, pelo menos, é assim que ela pensa nele. E, hoje, tu ameaçaste o lugar dela como filha favorita.

— Ceeeerto... — solto. — Mas não sei bem de que forma isso é culpa minha. Quer dizer, não é como se eu tivesse pedido para me juntar a ele para o almo... — A minha voz dissipa-se quando vejo a Song a acenar para alguém dentro da sala de jantar.

Ela vira-se para mim e coloca a mão no meu braço.

— Olha, não te estou a tentar assustar, mas o que pediste ou deixaste de pedir, provavelmente, não lhe interessa muito. Se tanto, só piora as coisas. — Ela deixa cair a mão e adota uma expressão empática. — Só estou a dizer para ficares atenta, apenas isso. E tenta não voltar aos velhos hábitos. O facto de vivermos aqui faz com que *seja* mais difícil diferenciar entre o que é verdadeiro e falso, e a Elodie é um produto deste sítio. É a personificação de o que há de melhor e pior em Gray Wolf.

— Para alguém que diz que não me quer assustar, estás a deixar-me um pouco nervosa. — Faço cara feia, tenho o coração a mil. — Quero dizer, o almoço aconteceu e eu não sei bem o que mais posso fazer acerca disso.

A Song volta a espreitar para dentro da sala de jantar, o que me faz pensar se está a começar a arrepender-se de me ter falado nisso.

— Se eu estivesse no teu lugar, ficava feliz por o Arthur se ter interessado por mim. Não é comum as pessoas almoçarem com ele. Olha, nunca almocei com ele. E tendo em conta que é ele quem manda em tudo aqui dentro, é melhor aproveitares isso. Simplesmente, tenta ser discreta, só isso. E lida com a Elodie da mesma forma que lidarias com uma cobra venenosa... Tenta não a deixar agitada, faz o que puderes para não te meteres com ela.

Antes de conseguir sequer pensar numa resposta, a Song atira o cabelo por cima do ombro e entra na sala de jantar.



Capítulo 35

Cai neve, cobrindo todo o chão.

Os candelabros de cristal pendem do teto, brilhando suavemente com a luz das velas.

A enorme lareira está acesa e um veado bebé saltita sobre um lago gelado, serpenteando pelas mesas, a sua mãe corça à espera dele ao fundo da sala.

E é ali, por entre as mesas cheias de talheres dourados elegantes e porcelana fina, que está o Braxton.

O Braxton, com um casaco formal elegante, a cara ridiculamente linda e aqueles olhos azuis estonteantes que me prendem e me mantêm refém, por mais que lute por me libertar.

E bem tento, mas, aparentemente, o meu corpo deixou de obedecer ao meu cérebro. Os meus pés continuam a andar pela sala, levando-me para perto dele, e o meu olhar não consegue descolar do dele, como se não existisse mais nenhum sítio para onde pudesse olhar.

Quando chego à sua mesa, o Braxton levanta-se.

— Uau — solta ele. — Estás mesmo... — Para de falar, percebendo o que ia dizer. Fica com o rosto corado e gesticula para a minha roupa. — O que ia dizer é que... escolheste muito bem o vestido e...

Ele está aflito, o que é um alívio para mim. Pelo menos não sou a única que está nervosa face a este magnetismo estranho que

insiste em intrometer-se entre nós.

Sinto a minha cara a aquecer, por isso viro-me rapidamente para puxar a minha cadeira, apenas para ver que ele já lá está.

— Se me permites... — diz ele, puxando a minha cadeira para trás e certificando-se de que estou bem sentada antes de se voltar a sentar.

Desaperto a minha estola e coloco-a nas costas da cadeira. Só então decido que já estou novamente pronta para o enfrentar.

— Não me lembro desta tua faceta de cavalheiro quando fomos àquele café. — Rio-me, à espera que a minha frase seja encarada como a piada que eu pretendia que fosse, e também que ele não repare que o meu coração a bater desenfreadamente me deixou a voz trémula.

— Isso teve mais que ver com o facto de serem banquetas do que com falta de modos. — Ele olha para os meus ombros, passando rapidamente pelo meu decote, e depois desvia o olhar.

— Somos só nós nesta mesa? — pergunto. Quando a Song me disse que eu estaria sentada na mesa do Braxton, pensei numa mesa maior, com pelo menos mais algumas pessoas. Pelos vistos, a nossa mesa é a única na sala para duas pessoas. — Também te voluntariaste para isto?

O Braxton inclina-se na minha direção.

— Achei que gostarias de ter companhia — replica ele. — Mas se ficas desconfortável, posso ir embora...

Ele está à espera da minha resposta, mas vou decidir com calma. Em parte, porque só de pensar em ter de comer sozinha fico atemorizada. Mas sobretudo porque quanto mais tempo passo com o Braxton, mais difícil se torna detestá-lo ou, pelo menos, continuar chateada com ele, e não sei bem se isso é bom.

Quer dizer, só porque ele tem um rosto perfeitamente esculpido e um corpo no qual um fato lhe encaixa na perfeição — só porque ele admitiu sentir alguma culpa pelo papel que desempenhou em trazer-me para aqui —, não significa que eu deva baixar a guarda.

Um silêncio inquieto estende-se entre nós. Prolongo-o ainda mais, pegando no guardanapo que está em cima do prato, removendo o anel em forma de coroa que o prende e colocando-o cuidadosamente sobre o colo.

— Acho que já percebi o que se está a passar — digo, por fim. Levanto o meu copo de água e olho em redor. — O Arthur está a isolar-me intencionalmente, com o objetivo de despertar uma qualquer ambição minha dormente, de forma que eu faça tudo o que for preciso para me tornar uma Azul.

O Braxton parece relaxar e recosta-se para trás, aliviado. E eu fico feliz pelo espaço extra entre nós — é mais fácil respirar assim.

— Não estás errada — reconhece ele. — Mas a questão é: Será que vai funcionar?

Aceno na direção do holograma do lago, que o pobre veado continua a tentar atravessar. Os cascos raspam desajeitadamente no gelo, as patas da frente cruzam-se de uma forma cómica, as patas traseiras muito afastadas.

— Provavelmente. — Encolho os ombros. — Mas, neste momento, sinto-me um pouco como o Bambi, ali.

O Braxton olha por cima do ombro e depois novamente para mim.

— Não te preocupes. Quando acabarmos a sobremesa, ele já chegou ao outro lado. É sempre assim.

— Então, é o mesmo espetáculo todas as noites? — Isso parece-me estranho, até um pouco dececionante. Achava que o Arthur era demasiado criativo para se contentar com repetições.

O Braxton abana a cabeça, e uma mecha do seu cabelo cai-lhe sobre os olhos. Vejo-o a colocar distraidamente o cabelo no sítio e fico impressionada com a completa falta de vaidade ou fingimento. Quero dizer, ele sabe, obviamente, que é bonito. Mas não exhibe exageradamente aquela beleza ou tenta usá-la para seu benefício. Depois de tanto tempo a ver o espetáculo interminável de posturas vaidosas dos miúdos obcecados por *selfies* da minha escola, já me tinha esquecido de como as pessoas se comportam normalmente quando não estão à frente de uma luz circular ou de um telemóvel em modo retrato.

— Às vezes, a equipa técnica muda a história — revela ele. — Já vi uma versão anterior desta.

— Então, não tens a certeza de que esta também terá um final feliz.

O Braxton pega no copo de vinho. Os dedos dele traçam a base

do copo.

— O Arthur não investe em fracassos — replica, e, embora a expressão não mude de forma discernível, algo no comportamento dele está diferente. — Não tem qualquer tolerância para as coisas comuns ou mundanas.

Olho novamente em redor. O espaço foi desenhado para projetar um ambiente de elegância e opulência, e os alunos que o ocupam são os melhores dos melhores. Mas se estes alunos já foram, em tempos, como eu — e o Braxton assegurou-me de isso é verdade —, então nem sempre foram assim. Foi o fracasso que os trouxe até aqui.

— Acho que o Arthur é realmente um alquimista — digo. — Ele acolhe alunos falhados e transforma-os em ouro.

O Braxton encolhe os ombros, bebe um gole de vinho, mas consigo ver um minúsculo sorriso por trás do copo.

— E, ainda assim, deve haver algo mais, não é verdade? — Tento olhar o Braxton nos olhos, mas ele faz tudo para evitar encarar-me diretamente. — Porque é um grande investimento, sem garantias de que vá funcionar. Quer dizer, às vezes as pessoas fracassam. É inevitável. E não é como se a vidente do Arthur conseguisse mesmo prever o futuro e saber como as coisas vão...

A minha voz dissipa-se, a minha mente viaja de volta ao início da tarde, quando Einstein e Stephen Hawking me deram uma aula sobre a quarta dimensão.

Os dois explicaram-me pacientemente, em termos leigos, que a quarta dimensão é uma dimensão de tempo e espaço, e que tudo o que alguém precisa de fazer é criar um túnel através dessa quarta dimensão e, assim, conseguirá viajar no tempo.

E esse túnel é também conhecido como um portal.

Embora tivesse achado aquilo tudo fascinante em teoria, tinha a certeza de que era só isso — uma teoria bem-intencionada que me foi apresentada na aula de ciências mais estranha do mundo.

Mas agora já não tenho a certeza. Quer dizer, não pode ser isso que está a acontecer aqui em Gray Wolf... ou pode?

E, se assim for, estará de alguma forma relacionado com a rapariga que vi desaparecer e depois reaparecer no jardim, esta manhã?

Terá sido uma Revelação ou algo mais?



Capítulo 36

— Estás bem? — O Braxton pega-me na mão. Aquele calor inesperado desperta-me dos meus pensamentos.

— Sim, estou. Estou... ótima. — Afasto a mão da dele e coloco-a no meu colo, onde ele não lhe chega.

— Não pareces ótima. Toma... — Ele empurra o meu copo de água para mais perto de mim, como se a reidratação fosse resolver alguma coisa.

Ainda assim, dou um gole lento e calculado, só para poder ter tempo para me acalmar.

— Tasha — diz ele. — Há coisas que ainda não te posso revelar, mas...

Ele está prestes a contar-me algo importante. Consigo perceber pela forma como brinca com os botões de punho, com o anel dourado. Mas antes de conseguir continuar, o empregado aparece com dois pratos minúsculos, que anuncia ser o *amuse-bouche* dessa noite. Quando o empregado se vai embora, o Braxton está novamente encostado à cadeira, e o momento já passou.

— O que eu quis dizer é que todos nós falhámos aqui, em algum momento. Mas ninguém é *mandado para casa* por falhar. Não é isso que importa em Gray Wolf.

— Então, o que é que importa? — Sustenho a respiração. As peças do quebra-cabeças estão a juntar-se, mas tenho um pressentimento terrível sobre a imagem que estão a formar.

De repente, pontos brilhantes de luz branca tridimensional aparecem à volta da nossa mesa, formando um escudo invernal opaco que nos separa do resto da sala. Olho para a parede de neve e para o Braxton, questionando-me se estes calafrios que sinto são causados pela sugestão de neve ou pelas minhas suspeitas de que o Braxton foi responsável por colocar aquele escudo ali — que está intencionalmente a esconder-nos de todas as pessoas da sala.

Olho para ele e ele retribui o olhar, com um ar extremamente dividido. Percebo imediatamente que o mais importante aqui é o que ele não diz.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele inclina-se para mim, as mãos pousadas no meu lado da mesa, as lapelas de seda preta do casaco sobre o tecido azul-escuro, fazendo-me lembrar o céu noturno da Califórnia; pintalgado de fumo da poluição e cheio de aviões, em vez de estrelas. — No almoço com o Arthur?

Estou prestes a contar-lhe o que o Arthur me disse — aquilo de ele estar a contar comigo para cumprir a sua maior ambição. Mas assim que estou prestes a dizê-lo, percebo o quão ridículo soaria dizer essas palavras em voz alta.

Quer dizer, independentemente do que a Song disse, o Arthur, provavelmente, faz uma versão desse discurso estimulante a todos os novos alunos, para que se sintam especiais, escolhidos, tão incrivelmente excecionais por terem sido selecionados a dedo pelo próprio chefe. Quando, na verdade, é apenas uma tentativa de acalmar o nervosismo próprio dos alunos novos no seu primeiro dia.

Volto a olhar para o Braxton, questionando-me se também ele seria parvo ao ponto de acreditar no discurso de treta do Arthur.

— O que foi? — questiona o Braxton, apanhando-me a olhar para ele.

Sinto o rosto imediatamente a aquecer, pego nervosamente na faca da manteiga e inclino-a na minha direção para ver o meu reflexo — arrependendo-me automaticamente desta mostra de vaidade. Tenho de me controlar, de controlar a minha imaginação. E se não o conseguir fazer, pelo menos tenho de me acalmar.

Mas saber uma coisa e conseguir fazer uma coisa são duas capacidades completamente diferentes. E antes de me conseguir conter, digo:

— Há algo de muito estranho a acontecer aqui. — Olho para a cortina de neve e depois para o Braxton. Estou desesperada por saber a verdade, mas com medo de que as minhas suspeitas sejam confirmadas.

— Tasha, o que se está realmente a passar? — Ele aproxima-se tanto que praticamente atravessou a mesa. E com isso perdi a vantagem. Aos olhos dele, agora sou apenas uma menina assustada que precisa do seu conforto.

E não posso tolerar isso.

— Não é nada. — Tento forçar uma voz alegre. — O almoço estava bom. E depois tive uma bela conversa com o Einstein. Pelos vistos, ele é mesmo um génio. Resumindo, foi um bom dia.

Assim que termino de falar, percebo que, apesar de todos os momentos angustiantes, o que acabo de dizer é verdade. Ou, no mínimo, este dia foi melhor do que a maioria dos dias em casa.

O que me faz pensar que talvez não devesse estar com tanta pressa de ir embora.

Talvez devesse tentar dar uma oportunidade a Gray Wolf.

Levanto o olhar e vejo a boca do Braxton a abrir-se, prestes a responder, quando a Elodie atravessa a nossa cortina de neve.



Capítulo 37

A Elodie está ao lado da nossa mesa e usa um vestido preto sem alças que lhe cobre o corpo como cera de uma vela. E embora de-
teste admiti-lo, está mais deslumbrante do que alguma vez a vi. E
isso é, de facto, impressionante.

— Natasha — diz ela, a voz alegre e falsa. — É mesmo bom ver-
te outra vez! E este visual que arranjaste: *adorável!* — Ela sacode a
cabeça e uma cascata de caracóis louros cai-lhe sobre a cintura.

Esboço um sorriso tão vazio quanto a falsa demonstração de li-
sonja dela. No mundo da Elodie, quando ela diz “adorável”, geral-
mente está a falar de bebés ou de cachorrinhos fofos. Quando usa
esse adjetivo para alguém acima dos 2 anos, é um insulto.

— Vi o escudo de neve e lembrei-me de dar aqui um salto.
Então, digam lá, qual é o grande segredo? — Ela olha para mim e
para ele, os lábios a fazer beicinho. Onde vivíamos, a Elodie
consequia sempre o que queria, mas ainda não vi nada que prove
que o charme dela também funciona aqui.

— O que queres, El? — O tom do Braxton é mais razoável do
que as palavras podem sugerir, mas há ali uma entoação escondida
que leva a Elodie a colocar a mão no ombro dele e a apertá-lo.

— Ah, nada de mais. Vim só ver como estão os meus amigos. —
Ela aperta novamente o ombro do Braxton e, tendo em conta como
os nós dos dedos ficam brancos, desta vez apertou com muito mais
força.

A Elodie está nervosa. O que é algo que nunca imaginei ver.

E, para tornar as coisas ainda mais estranhas, tenho quase a certeza de que está nervosa por minha causa.

Bem, por causa do Braxton e de mim.

Não que *exista* um “Braxton e eu”.

E não é como se eu quisesse que existisse — *não* quero.

Ainda assim, parece-me que a Elodie está preocupada com a possibilidade de que exista.

O que significa que se o que a Song disse sobre a Elodie for verdade — o facto de ela precisar de ser a favorita do Arthur —, então ver-me aqui sentada com o Braxton deve ser um golpe duplo, uma prova irrefutável de que invadi mais um dos territórios dela. E mesmo que isso esteja longe de ser verdade, depois de tudo o que me fez passar, não estou propriamente com pressa de lhe explicar seja o que for.

— Continuamos combinados para logo? — pergunta ela.

Vejo o Braxton a mexer-se de forma a esconder parte do rosto, fazendo com que seja impossível perceber se o desagrado que lhe vi no olhar foi apenas por causa das luzes ou se revela uma verdade muito mais profunda.

— Ah, desculpa, Natasha! — Ela bate as pestanas para mim. — Não te quero excluir; mas, normalmente, eu e o Brax encontramos com os Azuis depois do jantar e, infelizmente, os Verdes não podem ir. Tu percebes, certo? Quer dizer, não vais ficar sozinha para sempre. Tenho a certeza de que é apenas uma questão de tempo até seres uma de nós.

O que mais quero é dar-lhe o tipo de resposta mordaz que a fará ir-se embora envergonhada.

Mas o meu cérebro não é suficientemente rápido. Por isso, quando a minha boca se abre para lhe dar uma resposta daquelas... não sai absolutamente nada.

A palavra “constrangedor” não é suficiente.

“Humilhada” é uma palavra muito melhor.

E, claro, a Elodie reparou.

Ela inclina-se na minha direção e, quando tenho a certeza de que me vai desafiar ou tirar satisfações, as suas feições suavizam-se.

— A porta do meu quarto é a cor-de-rosa, ao fundo do corredor

— revela ela. — Para o caso de decidires falar comigo. — Fecha a boca e mantém-se em silêncio por uns momentos, antes de acrescentar: — Olha, sei que não acreditas, mas lamento imenso tudo o que aconteceu.

Observo a expressão dela. À primeira vista, parece tão sincera que me faz pensar se eu deveria pelo menos tentar dar-lhe o benefício da dúvida e acreditar nela.

Quer dizer, talvez não estivesse a bater as pestanas — talvez a voz dela não fosse completamente falsa. Talvez seja assim que a Elodie é, como ela fala — e eu fiquei tão paranoica que já não consigo ver nada com clareza.

Mas quando estou prestes a convencer-me a dar-lhe uma oportunidade, lembro-me do que a Song me disse sobre a Elodie e sobre Gray Wolf: é difícil diferenciar entre o que é real e o que é falso.

Não posso mesmo confiar nela. Sou parva por sequer considerar isso.

E, no entanto, há uma parte inegável de mim que quer acreditar que ela lamenta o que aconteceu e que nós éramos realmente amigas.

Mas isso acontece porque é muito mais fácil para mim acreditar nela do que encarar a realidade de que eu era apenas mais um alvo, e ridiculamente fácil. Apenas mais uma miúda patética, tão desesperada por fugir da prisão da sua vida que estava disposta a pagar qualquer preço.

É engraçado como, quando olho agora para a Elodie, consigo ver claramente todas as coisas sobre as quais o Mason me avisava. Mas esse tipo de retrospeção é basicamente a definição de “tarde piaste”.

— Espero mesmo que seja possível superarmos isto — diz ela, interrompendo os meus pensamentos. — Aqui, em Gray Wolf, somos uma família. E, com alguma sorte, ficarás connosco durante muito tempo.

Sem dizer nem mais uma palavra, vejo a Elodie sair tão rapidamente e com tanta elegância como quando entrou.

— Estás bem? — pergunta o Braxton, depois de ela ir. O olhar preocupado dele fixa-se em mim.

— O que é que ela queria dizer com aquilo? — interrogo, olhando para o sítio onde ela estivera. — Porque é que *eu* preciso de sorte? Já não percebo nada. Não era suposto ficarmos aqui quer

quiséssemos, quer não?

Vejo uma sombra de desconforto a apoderar-se do rosto do Braxton. Estou prestes a insistir em que me explique as coisas, quando o empregado aparece ao meu lado e troca o meu prato por outro.

Quando se vai embora, o Braxton já está com um ar completamente diferente. Levanta o garfo, sorri e diz:

— *Bon appétit!*



Capítulo 38

— Bem, é oficial: sobreviveste ao teu primeiro jantar em Gray Wolf — diz o Braxton, pousando o talher da sobremesa. — O que queres fazer a seguir?

Um rápido olhar pela sala de jantar confirma que parou de nevar, o veado bebé já atravessou o lago para se reunir com a mãe e a multidão de alunos está a sair da sala para o corredor.

— Não temos de ir para a Sala Outono? — pergunto. — Tenho a certeza de que foi isso que vi no horário que me deste.

— Não é propriamente uma obrigação — replica ele. — Além disso, estás comigo, e eu ainda tenho um bocadinho de influência aqui dentro.

— Um bocadinho. Deveras impressionante — reajo, dando uma risada.

Ele já está mais descontraído. Não sei se foi do copo de vinho tinto que bebeu ao jantar ou de eu também já estar mais descontraída, pois algures entre o *amuse-bouche* e o prato principal decidi que é melhor ter um aliado do que um inimigo.

O Braxton levanta-se da cadeira e coloca-se ao meu lado.

— Acho que me consigo habituar a esta cortesia toda. Abrirem-me portas, puxarem-me a cadeira... Parece que estou dentro de um filme da Jane Austen. — Aliso o vestido com a mão e o Braxton começa a colocar-me a estola nos ombros. — É demasiado quente — digo, estendendo a mão para a levar, mas, em vez disso, ele coloca-a nos ombros dele.

— Fica-me bem? — pergunta, inclinando a cabeça.

Olho para ele, vejo os cabelos escuros, aquele rosto perfeito, o fato que lhe encaixa na perfeição, a estola de pelo falso com o fecho de joias que pende à frente, e, embora odeie admiti-lo, o meu coração bate desenfreadamente.

— Acho que estás muito elegante — respondo. — De uma maneira moderna e majestosa.

— Precisamente o visual que eu queria. — Ele encaminha-me para a porta e por um longo corredor. Vai no sentido oposto ao que todos os outros estão a ir.

— Onde vamos? — pergunto, as solas das minhas botas a baterem suavemente contra o chão de pedra.

— Imagino que terás muitas oportunidades para conviver com os teus amigos na Sala Outono, por isso...

— Só que eu não tenho amigos — contraponho. — Pelo menos, aqui, não.

Ele respira fundo.

— É um pouco solitário quando és o único Verde, eu sei.

Nesse momento, ocorre-me que o Braxton não está simplesmente a ser simpático, ou cavalheiresco, ou a compensar por se sentir culpado, mas que, na realidade...

— Não preciso de uma ama-seca!

Estaco, esperando que esteja demasiado escuro para ele ver as minhas faces vermelhas de vergonha. Ele lança-me um olhar espantado e passa a mão pelo cabelo.

— Bem, mas que alívio — diz ele. — Tendo em conta que sou apenas um ano mais velho do que tu, acho que isso seria ligeiramente estranho.

Sinto-me como se estivesse dentro de um filme da Jane Austen, só que o meu papel é o da prima solitária e estranha que sofre de ataques de histeria. E, tendo em conta que não bebi vinho ao jantar, apenas posso culpar a minha paranoia.

— Vou dar-te a escolher. — Ele aproxima-se. — Posso levar-te de volta para o teu quarto e ficamos por aqui...

Estamos a meros centímetros de distância e, embora eu tenha

vergonha de o admitir, já descartei essa opção.

— Ou posso mostrar-te uma pequena galeria cheia de obras de arte interessantes.

Fico a pensar por uns momentos. É tentador, mas preciso de mais pormenores.

— Ou posso levar-te a um jardim de esculturas que só está aberto para aqueles que têm um bocadinho de influência aqui dentro. — Ele inclina a cabeça para o lado e levanta a sobrancelha.

— E esse jardim é ao ar livre? — De repente, apercebo-me de que passei um dia inteiro rodeada de natureza digitalizada, mas nem sequer respirei um pouco de ar fresco.

O Braxton sorri, oferece o braço e leva-me por uma série de corredores até chegarmos a uma pequena porta.

— São quatro lanços e a escada é bastante estreita, por isso, vai tu à frente — diz ele.

É uma daquelas escadas sinuosas sem corrimão, pelo que tenho de me agarrar à parede para não cair. Quando chego ao cimo das escadas e abro a porta, não consigo perceber se estou sem fôlego por ter subido tantos degraus ou por causa da visão surpreendente à minha frente.



Capítulo 39

Saio para o terraço, olho para o céu e inspiro profundamente o ar frio da noite que cheira a flores frescas e a maresia.

Por cima de mim, as estrelas brilham mais do que eu alguma vez vi na vida.

À minha frente, estende-se um jardim murado encantador tão exuberante que parece que entrei diretamente para dentro de uma pintura.

— Isto é um... — Aproximo-me de uma videira de jasmim que trepa uma treliça de ferro forjado, já sem ser capaz de dizer o que é real e o que é um holograma.

O Braxton estende a mão, colhe uma flor de jasmim e encosta-a ao meu nariz. De imediato, o aroma doce invade-me.

— O Arthur já conseguiu replicar este jardim, até o cheiro. Mas acho que sou um purista, porque, para mim, nada se compara a um jardim verdadeiro. Daí o Jardim da Lua ser um dos meus lugares favoritos em Gray Wolf.

Ele abre o braço, e então eu viro-me lentamente e observo o espaço. Parece que praticamente todo o jardim está a florescer, mas só consigo ver as partes que a lua ilumina.

— É mesmo espetacular ver o jardim sob a luz da lua — diz ele. — O Arthur queria instalar luz artificial para que pudesse ser visto todas as noites do ano, mas consegui convencê-lo a não o fazer.

— Tens assim tanta influência junto dele?

— Nem por isso — responde ele, a frase pesada.

Foco-me numa escultura em mármore ao fundo do jardim, e lembro-me de uma coisa que li certa vez.

— Leonardo da Vinci disse: *Um pintor deve começar sempre uma tela com uma camada de preto, pois todas as coisas na Natureza são escuras, exceto quando são expostas à luz.*

— O Leonardo é um génio — diz o Braxton, caminhando em direção ao muro e espreitando por uma vigia. Quando me junto a ele, uma rajada vento atinge o meu rosto, tal como as águas revoltas, as mesmas que me trouxeram aqui, atingem as rochas irregulares lá em baixo.

— Era. — Por alguma razão, sinto necessidade de o corrigir. — Está morto há mais de cinco séculos.

O Braxton olha para mim, o olhar tão tempestuoso quanto a água do mar.

— Estou cá há quase oito anos — revela ele, a voz urgente. — Venho de uma terriola que fica a uma hora de Londres, mas quando o Arthur me encontrou, vivia numa espelunca perto de Boston.

— Está explicado o sotaque — digo, dando uma risada nervosa, que apenas aumenta o desconforto que sinto. Não sei por que razão estou constantemente a interrompê-lo, além do facto de sentir que esta conversa pode seguir um rumo para o qual não estou preparada.

Mas o Braxton continua a falar.

— Não te deixes enganar pelo meu sotaque britânico — diz ele, dando o mais ligeiro dos sorrisos. — Não sou tão chique quanto o meu sotaque me faz parecer. A minha vida em Inglaterra era uma porcaria, sempre a meter-me em lutas, os dramas do costume. E depois, através de uma série de eventos semelhantes aos que tu passaste, vim aqui parar.

— Porque me estás a contar... — começo, mas ele levanta um dedo e as restantes palavras dissipam-se.

— Quando te vi a rir em frente à tua lápide, fiquei intrigado. Nessa altura, esqueci o protocolo e agora também o vou fazer. Queres mesmo saber o que aconteceu na *Arcano*?

Assinto, sem conseguir falar. Os meus ouvidos latejam ao som da minha pulsação, tão violenta como o mar.

— Foste hipnotizada.

Desato de imediato a rir. Mas quando vejo a expressão do Braxton, calo-me.

— A hipnose funciona. É ciência. E apesar de haver pessoas que possam sugerir que é magia, *não é*. De certeza. No teu caso, foi uma simples questão de contornar a tua mente consciente para conseguir entrar no teu inconsciente e te pôr num estado de transe. Ainda assim, não é um processo nada simples. Nem sempre funciona, mas no teu caso funcionou de forma rápida.

Lembro-me da sala estranha, da música que era uma canção de embalar, dos relógios com os ponteiros a girar para trás, a derreter pelas paredes como uma pintura de Salvador Dalí...

E foi nesse momento que perdi toda a noção do...

Tempo.

— Foram os relógios. — A minha voz parece um sussurro abafado e o meu coração dispara. — Este sítio... — Gesticulo amplamente. — Este lugar todo... tem que ver com o tempo... ou com parar o tempo... ou manipular o tempo... ou...

Observo o Braxton com olhos espantados e assustados. Estou mesmo perto. Os meus pés estão na borda do precipício. Consigo vê-lo na cara dele.

No entanto, não o consigo dizer.

Não consigo pronunciar as palavras.

Porque, se for verdade, se ele confirmar as minhas piores suspeitas, o que acontecerá?



Capítulo 40

O Braxton está diante de mim, mas a minha respiração é tão entrecortada que o vejo a desfocar.

— O da Vinci é um génio — sussurra ele. — Todo o tempo existe ao mesmo tempo.

Encosto a mão contra o muro de pedra, os meus dedos à procura das partes rugosas e afiadas, usando aquela dor para me fazer reagir.

Eu estou aqui.

Isto está a acontecer.

E não há forma de escapar.

O Braxton respira fundo.

— Tal como o próprio Einstein disse: *A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, ainda que seja uma ilusão persistente.*

— E o Arthur arranjou forma de quebrar essa ilusão? — A minha voz torna-se esganiçada, como um copo de vidro a partir-se numa sala silenciosa.

Ele retira a estola dos ombros e coloca-a cuidadosamente à minha volta. Acho que fiquei tão surpreendida por aquela revelação que nem tinha reparado no quanto tremia.

Os dedos dele tentam fechar o fecho da estola. O rosto está perto do meu. Vê-lo assim tão perto, as maçãs do rosto esculpidas, a ligeira inclinação do nariz e aquele olhar infinito; é ainda mais

atraente do que visto ao longe. Parei de tremer, mas estando o Braxton aqui tão perto de mim, acho que não foi só por causa da estola.

— E a *Arcano*? É um sítio verdadeiro ou...

— O edifício é verdadeiro. Passaste por ele quando saíste do café. Mas não é uma discoteca verdadeira, se é isso que queres saber. Além da vidente e algumas outras coisas, eram quase tudo hologramas. O teu destino foi traçado muito antes de entrares lá. A *Arcano* foi o teste final, para ver como reagias àquele ambiente.

— Então, vim aqui parar porque desatei a rir em frente à minha lápide, é isso?

— O Arthur adorou isso.

— Ele estava a ver?

— Tu és um grande investimento. Ele nunca se limitaria a acreditar na palavra da Elodie.

— Porque me estás a contar tudo isto? — quero saber, presumindo que esta revelação vai ter riscos associados.

— Porque te devo isso. — Ele leva a mão ao meu cabelo, colocando uma mecha atrás da minha orelha. O toque dele faz-me tremer os joelhos e disparar o coração.

— Mas porquê eu? — interrogo. — Quer dizer, há montes de miúdos cujos pais não lhes ligam nenhuma e cuja vida lhes corre mal.

— Desculpa por ser tão direto — começa ele por dizer.

— Eu consigo lidar com alguém direto — garanto. — O que me incomoda são os segredos.

O olhar do Braxton fica vazio, como se estivesse a debater-se com algo que apenas ele sabe o que é. Parece render-se e diz:

— O processo de seleção começa com uma lista de candidatos.

— E como é que funciona?

O Braxton passa a mão pelo cabelo. Está claramente desconfortável, mas disposto a ultrapassar esse desconforto.

— O Arthur desenvolveu um algoritmo que envolve certidões de nascimento, registos de divórcio, códigos postais, declarações de IRS, certidões de estudos, contas de redes sociais...

— Nem sequer tenho contas em redes sociais — interrompo. — Quer dizer, até tenho, mas nunca faço publicações.

— Precisamente. Qualquer pessoa que tenha um número considerável de seguidores é eliminada logo à partida.

— Porque o Arthur só está interessado naquelas pessoas cuja ausência não será propriamente notada, que ninguém repara se desaparecerem — sussurro, o meu estômago às voltas com o gosto amargo da verdade.

— Quando a lista fica reduzida a meia dúzia de candidatos — continua o Braxton —, o Arthur encarrega um de nós de ir tentar perceber se o candidato em questão se irá adaptar à academia. Se não for um bom candidato, continuamos pela lista fora. Se for um bom candidato...

Ele faz um gesto vago na minha direção — o exemplo vivo do que acontece a seguir.

— Lamento ter-te trazido para Gray Wolf — diz ele. — Lamento tudo isto. Eu podia fingir e dizer que não tive escolha, mas a verdade é que tanto tu como eu tivemos escolha. E fizemos a mesma escolha.

Estou prestes a negar tudo, a fazer uma lista com todas as coisas erradas que ele disse, mas o Braxton levanta uma mão, como se suplicasse que o deixasse continuar. Engulo as palavras que ia dizer.

— Tecnicamente, podíamos ter recusado isto. Mas, no fim de contas, resolvemos escolher uma vida melhor para os nossos pais e uma vida diferente para nós.

Fecho os olhos e inspiro o ar frio da noite. Não rata de nada contestar uma verdade que é tão óbvia. É claro que escolhi o caminho que me trouxe aqui.

Quando volto a abrir os olhos, ele está a pôr uma flor de jasmim atrás da minha orelha.

— O Leonardo tem razão — diz ele. — Sobre a escuridão e a luz. Todas as flores neste jardim se voltam instintivamente para a luz. É uma lição para todos nós. — O olhar dele, tal como aquelas palavras, atravessam-me. — As coisas não são assim tão más aqui, Tasha. Por vezes, pode ser espetacular. É muito melhor do que possas imaginar.

— E as partes sombrias? As que não são assim tão espetacula-

res... como ficar aqui presa, sem poder sair?

— Podes sair daqui — garante ele. — Só não podes é ir para casa.



Capítulo 41

Olho em redor do jardim. Tal como uma metáfora para Gray Wolf, é fácil deixarmo-nos distrair pelas coisas bonitas e descartar os segredos sombrios aqui escondidos.

— Com o passar do tempo — assegura o Braxton —, vais aprender a ajustar a tua visão, vais parar de olhar para trás através de uma lente de nostalgia e apreciar o sítio onde agora te encontras.

— Arranjar uma forma de me adaptar...

— Em breve irias descobrir tudo isto. Mas achei que merecias saber o que te espera.

— Mas então, porque é que não me disseste isto esta manhã, quando te perguntei? O que mudou?

Ele inspira fundo. Depois, diz:

— Eu. Felizmente, ainda sou capaz de mudar.

Não sei se é por causa do vento que assobia ao nosso redor ou apenas por estar perto deste rapaz incrivelmente bonito, mas à medida que o tempo passa, percebo que, afinal, o Braxton não é o inimigo que eu pensava que era.

Ele apenas quer que eu o perdoe, para que ele consiga começar o longo trabalho de se perdoar a si mesmo.

— Só para confirmar — digo, arranjando, por fim, coragem para fazer a pergunta que evitei até agora. — Isto é uma academia para... — Engulo em seco e forço-me a dizer as palavras. —

Viajantes no tempo?

Pronto. Está dito. Não há volta a dar-lhe.

— Eu sei que parece impossível — responde ele. — Mas é precisamente isso que fazemos aqui. Claro que nem todos participam. Ser jovem é apenas uma parte da equação.

— Mas porque é que a idade importa?

— O conceito de adolescência é uma invenção social relativamente recente. E tendo em conta que a vida costumava passar-se a um ritmo muito mais acelerado... casar aos 14 anos, morrer aos 40... o facto de sermos jovens ajuda-nos a passar despercebidos. Mas Saltar requer muito mais do que isso e são poucos os que têm o que é necessário. É para isso que servem os testes de aptidão.

— Saltar?

— É assim que nos referimos a viajar no tempo.

— Acho que não entendi. Acho que não entendi nada do que acabaste de dizer.

— Não te preocupes — tranquiliza-me ele. — Irás perceber.

— Isso significa que não vais explicar?

— A única coisa que tens de entender é que tudo aqui dentro, as aulas, as roupas caras, a música, até o vinho que é servido ao jantar, é desenhado para te ajudar a habituares-te à forma como se vivia antigamente, muito antes de haver leis para a bebida, telemóveis e a Taylor Swift.

— Mas porquê? Quer dizer, porque é que interessa a música que ouço ou se bebo ou não vinho ao jantar?

— Porque viajar no tempo acarreta riscos. — O Braxton começa a sussurrar. — Daí ser tão importante que passes completamente despercebida. Tens de saber como dançar, beber e conviver, e seres capaz de te integrar. Não te podes esquecer disso quando te pedirem que participes num dos protocolos mais arcaicos que cá têm.

— Do género...? — Inclino-me na direção dele, mas o Braxton abana a cabeça.

— Acho que já chega por hoje. Já disse mais do que devia ter dito.

— Vai ter consequências? — questiono. — O facto de me teres trazido ao Jardim da Lua? Da parte da Elodie, por exemplo? — Até me arrepio ao dizer isto, mas quando ele olha para mim, não vejo qualquer sinal de desconforto, típico de alguém que tem de dizer se está ou não numa relação. — E o que é que ela queria dizer com aquilo de se tiver sorte ainda fico cá por muito tempo? Tipo, não acabaste de dizer que não posso ir para casa?

O rosto do Braxton assume uma expressão de dor. Os olhos dele cerram-se, a mandíbula contrai-se, os dentes rangem.

— Não lighes ao que ela diz — aconselha ele.

— E... — Há algo mais que ele quer dizer e eu tenho de ouvir o que é, seja o que for.

— Apenas tenta não levantar ondas com ela. — O Braxton encolhe os ombros, claramente com vontade de acabar a conversa. Mas assim que começa a brincar com o anel de ouro, percebo que ainda há muito mais por dizer.



Capítulo 42

Um silêncio súbito apodera-se de nós. Quebro o silêncio e digo:

— E de que lado estás tu?

Ele passa a mão pelo queixo, enquanto uma onda de algo opaco e sombrio lhe varre o olhar. No momento em que reconheço isso como remorsos, ele está a aproximar-se de mim, sussurrando o nome pelo qual só ele me chama. Um nome que começo a gostar de ouvir.

— Tasha — diz ele —, querida, eu... — Os dedos dele tocam no meu braço, deixando-me toda arrepiada. Ele traça uma linha desde a estola que tenho ao pescoço até à pulseira de ouro no pulso.

Sob o brilho da lua e das estrelas no céu, o rosto dele transparece seriedade e pureza. O olhar procura algo, questiona algo. Os lábios hesitantes, ainda assim entreabertos...

Estimulada pelo bater desenfreado do coração e pelas borboletas que sinto na barriga, aproximo-me instintivamente dele. Os dedos da minha mão esquerda estão entrelaçados nos dele. Os da minha mão direita à volta do pescoço do Braxton, acariciando-lhe o cabelo macio.

Há uma voz reprovadora na minha cabeça que me lembra que não conheço bem este rapaz — que preciso de ter calma antes de fazer algo de que me arrependa.

A voz não está errada, mas ignoro-a. Porque o desejo de beijar a bela boca do Braxton, a necessidade de sentir os lábios dele contra os meus, é tão primitivo e forte que não será negado.

— Tu também a sentes. — Ele olha para mim e encosta a palma da mão à minha. — Esta energia entre nós. É tão familiar. Consigo vê-lo nos teus olhos, não sou só eu a sentir isto.

Despojada de todas as máscaras que ele normalmente usa — guia das visitas à academia, elegante companheiro de jantar —, esta versão vulnerável do Braxton está exposta diante de mim, revelando um rapaz tão certo da existência desta atração invisível que nos une que está disposto a nomeá-la, reivindicá-la, como uma força tangível que não pode ser ignorada.

Esta energia entre nós.

Engulo em seco, sabendo que não posso mentir acerca desta atração que sinto desde o primeiro momento em que o vi.

Não posso negar como, por um momento fugaz, me perguntei se eu realmente o conhecia.

Não se posso fingir que estes arrepios que sinto não são mais do que uma resposta condicionada ao tipo de aparência assoberbante que o Braxton tem a sorte de possuir.

Durante o último ano, evitei momentos como este. Curtia com rapazes que mal conhecia apenas para me sentir vista, necessária, desejada e escolhida — dando por mim a render-me a prazeres fugazes que apenas me deixavam cheia de vergonha.

Mas ouvir o som do meu nome a sair da boca do Braxton, com o *T* marcado no início e o *A* suave no final, não me deixa qualquer dúvida de que, por muitas razões que tenha para não o beijar, elas não vão fazer qualquer diferença.

Porque esta noite, neste glorioso jardim iluminado pela lua, este rapaz parece intencionalmente aqui posto para que ceda a estes prazeres.

E quando ele entrelaça os dedos nos meus, o olhar dele sugere uma pergunta que acho que estou finalmente pronta para responder.

A atração é algo difícil de articular e impossível de fingir. Ou existe, ou não existe. E esta energia que pulsa entre nós, bem, é o mais verdadeira possível.

*É só um beijo. Só um beijo parvo. Porque havemos de esperar?
Vamos lá arrumar com isto de uma vez por todas!*

Os nossos lábios estão separados por meros centímetros e eu ponho-me em bicos de pés para me aproximar ainda mais dele.

— Eu também a sinto — digo, a minha boca inclinada para a dele.

De repente, um som terrível ecoa e nós afastamo-nos, como se fôssemos dois adolescentes cujos pais os apanharam na marmelada na cave.

Só que não há pais.

Nem há cave.

E quem é que ainda usa expressões como “na marmelada”?

O Braxton semicerra os olhos, como se tivesse acordado de um sonho, e começa a mexer nos bolsos. Nesse momento, o barulho soa novamente.

Só que desta vez percebo que não é assim tão horrível.

Na verdade, até é bastante bonito. Embora seja muito alto.

Ele abana a cabeça, retira do casaco um pequeno dispositivo parecido com um *tablet* e silencia o som.

— É *A Flauta Mágica*, de Mozart — revela ele. — É o aviso de que temos dez minutos.

Aperto a estola com força à minha volta. Não faço ideia do que está a acontecer. Mas quando estendo a mão na direção do Braxton, ele afasta-se tão rapidamente que ela cai desajeitadamente de volta ao meu lado.

— Vou levar-te ao teu quarto — diz ele, a voz estranhamente formal, tendo em conta o que quase aconteceu entre nós uns segundos antes. E não consigo deixar de pensar se ele não estará aliviado por esta interrupção. Se ele não estará já arrependido de me ter trazido aqui, já para não falar no quão perto estivemos de nos beijarmos.

— O Arthur é bastante flexível aos fins de semana — confia ele, arrancando-me dos meus pensamentos. — Mas durante os dias da semana, gosta que se cumpram os horários.

Ah, sim, claro, a culpa é do Arthur. O Braxton dirige-se para a porta e eu faço cara feia nas costas dele. Quer dizer, certo, talvez até possa fazer sentido. Mas também me parece uma forma muito conveniente de escapar a esta situação.

Situação essa que é, basicamente, culpa dele.

Situação relativamente à qual ele agora, claramente, tem dúvidas.

A caminhada de volta é muito mais rápida do que eu esperava, principalmente porque o Braxton vai praticamente a correr e eu vou ao lado dele já quase sem ar. Quando chegamos ao corredor que dá acesso ao meu quarto, estou já sem fôlego e tão confusa com o silêncio dele que lhe digo que a partir dali vou sozinha.

— Obrigada — agradeço, um pouco envergonhada. — Obrigada por...

Eu não ia dizer nada que o pudesse meter em sarilhos, mas acho que ele não percebe isso, pois interrompe-me de imediato.

— Acho melhor mantermos entre nós o que aconteceu.

Não sei bem a que parte ele se refere — à parte em que me disse que eu estava presa num colégio interno chique para viajantes no tempo ou à parte em que quase nos beijámos... ou ambas.

A única coisa que sei é que mesmo antes de me virar, vejo pelo canto do olho a Elodie a esconder-se.



Capítulo 43

Ontem à noite, sonhei com a *Arcano*.

Fui inundada por imagens desfocadas da cantora com a coroa de chifres dourados, dos empregados com vestidos pretos e do tempo a escorrer como lágrimas pelas paredes ornamentadas.

É o mesmo sonho que tenho tido desde o dia em que o vivenciei. Só que, desta vez, lembro-me do Braxton a levantar gentilmente o meu corpo desmaiado e a levar-me para a sala onde a Elodie nos esperava.

“Eu avisei-te”, disse ela.

Antes de o Braxton poder responder, acordo para um mundo ainda escuro e o som de alguém a bater na porta do meu quarto.

Só que, já acordada, apercebo-me de que o som é, na verdade, de alguém a correr pelo corredor fora.

Atiro o edredão para o lado e salto para fora da cama. Encosto o ouvido à porta e ouço o som de passos a bater contra a madeira, seguido de uma onda de sussurros urgentes.

Quando me ponho em bicos de pés para espreitar pelo buraco na porta, vejo que o barulho vem do quarto do Oliver, do outro lado do corredor. O Finn está à entrada do quarto, com ar desganhado e um robe de seda. O Oliver junta-se a ele, também com ar desganhado. Põe um braço à volta do Finn e dá-lhe um beijo na cara, abraçando-o. A Song também aparece, o rosto vermelho — provavelmente, por ter estado a chorar —, e apressa-se a entrar no quarto, deixando-me a olhar para o corredor vazio.

Afasto-me da porta, toda arrepiada e com o estômago às voltas. No momento seguinte, penso melhor e acalmo-me.

Estou num colégio interno. Ou seja, de certeza que há dramas, rivalidades, grupinhos e intrigas. Semelhante ao que se estava a passar — ou continua a passar — entre o Braxton e a Elodie.

Só porque não faço parte do grupo deles, não significa que esteja a acontecer algo sinistro.

E, no entanto, ao voltar para a minha cama de dossel, e depois de me deitar sobre um monte de almofadas, faço duas promessas a mim mesma:

Primeira: tal como fiz na minha antiga escola, não me vou meter nos assuntos dos outros; vou afastar-me de tudo o que tenha que ver com grupinhos ou envolvimento românticos.

Segunda: no que diz respeito ao Braxton, aquele quase beijo no Jardim da Lua é o máximo que vai acontecer entre nós. O que, tendo em conta a rapidez com que ele mudou de ideias, claramente não será um problema.

Mas depois lembro-me de tudo o que aconteceu pouco antes de Mozart começar a tocar — o resplendor no olhar do Braxton, o sussurro da voz quando disse “esta energia entre nós”... E começo a duvidar seriamente da minha capacidade de manter a minha promessa.

Durmo bem o resto da noite. Por isso, quando os primeiros raios da madrugada espreitam por entre as minhas cortinas, salto para fora da cama e corro para a janela.

Não sei o que espero ver. Talvez o labirinto tivesse voltado, bem como a visão daquela figura a desaparecer e a reaparecer.

Mas a única coisa que vejo são gotas de chuva a escorrerem pelas estátuas do Jardim do Tarô. E por um momento fugaz, ocorre-me um pensamento louco:

E se aquelas estátuas forem as verdadeiras e as de Itália falsas?



Capítulo 44

Depois de vestir uma camisola da academia lavada que tirei de um monte do roupeiro (infelizmente, todas verdes) e umas calças de ganga desbotadas, e de calçar as sapatilhas, abro a porta do quarto e vejo um rapaz com o punho no ar, em direção à minha cara.

— Ai, desculpa! Estava prestes a bater... à porta, isto é, não te queria acertar. Que raio, até parecíamos sincronizados! — Ele baixa o braço e esboça um sorriso que lhe ilumina a cara. — Não foi o meu melhor momento, tendo em conta que só nos vimos uma vez. Mas quis vir apresentar-me pessoalmente. Sou o Jago.

Observo-o por uns momentos. É alto e magro, tem uma cabeleira de caracóis castanhos e olhos da cor de topázio. Lanço um olhar curioso para o saco na mão dele.

— Encontrei isto aqui à tua porta. — Ele entrega-me o saco. — Deve ser o teu *tablet*.

— Um *tablet*?

— Oficialmente chamado *Tablet* da Academia Gray Wolf.

— Para que serve? — Retiro o aparelho da caixa e atiro a embalagem para cima de uma mesa.

— Pensa nisto como a tua tábuia de salvação. Tens aqui o horário para cada dia, o nome e o número do quarto de toda a gente. Há também uma frase motivacional diária. Um sistema de GPS para te ajudar a orientar cá dentro. Tens tudo isso aqui. Ah, e também tem uma função de SMS que nos deixa mandar mensagens uns aos outros.

Olho para o *tablet* com ar desconfiado. É pouco maior do que uma carta de tarô.

— Não posso simplesmente sacar uma aplicação para o meu telemóvel e usá-la em vez disto?

— O teu telemóvel não funciona aqui — replica ele, com ar sombrio.

— Bem, se eu conseguisse arranjar um carregador, aí já...

— Ouve o que te digo, o teu telemóvel está mais do que morto. Este *tablet* vai passar a ser o teu novo vício. Tem tudo aquilo de que precisas. Ou melhor, o que eles acham que tu precisas. Mas aviso já, os dias de fazer *lives* na tua rede social preferida acabaram.

— Então, lá se foi a minha oportunidade. — Encolho os ombros. — Também nunca fiz nada que valesse a pena partilhar.

— Nem eu — ri-se ele.

Concentro-me no olhar do Jago. Se os olhos servem de referência, ele está muito mais simpático do que na noite em que cá cheguei. Aliás, até agora, é a pessoa mais amigável que conheci. Incluindo o Braxton, que, tirando o que se passou ontem à noite no Jardim da Lua, sempre manteve uma postura distante.

— Vais descer para o pequeno-almoço? — pergunta o Jago. Assinto e ele diz: — Se quiseres companhia, podemos descer juntos.

Fecho a porta do quarto e caminho ao lado dele. A meio do corredor, digo:

— Porque é que a tua camisola é amarela?

Ele esboça sorriso travesso.

— Porque vou a caminho da azul, cara amiga! — Dá um murro no ar, gesto a que acho piada, ainda que o considere um pouco impróprio num ambiente tão refinado. Depois, olha para a minha camisola verde e diz: — Não te preocupes, vais lá chegar. Provavelmente, mais cedo do que julgas.

Encolho os ombros, meio derrotada.

— Espero que tenhas razão — resmungo. — Quer dizer, sei que só passou um dia, mas já estou farta de ser posta de parte.

Mas assim que digo isto, apercebo-me de que não é bem verdade. Provavelmente, já passei mais tempo com o Braxton do que

estive sozinha. Ainda assim, depois de quase ter perdido a cabeça ontem à noite no Jardim da Lua, tendo-me deixado levar pelo sotaque britânico dele e pela cara estupidamente bonita, essa situação quase parece um campo minado.

— Olha lá... — começa o Jago. Depois de olhar rapidamente pelo corredor, aproxima-se de mim e sussurra: — Queres um conselho que ninguém me deu quando cá cheguei?

Inclino-me para ele, desesperada por saber o que quer que seja sobre como sobreviver aqui dentro.

— Não há nada de normal nesta academia. Vais ver coisas mesmo estranhas em Gray Wolf, mas se fores esperta, vais saber escolher as tuas batalhas, porque não te serve de nada lutar contra algo que é impossível ganhar.

Engulo em seco e assinto, para que ele continue.

— Dito isto, nunca te esqueças do valor que tens. E nunca te esqueças de que eles precisam mais de nós do que nós precisamos deles. Porque quanto mais eles investem em ti, mais relutantes estarão em te perder.

— *Perder?* — O meu estômago começa a andar às voltas e fico com a boca seca. Não faço ideia do que isso significa, mas o Jago afasta-se tão rapidamente que se torna claro que não me vai explicar.



Capítulo 45

O Jago está à minha frente, o rosto bonito sem mostrar qualquer sinal da expressão sombria de segundos antes.

— Pronto — diz ele, adotando uma postura mais formal e oferecendo-me o braço. — Vamos lá?

Olho para aquele braço estendido. É um gesto tão antiquado que nem sei bem como o interpretar.

— Hum... o que estás a fazer? — pergunto.

— É uma daquelas regras que mencionei — explica ele. — Coisas como o comportamento, a postura e os modos são muito importantes aqui.

Mordo o lábio e continuo a olhar para ele. *Será este um daqueles protocolos arcaicos de que o Braxton me falou? Porque podem estar bem enganados se acham que vou participar num ritual social tão desatualizado e misógino.*

Abano a cabeça e continuo a andar pelo corredor.

— Olha, sem ofensa — digo —, mas não preciso de um homem forte para me mostrar como as coisas funcionam. Sou perfeitamente capaz de andar sozinha.

O Jago ri-se e começa a andar também.

— Olha, percebo o que estás a dizer — garante. — Isto à primeira vista parece completamente ridículo, mas há um propósito para tudo aqui dentro. E em breve tudo vai fazer sentido.

Ele aponta para alguns dos outros alunos que, entretanto, entraram no corredor, todos eles de braços dados. Rapaz/rapariga, rapariga/rapariga, rapaz/rapaz — é como se eu tivesse entrado num filme de época, no qual todos, menos eu, encarnaram uma personagem.

— Isto é ridículo — comento, franzindo o sobrolho. — Já para não dizer ultrajante e completa e totalmente absurdo...

O Jago sorri, paciente, fazendo-me lembrar um professor que encara um aluno que não está a perceber nada do que ele está a dizer.

— Lembras-te de eu ter dito que há regras contra as quais não vale a pena lutar? Esta é uma delas. Mas não fiques com a ideia errada. Embora se espere que demos os braços, outras demonstrações de afeto são completamente proibidas durante o horário escolar.

Suspiro, frustrada, e dou-lhe o braço, ainda que de forma relutante. Mesmo assim, não consigo deixar de dizer:

— Mas qual é objetivo disto?!

Olho para o Jago, e como ele é uns bons 20 cm mais alto do que eu, quase que tenho de partir o pescoço para o encarar diretamente nos olhos. E, pela primeira vez, chego a uma conclusão — com este rosto esculpido, pestanas mais longas que as da Elodie e uma bela pele dourada, o Jago não é só bonitinho, é lindo de morrer. E quando fala, a voz é grossa e profunda, com ligeiro sotaque que me parece ser espanhol.

— Pensa no Arthur como um curador do passado — prossegue o Jago. Continuamos a descer a escada, de braços dados. — Ele escolhe o que quer e descarta o resto.

— Ele disse algo do género no nosso al... — Subitamente, lembro-me de que nem todos têm direito a almoçar com o Arthur e calo-me.

— Eu sei que foste almoçar com o Arthur — confessa ele. — Toda a gente sabe. Mas fazes bem em não te gabares disso. Gray Wolf é muito mais competitivo do que possas pensar.

— Mas nós estamos a competir por que coisa?

— Olha — replica ele —, até há pouco tempo, eu também era novo aqui. Por isso, vou dizer-te algo que ninguém me disse.

Caminho em silêncio ao lado dele, na esperança de que a revelação não seja tão sombria quanto a anterior.

— Em primeiro lugar, esquece o teu passado. Foi-te dada uma oportunidade para começares de novo, por isso o melhor é aproveitá-la.

Além disso, não andes por aí a perguntar às pessoas há quanto tempo estão aqui ou de onde são.

Sinto-me a ficar corada. Já fiz isso com quase toda a gente.

— Nada disso importa agora. E todos nós temos trabalhado muito para conseguir ultrapassar isso.

— Certo — anuo. — Mais alguma coisa?

Chegámos à entrada da Sala Primavera e ele puxa-me para o lado para as outras pessoas passarem.

— Em segundo lugar... — Ele tira-me o *tablet* das mãos e encosta o meu polegar ao ecrã. — É assim que o ligas e desligas. O resto é intuitivo, consegues descobrir sozinha. Ah, e acima de tudo, não o percas. Eles conseguem rata-lo, claro, mas dá má impressão.

— Ele vem com um carregador? — pergunto, lembrando-me de que não vi um na caixa.

— Não precisa — retorque o Jago. — Enquanto estiveres na ilha, terá sempre bateria. — Ele larga a minha mão, mas aquele olhar cor de topázio mantém-se em mim. Inclina a cabeça para o lado, prestes a dizer algo, mas depois interrompe-se subitamente, e quando me viro, vejo o Braxton atrás de mim.

— Desculpem interromper — intervém o Braxton, olhando rapidamente para mim e depois para o Jago.

— Estou só a dar uma ajuda a uma Verde — reage o Jago, a sorrir. Depois, pisca-me sorrateiramente o olho e entra na Sala Primavera.

Estou prestes a segui-lo quando o Braxton diz:

— Houve uma mudança de planos.

Olho demoradamente para a sala do pequeno-almoço, o local onde novos amigos me esperam, e suspiro muito alto, sem tentar esconder o meu aborrecimento.

— De que se trata? — pergunto.

O Braxton estende o braço e diz:

— Já foste a Paris?



Capítulo 46

Quando me recuso a dar-lhe o braço, o Braxton tenta dar-me a mão, mas também isso rejeito.

— Passa-se alguma coisa? — interroga ele, com ar preocupado. Como se não tivesse qualquer memória do que aconteceu a noite passada.

Mas, uma vez que não estou com vontade de me humilhar ao recordar-lhe que me deu uma tampa depois de quase nos termos beijado, limito-me a dizer:

— É só... — Ele olha para mim. — Sou perfeitamente capaz de andar sozinha, só isso.

O Braxton assente rapidamente e começa a andar.

— E, além disso, tenho fome — digo, tentando rata-lo. — Não devia tomar o pequeno-almoço antes?

— Há café e bolos lá.

— Em Paris? Porque não sei se aguento até lá.

Ele para de andar abruptamente, as solas de borracha a chiarem contra o chão de pedra.

— Tu queres ser uma Azul? — Ele olha fixamente para mim.

Assinto. Quer dizer, não sei muito bem o que isso implica, mas deve ser muito menos solitário do que ser uma Verde.

— Então, esta é a tua oportunidade de andares para a frente.

— A sério? — Olho para as costas do Braxton, pois ele voltou a andar e tenho de me apressar para o acompanhar.

Depois de virar umas quantas vezes à direita, ele para em frente a uma porta preta.

— A única coisa que tens de fazer é provar o que vales — diz ele. — Tens de mostrar ao Arthur que ele tinha razão acerca de ti.

— Mas razão em relação a quê, exatamente? — questiono. — Pois não faço a mais pequena ideia de porque é que me escolheu ou o que vê em mim...

Quando reparo que o Braxton olha fixamente para mim, tal como fez ontem à noite no Jardim da Lua, a minha voz começa a falhar, fico sem ar e apenas consigo desviar o olhar.

Não faço a mínima ideia de como responder a este tipo. Não consigo perceber as intenções dele, já que num momento é superquerido e no momento seguinte está um gelo comigo. A única coisa que sei é que preciso de ter cuidado com ele. Tenho de me proteger, proteger os meus sentimentos. Porque se há algo que o meu passado me ensinou, é que eu sou a única que o posso fazer.

O Braxton começa a mover-se na minha direção, mas, quando vê a minha expressão, estaca. E dou um suspiro de alívio. A última coisa de que preciso é que ele pense que aquele quase beijo significou alguma coisa.

Ou, pior do que isso, que há qualquer hipótese de voltar a acontecer.

— Não te preocupes — diz o Braxton. Inicialmente, penso que se refere a nós, mas depois apercebo-me de que só eu estava a pensar nisso. O Braxton continua a falar do Arthur. — Apenas tens de ser tu mesma e esforçar-te ao máximo.

Ele vira-se para a porta e encosta o polegar ao leitor de impressões digitais. A porta abre-se e eu sigo-o para umas das salas que vi ontem — a que tinha um palco circular ao centro e as cadeiras de auditório em redor.

Uma vez que todos os outros alunos estão a tomar o pequeno-almoço, dentro da sala só estou eu, o Braxton, o Hawke, o Arthur e outro rapaz chamado Keane.

A minha primeira impressão do Keane é que ele é altíssimo. Deve ter, à vontade, mais 30 cm do que eu, talvez até mais. E, tendo em conta os bíceps dele, é um tipo que nunca falta ao ginásio. Tem uma pele escura brilhante, cabelo de comprimento médio em

tranças e uns belos olhos negros que fazem um ligeiro bico nos cantos.

Quando esboça um sorriso e junta a palma das mãos como cumprimento, faço uma versão parecida, mas desajeitada.

Antes que eu caia no erro de lhe perguntar de onde vem e há quanto tempo está em Gray Wolf, o Braxton gesticula para uma mesa com café e bolos, e o resto do grupo começa a falar em privado. Depois de comer um bolo e beber um café com leite, o Braxton faz-me sinal, mas é o Hawke quem começa a explicar o que aí vem.

— Suponho que tenhas tirado apontamentos na aula de ontem, certo?

Limpo as migalhas da boca e confirmo que assim fiz.

— Pronto, muito bem. O que vamos fazer agora é uma espécie de simulação.

Olho para ele sem expressão e, apesar de não fazer ideia do que ele quer dizer, o meu estômago está às voltas e tenho as mãos a suar.

— Vais fazer uma viagem à quarta dimensão, mas de forma virtual.

— Um portal virtual? — A minha voz quebra, mostrando o meu nervosismo.

— Vamos passar à ação — diz o Hawke. — Vamos passar à frente uns quantos módulos. Encara isto como um curso intensivo, que abrange uma série de aulas que geralmente demoram várias semanas.

O tom dele é encorajador, mas olhando rapidamente em redor, percebo que o Keane tem dúvidas, o Braxton está esperançoso e o Arthur não se descose.

— Ignora-os — sussurra o Hawke. — Vai correr tudo bem. Não estarias aqui se o Arthur não soubesse que tens algo de especial.

Observo o Hawke por uns momentos, tentando perceber se isto é tudo uma brincadeira, se o Arthur lhe disse especificamente para ele me dizer aquilo.

— Ah, então deixa lá, problema dele — desvalorizo. — Acontece que não tenho assim nada de especial.

O Hawke olha para mim durante uns momentos.

— É bom que isso não seja verdade — diz ele, em tom de aviso.



Capítulo 47

O Keane leva-me para uma sala que contém para aí uma centena de vestidos de gala pendurados naquele tipo de cabides que se veem nas lavandarias futuristas.

— Se passares neste teste, daqui a pouco tempo vais poder usar um vestido daqueles.

Olho para ele e depois para as filas intermináveis de vestidos elegantes que mais parecem disfarces de carnaval.

— Isso é em homenagem ao *Matrix* ou à *Alice no País das Maravilhas*? — interrogo, apontando para a *T-shirt* dele. É preta com a imagem de um coelho branco com um relógio de bolso ao pescoço.

O Keane olha para baixo e sorri.

— É só um lembrete — replica ele, encolhendo os ombros de forma casual.

Um lembrete de quê? — Olho para ele com ar expectante, esperando que não ache que estou a ser demasiado intrometida.

— Para não me levar demasiado a sério — esclarece ele. — E para que nunca me esqueça de que os melhores momentos acontecem àqueles que estão dispostos a saltar para dentro da toca do coelho.

Penso nas palavras dele por uns momentos.

— Tenta manter a mente aberta em relação à viagem —

aconselha ele —, e vais ver coisas mesmo incríveis, garanto-te. Mas, para já, a Charlotte vai dar-te uma ajuda com a roupa.

A Charlotte apresenta-se e esboça um sorriso que se estende até aos olhos, e um rubor cor-de-rosa espalha-se pela tez branca, realçando-lhe o cabelo cor de aveia. Tem uma atitude descontraída que me deixa desde logo à vontade. Se tivesse de escolher uma palavra para a descrever, seria “aconchegante”. É uma daquelas pessoas que emana carinho e preocupação maternal.

E, por uns meros momentos, sinto tanta falta da minha própria mãe que quase fico sem ar. Até que percebo que a coisa de que *realmente* sinto falta é uma versão antiga da minha mãe — aquela que me punha na cama, me limpava as lágrimas e, nas noites estreladas, me levava lá fora para nos maravilharmos com a magia da lua.

A mãe que eu tinha antes de o meu pai se ir embora.

Afasto estes pensamentos e foco-me na Charlotte. Ela usa uma blusa branca por baixo de uma bata cinzenta, cujo tecido se estica sobre o enorme peito. Ao fazer uma vénia, as solas das sapatilhas brancas dela chamam tão alto que desata às gargalhadas, o que também me faz rir.

— Vou dar-te uma ajudinha — diz ela, com um sotaque marcadamente francês, o que me faz questionar como é que ela veio parar a esta ilha. Mas ao lembrar-me do que o Jago disse sobre esse género de perguntas, visto-me em silêncio.

Ela ajuda-me a vestir um fato de corpo inteiro, feito de um material elástico preto, e depois leva-me para o palco, onde dou por mim desajeitadamente em frente aos outros quatro, sem ter qualquer ideia do que devo fazer.

— Apanha o cabelo dela — ordena o Hawke. — Nada de muito elaborado. Basta um rabo de cavalo simples.

A Charlotte faz-me um rabo de cavalo e o Keane pergunta:

— Como te sentes?

— Bem — respondo. — Quer dizer, não sei bem o que...

— Vira-te — instrui o Keane. Obedeço, apenas para ver uma mesa que suporta uma série de objetos.

Um baralho de cartas.

Uma moldura dourada.

Uma bainha de couro com joias.

E... um chicote de equitação?

Olho para a minha plateia e depois para os objetos à minha frente, sem saber como devo proceder.

— Vamos por ordem — revela o Hawke. — Começa pela esquerda.

Pego no baralho de cartas e coloco as cartas viradas para baixo na palma da mão.

— Escolhe uma — pede o Hawke.

Lanço um olhar duvidoso para as cartas. Da última vez que fiz isto, não correu muito bem. A ideia de o fazer novamente põe-me a barriga a andar às voltas.

— Quanto mais cedo, melhor — insiste ele, gesticulando para eu avançar.

Uma memória vaga do meu pai invade-me a mente, mas antes de começar a pensar a fundo nisso, afasto-a. Desde o momento em que entrei na *Arcano*, foi como se um interruptor se tivesse ligado no meu cérebro. E agora, após anos a bloquear as memórias do meu pai, quase todas as coisas estranhas que vejo fazem-me lembrar dele.

Concentrando-me nas cartas, baralho-as, corto o baralho três vezes e, depois, pego na carta de cima.

— Bem, pelo menos não é a Roda da Fortuna — digo, sem saber se devo ficar aliviada ou preocupada. Percebendo que estão à espera de ver qual é a carta, viro-a para eles.

— O Mago. — O Hawke assente, num sinal de aprovação. — Agora, olha para a carta e diz-nos o que vês. O que quer que te venha à cabeça.

Este baralho é mais recente e moderno do que aquele que o meu pai me mostrou, e alguns dos símbolos são diferentes. Estou prestes a dizer-lhes isso, mas por alguma razão as palavras simplesmente não saem. Embora, felizmente, existam outras palavras que me ocorrem.

— É um Arcano Maior. A primeira carta do baralho, logo após O Louco, que é numerada como zero. Ele é altamente criativo, um inventor... — A minha voz desvanece-se, sinto-me enjoada e começo a suar.

— *E...* — insiste o Hawke.

— E, hum... — As minhas mãos estão a tremer, por isso respiro fundo e recomeço. — Há um símbolo do infinito sobre a cabeça dele e, pronto, já sabem o que isso significa. Além disso, a mão direita está a apontar para o céu. Ah, e segura uma varinha. A mão esquerda aponta para o chão. Esta pose quer dizer algo como o que está em baixo é como o que está em cima, algo desse género. Ele tem as ferramentas reunidas e está pronto para juntar espírito e matéria e... e assim transcender este reino terrestre. — Engulo em seco e forço-me a continuar. — Além disso, representa Mercúrio, que também é um símbolo alquímico.

— Mais alguma coisa?

Olho para a carta com tanta força que a minha visão até começa a desfocar. Sendo uma carta um, O Mago está relacionado com a carta da Roda da Fortuna, que é a carta 10, e tendo em conta que as cartas estão relacionadas com a numerologia, em que $1 + 0$ reverte para 1, elas estão relacionadas.

Ainda assim, resolvi não partilhar esta parte.

— Natasha, tens mais alguma coisa a dizer? — interroga bruscamente o Arthur, arrancando-me dos meus pensamentos.

Olho diretamente para ele, respiro fundo e digo:

— A carta é o Arthur.



Capítulo 48

O Arthur semicerra os olhos, mas os lábios esboçam um sorriso.

O Hawke tira alguns apontamentos no *tablet* e depois diz:

— Muito bem. Vamos lá. Passa para o objeto seguinte.

Olho para a moldura dourada, tentando perceber o que isto poderá ser. Sei que ele disse que eu ia avançar uns quantos módulos no programa, mas não me lembro de qualquer menção a análise de cartas de tarô no meu horário escolar.

— Quando quiseres — incentiva o Keane.

Pego na moldura, e no momento em que toco num dos cantos, o palco desaparece e dou por mim no meio de um museu.

Demoro uns instantes até perceber que estou no Louvre.

Era isto que o Braxton queria dizer quando insinuou que íamos a Paris? Porque, embora saiba que não saí da academia, parece que os meus sentidos foram sequestrados e me levaram para outro sítio e outro tempo.

Estou rodeada por pinturas belíssimas e uma multidão de turistas. Quando uma criança larga a mão da mãe e vai contra mim, fico chocada ao ver que me desequilibrei, apesar de saber que não existe qualquer criança. Que não existe qualquer museu.

Nada disto é real.

E, ainda assim, o efeito que tem é tão visceral que consigo cheirar o perfume floral da mulher ao meu lado, o cheiro a charuto que emana do casaco de um homem. Ouço passos, o murmúrio de

vozes.

E subitamente apercebo-me de algo: *foi assim que eles criaram a Arcano.*

De algures de fora da ilusão, ouço o Hawke dizer:

— Caminha por entre a multidão.

Uma placa na parede diz-me que estou na Ala Denon. E apesar de o nome me ser familiar, não consigo perceber a razão até ver a *Mona Lisa* pendurada na parede oposta.

— Diz-me tudo o que te vem à cabeça — pede o Hawke. — Tudo mesmo.

— É uma das pinturas mais famosas deste museu — replico, as palavras a saírem-me em catadupa. — É uma das obras de arte mais conhecidas em todo o mundo. Ainda que só tenha ficado famosa após um empregado do Louvre a ter roubado, em 1911.

— E como é que sabes tudo isto? — pergunta o Keane.

Caminho por entre a multidão para ver o quadro mais de perto.

— Não sei — respondo, o que é verdade. Não faço ideia de como sei a maior parte das coisas que disse até agora. — Talvez tenhamos falado disso nas aulas de Artes Visuais?

— Não pareces estar certa disso — diz ele.

— Sinto que é verdade.

— Mais alguma coisa?

— Algumas pessoas ficam desapontadas quando a veem — continuo. — Como é uma pintura tão famosa, quando as pessoas a veem ao vivo e descobrem que é relativamente pequena, ficam desiludidas.

— Mas o que é que *tu* vês, Natasha? O que te revela um primeiro olhar?

Observo mais de perto, espantada por perceber que a multidão virtual desapareceu, o que me permite ver o quadro com mais atenção.

— Eu, hum... — Fico sem palavras, as frases desvanecem-se da minha mente e eu vejo um cenário bizarro a desenrolar-se à minha frente.

— Natasha?

É o Keane quem está novamente a falar. Ou, pelo menos, acho que é. Mas o que vejo agora, boquiaberta, é que os últimos cinco séculos desapareceram e estou a ver o desenho original e uma mão a aparecer do nada para dar uma primeira pincelada de cor.

Abano a cabeça. Inspiro rapidamente. Preciso que esta miragem desapareça, que o museu volte a aparecer. Se não fosse pelas luzes e pelo chão estar fixo, diria que estava a meio de outra Revelação. Mas isto... isto é uma coisa diferente.

E não consigo deixar de pensar se mais alguém estará a ver isto.

— Estás bem? — pergunta o Keane. As palavras são atenciosas, mas o tom impaciente.

— Sim, hum... — Clareio a garganta, encosto uma mão à barriga e acalmo-me. — Estou só a sentir-me um pouco... Bom, não sei bem o que posso acrescentar quando há tantos historiadores de arte que...

— Não estamos interessados na análise académica — pressiona o Hawke. — Nós queremos saber o que *tu* vês.

Dou um passo hesitante e aproximo-me, enquanto a mão flu-tuante continua a pintar camadas de tinta. *Isto faz parte do holo-grama ou...*

— Natasha?

— Hum, o rio... — Com a mão a tremer, gesticulo para a tira azul acabada de pintar. — Simboliza a passagem do tempo.

— Isso é teoria académica ou...

— Não — reajo rapidamente. — Quer dizer, é, mas também é verdade. E...

— Continua — insiste o Hawke.

— Bem, sinto que, de alguma forma, está ligado ao ditado: “Não é possível entrar duas vezes no mesmo rio.” — As palavras repetem-se na minha cabeça, e a voz que as profere é a do meu pai.

O meu pai? Fecho os olhos com força. *Que raio me está a acontecer?*

— E quem disse isso? — quer saber o Hawke. — Essa citação. Quem a disse?

Há muito, muito tempo, o meu pai sussurrou-me, mas só agora me

veio à mente.

Abro os olhos e tento afastar o pensamento. Ao Hawke, respondo:

— Não tenho a certeza. — Um segundo depois, o tempo voltou, pintura está acabada e a multidão de turistas está novamente à minha volta.

— Não há problema — tranquiliza o Hawke. — Caminha pela multidão, até mesmo lá à frente. Vês mais alguma coisa?

Faço o que ele diz. De forma furtiva, contorno as pessoas até ter a obra-prima à minha frente.

— Está a guardar um segredo — digo. — Um segredo relacionado com aquele rio. Algo relacionado com a verdadeira natureza do tempo.

— Quem é está a guardar um segredo? *Ela?*

— Não, o artista. Isto não é propriamente um retrato, é como se fosse uma placa de sinalização, uma mensagem só para aqueles que a conseguem ler.

— E tu achas que a consegues ler?

Inclino-me para a frente, concentrando-me.

— Já não. — Encolho os ombros. — Eu...

— Não há problema — diz o Keane. — Estiveste muito bem. Pronto, agora quero que estendas a mão e pegues no quadro.



Capítulo 49

No momento em que me apercebo do que o Keane acaba de me mandar fazer, todo o meu corpo fica dormente.

— Ouviste, Natasha? — diz ele. — Pega no quadro.

Engulo em seco e recordo-me de que nada disto é real, ainda assim a minha mão treme quando a estendo e toco na moldura. Tal como a borboleta na Sala Primavera, a moldura parece verdadeira.

— Não te esqueças de que isso é frágil e insubstituível — lembra o Keane.

— Mas... é só um holograma, certo? — É uma pergunta que *tenho* de fazer. A sala parece mesmo autêntica e é óbvio que eles estão a tentar lixar-me a cabeça, por isso já não tenho a certeza de nada.

— Retira-o da parede — pede o Keane. — Com cuidado.

Sinto as pessoas à minha volta a ficarem inquietas. Olham para mim, apontam na minha direção, sussurram entre elas. Algumas até começam a afastar-se.

Fecho os olhos e respiro fundo. *É só um holograma. Uma simulação.* O único resultado negativo que poderá sair daqui é o Arthur ficar insatisfeito — e isso já é mais do que suficiente para me assustar.

Focando-me na tarefa que tenho em mãos, coloco ambas as mãos na moldura e, sem fazer muita força, consigo retirar o quadro da parede. Um sorriso largo espalha-se no meu rosto.

Conseguí! Eu...

Nesse momento, um alarme ensurdecedor desata a tocar e uma equipa de seguranças corre na minha direção.

— O que vais fazer, Natasha? — pergunta alguém. Será o Keane? O Arthur? O Hawke? O Braxton? Não consigo perceber. E também não me interessa.

Olho em redor, frenética, o meu coração a bater tão desenfreadamente que o consigo ouvir. Não há sítio para onde ir. Não há por onde fugir.

— O que vais fazer, Natasha?

Ouçoo uma criança aos berros algures dentro da sala. Um homem aponta para mim e grita aos seguranças para se despacharem.

— *O que vais fazer, Natasha?*

Olho para todos os lados, desesperada, à procura de um sítio por onde fugir, mas não existe.

O alarme toca cada vez mais alto. Estou a suar em bica.

— Natasha, o que vais fazer? Renderes-te?

Sim! É isso! Quer dizer, que outra hipótese tenho?

Abro a boca, pronta para levantar a minha bandeira branca verbal, quando um “NÃO!” enfático dispara da minha boca.

No segundo seguinte, uma seta verde a piscar surge à minha frente e desato a correr na sua direção. Horrorizada, vejo que um enorme portão de ferro está a descer, eliminando a minha única saída possível.

Não vou conseguir chegar a tempo. Vou ficar aqui fechada com uma multidão furiosa e seguranças ainda mais furiosos.

Corro mais rápido, o som das grades de metal a chiarem nos meus ouvidos, determinada a passar por aquele portão e seguir aquela seta até ao fim, até ao...

Assim que dou o próximo passo, o meu pé sai do palco e dou por mim em queda livre para um espaço negro vazio.

Sou amparada por uns braços que me rodeiam.

E uma voz sussurra-me ao ouvido:

— Muito bem, querida.

A seguir, o Braxton poussa-me cuidadosamente no chão.

A primeira coisa que faço, quando os meus pés tocam no chão, é olhar para as minhas mãos. Estão vazias, é claro.

Era uma simulação. Nada daquilo era real. Nunca estive realmente em perigo.

Ainda assim, o meu coração ainda precisa de mais algum tempo para se acalmar, tendo em conta a força com que continua a bater.

— Estiveste bem — garante o Keane, sorrindo e mostrando duas covinhas de ambos os lados do rosto.

O Hawke assente, mas o rosto do Arthur mantém-se inalterado.

Depois, o Keane mostra um *tablet* que tem uma série de linhas que me fazem lembrar aqueles testes do polígrafo.

— Vais ter de treinar para manteres a tua pulsação mais estável, mas tendo em conta que foi a tua primeira vez...

— Vocês estavam a *medir-me* a pulsação? — pergunto, embora devesse ter percebido isso quando a Charlotte me deu este fato para usar.

Ele assente.

— Pronto — acrescenta. — Vamos fazer uma pausa de dez minutinhos antes de passarmos para o próximo.

— Para o próximo? — Olho para o Braxton, sentindo uma mistura de excitação e medo.

— Parece que mereceste uma viagem a Veneza — diz ele.



Capítulo 50

Para a minha viagem a Veneza, tenho de vestir um vestido de gala elaborado, com um decote quadrado, um corpete muito justo e uma enorme saia tão volumosa que até faz barulho quando ando.

Passo as mãos pela seda macia e observo-me ao espelho, espantada ao ver o meu peito subido, como duas meias-luas. Por causa do espartilho, o meu peito fica tão empurrado para cima que tenho medo que salte fora do vestido. Especialmente se tiver de correr, como aconteceu na simulação de Paris. Mas a Charlotte tranquiliza-me e garante-me que não tenho de me preocupar, e depois manda-me sentar para experimentar sapatos.

Os sapatos em brocado de seda têm saltos baixinhos, não mais do que dois centímetros, e um laço azul que estou tentada a tirar.

— Não há outro par? — Olho para a parede cheia de prateleiras onde devem estar centenas de sapatos. — Não gosto lá muito do laço.

Fico ligeiramente envergonhada por ter dito isto e espero que ela não ache que sou mimada ou convencida. Porque, sinceramente, nem sei por que razão acabei de falar dos sapatos. Quer dizer, eu praticamente dormia com as minhas velhas *Converse*. E, além disso, não é como se eu fosse mesmo a algum lado. Isto é quase como experimentar fatos de carnaval ou ir a um ensaio para uma peça da escola. Ainda assim, por mais que me tente convencer a levar tudo isto na boa, continuo a olhar, chateada, para aquele laço. Isto pode parecer tudo a fingir, mas sei que estou a ser avaliada a todos os momentos. E apesar de me ter safado no exercício anterior, não sig-

nifica que o mesmo aconteça com este.

— Para já, vais ter de usar estes — diz Charlotte. — Mais tarde, se superares isto, vamos fazer uns sapatos especialmente para ti.

— Se superar isto? — repito, a minha voz esganiçada. Mas a Charlotte ignora-me e continua a cantarolar baixinho.

As mãos dela mexem-se rapidamente. Apanha o meu cabelo e prende-o num penteado no topo da minha cabeça. Afasta-se e diz-me para virar a cabeça, primeiro para um lado, depois para o outro. Quando está satisfeita, dá-me instruções para me levantar.

— Normalmente, crio algo mais elaborado. Mas para o que é... — Ela encolhe os ombros e puxa o meu corpete para baixo, expondo mais um milímetro do meu peito, parecendo-me já vários milímetros a mais. — Desculpa lá — continua ela. — Mas é assim que se usam estes vestidos. Vá, vamos lá. Vai correr tudo bem. — Ela passa as mãos pela sua própria roupa, muito mais modesta do que a minha.

Desta vez, quando me vejo ao espelho, até estou satisfeita com o resultado. E como o vestido é comprido, nem se veem os laços nos sapatos. Mas fiquei a pensar na forma como ela disse *para o que é*. Tipo, o que quer ela dizer com isso? Para que é que o Arthur me está a treinar — para roubar pinturas famosas das paredes do Louvre? O que funciona numa simulação não significa que funcione na vida real.

Ou será que isto foi apenas um teste, feito para determinar quão longe estou disposta a ir, quanto estou disposta a arriscar?

E, se for esse o caso, será que passei?

— Estás pronta — A Charlotte baixa a cabeça e faz uma pequena vénia estranha. — *Bonne chance* — sussurra ela, quando saio do provador para o palco onde o Jago me espera.

O Jago faz-me uma vénia. Está vestido com um traje de época: calças até o joelho, meias-calças, sapatos com fivela, um longo casaco de veludo que acho que é denominado fraque, uma camisa bege com folhos e uma gravata de seda roxa ao pescoço.

— *Mademoiselle* — solta ele, o olhar a perscrutar o meu vestido. — Devo dizer que está deslumbrante.

Desta vez, quando oferece o braço, aceito. Tenho quase a certeza de que isto faz parte do teste, e estou determinada a superar qual-

quer expectativa que o Arthur tenha estabelecido.

O Jago leva-me por uma escadaria de madeira que dá acesso a uma ampla plataforma, e depois para a mesa, que, além da bainha de couro e do chicote de equitação, tem duas máscaras — uma para mim, outra para ele. O Jago dá-me uma máscara verde com pequenas joias incrustadas à frente, e escolhe um *design* mais simples, de veludo preto, para ele. Quando colocamos as máscaras, dou por mim dentro de um magnífico salão de baile.

— É um baile de máscaras! — sussurro, olhando para uma multidão de foliões mascarados com trajes e vestidos elaborados, música clássica a soar no ar.

— Não é um baile qualquer — revela o Jago. — Tu, minha cara amiga, estás no *Palazzo Ducale*, ou Palácio do Doge, como preferires.

O Palácio do Doge! Tento lembrar-me das imagens famosas e finalmente recordo-me da majestosa obra-prima gótica localizada na Praça de São Marcos.

— Aqui dentro, neste preciso local, 120 Doges presidiram o destino de Veneza durante quase mil anos — prossegue o Jago, encaminhando-me através do espaço elegante.

— Só vi fotografias do exterior — confesso. Lembro-me da magnífica fachada que vi certa vez numa revista de viagens de luxo. — Não sei como é por dentro. — Tento manter a compostura, mas há tanta opulência aqui dentro que é como se estivesse a ver o mundo através de uma lente dourada.

O Jago ri-se.

— E vais continuar sem saber. Isto é só um holograma. E apesar de ser um holograma bem feito, foi alterado para atender aos requisitos desta aula.

Ele mostra-me uma coleção de esculturas e pinturas dos maiores artistas renascentistas, e depois leva-me por uma bela escadaria dourada, até à pista de dança.

— Vais participar em muitos bailes destes — diz ele. — Sendo uma nova viajante, é mais fácil passares despercebida se usares uma máscara. Vais saber que realmente conseguiste quando te deixarem mostrar a cara.

Estou prestes a fingir que não faço ideia do que ele está a falar, quando o Jago se aproxima de mim e, em voz baixa, diz:

— Eu sei que Já te disseram o que realmente acontece aqui em Gray Wolf.



Capítulo 51

Olho para o Jago, incrédula com tal sugestão.

— Ninguém me disse nada — minto, virando-me para a multidão virtual à nossa volta. — Estava à espera que *tu* me contasses tudo.

O Jago dá-me uma pequenina cotovelada na cintura.

— Boa tentativa — diz ele. Depois, gesticulando para a sala, acrescenta: — Tendo em conta que isto faz parte do teu exame sobre Normas Linguísticas e Culturais, acho que é melhor começarmos a dançar. — Face a esta sugestão, a música fica mais alta e ele provavelmente sente a minha hesitação, pois sussurra: — Faz o que eu faço.

Juntamo-nos aos restantes pares na pista de dança e dou o meu melhor. Mas sou desajeitada e tropeço nos meus próprios pés. Depois, ouço o Keane dizer:

— Braxton, inscreve-a nas aulas de dança. Jago, leva-a para a próxima parte da simulação.

Os meus ombros descaem. A pouca confiança que tinha acaba de desaparecer.

É óbvio que não fui feita para esta era. Quase nem fui feita para a minha própria era, quanto mais.

Mas o Jago pega-me na mão e aperta-a para me dar. Força.

— Ignora-os — incentiva ele. — Está a correr bem.

De mãos dadas, subimos a escadaria dourada, e vejo vários

casais a entrarem em quartos vazios e a irem para cantos escuros. Ouço o som de risos abafados e pouco depois alguns gemidos.

— O que é isto, um holograma de uma orgia?! — digo, rindo nervosamente.

— Chiu — sussurra o Jago. — Mantém-te na personagem. Eles conseguem ouvir-te.

Por “eles”, o Jago refere-se à nossa plateia. E, claro, tem razão. Foi uma atitude amadora e tenho de fazer melhor do que isto.

Isto é uma simulação. Repito as palavras na minha cabeça como se fosse um mantra. *Estou num palco. Nada disto é real. É apenas...*

No momento seguinte, o Jago põe um braço à minha volta e empurra-me contra uma parede, enterrando o rosto no meu pescoço.

A pele dele é quente e ele cheira muito bem. Mas, por mais que ele seja inegavelmente bonito e charmoso, e mesmo que eu esteja totalmente ciente de que tudo isto é mentira, ainda assim fico meio surpreendida ao descobrir que esta versão encenada de curtir com o Jago não é tão emocionante quanto quase curtir com o Braxton. Porque não me sinto minimamente atraída pelo Jago. Já pelo Braxton...

— Não te mexas. — Os lábios do Jago roçam o lóbulo da minha orelha. — Agora, levanta lentamente a cabeça e olha por cima do meu ombro. Não olhes fixamente. Mantém os olhos semicerrados, como se estivesse tão assoberbada de paixão que mal consegues focar o olhar.

Tento fazer o que ele diz, mas aposto que não estou a ser convincente.

— A mulher de cabelo preto, a que usa um vestido com padrão de rosas. Consegues vê-la?

Assinto e deslizo a mão pelo pescoço dele para manter as aparências.

— Ela é uma das cortesãs do Doge.

— Uma das quê?

— Existem muitas, mas isso não interessa. Vês o alfinete que tem no cabelo? Em forma de rosa e feito de rubis?

— Sim — replico, com dificuldade em respirar. Já sei o que vem a seguir. E mesmo que também saiba que isto não é real, o meu coração bate desenfreadamente, pois já não sabe distinguir entre o que é verdadeiro e a fingir.

— Vais ter de o roubar — diz o Jago, com a mão encostada à minha cintura.

— Mas... *como?* — Falo tão alto que ele cobre a minha boca com a dele. Mas não é um beijo. Nem pensar. É só algo que ele faz para me calar e não deixar que me enterre ainda mais.

Ele afasta-se um pouco, embora a mão que ainda segura a minha cintura pareça funcionar como um aviso. O Jago olha para mim, solta a mão, afasta-me e diz:

— Receio que vás ter de resolver isso sozinha.



Capítulo 52

Sigo a mulher com o vestido com rosas e lembro-me de um fim de semana que passei em casa do Mason, numa altura em que a avó dele não estava. Como chovia, passámos quase o tempo todo no quarto dele a ver repetidamente o filme *Boneca de Luxo* vezes sem conta, a devorar gelado de pistácio e chocolates negros, e a beber um vinho frisanter barato que nos deu dores de cabeça.

Quando parou de chover, estávamos aborrecidos, ligeiramente tocados e queríamos fazer algo divertido. Decidimos recriar uma cena do filme, por isso fomos a uma daquelas lojas de descontos, as que têm cartazes nas montras que dizem “liquidação total”.

Lá dentro, fomos logo para a secção de disfarces e pusemos máscaras — uma de baile de máscaras para mim e uma cabeça de Marilyn Monroe para o Mason. Depois, desafiámo-nos a roubar algo da loja. Algo que fosse piroso, mas incrível, um símbolo da nossa amizade que depois daríamos um ao outro.

Cada um foi para o seu lado, à procura do presente perfeito. Sentia o estômago às voltas, por ter comido tantos chocolates, e um pouco tonta, por causa do vinho. Fui primeiro à secção de coisas para a casa, achando que podia levar algo divertido para o quarto dele, mas depois percebi teria de escolher coisas mais pequenas, de forma a não ser apanhada em flagrante.

Fui para a secção de cosmética, mas a maquilhagem era tão espalhafatosa que decidi ir para a secção de joalharia. Depois de ver centenas de pulseiras, anéis, colares em prata com pendentes em

forma de unicórnios e papagaios, escolhi uma tiara com cristais, meti-a na cabeça e saí casualmente da loja sem ninguém reparar.

Quando cheguei ao sítio onde nos tínhamos ficado de encontrar, o Mason já lá estava. Coloquei-lhe a tiara na cabeça e ele pôs-me um anel cor-de-rosa de princesa no dedo. Fomos às gargalhadas até casa dele. Nenhum de nós se sentia minimamente culpado pelo que tínhamos acabado de fazer.

E agora, ao olhar para trás, acho que só me sinto um bocadinho culpada. E mesmo assim, lembro-me rapidamente de que éramos apenas dois miúdos que se queriam divertir um pouco, que aquelas coisas eram baratas e que não aconteceu nada de mal a ninguém.

Mas às vezes questiono-me porque realmente fiz aquilo.

Terá sido o vinho? Estar cheia de pica por causa do açúcar?

Ou será que sou uma criminosa nata com jeito para roubar?

E, se for, será que o Arthur já tem noção disso?

Foi por isso que ele me trouxe para aqui?

Sigo a mulher por um longo corredor. Quando ela para, de forma a admirar um quadro, é a minha oportunidade.

— *Saturno Devorando um Filho* — digo. Aponto para o quadro, que representa o deus romano de olhos selvagens a comer o próprio filho, e a minha outra mão agarra no alfinete no cabelo dela e coloca-o num dos muitos bolsos escondidos nas dobras do meu vestido.

É um simples *desvio de atenção* — aprendi a fazer isto numa ida a uma loja de magia. Ao direcionar o foco da mulher para a pintura, certifiquei-me de que ela não notava o que a minha outra mão estava a fazer.

Lembrando-me do que o Braxton me dissera sobre a importância de me encaixar em qualquer sítio e época em que me encontrasse, continuo:

— É verdadeiramente notável. — A minha voz não parece natural, mas volto a tentar. — E, devo acrescentar, igualmente horrível.

— Não foi pintado para ser visto pelo público. — A mulher fala com um sotaque polido. — Faz parte de uma série conhecida como Pinturas Negras. O artista, Francisco de Goya, pintou isto na parede de gesso da sua sala de jantar. Após a sua morte, foi transferido para

uma tela. Imagine só olhar para este quadro durante as refeições. — Ela abana a cabeça, força um arrepio exagerado. — Se quer que lhe diga, prefiro muito mais este quadro. — Gesticula para um retrato de dois velhos inclinados sobre um globo, um a rezar, o outro a rir. Uma onda de calafrios invade o meu corpo ao ver o quadro.

— Heráclito — reconheço, sem perceber que falei em voz alta até a mulher se virar para mim.

— E Demócrito — completa ela, e é nesse momento que percebo que a mulher mascarada é a Elodie.



Capítulo 53

Estou à frente dela, a tentar (e sem conseguir) não ficar boquiaberta. Com aquela peruca preta e o sotaque chique, não fazia ideia de que estava a falar com a Elodie.

E, como é óbvio, ao contrário de mim, ela está completamente à vontade e composta. E não sai de personagem, como eu acabei de fazer.

Por outro lado, a Elodie é uma profissional a enganar pessoas.

— Conhece esta obra? — Ela acena para um quadro, a inclinação do queixo a lembrar-me de que sou eu que tenho a perder se falhar isto.

A minha mão mexe nervosamente no meu corpete e obrigo-me a manter-me calma, voltando a olhar para o quadro. Ainda assim, a minha voz vacila quando digo:

— É de um artista neerlandês... acho eu.

ACHO EU?!

Assim que digo aquilo, fico imediatamente envergonhada e derrotada.

Por que razão diria aquilo se tenho a certeza de que é de um artista neerlandês?

Porque é que vacilei só porque ela está ali?

E quando é que vou aprender que tudo com a Elodie são jogos de poder e que tenho de começar a jogar como ela?

Tentando não ligar ao meu coração frenético, engulo em seco,

decidida a dar a volta a isto.

— É, sim — diz a Elodie, sorrindo. — Mas o que lhe estava a perguntar era se estaria familiarizada com o significado mais profundo da intenção do artista.

Aliso o meu vestido e olho para a Elodie e depois para o quadro, certa de que a placa à entrada de Gray Wolf com as palavras *Panta Rheï*, a frase que citei sobre o rio no *Mona Lisa* — “não é possível entrar duas vezes no mesmo rio” — e este quadro à minha frente estão todos relacionados com o mesmo filósofo da Grécia Antiga.

Mas porquê? E o que poderá isso significar?

A Elodie faz um estalido com a língua — é a versão dela de um relógio a fazer tiquetaque. Estou prestes a dizer algo, seja o que for, quando o Jago aparece ao meu lado e coloca uma mão na minha cintura.

— Minha querida — diz ele —, procurei-a por toda a parte. — O olhar que me lança é sem dúvida insinuador, mas acho que é só por causa da personagem. Mas não posso negar o alívio que sinto quando ele acena na direção da Elodie e me encaminha para fora dali.

— Conseguiu o prémio — sussurra ele. — Mas cometeste um erro grave ao ficares ali mais tempo do que era necessário.

Quando acho que tudo já acabou, a Elodie grita:

— Socorro! Alguém me ajude! Ela é uma ladra!

Nesse momento, o Jago larga-me.

— Boa sorte — solta ele, e desaparece rapidamente.

Olho freneticamente em redor, à procura de uma forma de escapar, enquanto a Elodie grita acusações.

— Tens três opções — grita o Keane, sem dizer quais são.

Um grupo de homens começa a reunir-se à volta da Elodie e depois caminha na minha direção. A minha mente anda à roda com formas de sair deste dilema.

Posso fugir.

Posso devolver a joia.

Ou...

Corro para a mesa onde estavam as nossas máscaras e, sem pensar, pego na bainha de couro.

— Ela escolheu lutar! — grita um dos instrutores, atônito.



Capítulo 54

A minha mão treme ao retirar a espada da bainha. Percebo que é muito maior, mais pesada e mais afiada do que eu esperava que fosse.

Isto significa que é uma espada verdadeira?

De qualquer forma, suponho que vou simplesmente agité-la no ar, talvez pegar também no chicote e... e depois faço o quê?! Cavalo a galope para o pôr do sol quando nunca sequer andei a cavalo?

Consigo sentir o peso de todos me verem a falhar. E a pior parte é que já me enterrei tanto que não vejo forma de sair desta encrenca.

Nesse momento, a Elodie emerge pelo meio da multidão. Quando cruza os braços e esboça aquele sorrisinho gozão, é como se a minha espada ganhasse vida própria.

— Oh, meu Deus! — grita uma voz. Acho que foi o Keane, mas não tenho a certeza. — Alguém lhe tire aquela espada antes que...

Ignoro a voz e avanço. A Elodie pode ter uma multidão atrás dela, mas, pelo que vejo, sou a única que está armada.

— Teria cuidado com isso, se fosse a ti. — A voz dela é mordaz, sem sinais de medo. — Não fazes a mínima ideia de como usar isso.

— Tens a certeza? — Com um gesto rápido, encosto a ponta da lâmina ao pescoço dela. — Parece-me bastante intuitivo de usar.

Os olhos azuis da Elodie semicerram-se.

— Não tens coragem — desafia ela, mas tem a mandíbula

cerrada e parece inquieta.

Encosto a espada com mais força — não a suficiente para lhe rasgar a pele, mas chega para ela duvidar de tudo o que sabe sobre mim.

— Nada disto é real. É tudo uma simulação — sussurra ela entre dentes.

Olho rapidamente ao meu redor e volto a encará-la.

— A sério?! Jura...

A Elodie revira os olhos, mas ignora-a. Por alguma razão, estou mais interessada no colar que ela tem à volta do pescoço.

— O que quero dizer é que *eu* sou uma simulação — revela ela.

Olho para a Elodie, incrédula. *Mas que raio de jogo está ela a querer fazer?*

— Não acreditas? — pergunta ela em tom de gozo. — Anda lá, vai em frente, faz-me o que fizeram à Maria Antonieta e vais ver o que acontece.

Olho fixamente para ela.

— Quer dizer, tu odeias-me, certo? Odeias-me por te ter estragado a vida e te ter trazido para aqui. Por isso, agora tens uma oportunidade de te livrares de mim.

Torço ligeiramente o punho da espada e a ponta da lâmina enterra-se na pele dela, fazendo escorrer uma gota de sangue.

Será que um holograma de uma espada consegue fazer alguém sangrar?

No mundo do Arthur, tudo é possível.

— Alguém vai fazer alguma coisa acerca disto? — grita novamente a voz. Será novamente o Keane? O Hawke? Já não me interessa.

— E ainda assim — continua a Elodie —, tens de concordar que isto é muito mais divertido do que a seca da aula de História do professor Osbourne.

Engulo em seco e tento manter a lâmina equilibrada.

Será que um holograma poderia saber do professor Osbourne?
Possivelmente.

É provável que sim.

Ainda assim...

— Então, em que é que ficamos? — pergunta ela, com um tom curioso e sem parecer assustada com a possibilidade de ficar sem cabeça. E é nesse momento que me apercebo de que ela é realmente a Elodie e que, infelizmente, cáí direitinha que nem um pato.

Para alguém tão desligada das emoções como ela, o claro prazer que obtém de me ver a sucumbir à parte mais sombria do meu ser vale o risco de qualquer lesão que eu possa escolher infligir.

Nesse momento, baixo a ponta da espada até ao centro do pescoço dela. Ouço a espada a raspar-lhe na pele e ela inspira profundamente.

Deslizo a lâmina mais para baixo, sabendo que está na altura de andarmos em frente, de nos libertarmos deste jogo ridículo, ainda assim, não me consigo livrar da sensação de que tudo isto é só uma manobra para me distrair de uma verdade que ela não quer que eu veja.

Que ela não quer que eu veja... A frase repete-se na minha mente. *Visão.*

É a coisa que o Arthur mais valoriza — a capacidade de ver o que se esconde à vista de todos.

O génio atinge um alvo que mais ninguém consegue ver, citou-me ele recentemente.

Nada nestas simulações é por acaso. De acordo com o Jago, este palácio foi alterado para se adequar aos requisitos desta lição. O que significa que tudo está interligado, mas nada é o que parece.

Continuo a olhar para o pescoço da Elodie e, por um momento fugaz, vejo o que ninguém mais consegue ver. Mas para ter certeza, a minha mente volta para a pintura de Heráclito e Demócrito, à procura de pistas. Ambos os homens são retratados de uma forma que esconde os respetivos *pescoços*. E enquanto as mãos de Heráclito estão em posição de oração, Demócrito tem uma mão posicionada sobre uma peça dourada que se parece com uma flor-de-lis, enquanto a outra *aponta diretamente para a peça*. E tendo em conta que o retrato, claramente, não pertence a um palácio dedicado à celebração de artistas italianos, tomo isso como um sinal que não posso ignorar.

Fixo o meu olhar no da Elodie e, com um único movimento do

pulso, a gargantilha de veludo preto dela cai na minha mão.

A espada cai ao chão.

A Elodie tropeça para trás, para longe do meu alcance.

E quando me viro para a plateia, vejo o Arthur a levantar-se da cadeira e a estender a mão.

Retiro do meu bolso a rosa de rubi que retirei do cabelo da Elodie e atiro-a de volta para ela.

Virando-me para o Arthur, digo:

— Acho que, na verdade, era isto que queria.

Depois, entrego-lhe a gargantilha de veludo.

O Arthur olha para o pequeno pendente da flor-de-lis pendurado na tira fina de pano.

— Pedi-te um rubi.

— Isso é um medalhão — digo-lhe. — Tem uma dobradiça do lado esquerdo.

O Arthur observa-me, o olhar brilha por breves momentos. Depois, destranca o medalhão e mostra um rubi vermelho reluzente lá dentro.

Tenho a vaga sensação de que as pessoas da plateia sustêm a respiração ao ver aquilo, mas, neste momento, tenho os olhos postos no Arthur.

— Vais ter de treinar as tuas competências sociais — diz ele. — Comportamento, etiqueta, dicção, esse género de coisas. E, claro, vais ter de ter aulas de equitação e de esgrima. Ainda assim, fiquei impressionado. O que, devo dizer, é algo que raramente acontece.

Fico momentaneamente sem fôlego, e dou por mim dividida entre a emoção inegável de ganhar a confiança dele e a indignidade pessoal de perceber o quão longe eu estava disposta a ir para a obter.

— Para já — continua ele —, vais mudar de roupa e o Keane vai levar-te aos estábulos.

Estou a caminho dos provadores quando a Elodie chama por mim.

— Olha lá, como é sabias que havia ali um rubi? — pergunta-me.

Quando olho diretamente para ela, fico surpreendida ao descobrir que, pelo menos para já, deixou de lado a animosidade que tem por mim e está genuinamente curiosa por saber.

— Era demasiado fácil estar no alfinete.

Fico aliviada quando ela simplesmente acena e vai embora, poupando-me de partilhar a verdade. Quando me comecei a questionar se estaria a interpretar mal as pistas, conseguia ver através do pendente dourado e vislumbrar a joia que brilhava dentro dele.



Capítulo 55

Às 18h00, estou pronta para ir jantar, mas antes de sair, olho-me ao espelho.

O triunfo de hoje deixou-me mais confiante, e sinto-me como alguém com quem as outras pessoas não se devem meter. A minha roupa transmite esse mesmo estado de espírito: um vestido preto solto, com rendas nos ombros, e uns saltos altos cor-de-rosa com tiras transparentes.

Mesmo antes de sair, dirijo-me para a caixa de joias, à procura de algo semelhante ao anel de princesa que o Mason me ofereceu — o tal que usei até literalmente se desintegrar. Ainda assim, na altura decidi ficar com as duas metades do anel partido e guardei-as numa gaveta, recusando ver-me livre das memórias a ele associadas.

Pergunto-me onde estará o Mason neste preciso momento — o que estará a fazer, o que pensa sobre a minha ausência.

Estará ele a defender-me de todos os rumores que certamente circulam sobre mim?

Ou estará a deitar ainda mais achas na fogueira, por achar que é isso que mereço por o ter abandonado?

De qualquer forma, tenho a certeza de que está chateado por eu estar a faltar ao trabalho; e por deixá-lo sozinho com aquela multidão de mães arrogantes, acabadas de sair da aula de *spin*, a fazer fila para comer *Buddah bowls* sem glúten, a refeição pós-treino predileta — até conseguirem contratar a pessoa que me vai substituir.

Entre a escola, o trabalho ou mesmo os domingos a ver revistas,

a passear pelos museus ou a ver filmes antigos, as nossas vidas estavam profundamente interligadas. É quase inimaginável pensar que nunca mais o irei ver — nem vou ter uma oportunidade para lhe explicar que, ao decidir passar mais tempo com a Elodie, não percebi que estava a escolher uma vida sem ele.

Pouso as mãos na mesa e agarro-me com força, tentando pensar noutras coisas. O Braxton tem razão. Esta é a minha casa, e tenho de deixar para trás uma vida que já não é a minha. Olho para o espelho, arranho o cabelo e forço um sorriso. Se o Mason me visse agora... diria que falta algo que sobressaia.

Pego num único brinco de uma pilha de tesouros. Uma adaga com joias que, uma vez inserida, parece que está a penetrar diretamente no lóbulo da minha orelha. É demasiado ousado para esta roupa, mas gosto muito. Dá um certo ar de rebeldia, algo que pretendo manter. Ponho o cabelo atrás da orelha, para que o brinco cause mais impacto, e ao dirigir-me para a porta, recebo uma mensagem do Braxton.

Braxton: Vemo-nos ao jantar. Ainda tenho de tratar de umas coisas, por isso podes começar sem mim.

Eu:

Tento escrever a resposta, mas acabo sempre por apagar tudo. Decido não responder.

Na verdade, esperava passar algum tempo com os outros alunos. Sei que não posso jantar com os Azuis, mas será que posso jantar com o Jago? Com quem é que os Amarelos comem? *Haverá* mais Amarelos por aí? Segundo o Braxton, há cerca de uma centena de pessoas em Gray Wolf, mas, à exceção dele, mais ninguém parece ter vontade de se sentar na mesma mesa que eu.

Quando chego à sala de jantar, o Jago já lá está, vestido com um fato de veludo azul espampanante — algo que só uma pessoa confiante e bonita como ele seria capaz de usar. E há, claramente, motivos para festejar, tendo em conta a quantidade de garrafas de champanhe que circula entre os Azuis.

Parece que alguém conseguiu subir um nível de cor...

Ao ver-me do outro lado da sala, o Jago acena na minha direção, e sinto-me de imediato mal por ter inveja do sucesso dele. O meu dia correu bem. Foi a minha primeira grande conquista. E

apesar de me sentir orgulhosa, a verdade é que, sem a ajuda do Jago, não teria sido tão bem-sucedida.

Sorrio e aceno de volta, dirigindo-me para uma mesa reservada para duas pessoas.

O tema invernososo da noite é o gelo. Vejo hologramas de ursos-polares bebês por toda a parte, e a sala assemelha-se às imagens de um hotel de gelo na Suécia que vi há alguns anos. Nas costas da cadeira encontra-se uma manta de pelo falso, mas a temperatura não está assim tão baixa, por isso decido deixá-la no mesmo sítio.

O Braxton chega assim que estou prestes a terminar o meu prato — pato estufado com uma redução de vinho tinto.

— Peço desculpa pelo atraso — diz ele, sentando-se na cadeira. — Não sabia se ainda estarias por aqui.

— Onde haveria de estar? — respondo. Pego no meu copo e olho para ele. Está a usar um *blazer* de veludo *bordeaux*, com lapelas em seda a condizer, e uma camisa cor de marfim, também em seda. Tal como o Jago, é um estilo que nem toda a gente consegue usar, mas fica-lhe a matar.

Por outro lado, estamos a falar de alguém que ficaria bem de qualquer forma, mesmo que estivesse a usar um saco do lixo. Ou mesmo despido... A imagem começa a ganhar forma na minha mente, mas rapidamente penso noutra coisa.

— Sabes que não és obrigada a vir jantar — revela ele. — Podes pedir que levem a comida ao teu quarto. No entanto, se o fizeres muitas vezes, poderás receber a visita de um supervisor. Mas se for de vez em quando, não há problema.

Pouso o copo na mesa. O que o Braxton acabou de dizer é novidade para mim. E se amanhã o jantar for assim, então irei, decididamente, comer no meu quarto. Jantar sozinha numa sala repleta de pessoas a divertirem-se imenso faz-me sentir insuportavelmente só.

— Recebeste a minha mensagem? — diz ele, espalhando manteiga num pedaço de pão.

Por momentos, penso em fingir que não, mas não vale a pena.

— Sim — respondo. — Recebi.

O Braxton desvia o olhar, focando-se nos botões de punho que

está a usar.

— E a razão pela qual não respondi... bem, pensei que talvez fosse boa ideia tentar fazer novos amigos. Além de ti, percebes? Mas não consigo e...

A minha voz começa a tremer e sinto-me envergonhada.

— Queres ir embora? — pergunta ele. Quando os nossos olhares se encontram, é como se um raio de sol surgisse por entre um céu escuro e nublado.

Sem hesitar, levanto-me rapidamente.

Quando dou por mim, estou de braço dado com o Braxton, e ele encaminha-me em direção à saída.



Capítulo 56

— Estiveste bem, hoje. A sério — elogia o Braxton, caminhando a meu lado.

Após passar grande parte do jantar a pensar sobre tudo aquilo que preciso de melhorar (sendo as minhas competências equestres a grande prioridade), é bom ouvi-lo dizer aquilo. No entanto, acabo por me deixar levar pela frustração.

— Mais ainda há tanto para aprender. Tanta coisa para...

O Braxton leva-me até junto de um elevador, sendo que só reparo nele quando as portas se abrem perante os meus olhos.

— Onde vamos? — pergunto, apercebendo-me de que o indicador dos andares avança a um ritmo muito mais rápido do que a velocidade dentro do elevador aparenta.

— Já vais ver — responde ele, com um olhar misterioso, e, embora me custe a admitir isto, fiquei com o coração a bater desenfreadamente só de o ouvir a dizer aquilo.

Saímos do elevador e percorremos um corredor estreito e comprido, que nos leva a uma porta de aço. O Braxton coloca o polegar no leitor de impressões digitais e a porta abre-se, dando acesso a uma sala tão maravilhosa que é como se estivéssemos suspensos sob o luar.

— Não é um holograma — diz ele, antes sequer que eu consiga perguntar. — É tudo real.

A sala é enorme, retangular e feita de vidro. *Totalmente* feita de vidro: chão, teto, paredes, tudo — um verdadeiro feito da engenha-

ria. A sala está suspensa sobre uma rocha, sem qualquer sinal de apoio. Parece flutuar em pleno ar, com uma vista impressionante do ambiente que nos rodeia. Ao percorrer o chão, feito de vidro, parece que estou a caminhar no ar.

— Como é isto possível? — pergunto. Vejo as ondas do mar revoltas a rebentar sob os meus pés e concluo, maravilhada, que aquele vidro é a única coisa que me separa de uma sepultura no mar.

Com cuidado, dirijo-me para o fundo da sala e apoio as palmas das mãos na parede. Fico encantada a olhar para o céu, repleto de estrelas, e para a lua, ainda mais cheia do que na noite anterior.

Contudo, não vejo o farol em lado nenhum. Devemos estar do outro lado da ilha.

— Isto é incrível — murmuro. — Nem sequer consigo perceber como...

De repente, a melodia de uma música clássica invade o espaço, ecoando pela sala.

Volto-me para trás e o Braxton está ao meu lado, sem casaco e com as mangas arregaçadas. E na mão tem um punhal reluzente e prateado.



Capítulo 57

O meu coração parece parar naquele momento, ao ver o Braxton a empunhar uma arma.

Uma arma que ele não tinha na mão momentos antes.

Apesar de o meu primeiro instinto ser quase sempre fugir, neste instante, cerro os punhos de forma instintiva, sentindo as unhas a espetar nas palmas das minhas mãos. De imediato, começo a pensar na distância que tenho de percorrer até à porta de saída.

— Hum... o que estás a fazer? — pergunto, a minha voz esganiçada. O Braxton dá mais um passo na minha direção, olhando-me fixamente.

Será que ele está a tentar ser sexy ou não?

Qual é o oposto de sexy? Ameaçador, assustador...

Antes de chegar a uma conclusão, o Braxton entrega-me o punhal e diz:

— Que comece a primeira lição.

Ao ouvir isto, respiro de alívio.

— Para uma novata, conseguiste safar-te mais ou menos com a espada — diz ele, encolhendo os ombros, como se não estivesse particularmente impressionado com a minha vitória perante a Elodie.

— Só mais ou menos? — respondo, com um tom mais descontrído, segura de que o Braxton está a tentar provocar-me. Mas ele continua calmo e sério, demasiado sério para uma noite e uma sala

tão bonitas como estas.

— Preferes aprender ou viver de elogios? — interroga ele, inclinando a cabeça para o lado como se me estivesse a analisar.

— E que tal as duas ao mesmo tempo? — replico, decidida a aligeirar o ambiente, mas o Braxton está tão sério que a piada perde-se.

— Não te iludas — diz ele, num tom de voz severo. — Se a Elodie estivesse armada, a história teria sido bem diferente.

Muito bem, agora estou verdadeiramente furiosa, e nem sequer o tento esconder. Já não me recordo da última vez em que me esforcei assim tanto por conseguir superar algo, e não vou deixar que o Braxton desvalorize o meu trinfo.

— Só é arrogância se eu falhar — respondo, chateada. É uma citação de Júlio César, e aposto que o Braxton não a conhece. — Além disso, diria que não fui só bem-sucedida, mas que também *superei* todas as expectativas do Arthur.

O Braxton continua a observar-me.

— Tens razão — reage ele, por fim. — E apesar de ser preciso celebrar as vitórias, deverias saber que em lutas com espadas, a raiva não te leva a lado nenhum, ao contrário da mestria. E é por isso mesmo que deves aprender a manusear armas, assim como a controlar esse teu ego.

As palavras dele magoam-me, são como levar um murro no estômago. Mas ao olhar para o Braxton, prestes a perder o controlo, percebo o tipo de reação abrupta a que ele se refere.

— A Elodie provocou-te — continua o Braxton, firme e ponderado. Está apenas a referir um facto inegável. Tenho vindo a nutrir esta raiva em relação à Elodie como se fosse uma daquelas pessoas que vive obcecada com um bebé, um cão ou mesmo um *piercing* acabado de fazer, e aos quais dedicam toda a atenção.

— O Arthur já percebeu a dinâmica entre vocês as duas. E foi por isso que ele a escolheu, ao invés da Song ou do Finn.

— Estás a querer dizer *que... falhei*?

Não sei dizer se o que sinto é vergonha ou receio. O que sei é que a minha cara está a ficar vermelha.

— Não falhaste — esclarece o Braxton, para que não restem

dúvidas. — O Arthur conseguiu aquilo que queria, e é isso que importa. Mas quando saltas, tens de deixar as preocupações para trás e concentrar-te na tarefa que tens em mãos. E, para que saibas, o imperador romano que citas pagou bem caro pela sua arrogância, não é verdade? Não foi o reinado de César que terminou abruptamente com uma facada nas costas?

Touché. Suspiro e pego no punhal, nem que seja apenas para garantir que está em melhores mãos.

— A minha arma da simulação era muito maior — lembro. Agarro o cabo do punhal com força, ergo a mão e começo a fazer vários movimentos circulares.

— Certo, mas não te esqueças de que, em certos lugares para onde vais viajar, as mulheres não podem transportar armas grandes. O que significa que tens de aprender a desembaraçar-te com armas mais pequenas, armas que possas esconder no teu vestido.

Baixo o braço e paro um pouco para pensar no que o Braxton acaba de dizer.

— Custa-me a acreditar que isto é real. — Tento imaginar toda a logística envolvida, mas apenas me consigo lembrar de algumas cenas de filmes sobre viagens no tempo, em que alguém precisa de cabinas telefónicas ou carros desportivos para as efetuar. E apesar de ainda não saber bem como o Arthur conseguiu, tenho a certeza de que inventou um meio de transporte mais sofisticado. — Falas sobre viajar no tempo como se fosse algo normal, mas estou a ter alguma dificuldade em compreender esse conceito — concluo.

— Acabamos por nunca nos habituar por completo — confessa o Braxton. — E os cinco anos que já passei em Gray Wolf mostraram-me que não há limites para a nossa imaginação.

— Aposto que a imaginação e a conta da bancária do Arthur também são ilimitadas...

— Aparentemente — responde o Braxton, sorrindo de uma forma que não chega aos olhos. Por outro lado, sorrir não é fácil para alguém como ele.

— E quando é que o Arthur irá fazer a grande revelação? Quero dizer, por quanto tempo mais terei de fingir que não sei o que se passa?

— Na maioria dos casos, demora alguns meses até as pessoas

terem coragem para lhe perguntar diretamente. Ou então, organizam uma reunião na qual explicam os verdadeiros motivos pelos quais te trouxeram para aqui.

— Tudo bem, mas isso é o que fazem na *maioria* dos casos. Então, e no meu caso?

O Braxton encolhe os ombros.

— O treino que o Arthur desenvolveu para ti é mais acelerado, por isso talvez sejas chamada daqui a uns dias — replica ele. — No entanto, não poderás viajar sem antes aperfeiçoar algumas competências.

Olho para o Braxton e vejo-o a retirar uma espada de um suporte junto à porta. Estava tão fascinada com a vista que não reparei em mais nada.

Fico parada a olhar para ele e para a espada.

— Não me parece uma luta justa — digo, gesticulando na direção da espada, cuja lâmina é muito maior do que a do meu punhal.

— Não é suposto ser justo — responde ele. — É uma aula.

O olhar dele volta a focar-se no meu, e sinto um enorme arrepio na espinha.

— Uma aula? Estás mesmo a falar a sério? Aqui, nesta sala toda envidraçada?

Outra olhadela rápida pela sala deixa-me a pensar se isto pode realmente ser uma péssima ideia.

Qual será a grossura destas paredes, já agora?

O Braxton coloca-se em posição, os olhos azuis e penetrantes focados em mim. A lâmina da espada dele reluz à luz da lua.

— Vamos começar — diz ele.

E antes que eu tenha tempo para reagir, a lâmina da espada avança rapidamente em direção ao meu pescoço.



Capítulo 58

Aterrorizada, dou um salto enorme e desengonçado para trás.

O som do punhal a embater no chão feito em vidro quase se sobrepõe ao som do meu coração a bater desenfreadamente. Estou perante o Braxton, desarmada e prestes a hiperventilar.

O Braxton decide não aproveitar, mantendo-se no mesmo sítio, sério. Acaba por baixar a arma e acenar com a cabeça em direção ao punhal, dando-me tempo para recuperar.

— Não te vou magoar — garante. — Talvez não tenha sido o começo mais indicado, mas tinha quase a certeza de que estavas preparada.

— Ao contrário de ti, já não tenho certezas de nada — respondo.

As palavras quase não me saem da boca: sinto-a completamente seca, enquanto tento recuperar o fôlego e acalmar-me.

— E é assim que deves pensar — replica o Braxton. — E para que não haja qualquer dúvida, aproveito para te dizer que jamais farei algo que te possa magoar. Entendido? Podemos continuar?

O Braxton lança-me um olhar gentil, o que me deixa bastante nervosa — ainda mais do que quando pensava que ele estava prestes a cortar-me a cabeça. Quer dizer, é impossível concentrar-me no que quer que seja ao vê-lo a olhar assim para mim: de forma tão intensa, tão apaixonada, tão...

— Quando estiveres a Saltar — diz o Braxton, completamente alheio à forma como mexe comigo, o que, definitivamente, é um alívio — e alguém te apontar uma arma, essa pessoa não terá qual-

quer tipo de piedade para contigo.

Assinto. Engulo em seco. E faço tudo para não o olhar nos olhos.

— Assim que estiveres pronta, podemos começar por um exercício de observação. Presta atenção.

O Braxton ergue a espada, e eu faço o mesmo.

Quando ele baixa a arma, eu imito o gesto.

— Muito bem — diz ele. — E agora, quando eu der um passo para trás, tu dás um passo para a frente, e vice-versa.

Apesar de tentar imitar os gestos do Braxton com a mesma fluidez e graciosidade, a forma elegante como ele se move faz-me sentir trapalhona e desconfortável.

— Acho que vou reprovar a esta aula — resmungo.

— Imagina que estás a dançar — insiste o Braxton, e é então que me apercebo de que os movimentos dele estão em sintonia com a música.

— Já percebi — digo. Aponto a lâmina na direção dele e lembro-me de que o Arthur lhe pediu que me desse lições de dança, de etiqueta, de tudo um pouco, na verdade. — É uma aula de dança e de esgrima em simultâneo.

Rio-me, mas o Braxton mantém-se sério e focado.

— Concentra-te — sussurra ele. — Foca-te no momento, esvazia a mente e ignora tudo o resto. Segue a tua intuição e tenta antecipar o meu próximo gesto.

Ele inclina a espada e avança na minha direção, com a lâmina apontada às minhas costelas. Tento desviar-me e acabo por perder o equilíbrio, mas consigo recuperar e contra-atacar.

O Braxton repete o ataque, dando-me a oportunidade de fazer melhor. E, desta vez, a ponta da minha lâmina rasa-lhe o tronco, e acabo por lhe arrancar um botão da camisa e fazer um pequeno rasgão.

— Oh, meu Deus — solto, aflita. — Desculpa, não queria...

O botão cai e desliza pelo chão envidraçado, mas o meu olhar está fixo no lugar onde o tecido está rasgado e os abdominais lisos e tensos do Braxton estão expostos. Uma onda de calor percorre meu corpo, e o meu olhar deve demorar-se no rasgão da camisa, pois o

Braxton clareia a garganta e diz:

— Sem problemas.

Não sei a que ele se refere: ao facto de ter arrancado o botão ou de estar a olhar, boquiaberta, para aqueles abdominais tonificados. Seja como for, tento desviar o olhar.

— Não te distraias — aconselha o Braxton. — Foca-te no aqui e agora. Eu e tu. Só nós, mais ninguém.

O tom de voz é grave e intenso, o que me deixa totalmente fixada nele.

Eu e tu... só nós, mais ninguém. Repito a frase vezes sem conta, mentalmente.

O Braxton começa a mover-se em meu redor, reduzindo o meu mundo àquela sala envidraçada onde só estamos os dois.

— Onde estás? — pergunta. Mal consigo ouvir a voz dele.

— Aqui — respondo. Olho fixamente para o Braxton, com a respiração entrecortada. Continua a tocar música clássica, mas a única coisa que consigo ouvir é o silêncio que perdura entre nós.

Quero desviar o olhar, mas não consigo.

Lanço um olhar suplicante ao Braxton, mas ele continua a fitar-me.

Sob o céu de inverno e com as ondas a rebentar violentamente sob nós, retomamos o ritual estranho e delicado de avanços e recuos. Ele avança na minha direção e eu bloqueio-lhe o ataque.

Assim que começa uma música diferente, o Braxton começa a impelir-me para o fundo da sala. Os movimentos dele são cada vez mais complexos e requerem toda a minha atenção. Lembro-me de uma aplicação que o Mason me mostrou certa vez, sobre meditação, que seria útil para me “recentrar”. Na verdade, serviu apenas para me focar ainda mais nas minhas ansiedades.

E bastou este pensamento para me distrair; quando dou por mim, o meu punhal cai ao chão. O Braxton encosta-me contra uma parede e sinto a ponta fria e afiada da sua espada junto ao meu pescoço.



Capítulo 59

— Regra número um — diz o Braxton. — Nunca ficar desarmada.

— E a número dois? — pergunto, ofegante, percorrendo-lhe o braço com o meu olhar, até parar no contorno de uma tatuagem, junto à parte interna do cotovelo. Quero ver mais, *saber* mais.

Que tipo de símbolo poderá ser assim tão importante para levar alguém a fazer algo tão permanente?

— Se decidires recorrer a uma arma, tens de a saber utilizar corretamente e estar disposta a lidar com as consequências — prossegue ele, interrompendo o meu devaneio.

— E tu? Estás disposto a lidar com as consequências? — interrogo.

— Não — responde ele, afastando a arma. — Mas, tal como referi antes, sou um caso à parte. A probabilidade de encontrares alguém sem escrúpulos durante um Salto é muito grande. O que farás numa situação dessas, sobretudo quando é muito fácil desarmar-te?

Ele olha para mim, curioso por saber qual a minha estratégia de sobrevivência.

— Posso suplicar por misericórdia? — replico. Pestanejo várias vezes e sorrio de forma inocente. Mas como já não sou uma menina, a minha tentativa sai frustrada.

O Braxton inclina a cabeça para o lado e observa-me.

— Achas mesmo que isso vai resultar? Lá fora, no mundo real, em casos de vida ou de morte?

Engulo em seco, apercebendo-me de que o Braxton continua de arma em riste.

— Nem por isso — respondo. — Mas espero que resulte *contigo*, e que tenhas pena desta pobre Verde tão inocente. Afinal de contas, este é apenas o meu segundo dia aqui. Além disso, e caso já não te lembres, juraste nunca me magoar.

A expressão na face do Braxton torna-se menos intensa, mas ele continua com a espada na mão.

— Perdeste o foco — insiste ele.

Assinto, não vale a pena negar o óbvio.

— Apercebi-me logo disso. Bastou-me estar atento ao teu olhar. Não te podes dar ao luxo de cometer este tipo de erro.

— Eu sei, mas...

— Estavas a viajar no tempo — interrompe ele.

Olho fixamente para o Braxton. Não sei a que se refere.

— É difícil permanecer no presente, pois a nossa mente viaja constantemente entre o futuro e as memórias do passado. Em que estavas a pensar?

— Em coisas do passado.

Ele baixa a espada, guardando-a na bainha. Sinto-me um pouco mais aliviada, ainda que soubesse que ele jamais a usaria contra mim.

— Eu sei que devo esquecer o passado, mas falar é fácil. Além disso... — Faço uma pequena pausa, para pensar bem no que quero dizer, antes de voltar a falar. — Neste sítio, tudo é uma espécie de jogo.

Não sei se me expressei corretamente, mas, de alguma forma, sinto-me como um peão num jogo comandado pelo Arthur.

Além disso, desconheço as verdadeiras intenções do Braxton. Se isto é apenas uma lição, porque estamos aqui, neste lugar mágico, e não numa sala normal?

— Garanto-te que isto não é um jogo — responde o Braxton. No entanto, não sei a que se refere: a Gray Wolf em geral ou ao facto de estarmos aqui os dois.

Ele aproxima-se de mim e ficamos quase colados um ao outro. De tal forma que consigo discernir um pequeno alto na cana do seu nariz. A única falha naquela face tão perfeita. Não sou capaz de resistir: ergo a mão e deslizo a ponta do dedo pelo nariz dele.

Ele fecha os olhos e suspira, e eu tento imaginar este rapaz tão bonito e elegante a faltar às aulas, a meter-se em zaragatas nos corredores da escola, ou pior. Mas é impossível.

Assim que abre os olhos, ele fita-me intensamente. O olhar é sombrio e misterioso, dando a impressão de que passou por situações complicadas.

Sinto-me cada vez mais envolvida neste mistério, e decidida a descobrir, afinal, o que se passou.

Contra quem lutava?

Qual foi o motivo da sua revolta?

E porque razão está sempre tão sério, tão... carregado de culpa.

O que é que já teve de fazer a mando do Arthur?

Ao longo dos últimos dois dias, este rapaz tornou-se na minha grande companhia; e apesar de o Braxton saber tanto sobre mim, não sei praticamente nada sobre ele.

— Não confundas as coisas: isto não é um jogo — insiste ele, quase como se estivesse a ler os meus pensamentos.

Estou prestes a pedir-lhe que se explique e que responda a tantas perguntas que quero fazer. No entanto, o Braxton coloca o dedo indicador no meu queixo, e todas as dúvidas que tinha desaparecem instantaneamente.

Consigo ver-lhe no olhar que está cheio de vontade — a mesma vontade que o Braxton também consegue ver em mim.

Sinto um aperto no peito e borboletas na barriga. E neste momento sei que, apesar de ter prometido a mim mesma que iria evitar situações como esta, beijar o Braxton *nunca* deixaria de acontecer.

Ainda assim, tenho pelo menos de *tentar* evitar. Mostrar-lhe que sei o quão irracional é toda esta situação. Quer dizer, ele pode achar que sabe tudo sobre mim, mas a verdade é que nos conhecemos há muito pouco tempo. Claramente, esta atração é puramente física, sem qualquer base de sustentação.

— Tasha — diz o Braxton, a voz rouca, quase um sussurro. —

Estás bem?

A minha mente é invadida por mil pensamentos.

— Bem...

Engulo em seco, e o Braxton semicerra os olhos.

— Para dizer a verdade, não sei se gosto de ti.

Sinto os joelhos a tremer, e olho para os meus pés.

O Braxton limita-se a assentir.

— É compreensível — responde ele.

— Aliás, sou bem capaz de te odiar.

Tento perceber a reação dele, mas não parece nada ofendido.

— Não te posso culpar — responde ele.

— Ainda assim... — prossigo. O Braxton continua a olhar fixamente para mim, sem respirar e com a face vermelha. — Apesar de saber que esta é uma péssima ideia... uma das piores que já tive...

A cabeça dele aproxima-se da minha, e a ponta do dedo sobe um pouco até tocar no meu lábio inferior.

— Continua — diz ele.

— Eu... — Engulo em seco e tento continuar. — Bem, acho que o melhor será mesmo... arrumar com o assunto. Quer dizer, estamos ambos curiosos, certo? Então, por que raio não acabamos com isto e nos beijamos de uma vez, para arrumarmos com o assunto.

O meu coração parece explodir dentro do peito.

— É isso que queres? — pergunta o Braxton, acariciando os meus lábios com a ponta do dedo. — *Arrumar com o assunto?*

Ele esboça um pequeno sorriso; é uma visão tão rara que parte de mim gostava de ter mais tempo para a admirar. Mas a outra parte — muito mais insistente — acha que a boca do Braxton deve ser usada para outras coisas.

— Sim — respondo, questionando-me se ele consegue ouvir o meu coração a bater e ver o meu rosto ficar cada vez mais corado. — Mas só para acabar com isto e podermos ser amigos. Só desta...

Felizmente, o Braxton não me deixa terminar a frase: sinto a boca dele a invadir a minha, no beijo mais glorioso que alguma vez dei na vida.



Capítulo 60

Um beijo perfeito.

Um beijo digno de filme.

Um beijo entre *uma história de amor* e já há muito *que esperava por este momento*.

O tipo de beijo que oblitera qualquer beijo que tenha dado anteriormente.

Assim que os lábios do Braxton tocam nos meus, saboreando-me, provando-me e impedindo-me de pensar, começo a sentir-me tonta, arrebatada e ávida por mais.

Muito, muito mais.

Mas assim que os meus dedos começam a acariciar-lhe o cabelo, ele afasta-se um pouco.

— Estás bem... — pergunta ele, numa voz baixa e ofegante, a testa dele encostada à minha. — Ficamos por aqui? Vamos ser amigos?

O tom é delicado e provocante, mas o olhar é penetrante e sério, deixando-me sem dúvidas de que, apesar de ter a clara sensação de que o Braxton quer continuar, acredito que se eu lhe pedisse para cumprir o nosso acordo, ele assim faria.

Felizmente, não sou assim tão parva. Sob o céu estrelado e a luz da lua, coloco-me em bicos de pés, ponho os braços em redor do pescoço dele e beijo-o novamente.

Desta vez, um beijo mais suave, mais terno. Ao contrário do an-

terior, mais sôfrego, beijamo-nos mais lentamente, de forma a conhecermo-nos melhor.

O Braxton puxa-me para ele, envolvendo-me com os braços. Os nossos corpos ficam ainda mais juntos e os nossos lábios estão colados. Ele continua a beijar-me intensamente, de tal forma que cada movimento da língua ressoa por todo o meu corpo.

A minha língua enrola-se na dele, à medida que as suas mãos deslizam, lentamente, da minha cintura até à ligeira curvatura dos meus seios. Os dedos do Braxton percorrem, curiosos, as minhas costelas e, apesar de não pronunciar uma única palavra, parece que consigo ouvir a pergunta que lhe assoma à mente: *Estarei a ir longe de mais?*

Sim, definitivamente.

Já para não dizer demasiado rápido.

Mas o meu corpo suplica por mais, muito, muito mais.

Mais do doce calor do seu beijo — o delicioso calafrio que o seu toque provoca na minha pele. Este rapaz suscitou algo em mim — um desejo intrínseco por certos atos arrojados e inarráveis que apenas tinha lido em livros ou visto em filmes. O tipo de prazer arrepiante do qual outros rapazes antes dele tinham usufruído, mas que nunca me tinha sido dado.

— Tasha — murmura ele.

Abro os olhos e vislumbro-lhe a face, linda. Os olhos repletos de segredos, os lábios da cor do desejo. E aquele alto no nariz, a única verdade tangível que oferece de bom grado.

Seria tão fácil ir em frente e tornar este rapaz só meu.

Mas ainda não.

Ainda é muito cedo.

O Braxton é um enigma, um mistério, e vou levar o tempo que for preciso para o resolver.

Por agora, só o beijo importa.

Pego na mão do Braxton e, ainda que arrependida, pouso-a na minha cintura. Mas assim que as nossas bocas se encontram novamente, perco-me de imediato no encanto do seu abraço.

— Tasha...

Ele suspira e começa a beijar-me o pescoço, várias vezes, até

chegar à minha clavícula. Aproximo a minha face do seu pescoço e absorvo o doce aroma dele. Uma mistura cara e invulgar de baunilha, cacau e gengibre, feita exclusivamente para ele — ou pelo menos assim imagino.

— Tasha, eu...

Abro os olhos, e o Braxton fita-me. Está prestes a contar-me algo — algo que o faz franzir o sobrolho —, mas começa a tocar uma música que nos transporta novamente para a realidade, à semelhança do que se passara na noite anterior. Só que esta música é diferente.

— Mozart — diz Braxton. — *Requiem*.

— Deixa-me adivinhar — reajo, puxando a bainha do vestido e ajeitando a gola — Faltam dez minutos para as 22h00.

Olho para o Braxton, que me observa, preocupado.

— Estás bem? — pergunta. — Só para que saibas, não queria que as coisas acontecessem assim.

— A sério? — solto, abrindo os braços para reforçar a ideia de que estamos numa sala perfeita para o que acabou de acontecer.

O Braxton fica subitamente corado.

— Não estou a dizer que estou arrependido — defende-se ele, afagando o maxilar. — Mas percebo que tenha sido demasiado rápido. Pelo menos, para ti.

— Só para mim? — pergunto, confusa.

— Eu tenho a vantagem de te conhecer há mais tempo — explica o Braxton, encolhendo os ombros. — Parte do meu trabalho é ficar a conhecer os recrutas, por isso não tive outra hipótese senão ficar a conhecer-te. Assim que li o teu ficheiro, fiquei ansioso por saber mais sobre ti.

Ele permanece diante de mim, com os dentes de cima cravados no lábio inferior. Está numa situação vulnerável, pois acaba de admitir que gostava de mim ainda antes de me abordar na *Arcano*.

O que significa que já gostava de mim quando peguei com ele durante o jantar.

Ou mesmo quando o chatee no meu quarto.

E mesmo depois, quando o chatee ainda mais durante a visita

guiada à escola; ou quando ficamos juntos durante o jantar e...

Durante *tudo* este tempo. O Braxton permitiu que eu o tratasse abaixo de cão — o que até é merecido, ainda assim...

Apesar de ser bom saber que ele já gostava de mim quando eu era apenas um ficheiro, muito antes de me conhecer pessoalmente, começo a achar que o meu instinto estava correto: o nosso beijo não foi a melhor das decisões. Se há algo que a minha breve experiência de vida me ensinou, é que as relações amorosas acabam por desvanecer — ao contrário das amizades verdadeiras, que duram muito mais.

E, de momento, uma amizade verdadeira é tudo aquilo de que preciso.

Assim que olho para o Braxton, decidida a partilhar com ele o que estou a sentir, a música de Mozart começa a tocar novamente. Ele agarra-me pela mão e dirigimo-nos para a porta.

— Começo a não achar piada nenhuma a este Mozart — digo.

— Então, espera só até o conheceres pessoalmente — responde o Braxton. Olho para ele atentamente, mas não consigo perceber se está a brincar ou não. Assim que entramos no elevador, ele pergunta:

— Onde está o teu *tablet*?

Demoro um pouco a responder, tentando lembrar-me de onde o deixei.

— Acho que o deixei no meu quarto.

— Isso não é boa ideia — reage o Braxton, com uma expressão muito mais séria do que eu esperava. — Pode ser importante para te encontrarem, caso te aconteça alguma coisa.

— O que me poderia acontecer aqui, nesta gaiola dourada? — pergunto-lhe.

Assim que as portas do elevador se abrem, o Braxton leva-me até ao meu quarto em passo acelerado.

— Nada — responde ele, de uma forma que me leva a crer que está a esconder-me algo. — É apenas por precaução.

Assim que chegamos ao fim do corredor, volta a tocar *Requiem*. São quase 22h00. Em breve, as luzes irão apagar-se.

— É melhor ires para o teu quarto — digo, apercebendo-me de

que nem sei onde fica o quarto do Braxton. Aliás, há tantas coisas que não sei sobre ele.

— Boa noite — despede-se ele, e dá-me um beijo na face.

Depois, cada um segue para o respetivo quarto.

Assim que me aproximo da porta do meu quarto, as luzes apagam-se — e alguém coloca um saco na minha cabeça.



Capítulo 61

— Se gritares, morres. Entendes?

Pisco os olhos no escuro, reconhecendo de imediato a voz da Elodie — e não tenho qualquer dúvida sobre as intenções dela.

No entanto, e apesar de saber que ela é capaz de tudo, duvido muito que vá tão longe a ponto de me matar.

Ou estarei enganada?

Começo a sentir-me aterrorizada, o que me deixa tonta, desequilibrada e com dificuldade em respirar.

— Mas que... — solto, zangada. Antes de conseguir continuar, a Elodie aperta ainda mais o saco, prestes a sufocar-me.

— Acena com a cabeça, Nat, para percebermos que vais cooperar.

A Elodie agarra-me o braço com tanta força que solto um pequeno grito e faço o que ela manda. Nesse instante, sinto o saco a abrir um pouco e tento inspirar o máximo de ar que consigo.

— Não tornes isto ainda mais difícil do que é — diz ela num tom brusco.

Mais difícil? Mas, afinal, que raio se passa aqui?

Faço um esforço para controlar a minha respiração e, com o coração a bater desenfreadamente, tento concentrar-me e juntar as peças do quebra-cabeças.

Pela primeira vez desde sempre, a Elodie chamou-me *Nat*. Não

sei se está a tentar parecer amigável ou se está a relembrar-me da falhada que eu era antes de chegar aqui. Tendo em conta que me tapou a cabeça com um saco, estou mais inclinada para a segunda opção.

Além disso, o facto de ter dito *nós* faz-me crer que não está sozinha.

As minhas suspeitas confirmam-se ao sentir outra pessoa a atar-me as mãos atrás das costas. Mas quem a Elodie arrastou para isto — seja lá o que *isto* for —, isso já não consigo desvendar.

Apercebo-me de que começamos a andar, e que alguém — presumo que seja a Elodie — me arrasta por um braço, enquanto outra pessoa me empurra. Apesar de tentar permanecer calma, começo a ficar cada vez mais ansiosa.

Sinto o estômago às voltas e muitos arrepios, com suor a escorrer-me pela testa. *Que se lixe esta treta de ficar calma e colaborar.* Tenho de pôr um travão a esta praxe, rapto ou lá o que é, antes que tome outras proporções.

Tento resistir, ficando os pés no chão, mas quando percebo que não resulta, deixo o meu corpo ficar mole, para que tenham ainda mais dificuldade em arrastar-me. Quando sinto outra pessoa a agarrar-me pelo braço, percebo que está mais alguém envolvido.

Fantástico. Três contra uma. As coisas não estão nada famosas.

— Para onde me estão a levar? — interrogo, olhando para o chão e tentando perceber onde estou. Mas não consigo ver quase nada.

— Cala-te! — exclama a Elodie, apertando o meu braço ainda com mais força. — Quem fala aqui sou eu! Mas já que queres tanto saber, vamos dar um pequeno passeio, por isso para de choramingar e...

Ouçó uma porta a abrir. Uma rajada de vento frio enregela-me até aos ossos.

Tento resguardar-me do frio, encolhendo-me, mas não adianta. Continuo a ser fustigada por aquela intempérie. Ouço a porta fechar-se atrás de mim, e outra a abrir-se à minha frente.

— Metam-na no carro e tenham cuidado com a cabeça! — ordena a Elodie. O barulho do vento quase abafa o som da sua voz.

Nem pensar. Não vou entrar em carro nenhum, não vou...

Atiram-me com força para dentro de um carro, e apercebo-me de que estou no banco de trás, no lugar do meio, com uma pessoa a cada lado. E, finalmente, percebo tudo.

Vão levar-me para a doca.

Vão empurrar-me para aquelas águas frias e violentas, e ficar a ver da costa até que a corrente me arraste para baixo...

Vão forçar-me a entrar no barco e ficar a observar enquanto luto contra as ondas, até que, por fim, o barco se vira e eu afogo-me...

Tento abstrair-me desses pensamentos dignos de um filme de terror.

Não posso entrar em pânico. Tenho de manter a calma — e tenho de estar pronta para agir e tentar fugir à primeira oportunidade.

— Para onde vamos? — grito, tentando livrar-me do saco que tenho na cabeça. Mas como ninguém responde, calo-me imediatamente e tento libertar-me das cordas que me prendem as mãos.

Após uma viagem que me parece interminável, o carro para e o motor desliga-se. Ainda com as mãos atadas, tiram-me do carro, e sinto novamente o vento a fustigar-me.

— Alguém lhe dê uma manta, no mínimo — diz uma das pessoas. Apesar de ser difícil identificar as vozes, devido ao uivar do vento, ao ouvir de novo aquelas palavras na minha cabeça, estou certa de foi o Jago quem falou.

Nesse preciso momento, sinto uma onda a embater contra mim, deixando-me encharcada. E decido libertar toda a minha fúria. Não vou morrer de hipotermia só porque a Elodie decidiu vingar-se de mim.

Tenho as mãos atadas. E, sim, está um saco a tapar-me a cabeça. Mas ainda consigo dar pontapés.

— Ai! — grita a Elodie, assim que a atinjo na canela. — Sua filha dá...

É a última coisa que ouço antes de desmaiar.



Capítulo 62

Quando recupero os sentidos, vejo que estou dentro do farol.

Dentro da porcaria do farol!

O mesmo que vi do barco na noite em que cheguei.

Só que agora que estou no interior, e percebo que o edifício apenas é um farol por fora.

No interior, é incrivelmente luxuoso, decorado com imensas almofadas de veludo e cobertores macios de pele sintética. A única fonte de luz provém dos candelabros cintilantes espalhados pelo farol.

Das duas, uma: ou estão a planear uma noite de megafesta, ou estão prestes a fazer uma sessão espírita.

Seja como for, quero sair daqui.

Sento-me tão abruptamente que a minha cabeça começa a andar à roda. Tento recuperar o fôlego, e vejo que, além da Elodie e do Jago, também vieram o Finn, a Song e o Oliver — e agora estão todos a olhar para mim com ar assustado. A Elodie é a única que não parece minimamente atemorizada.

— Que raio, Elodie? — Começo a levantar-me, mas mexo-me demasiado rápido e tenho de me agarrar a uma parede para não cair.

— Oh, por amor de... Importas-te de te sentar? — diz Elodie, com voz entediada, mas firme.

E por mais que odeie obedecer à Elodie, volto a encostar-me à almofada e passo as mãos com cuidado pela cabeça, certa de que me

ela me deve ter dado uma pancada lá fora. De que outra forma poderia ter desmaiado?

— Ninguém te bateu — garante a Elodie, a rir. — Começaste a hiperventilar, o que fez com que desmaiasses, o que nos obrigou a ter de te carregar por uma escadaria interminável acima. O que, devo salientar, não foi propriamente fácil devido ao facto de me teres dado um gigantesco pontapé na canela.

A Elodie arregaça a perna das calças de fato de treino e mostra-me o alto que tem na canela. Sob a ténue luz das velas, consigo perceber que aquele alto ainda irá ficar mais feio e terá certamente um hematoma a acompanhar.

Pelo menos, isso deixa-me feliz.

Mas à Elodie digo:

— Talvez se não tivessem decidido raptar-me, então...

— Para de ser tão dramática. Ninguém raptou ninguém. — A Elodie revira os olhos.

Com minha visão finalmente focada, olho para a Song, o Oliver, o Finn, o Jago e digo:

— O que se está a passar? Isto é uma praxe ou quê?

Em resposta, todos desviam o olhar.

O Oliver aproxima-se do Finn e encosta a cabeça no ombro dele, confirmando o que eu já imaginava — são um casal.

A Song encolhe-se toda dentro do casaco de penas até quase desaparecer.

O Jago, o glorioso Jago, deita-se num monte de almofadas de veludo e realiza uma inspeção minuciosa das suas cutículas.

Isto prova que foi tudo obra da Elodie.

— Vou-me embora — digo. Desta vez, quando me levanto, já não sinto a divisão a andar à roda. — Ah, e para que saibas, pôr um saco na cabeça de alguém, prender-lhe as mãos e atirá-lo para a parte de trás de um carro sem o seu consentimento é a definição de rapto.

Dirijo-me para a saída. A Elodie continua encostada à parede, mirando-me com um olhar gélido.

— Onde raio pensas que vais? — pergunta ela.

— Vou-me embora. — Ponho a mão na maçaneta.

— Claro que vais...

Giro a maçaneta e percebo que a porta está trancada. E tendo em conta que não tenho a chave, e não estou suficientemente desesperada para saltar de uma janela e correr o risco de morrer, apercebo-me de que tão cedo não saio daqui.

Olho para eles, tentando parecer mais confiante do que me sinto.

— Isto tudo é por causa do Braxton? — pergunto, e vejo a Elodie a virar-se para mim com um ar de gozo.

— Claro, Nat. Isto tem tudo que ver com o Brax. Porque os rapazes são claramente o maior prémio que alguém pode querer na vida.

Não consigo evitar sentir-me envergonhada. Quando ela diz aquilo, percebo até que ponto a minha pergunta soou arcaica. Talvez a Song estivesse certa, talvez tudo isto seja mesmo sobre o Arthur.

A Elodie revira os olhos e ri-se, claramente a apreciar ver-me desconfortável.

— É claro que por aqui há uma escassez terrível de rapazes giros e hétero, mas...

— Ei! — O Jago atira uma almofada à Elodie, mas ela esquivase.

— Oh, tem calma — diz a Elodie ao Jago. — Porta-te bem e talvez um dia eu te dê uma hipótese.

Ambos desatam a rir. A Elodie vira-se para mim e aponta para a almofada onde estava sentada.

— Pela última vez, senta-te.

Não tendo outra escolha, faço o que ela diz.

— O que vai acontecer agora não é sobre ti. — A voz dela assume um tom ríspido. — Tu simplesmente não és assim tão especial, apesar de achares que és.

Não digo uma palavra nem tenho qualquer reação. É melhor parecer cooperante e calma, enquanto tento descobrir o elo mais fraco deste grupo. Existe sempre alguém que está menos empenhado no

plano do que todos os outros. E, neste caso, aposto no Jago. Principalmente porque, a seguir mim, é o aluno mais novo da academia.

— Estás prestes a ser iniciada numa sagrada tradição de longa data da Academia Gray Wolf, tradição essa de extrema importância.

Tento não bocejar. Mas que exagero... até para a Elodie.

— Tudo o que fazemos aqui em Gray Wolf é lendário. Mas também acarreta grandes riscos. Em muitos momentos, as nossas vidas estão nas mãos dos nossos colegas, o que significa que é essencial confiarmos em todos os membros do grupo.

— Só podes estar a brincar! — solto, gesticulando para eles. — Depois de tudo o que fizeram para me trazer aqui! Não confio em nenhum de vocês!

— Bem, também não confiamos em ti — reage a Song, num tom ríspido. E nesse momento sinto a dor da traição. Esta não é a mesma rapariga que me avisou sobre a Elodie e alegou que queria ser minha amiga? — Mas... — continua a Song, endireitando-se, a cabeça a espreitar do casaco prateado, como uma pérola aninhada dentro de uma concha de ostra. — Isso não significa que não queremos. Confiar em ti, isto é.

— Porquê? — pergunto. — Que diferença pode fazer?

A Song começa a responder, mas o Jago interrompe-a.

— Pessoal, ela não sabe. — Ele lança-me um olhar rápido, depois afasta-se da parede e inclina-se para frente. Levando os joelhos até ao peito, estende os braços em redor deles — Eu disse-vos, ela não faz a mínima ideia.

— Não sei o quê? — Olho para ele, para a Song e para a Elodie, fingindo não ter ideia do que estão a falar.

— Acerca das viagens no... — começa por dizer o Finn, até que o Oliver lhe coloca a mão sobre a boca para o silenciar.

— Eu achava que o Braxton te tinha dito. — A Elodie olha para mim como se estivesse a tentar descortinar a minha expressão neutra e expor a verdade. — Ou que, pelo menos, tu serias suficientemente inteligente para descobrires sozinha.

Está a provocar-me, mas continuo sem dizer nada. Ainda assim, não posso deixar de me questionar por que razão o Braxton achou que seria adequado falar-me sobre as viagens no tempo, mas não mencionou este encantador ritual de longa data.

Ou será que eles só estão a fingir que isto é uma tradição antiga, quando, na verdade, é um novo inferno que a Elodie inventou só para mim?

Foi isto o que o Braxton quis dizer quando me avisou sobre a Elodie?

E qual é o objetivo do Jago? Será que aquele olhar de soslaio quis dizer que está do meu lado sem que eles saibam?

— Tu queres estar aqui, sequer, Nat? — A Elodie sacode o cabelo por cima do ombro e inclina-se na minha direção. A forma como olha para mim, com os olhos arregalados e inquisitivos, como se estivesse realmente interessada em ouvir a minha resposta, lembra-me a miúda que conheci na escola.

Não me posso permitir cair nessa outra vez. Porque é isso o que a Elodie faz.

Faz-te sentir como se fosses importante, como se pudesses mesmo ser alguém.

Como se fosses mais inteligente e bonita do que és, com um potencial infinito.

E como se uma amizade com ela significasse algum dia conseguir ser tão fixe quanto ela.

— Se quero estar aqui? Neste farol? — Faço uma carranca. — Não, El. Preferia muito mais estar na minha cama. Que era para onde eu estava a ir antes de tu enfiar um saco na minha cabeça.

Ela continua a olhar para mim. O olhar é firme e não desmascara nada.

— Em Gray Wolf, Natasha. Queres estar aqui, na academia?

Além do crepitar das chamas das velas e das rajadas de vento que sacodem as janelas do farol, a sala ficou estranhamente silenciosa.

— Tens noção de que eu nem estaria aqui se não fosses tu. Tu tramaste-me! — lembro-lhe, com voz esganiçada, revelando o meu estado atual de ansiedade, que apenas aumenta quando vejo a maneira como todos se entreolham e passam uma mensagem silenciosa entre eles. — Quer dizer, certo, em última análise, talvez tenha sido eu que acabei por escolher vir para esta ilha, mas ambas sabemos que tudo começou contigo.

— Ninguém está a dizer que não foi isso que aconteceu —

concorda a Elodie. — Mas, agora, vou deixar-te escolher novamente. E desta vez, Nat, a escolha é inteiramente tua.



Capítulo 63

Os pormenores de como eles fazem o que estão prestes a fazer não são para eu saber.

Sou apenas uma participante.

Embora, aparentemente, eles levem muito a sério esta coisa de manter a tradição viva, o que significa que, da próxima vez que um pobre Verde estiver no meu lugar, eu serei a maestrina. Sob a orientação da Elodie, claro.

Acontece que, de todos os Azuis, a Elodie é a que está aqui há mais tempo. Foi recrutada há mais de uma década, quando tinha apenas 5 anos e o Arthur a resgatou de uma instituição para crianças maltratadas. Ele trouxe-a para Gray Wolf para terminar a escolaridade, além de alguns outros cursos que normalmente não são ensinados na escola normal.

Afinal, a Song sempre tinha razão. A Elodie realmente vê o Arthur como pai, e ela adora ser uma Azul. Poderia ter assumido um papel como instrutora quando completou 18 anos, há alguns meses, mas gostava demasiado das vantagens que a posição atual dela lhe proporciona. Que vantagens são essas, só ela sabe...

— Lamento imenso tudo o que aconteceu até chegares aqui. — A Elodie parece sincera, mas como ela é boa a convencer as pessoas a rataem nela, sei que não devo confiar. — E, no entanto, acho que não compreendes verdadeiramente o presente que te dei. Quer dizer, tens aqui um pacote de viagem com tudo incluído ao país das maravilhas, com acesso a tudo que sempre quiseste, e em troca ages

como uma idiota ingrata. Nem a Song foi tão difícil como tu.

Olho para a Song, mas o rosto dela não denuncia nada.

— Porque me estás a contar isto? — pergunto, percebendo que a informação que ela acaba de me dar é mais do que revelou durante toda a nossa amizade. E é também o máximo que já falou comigo desde que cheguei. Nem vale a pena comentar que nem tudo no país das maravilhas é bom.

— Porque subiste muito mais rápido do que qualquer um de nós esperava. O Jago demorou meses até ser Amarelo. E embora eu tenha as minhas suspeitas sobre a forma como conseguiste avançar tão rapidamente...

— Sim, como o aparecimento de uma vaga repentina e inexplicável... — interrompe a Song, mas a Elodie lança-lhe um olhar e ela cala-se. O que apenas faz com que fique mais determinada em descortinar aquele comentário mais tarde.

— A questão é que ninguém aqui acredita que fizeste algo para o merecer.

— Hum, merecer *o quê*? — Olho para eles. — Ainda sou uma Verde, por isso não percebo bem a que “subida” te referes...

— Já não serás Verde amanhã. Se ainda cá estiveres, isto é.

— O que queres dizer com isso?

Nesse momento, o Oliver começa a falar.

— E se eu te disser que amanhã fazes o teu primeiro Salto?

Lembrando-me de o Braxton me ter falado sobre as viagens no tempo em confidência, finjo ficar confusa, como se não fizesse ideia do que aquilo possa significar. E, sinceramente, nem sei bem se sei. Ainda me parece tudo inacreditável.

— Irás saber quando acontecer — diz o Oliver. — Mas quando acontecer, não irás sozinha. Serás parceira de alguém, e quem quer que essa pessoa seja...

— É assim — interrompe o Finn, e, apesar de me ter parecido meio abrupto, quiçá rude, o Oliver apenas se encosta contra a parede e nem sequer reage. — O problema é que ninguém aqui quer fazer um Salto com um parceiro em quem não pode confiar e, segundo o Jago, tu hoje meteste água. Muita mesmo.

Olho para o Jago e questiono-me sobre que raio lhes terá dito.

Ele limita-se a encolher os ombros, como se me desafiasse a negá-lo.

— Consegui recuperar a joia — digo, olhando fixamente para a Elodie.

Ela assente.

— E por mais impressionante que isso tenha sido, antes de chegares a essa parte, foste incrivelmente descuidada e até me tentaste decapitar.

— Acho que ambas sabemos que eu não ia mesmo fazê-lo... — defendo-me, mas a Elodie nem sequer quer ouvir.

— Já para não falar de que acabámos de te ver a hiperventilar. E a hiperventilar *por nada*, devo acrescentar.

— Achas mesmo que aquilo não foi na...

Uma vez mais, ela interrompe-me.

— Talvez as tuas reações desleixadas não sejam muito importantes cá dentro, mas fora de Gray Wolf, nos lugares para onde nós vamos, entrar em pânico pode ser fatal. O que significa que precisas mesmo de aprender a controlar as tuas emoções.

— Do que estás a falar? — Olho para Elodie e depois para os outros, mas eles limitam-se a observar-me em silêncio. — Acabei de aqui chegar — lembro-lhes. — Quer dizer, o que é que vocês esperam de mim? Tipo, é suposto eu saber dançar a valsa? Vocês sabem de onde vim.

— O que esperamos é que te esforces mais. — A voz da Elodie é tão cortante quanto o olhar. — Que permaneças na personagem. Que te enquadres em qualquer ambiente em que te encontres. Que leves este trabalho a sério, porque é sério. E, acima de tudo, esperamos que nos ajudes a entrar e sair sem sermos mortos.

— Ou, pior ainda, presos — acrescenta o Oliver.

— Como é que isso é pior? — pergunta o Finn, virando-se para o Oliver com ar de medo.

— Já viste aquelas prisões? Estão cheias de ratos, e tu tens de escolher um canto para te aliviares. Prefiro levar com uma guilhotina...

— Pessoal, por favor. — A Elodie franze a testa. Com um revirar de olhos dramático, sacode o cabelo e vira-se para mim. — Tens de provar que estás empenhada. Que estás totalmente dedicada, sem

quaisquer dúvidas. Só então concordaremos em deixar-te ser uma ADA.

— Que raio é um ADA? — A minha voz ecoa por todo o espaço, A Song começa a responder, mas a Elodie interrompe-a.

— Ainda não mereceste o direito de saber isso. Não mereceste nada disto. Mas estás prestes a merecê-lo. Anda lá.



Capítulo 64

A Elodie começa a caminhar à frente do grupo e subimos mais um lance de escada até ao ponto mais alto do farol. No topo do edifício existem janelas a toda a volta que certamente permitem uma vista incrível de 360 graus durante o dia, mas com a tempestade que se começa a formar, tudo parece igual — mar negro e céu escuro.

O Jago está à minha frente. A expressão nervosa que mostra não é, de todo, reconfortante. Além disso, agora que sei que andou a falar sobre mim, a dar-lhes conta do meu mau desempenho de hoje, sei que não é, claramente, o amigo que eu esperava que fosse.

A Elodie põe-se ao lado do Jago, enquanto a Song, o Oliver e o Finn ocupam três pontos separados ao longo da parede.

— Não te preocupes — diz a Elodie ao Jago. — Ela entra na cena muito rapidamente.

A Elodie lança-me um olhar de aprovação, mas tenho a sensação de que o que disse tem menos que ver comigo e mais com o facto de ter sido ela a recrutar-me.

O Jago levanta a mão e diz-me para me concentrar no relógio de bolso que ele balança à minha frente. É um relógio dourado e tem ponteiros pretos que giram ao contrário.

— Só para confirmar — intervenho. — Não vou a lugar nenhum, certo? Isto é apenas um exercício teórico?

A Elodie olha fixamente para mim e depois faz sinal ao Jago,

que começa a cantar numa língua que não entendo, embora eu reconheça a melodia da música como a que ouvi no carro da Elodie. E é a mesma que a cantora da *Arcano* cantou. A mesma que tocava sempre que eu e a Elodie estávamos juntas.

— Isso não é uma música verdadeira — digo. — Ou, pelo menos, não uma música que se possa encontrar na net. Tu é que inventaste a música! Tu...

— És tão inteligente — troça a Elodie. — Vá, chiu...

O Jago continua a cantar — a voz dele é surpreendentemente melodiosa — e a Song, o Oliver e o Finn destrancam os painéis alinhados sob todas as janelas e começam a ligar uma série de interruptores que fazem a sala vibrar.

Ocorre-me um pensamento: este velho farol é altamente avançado em termos de tecnologia... Mas depois dou por mim a rir por pensar uma coisa dessas. Claro que é altamente avançado em termos tecnológicos. Pertence ao Arthur Bla...

Nesse momento, o teto do farol abre-se e sinto uma rajada de vento e gotas de chuva a caírem-me sobre a cabeça.

Arthur Blac... Porque é que não me lembro do nome dele?

Algues, ao longe, ouço alguém dizer:

— Esqueceste-te de lhe dar um talismã!

— Não é preciso — responde a Elodie. — Quando o leão acaricia o cordeiro, o cordeiro nunca deixa de o seguir.

O Jago ri-se, mas não sei bem porquê. Não sei o que aquilo significa, por isso concentro-me no logótipo de Gray Wolf que paira diante de mim... algo sobre alquimia...

Alquimia Negra — não!

As minhas pálpebras estão pesadas, mas parece que os meus pés flutuam.

Estou a dançar! Canto. Estou a flutuar!

O vento ao meu redor rodopia como um ciclone.

Quero dizer à Elodie para parar com isto.

Quero gritar com todas as minhas forças: lembrei-me do nome, é Braxton Bla...

Não! É Arthur Black...

Uma luz assustadoramente brilhante preenche o céu. Ouço algo a rachar sobre a minha cabeça. E tenho um sonho maravilhoso de relógios a derreter pelas paredes, uma cantora com uma coroa de chifres e um menino com olhos da cor do mar...

Estou a flutuar... estou mesmo a voar... e é...

— Está mesmo a acontecer! — sussurro para a Elodie, e ela agarra o meu pulso com força.



Capítulo 65

No meu sonho, vejo um rapaz muito bonito à minha frente. A boca dele está a mexer-se, mas não consigo ouvir o que diz.

Ainda assim, nada disso importa. Tudo vai ficar bem. E sei que assim será porque a Elodie mo prometeu.

— Diz-me o que vês — sussurra ela.

Conto-lhe uma história sobre rapazes com vestidos justos e relógios a derreter pelas paredes.

— Fala-me do rapaz — insiste ela. — Aquele que está à tua frente. Deixo de me focar na Elodie e concentro-me no rapaz.

— Ele está a usar uma máscara, mas consigo perceber que é lindo. E está a oferecer-me uma bebida. Uma bebida verde.

— Aceitas a bebida?

Franzo a testa, a tentar decidir.

— Não — respondo. — Mas não importa. Nada disto tem que ver com a bebida.

— Como podes ter certeza? — pergunta ela.

— Porque já tive este sonho antes. O importante é a música, a que a cantora está a cantar, a mesma que cantámos no teu carro. É uma espécie de canção de embalar para a mente. Além da música, há outra coisa importante: os relógios. Tem algo que ver com os ponteiros que giram para trás.

— E agora? — insiste ela. — Sabendo tudo o que sabes, sais da discoteca e vais para casa?

Mantenho-me em silêncio.

— Natasha?

Lá ao longe, sinto a Elodie a tocar suavemente no meu ombro.

— Ficas lá ou vais-te embora? Responde-me, por favor.

À minha volta, as pessoas riem e dançam, e os empregados serpenteiam por elas com travessas de bebidas habilmente equilibradas nas palmas das mãos, os empregados de vestidos pretos, as empregadas de *smoking*.

O rapaz bonito oferece-me um copo de cristal que contém um líquido verde cintilante.

— Chama-se Fada Verde — diz ele, brindando comigo. — A novos começos.

Ele bebe o copo até ao fim. A Elodie insiste que decida.

— Natasha, o que estás a fazer? O que vês?

— Ela está bem? — pergunta outra voz. O sotaque é espanhol, embora pertença a uma voz do futuro. Não pertence a este lugar.

— Estou a sentir o vento! — Encontro-me novamente no carro da Elodie. A capota está para baixo e tenho o rosto virado para o céu.

Mas agora o rapaz bonito voltou. Inclina-se na minha direção, os lábios a poucos centímetros dos meus.

— Natasha, onde estás? O que está a acontecer? — Ela quer que lhe responda, mas eu estou concentrada. Esta é a parte que perdi da última vez que tive este sonho.

O rapaz aproxima-se. Chama-me *querida*, pega-me ao colo e leva-me por entre a pista de dança lotada. Passa por um casal que dança, e vejo, espantada, ambos a tornarem-se desfocados e a desaparecerem. A seguir, dou por mim numa sala escura e vejo a Elodie atirar a minha mochila ao chão.

— Eu avisei-te — diz ela, vendo o rapaz a deitar-me num sofá. Sinto o corpo mole, a minha mente embrenhada num sonho que nunca sonhei.

Ela põe-se em bicos de pés, tenta beijar o rapaz, mas ele afasta-se.

— Onde estás? — pergunta a Elodie.

O tempo passou e tento desesperadamente voltar atrás. Mas ali, deitada no sofá, com a minha mente perdida num labirinto, apenas consigo captar vislumbres de duas pessoas a discutir.

— Vamos, Nat. Tu consegues, diz-me o que vês.

Estou a sair do carro dela. Fomos juntas para a escola, mas ainda estou a usar o mesmo vestido que usei na discoteca.

Ela entrega-me um saco, diz-me para despejar todo o conteúdo no meu cacifo e depois ir para a aula de Inglês.

A última instrução: *às 9h38 em ponto, ordeno-te que acordes.*

— Nat, o que aconteceu? Onde estás?

Engulo em seco.

— Tu incriminaste-me — digo-lhe, mas todos já sabíamos isso.

— Isso quer dizer que tu ficaste... uma segunda vez?

— Eu disse-te que isso ia acontecer — diz a voz com sotaque espanhol.

— Não, não disseste — responde bruscamente a Elodie.

Estou de volta à discoteca, à *Arcano*.

Retiro a carta da Roda da Fortuna do baralho.

Rio-me em frente à minha lápide.

Um rapaz bonito de máscara oferece-me uma Fada Verde.

— Isto nunca teve que ver com a bebida — digo.

— Ainda assim, fá-lo-ias de novo? Sabendo o que sabes agora... ficarias lá?

Penso no Mason e, de imediato, sinto uma dor dentro de mim. Sinto falta das roupas elaboradas dele, do humor sarcástico. Sinto falta de o ver a gozar com as mãos arrogantes que fazem *spin* no ginásio e de jogar aquele jogo que jogávamos sempre.

Penso na minha mãe, e sinto-me prestes a desatar a soluçar.

— Fá-lo-ias novamente? Ou ias-te embora?

Vejo o rapaz a acabar de beber.

— Ficava lá.

No momento em que respondo, o sonho desaparece e sinto-me

a cair pelo vazio.



Capítulo 66

Acordo com o som de um zumbido.

É um zumbido muito alto, seguido por pancadas.

Uns momentos depois, a sala enche-se de luz.

— Tasha!

Ouço um sussurro.

Sinto uma mão no meu ombro.

Vejo um rosto muito perto do meu.

— O que aconteceu? Estás bem?

Viro-me de barriga para baixo e enterro a cara numa almofada de penas macia, mas ouço novamente a voz.

— Tasha, por favor... olha para mim.

Parece que tenho uma tempestade a rugir dentro da minha cabeça. Respiro fundo, desejando que aquilo passe rapidamente.

— Deixei-te um monte de mensagens e...

Solto um suspiro, viro-me e encosto-me à cabeceira da cama. O Braxton olha para o meu cabelo emaranhado e para o vestido que usei na noite passada e com o qual, pelos vistos, dormi.

— Porra — sussurra ele, abraçando-me com força. — Não acredito que ela continua a fazer isto.

Afasto-me, passo um dedo por baixo de cada olho e vejo que fica todo sujo de rímel.

— Tu sabias e não me avisaste? — Tenho a voz rouca e a

garganta está tão seca que o Braxton de imediato me oferece o copo de água que tenho ao lado da cama.

— Ela jurou que não ia fazer mais isto. Já devia saber que não podia confiar nela.

Olho para lá das cortinas que ele deve ter aberto. Lá fora, está a chover.

Ali deitada, relembro o diálogo entre o Braxton e a Elodie sobre promessas quebradas, memórias tristes e coisas que aconteceram há muito tempo — o meu destino nas mãos deles.

Mas isso só foi assim na primeira vez. Porque, ontem à noite, a escolha foi minha, e eu, mesmo assim, vim aqui parar. Estranhamente, apesar de tudo o que aconteceu, sei que voltaria a fazer a mesma escolha.

Coloco o copo na mesa de cabeceira e olho fixamente para o Braxton. Reparo nas olheiras ténues sob os olhos, na boca ligeiramente contraída. E ainda que tome algum tempo a observar o rosto dele, continuo sem perceber se aquela expressão se deve a preocupação ou a um sentimento de culpa.

— Tu não Saltaste, se é isso que estás a pensar — garante ele. — O Arthur deixou de usar o farol há muito tempo. É uma tecnologia ultrapassada.

— Para mim, parecia-me altamente avançada. — Olho para a janela, seguindo os longos rastos de chuva que escorrem pelos vidros.

— Talvez seja no mundo lá fora, que está completamente obsoleto — diz o Braxton. — Mas este lugar, com a combinação entre os elementos naturais e a genialidade do Arthur, está pelo menos um século mais avançado.

— O que queres dizer com isso? — Olho para ele, levo os joelhos ao peito e abraço-os, como se precisasse de repelir o que vem a seguir, ainda que tenha sido eu a perguntar.

— Resumidamente, a Ilha Gray Wolf é um portal natural que atua como uma entrada para o passado. — O Braxton fala com clareza e, embora o que ele diz faça sentido à primeira vista, a minha mente continua a tentar processar aquelas palavras. — Mas, para conseguir potenciar essa energia de forma segura, o Arthur teve de desenvolver uma tecnologia avançada que, além de manter o portal

aberto durante tempo suficiente para partidas e regressos seguros, também permite que ele o direcione para momentos específicos no tempo.

— E o farol?

— É o local onde o fenómeno foi descoberto pela primeira vez, na altura em que todos os faroleiros desapareceram.

— Desapareceram? — repito, alarmada. Um pensamento horrível invade-me a mente: *É isso que me teria acontecido se eu tivesse escolhido ir embora?*



Capítulo 67

— Os faroleiros desapareceram sem deixar rasto — revela o Braxton. — E acabaram por declarar que tudo não passou de uma série de suicídios. As autoridades alegaram que tinham saltado da janela e haviam sido levados pelo mar. Mas, na verdade, estavam perdidos na tempestade do tempo.

Fico sem palavras. Não faço ideia do que dizer.

— Isso foi há já muito tempo. Mas é uma das razões pelas quais o Arthur pôde comprar o terreno por tão pouco dinheiro. Entre os desaparecimentos e o vento, ninguém queria ter nada que ver com isto, por isso todos ficaram felizes por o Arthur comprar a propriedade. Como o farol era a única estrutura existente naquela altura, ele usou-o para realizar as suas primeiras experiências. Mas depois de construir a academia, ele desativou o farol.

— Mas eles carregaram em botões, vi luzes a piscar e o telhado abriu-se... — Lembro-me de sentir a chuva a molhar-me a cabeça, mas agora, ao tocar no meu cabelo, sinto que está seco.

— Não passam de efeitos especiais — explica o Braxton. — Ninguém usava o farol até a Elodie o descobrir e decidir usá-lo para praxar os novos alunos... entre outras coisas.

Desvio o olhar ao recordar-me dos montes de almofadas, velas e mantas no farol.

— Só para deixar claro. Não foste a lado nenhum. A Elodie apenas te hipnotizou.

— Mas ela disse que eu tinha uma escolha.

— É a maneira de ela testar a tua lealdade à academia e ao que fazemos aqui. Tecnicamente, não podias desfazer a tua escolha, já que não estavas a Saltar. Além disso, não é possível alguém voltar a uma versão anterior de si mesmo. Chama-se a isso cruzar a própria linha do tempo e, acredita, não leva a lado nenhum.

— Mas, e se eu escolhesse ir embora? O que teria acontecido?

Lembro-me da forma implacável como a Elodie me enfiou o saco na cabeça. De que mais será ela capaz?

O Braxton encolhe os ombros.

— Nunca ninguém fez essa escolha. Provavelmente, porque as pessoas que vêm cá parar não têm nada pelo qual valha a pena voltar.

Penso nas saudades que tenho do Mason, da minha mãe. E, no entanto, isso não foi suficiente.

— Eu vi coisas. Coisas que não vi na primeira vez.

O Braxton respira fundo, e nesse momento, sei que sabe que me estou a referir ao que aconteceu entre a Elodie e ele.

— Muitas vezes, a hipnose revela o que está escondido — diz ele. — Na primeira vez que foste hipnotizada, estavas num estado de transe sob a direção da Elodie. Mas só porque não te conseguias lembrar, isso não significa que a tua mente não o tenha conseguido gravar.

Mantemo-nos em silêncio por alguns momentos. Que é quebrado, quando digo:

— Eles disseram algo sobre um talismã. — Olho fixamente para o Braxton. — E também disseram algo sobre um leão a acariciar um cordeiro e o cordeiro nunca o deixar de seguir.

Ele suspira e abana a cabeça.

— É uma citação de Shakespeare, da peça *Henrique VI*.

— Então, a Elodie acha que ela é o leão e eu o cordeiro? — Sinto um arrepio a percorrer-me a espinha face a esta verdade. É certo que me deixei levar pela bajulação dela na nossa antiga escola.

— Ela acha isso em relação a toda a gente — diz o Braxton. — E o talismã é uma espécie de amuleto da sorte que levamos

connosco quando Saltamos. Ajuda-nos a lembrar quem realmente somos, de onde viemos e a que época pertencemos. É algo pessoal para cada um de nós. Mas deve ser muito pequeno e não ser facilmente detetado, ou algo adequado à época em questão, ou então ambos.

— Queres dizer que, sem o talismã, havia uma hipótese de eu não ter acordado do sonho?

— Não. — Ele coloca a mão na minha perna, sem se aperceber do rasto de arrepios que provocou. — Se ela te tivesse dado um talismã, teria sido só para as aparências. Em relação a não acordares, eu nunca deixaria isso acontecer. Ter-te-ia encontrado. Mas, Natasha, é precisamente por isso que tens de ter o teu *tablet* sempre contigo.

O meu tablet. Ao longe, ouço novamente o zumbido. Quando pego no *tablet*, vejo um monte de mensagens do Braxton, cheio de preocupação. Depois de ler essas mensagens, aparece a mensagem do dia no ecrã:

Sabemos o que somos,
mas não o que podemos ser.
— William Shakespeare, *Hamlet*

O Braxton encosta-se a mim, o corpo dele a adaptar-se perfeitamente às curvas suaves do meu. Depois, põe as mãos na minha cintura e encosta o rosto à parte de trás do meu pescoço. A proximidade dele, o calor escaldante do seu toque, o sopro frio da respiração na minha nuca faz-me ansiar por ele de tal forma que preciso de toda a minha determinação para me controlar.

— Não lhes digas que sabes disto — sussurro, desprendendo-me com relutância daqueles braços e virando-me para ele. — Não quero que achem que estou a fazer queixinhas. Até posso ter passado naquele exercício de confiança deturpado, mas isso não significa que confiem realmente em mim.

O Braxton assente e depois puxa-me de volta para ele, os dedos a traçar uma linha imaginária pela minha face. Vejo-o a semicerrar os olhos, a inclinar os lábios na minha direção, o que me faz querer calar o meu lado sensato e sucumbir às necessidades mais decadentes do meu corpo.

Ao contrário do meu cérebro, o meu corpo sabe sempre o que quer, e neste momento o meu corpo quer o Braxton. E pelo olhar do Braxton, ele também deseja o mesmo.

Ainda assim, por mais imprudente e caprichosa que eu por vezes possa ser, o meu lado pragmático insiste em ser ouvido. O que explica por que razão ponho a mão no peito do Braxton para evitar que se aproxime.

— Está tudo bem? — pergunta ele, confuso com os diferentes sinais que dou.

— Estive a pensar... — começo, vendo a expressão ardente do Braxton a transformar-se em pavor. — Talvez... devêssemos apenas... — Mordo o lábio, mal conseguindo acreditar no que vou dizer a seguir. — Talvez devêssemos acalmar-nos um pouco... ou muito. Pelo menos, para já.

Nesse instante, as mãos do Braxton soltam a minha cintura, e eu lembro-me da maneira como ele e a Elodie discutiram na discoteca enquanto eu estava em transe no sofá, e de quão zangada ela estava quando ele a afastou. Ele já a esqueceu. Isso é claro. Mas a Elodie não o esqueceu. E se eu quiser ter alguma esperança de me tornar uma Azul e consolidar o meu lugar na academia, então não posso arriscar alienar ainda mais a Elodie.

Além disso, para ser honesta, estou confusa relativamente aos meus sentimentos pelo Braxton. Quer dizer, todo o meu mundo foi virado de pernas para o ar. Todas as pessoas que eu conhecia, e a maior parte das coisas em que eu acreditava, desapareceram e foram substituídas por uma série de novos rostos e uma lista chocante de possibilidades que mal tive hipótese de processar, muito menos adaptar.

E embora goste realmente de o beijar, e sinta sempre borboletas na barriga e o meu batimento cardíaco a aumentar quando ele está perto de mim, não tenho a certeza se isso significa que tenho sentimentos por ele; se apenas acho que gosto dele para me vingar da Elodie; ou se ele é apenas um rapaz bonito e *sexy* que eu beijo para não me sentir tão só.

E até que eu consiga descortinar tudo isto, acho que é melhor ambos esquecermos a noite passada.

— Por enquanto, acho que é melhor focar-me no meu caminho

aqui em Gray Wolf e aprender tudo o que puder, o mais rápido possível, para que consiga chegar a Azul. Não me posso dar ao luxo de me distrair com mais nada. Por isso... espero que possamos ser... amigos? — digo-lhe.

O Braxton desvia o olhar e, embora me pareça um pouco abatido, logo a seguir concorda.

— Apenas quero que saibas que estou sempre aqui para ti, Tasha — garante ele. — Ah, e deixei-te ali uma travessa. — Aponta por cima do ombro e vejo uma travessa de prata com café e bolos na mesa em frente ao sofá de veludo.

O gesto é tão gentil, tão carinhoso, que tenho de lutar contra o desejo de retirar tudo o que acabei de dizer, de agarrar o braço dele e de o arrastar para a minha cama.

Mas claro que não faço nada disso. Tenho de me concentrar, de consolidar o meu lugar aqui. Assim que o fizer, talvez consiga ter uma melhor noção do que estou a sentir.

Assim que o Braxton se vai embora, sirvo café numa caneca de porcelana bonita, ponho um pedaço de *croissant* de amêndoa na boca e entro na casa de banho.

Ao sair da casa de banho, vejo um monte de camisolas amarelas cuidadosamente empilhadas na prateleira onde as minhas camisolas verdes costumavam estar.

*Nada de deferir; as demoras
sempre acabam mal.*
- William Shakespeare



Capítulo 68

A primeira coisa em que reparo sobre o facto de agora pertencer à equipa Amarela é que não é assim tão diferente de pertencer aos Verdes.

E já que não há outros Amarelos, e visto que, há quatro semanas, o Braxton e eu demos um tempo, sinto-me um pouco sozinha à hora das refeições. Quando vejo os Azuis todos juntos, a falar e a rir, parece que voltei à minha escola antiga — posta de lado e invisível.

Ainda assim, admito que até me faz bem o tempo que passo na Sala Outono a seguir ao jantar. E por isso mesmo, pela primeira vez desde que aqui cheguei, fiz amigos. Quatro, para ser precisa: a Song, o Jago, o Oliver e o Finn. Ou até cinco, se contarmos com a Elodie — alguém que não tenho a certeza se posso chamar de amiga, embora tenhamos feito as pazes e concordado em manter uma boa relação.

E se alguém me dissesse, quando cá cheguei, há quatro semanas, que me iria dar bem com um grupo de miúdos que me enfiou um saco na cabeça, atirou para a parte de trás de um carro — basicamente raptou-me —, hipnotizou e depois deixou no quarto desmaiada, eu nunca acreditaria. Mas aqui, na academia Gray Wolf, somos obrigados a aproveitar o que temos.

E por isso dou por mim à porta do quarto da Elodie, prestes a bater, quando ela a abre repentinamente e me puxa para dentro do quarto.

A primeira coisa que me vem à cabeça: este quarto é como entrar na lâmpada do génio. Ou, pelo menos, como eu imagino que seria entrar dentro da lâmpada de um génio.

Por passarmos tanto tempo em salas de aula ou diferentes salas de jantar, nunca tinha visitado o quarto de outra pessoa e sempre achei que seria igual ao meu. Mas o quarto da Elodie é de um nível totalmente diferente.

Além de ter o dobro dos metros quadrados do meu, as paredes estão repletas de obras de arte magníficas. Obras clássicas ao lado de peças contemporâneas, e ainda assim ficam realmente bem juntas.

— Uau — solto, ao entrar no quarto. Nem faz sentido fingir-me indiferente, pois a Elodie sabe o quanto aprecio ver uma divisão decorada com gosto excecional.

Passo por uma *chaise-longue* parecida com a minha, só que esta é em veludo azul-escuro. No teto, está um extravagante lustre de cristal veneziano e as mesinhas de apoio são forradas a folha de ouro.

A Elodie tem uma cama de dossel, tal como a minha. Mas a dela está esculpida de forma muito mais elaborada e tem tecidos bordados à mão que pendem do topo e dos lados da cama. Há um monte de almofadas com padrões variados — florais, de zebra e de leopardo — meticulosamente empilhadas em cima do banco em seda aos pés da cama. E por todo o lado existem porcelanas e objetos em cristal caríssimos, pilhas de livros raros, enormes almofadas e mantas elegantes, velas e incensos a arder. Tudo isto faz com que o quarto assumo um ar boémio chique.

A lareira está acesa e eu posiciono-me à frente dela para aquecer as mãos. A seguir, olho pela janela e vejo uma vista espetacular do oceano. E lá ao fundo à esquerda vejo o branco ameaçador do farol.

Volto-me para a Elodie:

— Que belo barraco, El.

Ela faz má cara e de imediato sinto uma pontada na barriga. Aqui na academia não gostam muito que se use calão. Mas quando a Elodie desata a rir, dou um suspiro de alívio e começo também a rir.

Quanto mais cedo me habituar à forma de viver no antigamente — andar de braço dado, vestir roupa específica para jantar, saber que utensílios usar para os diferentes pratos servidos às refeições,

esquecer a música dos dias de hoje —, mais fácil será passar despercebida quando Saltar. E há algo que as últimas quatro semanas de aulas de História, Cultura, Dicção, Dança, Línguas, Normas Sociais, Esgrima, Equitação e Etiqueta (aprender a usar adequadamente um penico quase me fez desistir) me ensinaram: a capacidade de passar despercebida é o mais importante de tudo.

Há tanta coisa de que não me posso esquecer, e não é de todo um exercício fácil. Pelo menos, não para mim. Há muito tempo que não me esforçava minimamente por ser bem-sucedida, e tenho pelo menos de agradecer à Elodie por isso. Porque se continuasse pelo caminho que seguia, só Deus sabe onde iria parar.

— Posso fazer-te uma pergunta? — diz ela. — Há quanto tempo sabes? Dos Saltos, quero eu dizer.

O meu olhar encontra o dela. E apesar de saber que perceberá se eu mentir, preciso de uns segundos para responder sem trair a promessa que fiz ao Braxton.

Mas fiquei demasiado tempo em silêncio, porque a Elodie diz:

— Não estás mesmo à espera que eu acredite que era preciso o Keane contar-te? — Ela inclina a cabeça, o cabelo uma cascata de ondas longas e sedosas.

Solto um suspiro, lembrando-me do dia em que o Keane me chamou ao seu escritório, como ele se inclinou sobre a mesa, a expressão no rosto tão séria que até era cómica, à medida que revelava a verdade sobre o que se passava na academia e eu fingia ficar surpreendida com tudo.

— Foi semelhante ao dia em que a minha mãe me contou a verdade sobre o Pai Natal — respondo, encolhendo os ombros. — O meu pai já tinha embora há muito tempo e eu percebi que ela apenas me estava a preparar para a falta de presentes debaixo da árvore de Natal. Por isso, fingi ficar surpreendida, como se não fizesse a mínima ideia de que eram os meus pais a deixar os presentes, apesar de saber há anos.

A Elodie olha fixamente para mim.

— Que comovente — troça ela. — Mas ainda não respondeste à minha pergunta. Há quanto tempo descobriste?

— Porque é que isso interessa? — pergunto, sem perceber que razão poderia ela ter para se importar com isso.

— Porque quero saber há quanto tempo andas a fingir — replica ela.

Mantemo-nos em silêncio por uns segundos. A Elodie toca no disco dourado cintilante que tem ao pescoço. É um amuleto com uma cobra gravada na frente, e embora eu nunca tenha reparado que ela o usava, a forma como toca nele faz-me pensar que tem algum tipo de significado especial.

Ao ouvir a Elodie a clarear a voz, olho para ela e digo:

— Descobri no meu primeiro dia aqui.

Ela observa-me atentamente, tentando revelar a mentira que estou determinada a esconder. Quer dizer, talvez não seja a verdade completa, mas juntei todas as pistas e usei-as para chegar a uma conclusão. O Braxton só veio confirmar o que já suspeitava.

Depois de alguns segundos, que mais pareceram uma eternidade, a Elodie sorri.

— Só para que saibas, consegui perceber de imediato. Ainda assim, a forma como foste capaz de fingir enche-me de esperança.

— De esperança? — Olho diretamente para ela, sem saber o que quer dizer com isso.

— Tendo em conta o que fazemos aqui, seres um ás na arte do engano é possivelmente a melhor aptidão que podes ter.

Sinto-me a ficar tonta, como se todo o oxigénio tivesse sido sugado para fora da sala.

Bem, isto explica quase tudo o que sei sobre ela.

Volto a olhar para a serpente no medalhão dela. As cobras são conhecidas por mudarem de pele e emergirem ilesas, novinhas em folha. E lembro-me do que a Song disse sobre cobras venenosas — de como as usou como uma espécie de metáfora sobre como lidar com a Elodie.

Embora eu tenha a certeza de que não fiz grande coisa para seguir o conselho da Song, a verdade é que ainda estou aqui, no quarto da Elodie, numa noite que é considerada importante. Por isso, devo ter feito algo bem. Depois de alguns segundos de silêncio, olho diretamente para a Elodie e digo:

— Ainda assim, embora tenha conseguido enganar todos os outros, não te consegui enganar.

— Não te preocupes — diz ela, encolhendo os ombros. — Poucas pessoas conseguem enganar-me. — A seguir, sacode o cabelo por cima do ombro e continua: — Bem, vamos fazer um brinde antes que cheguem os outros?

Ela atravessa o quarto, pega numa garrafa de champanhe caro e retira habilmente a rolha da garrafa.

— As festas aqui são ligeiramente diferentes das que fazíamos em casa — digo. — Tínhamos sorte se houvesse cerveja.

A Elodie faz cara feia.

— Nem fazes ideia de como era para mim. Ter de mandar abaixo *shots* e fingir que gostava... — lembra ela, oferecendo-me um copo de champanhe. — Por ter crescido em Gray Wolf, habituei-me às coisas boas da vida. Devias ter visto como quase vomitava quando o Arthur me deu a beber cerveja pela primeira vez. — Ao ver o meu olhar surpreendido, ela acrescenta: — Tive de aprender muito até me conseguir integrar numa escola secundária normal.

— Nunca tinha pensado nisso — reajo, incapaz de esconder a minha surpresa. — Parecia ser tão natural para ti. Todos te adoraram desde o momento em que chegaste.

Todos exceto o Mason, claro.

Quando a Elodie se vira para mim com ar chocado, apercebo-me de que é a primeira coisa simpática que lhe digo desde que aqui cheguei. Ainda assim, não fazia sentido não dar o elogio, quando ambas sabemos que é verdade.

— Bem, só precisei de muitas horas a ver TikTok, Instagram e alguns *reality shows* muito maus — recorda ela, rindo-se e erguendo a taça de champanhe.

Ergo o meu copo, mantendo o dedo mindinho curvado, como o professor de Etiqueta me ensinou. É a primeira vez que estamos sozinhas desde que cheguei à ilha, e não há como prever o que ela possa dizer.

— Ao teu primeiro Salto! — diz ela.

Começo a levantar o copo e depois paro, pois sinto que a Elodie não terminou.

— Já percorreste um longo caminho, Natasha Antoinette Clarke, e estás prestes a ir muito mais longe. Estás prestes a ir muito além do que alguma vez poderias sonhar.

Ela esboça um sorriso sincero. Eu sorrio de volta.

Depois fazemos um brinde e bebemos. E por uns breves instantes, parece que voltámos aos velhos tempos.



Capítulo 69

O Oliver e o Finn estão aconchegados em cima de um monte de almofadas em frente à lareira.

A Song está empoleirada numa das cadeiras almofadadas de seda.

O Jago está deitado num dos lados sofá de veludo e a Elodie do outro, as pernas deles entrelaçadas de tal maneira que me faz pensar se ela decidiu que lhe ia *dar uma hipótese*, como lhe disse em tom de brincadeira no farol.

Eu estou sentada numa cadeira de veludo roxo que combina tão bem com o meu robe verde que me sinto como uma rainha, até olhar para a túnica escarlata da Elodie e para a tiara de rubi que tem na cabeça, recordação imediata de que o título de rainha é dela e só dela.

Olho em redor da sala para o meu novo grupo de amigos no meio daqueles móveis elegantes e peças de arte extraordinárias. Todos têm um ar extremamente glamoroso e parece que estou dentro da edição de setembro de uma revista de moda. Por outro lado, não esperaria nada menos da festa da Lua Cheia da Elodie.

Pelos vistos, há uma festa destas antes do primeiro salto de cada Amarelo e tem como objetivo reforçar o espírito de equipa e a camaradagem, e acalmar quaisquer medos que a nova pessoa possa ter. Pelo que vi até agora, basicamente é uma noite em que todos vão para o quarto da Elodie vestidos com as melhores roupas de dormir, para beber champanhe, devorar bolinhos — mais conheci-

dos como *petit fours* — e recordar as memórias incríveis do seu primeiro Salto (ou de um Salto qualquer se o primeiro não tiver sido assim tão incrível). E como as primeiras festas calharam em noite de lua cheia, o nome acabou por pegar.

Embora seja divertido ouvir sobre o momento em que o Finn posou nu para o Miguel Ângelo — ele ainda tem o desenho, está pendurado na parede do seu quarto e prometeu mostrar-me um dia; ou quando a Song tomou chá com a rainha Vitória no Palácio de Buckingham; ou quando o Oliver fez tiro ao pombo com membros da monarquia britânica; ou a altura em que o Jago jantou com o rei Fernando VII de Espanha —, todos me dizem que é a Elodie quem tem a história mais fixe.

— Eu fiz um Salto ao século XVI — começa ela, bebericando o seu champanhe. — Visitei a corte do rei Henrique VIII.

Pouso o meu copo vazio numa mesinha dourada e levo os joelhos ao peito.

— Já não me lembro o que ele estava a celebrar, mas todos estavam a beber muito e o rei Henrique ficou bastante deslumbrado comigo.

O Finn põe as mãos à volta da boca e imita a banda sonora de um filme pornográfico *vintage*. “*Bow chicka bow wow*”. E não posso deixar de me questionar se ele faz isso sempre que ela conta esta história ou se foi um ato completamente espontâneo. Seja como for, funciona, porque todos desatam a rir, incluindo a Elodie.

— Ah! Ah! Podes crer! — solta ela, rindo-se e erguendo o copo na direção dele. — Bem, onde ia? — Põe um dedo na face e finge um olhar tímido. — Ah, sim, pois, o rei Henrique andava “à caça”. E, acreditem, ele não é um homem que goste de ouvir um *não*.

Todos desatam a rir. Mas não consigo deixar de pensar na forma como ela fala no tempo presente. Faz-me lembrar o Braxton a falar sobre o Leonardo da Vinci, como se o pintor ainda estivesse vivo. E quando os ouço a falar assim, depois de tudo o que aprendi, na verdade continuam vivos. E, no entanto, ainda me custa aceitar a ideia de que, para quem tem o conhecimento e os recursos adequados, o passado é tão fácil de aceder quanto o presente.

— Enquanto o Henrique e eu dançávamos — continua Elodie —, ele começou a tentar a pôr a mão em sítios que não devia. Ainda assim, consegui mantê-lo afastado, ao mesmo tempo que lhe

continuava a dar trela. O Henrique funciona assim: ele sabe o que quer, mas o que lhe dá pica é o desafio.

— Oh, anda lá — incentiva o Jago, deslizando o pé pela perna dela. — Passa para a parte interessante!

A Elodie ri-se e afasta o pé dele. Depois, olha para mim e diz:

— O Henrique andou literalmente a perseguir-me pelo palácio fora. Foi hilariante, e verdadeiramente emocionante, para ser Sincera.

— Que nojo! — A Song encolhe-se toda na cadeira. — Esta é uma das histórias que mais me incomodam. O Henrique é um misógino nojento, já para não falar nas esposas dele que decapitou. É demasiado nojento. Nem sei como conseguiste.

A Elodie revira os olhos, irritada, e depois vira-se para o resto do grupo. Está prestes a continuar a sua história quando o Oliver a interrompe. Dá um toque no ombro do Finn e pergunta:

— *Tu* ias para a cama com o rei Henrique, se tivesses oportunidade?

O Oliver faz um olhar lascivo exagerado, começa a cantar a música do filme porno e todos desatam a rir.

— Pronto, a sério, diz lá — suplica o Oliver, falando por cima dos risos.

Todos olham para o Finn, algo que a Elodie não gosta muito. A história dela foi interrompida e ela não é pessoa para tolerar isso. Pelo menos durante muito tempo.

— Depende — responde o Finn. — Estamos a falar do jovem Henrique ou do Henrique decrépito, completamente paranoico e assassino, e que tinha uma perna ulcerada que cheirava mal...

— Oh, por favor... isto foi no início do reinado dele — intervém a Elodie, reivindicando as atenções novamente para si. — Ele era jovem, bonito e tinha uma forma física tremenda. Foi muito antes de a Ana Bolena ficar sem cabeça. Mas, mais importante, é incrível estar na presença daquele tipo de poder. Ele comandou todo um reino e era impressionante ver até onde os membros da corte estavam dispostos a ir por ele, todos a competir entre eles.

Ela podia muito bem estar a descrever o Arthur, mas guardo essa parte para mim.

— E então? — interroga o Jago. — Foram ou não para a cama?

— Ainda não ouviste esta história? — pergunto, consciente de que, ao atrasar ainda mais a grande revelação da Elodie, corro o risco de ser o principal alvo da sua ira.

O Jago abana a cabeça. A Elodie clareia a garganta e sobe para cima do sofá de veludo, de forma a captar toda a nossa atenção.

— Eu, Elodie Blue... — Ela inclina a anca para o lado e ergue o copo. — Declaro solenemente que deixei o rei Henrique VIII perseguir-me até os seus aposentos privados, onde demos uma agradável queca real. Ou três, se bem me lembro. E, para vossa informação, podem crer que lhe mostrei quem é que realmente usava a coroa!

A Elodie faz uma vénia exagerada, a Song finge conter um vômito e o Jago inclina-se para a frente com um ar interessado.

— E então, como foi? — quer ele saber.

Antes de a Elodie conseguir responder, o Finn diz:

— Ela suplicou. *Por favor, meu senhor, mais, mais!*

Todos desatam a rir de forma histérica de uma piada que não entendo.

Quando finalmente param de rir, a Elodie olha para mim e diz:

— Natasha, és a única que não comentou. E sei que debes ter uma opinião, ou pelo menos algumas perguntas. Por isso, diz lá o que estás a pensar.

Tento imaginar o que teria feito na posição dela. Segundos depois, dou-me conta de que amanhã poderei facilmente encontrar-me em circunstâncias semelhantes. E, no entanto, apesar de toda a preparação e das aulas que tive, apesar de o Braxton me explicar o que realmente acontece aqui na academia, continua a ser inimaginável pensar que em breve poderei estar a servir de modelo para o Miguel Ângelo ou a participar num episódio semelhante aos que eles contaram.

Ainda assim, por muito difícil que seja acreditar no conceito de viagens no tempo, há outro mistério que me parece ainda maior. Um pequeno detalhe obscuro que eles insistem em encobrir — algo que nem mesmo o Braxton achou por bem revelar. E, já que a Elodie disse que podia fazer perguntas, acho que agora é a minha oportunidade de obter algumas respostas.

— Tudo parece ser muito fixe e emocionante — começo,

virando-me para a Elodie mas há uma coisa que ainda não percebi. Tipo, qual é o objetivo?

Nesse mesmo instante, a Elodie fica com cara séria.

— Quer dizer, não me parece que o Arthur se dê a todo este trabalho e gaste imenso dinheiro só para que tu possas dormir com um rei e o Finn possa ter o seu retrato feito por um pintor lendário. Porque, se fosse esse o caso, então para que serviriam as aulas de Espoliação?

Olho em redor da sala e ninguém olha de volta para mim. Bem, parece que estraguei a festa...

A Elodie observa-me fixamente e aquele olhar lascivo por ter ido para a cama com um rei famoso desapareceu por completo.

— Depois da nossa escapadela — retoma ela, com voz firme —, esperei que ele adormecesse, agarrei em algumas coisas dele e fugi dali para fora.

Pronto. Aí está. A única coisa que ninguém, nem mesmo o Braxton, estava disposto a partilhar comigo: o Arthur está a treinar-nos para sermos ladrões que viajam no tempo.

Lembro-me do almoço que tive com o Arthur, em que ele me mostrou o anel que pertenceu a Eduardo, o *Príncipe Negro*. E apercebo-me subitamente de que aquele anel provavelmente foi roubado do passado, juntamente com todos os outros objetos preciosos que vi espalhados pela academia.

— E o teu parceiro? — pergunto, a minha voz trémula.

A sala fica estranhamente silenciosa. A Elodie volta a sentar-se no sofá, pega no seu copo e, ao ver que está vazio, lança-me um olhar relutante.

— O primeiro Salto é feito sempre com um parceiro. O que aconteceu ao teu? — repito.

Acho que ouço a Song a suster a respiração, mas não tenho a certeza, porque estou focada na Elodie.

— Natasha... — começa por dizer o Jago, mas a Elodie interrompe-o. Solta um suspiro e diz:

— Ele... já não é um Azul.

— Então, é o quê? — insisto, questionando-me se o parceiro

dela seria o Hawke, o Keane ou mesmo o Braxton.

— Nem todos somos feitos para Saltar — reage ela, com um olhar gélido. — Amanhã, vamos descobrir se tu és ou não.

A Elodie levanta-se, puxa a garrafa vazia de champanhe do balde, vira-a de cabeça para baixo e anuncia:

— Declaro esta festa oficialmente encerrada.

Ao passar por mim a caminho da porta, a Song diz-me:

— Espero mesmo que não te venhas a arrepender de ter dito isso.



Capítulo 70

É a pior forma possível de uma festa acabar — fazer com que a anfitriã e os seus convidados se sintam insultados.

Caminho de volta para o meu quarto, sentindo-me mesmo em baixo. Nesse momento, o meu *tablet* vibra com uma mensagem do Braxton.

Braxton: Preciso de estar contigo.

Eu: Estou de pijama.

Braxton: Só demoro um minuto.

Eu: OK, anda ao meu quarto.

Já é tarde. Estou cansada. Estraguei uma noite que estava a ser divertida. E estou preocupada com o que vai acontecer amanhã.

Em teoria: tudo boas razões para não querer ver o Braxton.

Na realidade: no momento em que ele bate à minha porta, o meu coração dispara.

— Olá — sussurra ele. Faço sinal para que entre no quarto e os olhos dele iluminam-se ao ver-me. — Ah, claro. — Ele gesticula para o meu robe. — Era a Festa da Lua Cheia da Elodie. Como correu?

Sem querer contar como sozinha fui capaz de estragar a festa, respondo:

— Sabias que a Elodie dormiu com o rei Henrique VIII?

O Braxton franze a testa e passa a mão pelo cabelo.

— Ela continua a contar essa história?

— É verdade?

— Bem, não há ninguém para a refutar, por isso...

— Então, não foste tu o parceiro dela nesse Salto?

Ele lança-me um olhar curioso.

— O que te levou a pensar isso?

Não respondo e encaminho-o para o meio do quarto. Ligo um interruptor e a lareira acende-se.

— Diz lá, então, o que se passa? — pergunto, virando as costas para as chamas.

— O teu primeiro Salto é amanhã.

Assinto.

— Estás nervosa?

— Sinceramente? Muito. Não me sinto preparada.

— Nenhum de nós se sentia. — Ele respira fundo e olha para as chamas. E aproveito para observar a forma como a luz e o calor lhe cintilam no rosto. Quando o Braxton olha para mim e me apanha a observá-lo, desvio rapidamente o olhar. — Independentemente da quantidade de Saltos que faças — continua ele —, há sempre um certo medo que nunca desaparece.

— E isso é bom?

Ele encolhe ombros.

— Ajuda a mantermo-nos focados.

Não consigo parar de entrelaçar os dedos no cinto do robe, tentando acalmar-me depois de ter estragado a festa e alienado as pessoas em quem tenho de confiar amanhã.

— Fazes ideia de quem será o meu parceiro ou para onde vou? — questiono, quase implorando.

O Braxton abana de imediato a cabeça.

— Essa informação só está disponível para alguém acima de mim na hierarquia — replica ele.

— Tens saudades? — pergunto. — De Saltar, quero dizer?

Ele lança-me um olhar curioso.

— Eu ainda Salto — responde, surpreendendo-me. — Vou para

onde o Arthur precisa que vá. — Encolhe os ombros. — Vamos todos.

Paro uns segundos para absorver o que ele disse e, em seguida, entrego-me a uma fantasia fugaz de viajarmos juntos um dia — talvez para uma festa na Royal Opera House, organizada por Maria Antonieta. Apercebendo-me de que o Braxton está a olhar diretamente para mim, viro o meu rosto corado para as chamas.

— Ouve... — Ele estende a mão e passa os dedos no meu braço. — Sei que não me queres ver, mas tive saudades tuas. E tenho uma coisa para ti.

Levanto o olhar para encarar o dele.

Ele carrega o mundo inteiro naquele olhar.

O Braxton tem nas mãos um pequeno presente, muito bem embrulhado.

— Feliz aniversário — diz ele.



Capítulo 71

Fico boquiaberta ao ver o Braxton à minha frente com um pequeno presente nas mãos. A minha mente percorre freneticamente um calendário imaginário, tentando perceber se ele poderá ter confundido a data.

Para um sítio tão focado no tempo, é estranho constatar como é fácil perder a noção e esquecer-me completamente do meu aniversário.

— Já passa da meia-noite — lembra o Braxton, a sorrir. — Oficialmente, já tens 18 anos. Anda lá, abre a prenda.

Com as mãos a tremer, puxo a fita e rasgo o papel de embrulho, revelando uma pequena caixa de veludo preto. Passo um dedo sobre a tampa da caixa, quase com medo de a abrir e ficar sem saber o que dizer. O Braxton não só se lembrou de um dia que me esqueci, como se deu ao trabalho de me dar um presente. E tendo em conta a caixa à minha frente, claramente gastou demasiado dinheiro.

— A prenda está *dentro* da caixa — diz ele, a brincar.

Respiro fundo, abro a tampa da caixa e fico sem palavras.

— É o teu talismã — explica ele. — Tradicionalmente, o talismã é um objeto mágico que serve como um ponto de foco e tem uma intenção: consegues o que queres. No teu caso, infundi-o com a energia da tua casa. E com isso refiro-me a Gray Wolf, a tua nova casa. Seja como for, debes levar um talismã sempre contigo quando

fizeres um salto. Também ajuda se o talismã for um lembrete visual de algo do teu passado. Algo que te ajude a lembrar de quem és, de que época és e, no teu caso particular, de que há alguém na academia à espera que regresSES.

Sinto a garganta contraída ao passar um dedo pelo amuleto ornamentado. É uma pequena gaiola dourada com uma lua em lápis-lazúli, da cor dos olhos do Braxton, e uma estrela incrustada de diamantes lá dentro. De imediato, percebo que somos nós que estamos ali — é uma representação das nossas vidas dentro desta gaiola dourada, e da noite em que demos o nosso primeiro beijo sob a lua crescente e um céu cheio de estrelas.

— Fui eu que o desenhei — revela o Braxton. — Depois pedi a um dos artesãos da academia que o fizesse. — Dá um passo em frente. — Posso? — pergunta, apontando para a peça.

Sacudo o cabelo por cima do ombro, tentando não estremecer face à proximidade dele, à maneira como corpo dele se encosta ao meu, à forma como os dedos colocam a delicada corrente em ouro ao meu pescoço.

— Parece-me estranho que ninguém me tenha dito que ia precisar de algo como isto.

O Braxton encolhe os ombros, endireitando o amuleto para que caia no centro do meu peito.

— A tua progressão foi ultrarrápida — replica ele. — Provavelmente, esqueceram-se de te dizer.

— Mesmo assim... — digo. — Fico a pensar no que mais poderão ter-se esquecido de me dizer.

— Vai correr tudo bem — assegura ele. — Eles nunca arriscariam deixar-te Saltar se não achassem que estás pronta.

Agarro o amuleto, deslizando-o para frente e para trás na corrente, enquanto pondero no que ele acabou de dizer. Espero mesmo que tenha razão.

— Dependendo de para onde vais, podes usá-lo como colar ou simplesmente levá-lo no bolso. A única coisa que importa é que o tenhas sempre contigo.

A forma como ele olha para mim faz-me ficar com os olhos cheios de lágrimas. Este rapaz está mesmo preocupado comigo e

não estou habituada a isso. Ignoro a vozinha que tenho dentro da cabeça e abraço-me a ele, inspirando-lhe o aroma inebriante.

— Obrigada — agradeço. — É a coisa mais bonita que alguma vez me deram.

— O Arthur não tem muito jeito para se lembrar de aniversários — sussurra o Braxton, junto ao meu ouvido. — E eu não quis que o teu passasse em branco. Além disso, como teu amigo, quero fazer todos os possíveis para que regresses em segurança. Este talismã vai ajudar-te nesse aspeto.

Como meu amigo. Certo.

É o tipo de relação que escolhi para nós e da qual me começo a arrepender seriamente.

— Desculpa — desabafo, abraçando-o com mais força. — Desculpa por ter dito que só queria ser tua amiga e depois ter-te afastado por tanto tempo. Para ser sincera, também senti muito a tua falta. — Engulo em seco, sabendo que não devia ter dito aquilo. E, no entanto, não adianta muito negá-lo, já que o soube assim que ele entrou no meu quarto.

Mal acabo de dizer aquilo, o Braxton solta-se dos meus braços e dá um passo para trás. Olhando agora para ele, não tenho dúvidas de que o mês que passamos separados não afetou o Braxton da mesma forma que me afetou.



Capítulo 72

Oh, meu Deus. O que é que eu fui fazer?

Tenho de resolver isto. De arranjar forma de voltar atrás, de lhe dizer que não tenho dúvidas de que...

Sinto o rosto a ficar quente. Tentando quebrar o silêncio, começo a falar tão rapidamente que nem sei bem o que estou a dizer.

— Hum, o que eu quis dizer é que tive saudades da nossa *amizade*. E de passar tempo contigo. E de... — A minha voz desvanecese. Fecho os olhos e abano a cabeça.

De passar tempo contigo? O que raio estou para aqui a dizer?!

Há um tapete persa antigo sob os meus pés, e neste momento daria tudo para simplesmente me fundir por entre os fios de lã do tapete e nunca mais reemergir.

Mas quando sinto a ponta do dedo indicador do Braxton a levantar-me o queixo, abro os olhos e vejo aquele belo rosto mesmo à minha frente. E a forma como olha para mim, aquele olhar tão gentil e compreensivo, faz-me questionar se não poderei ter interpretado mal a reação anterior dele.

— Também tive saudades de estar contigo — confessa ele, a voz grave e profunda. — Mas neste momento estou aqui. Na forma que tu quiseres que esteja.

Sem dizer uma única palavra, ponho-me em bicos de pés, encosto o meu corpo contra o dele e beijo-o de uma maneira que revela todo o desejo que está dentro de mim. Porque um mês sem beijar o Braxton pareceu-me uma eternidade.

E quando ele me beija com um desejo ainda maior do que o meu, puxo-o para a minha cama e deito-o ao meu lado, deleitando-me com o facto de o poder tocar e beijar uma vez mais.

Beijo-o na testa, na face, naquela curva irresistível do nariz, o meu corpo a debater-se com todo o desejo que suprimi por tanto tempo. E embora seja verdade o que eu disse sobre ter saudades dele, e apesar de não ter passado um único dia sem que ansiasse pelo toque dele, também estou feliz por termos passado algum tempo separados. Quando mais não seja para poder provar a mim mesma que sou capaz de me safar aqui sozinha.

E isto significa que o Braxton não é apenas um rapaz bonito que beijo para me vingar da Elodie ou para não me sentir tão sozinha.

O Braxton é o único rapaz com quem realmente quero estar.

Os nossos lábios unem-se, dando longos beijos apaixonados, destinados a compensar todo o tempo que perdemos.

Ele deita-se sobre mim e beija-me a boca, o pescoço, o lóbulo da minha orelha. Os lábios deixam um rasto pelo meu corpo. Agarro-lhe os ombros e encosto o meu corpo ao dele com força.

Quantas noites passei sozinha a imaginar os lábios dele no meu pescoço, o calor daqueles dedos a percorrer-me a pele? E pelo movimento urgente das ancas, o roçar insistente dos polegares enquanto deslizam ao longo da curva da minha cintura, sobre minha caixa torácica, antes de se demorar na curva do peito, percebo que ele quer isto tanto como eu.

Coloco as mãos sob a camisola de caxemira dele, sentindo-lhe a pele macia do peito e o bater desenfreado do coração.

Encosto a minha testa à dele, as nossas respirações entrecortadas como se fossem uma só.

— Tasha — suspira ele, antes de voltar a beijar-me o pescoço.
— Nem sabes como senti a tua falta.

Não quero que este momento acabe. Os nossos beijos, a forma como nos tocamos... Quero mais. Quero muito mais. Quero-o. Mas assim que começo a desapertar o cinto do robe, o Braxton agarra-me a mão.

— Espera, Tasha. — As palavras são irregulares, conflituosas.

Talvez pense que eu tenho dúvidas. Mas não: acho que já deixei bem claro que estou de acordo com tudo o que está a acontecer.

As minhas mãos agarram a cara dele, tentando puxá-lo de volta para mim, mas o Braxton afasta-se e senta-se na cama.

— Há uma coisa que tenho de te dizer — revela ele, olhando fixamente para mim.

Assinto, precisando que ele diga tudo o que quer para recomeçarmos de onde parámos.

— Não tens de fazer isto. — Os olhos dele estão presos nos meus.

— Mas eu quero... — sussurro. — Quero estar contigo... — Estendo a mão, sem vergonha do desejo que sinto por ele. Quero tudo. Tudo o que eu aguentar. Tudo o que ele me possa dar. E, em troca...

Ele abana a cabeça e passa a mão pelo cabelo. Está claramente incomodado com alguma coisa, mas não faço ideia do que poderá ser.

— Ouve — começa ele —, há outra razão pela qual vim aqui hoje, além do teu aniversário. — O tom de voz muda drasticamente. — E tenho de te dizer qual é essa razão agora, pois podes não gostar de a ouvir.



Capítulo 73

Olho para o Braxton — preciso de saber que coisa é essa tão importante que o fez parar de me beijar quando estava a ser tão bom.

— Não és obrigada a Saltar — revela ele. — Não tens de ir amanhã. Podes ficar aqui.

Demoro alguns segundos para fazer a transição entre o nosso enrolanço épico e o que ele acabou de dizer. Fecho o robe à minha volta com força e sento-me contra a cabeceira da cama, com os joelhos encostados ao peito.

— O que queres dizer com isso? — pergunto, a minha voz rouca, as palavras a saírem em catadupa. — Para que serve todo o trabalho que tive, para que serve sequer estar aqui na academia, se depois não Saltar? — Observo-lhe o rosto, perplexa por ele ter sugerido tal coisa. — Pensava que querias que fosse bem-sucedida aqui dentro.

— E quero, claro — garante ele, mas vejo algo nos olhos dele que me diz que aquilo não é verdade.

— Não entendo — digo, revoltada. — Sabes bem o quanto tenho trabalhado! Todos os sacrifícios que tenho feito! Há um mês que não faço mais nada a não ser treinar e estudar, e... e agora pedes-me que desperdice todo esse esforço?

— Não é isso que estou a dizer. Eu acho... — começa ele, mas estou demasiado irritada para o deixar terminar.

— Muito bem. Vamos supor que até sigo o teu conselho e me recuso a Saltar. Como é que achas que o Arthur iria reagir?

O Braxton deixa cair os ombros e olha para cima.

— Acho que ficaria extremamente descontente.

— Então, porque é que estás a sugerir que faça algo que ponha o meu lugar em risco aqui? Naquela noite no Jardim da Lua, disseste que as coisas aqui nem eram assim tão más. Na verdade, até me lembro de teres usado a palavra *espetacular* para descrever a vida na academia. Por isso, diz-me o que se está a passar. Porque é que de repente mudaste de ideias?

Ele coloca-se à minha frente. Cruza as pernas, apoia os braços nos joelhos, inclina-se na minha direção e diz:

— Porque a partir do momento em que comesças a Saltar, nunca mais voltarás a ser a mesma.

Mantenho-me em silêncio, pois percebo que ele vai continuar a falar.

— Há algo que se perde naquele processo... perdemos a nossa ingenuidade, ou inocência, ou...

— Inocência? — repito, franzindo o sobrolho. — Hum, eu vim para aqui porque fui considerada culpada, lembras-te?

— Não é esse tipo de inocência — diz ele. — Olha, Saltar pode ser incrível, sem dúvida. Mas também há desvantagens, um lado sombrio, e nós nem sequer reparamos nisso até estarmos demasiado embrenhados no mundo do Arthur, e nessa altura já é tarde de mais.

Nesse momento, cai o véu, permitindo um vislumbre do que realmente está a impulsionar esta conversa. O Braxton não se sente culpado apenas por me trazer para a academia — também se sente culpado pela pessoa em que se tornou e por tudo o que fez a pedido do Arthur.

Mas não sou eu que lhe posso dar a redenção que procura. Tudo o que posso fazer é tentar que ele se sinta menos culpado relativamente a mim.

— Já sei que vocês roubam — digo.

O Braxton cerra as mandíbulas e endireita as costas. Ainda assim, não parece ficar tão surpreendido quanto achei que ficasse.

— Basicamente, obriguei a Elodie a admiti-lo, o que fez com que a festa acabasse.

— E como te sentes, agora que já sabes o objetivo do Arthur?

Olho para a janela e lembro-me do que o Mason me disse sobre escolher ser amiga da Elodie: *Toda a magia tem um preço*.

Ele tinha razão. Havia um preço a pagar por me tornar amiga dela. Da mesma forma que há um preço a pagar por o Arthur apoiar a minha mãe enquanto eu estou em Gray Wolf.

— Sinceramente, em termos morais, há uma parte de mim, a parte que sabe distinguir o que é certo do que é errado, que está verdadeiramente indignada e horrorizada.

O Braxton assente.

— E a outra parte?

Suspiro e passo as mãos pelo cabelo.

— A outra parte questiona se é *realmente* assim que me sinto ou se é como *acho* que me devo sentir devido às expectativas e condicionamentos da sociedade e... — respondo, encolhendo os ombros.

— Acho que não vou saber ao certo até ser colocada à prova. Porque, sinceramente, tudo o que tem acontecido até agora parece-me uma fantasia, um sonho, é como se nem fosse real.

— Eu sei como te sentes — assegura ele. — Mas Saltar e saltar acarreta grandes riscos. Tudo o que fizeste aqui até agora levou a isto. E tens de saber o que te espera, porque, ao concordares fazê-lo, não tens como voltar atrás.

Ele olha para mim e eu vejo-lhe no olhar o peso de tudo o que ele teve de fazer para o Arthur — incluindo levar-me para a academia.

Estendo a minha mão e entrelaçamos os dedos.

— Lembras-te de me teres dito que tudo ficou decidido a partir do momento em que comecei a rir em frente à minha lápide? — interrogo.

Ele assente, com um ar sofrido espelhado no rosto.

— E também me disseste que eu tinha de me adaptar a esta nova vida. É precisamente isso que estou a fazer ao escolher Saltar. Olha, a minha mãe fez uma escolha quando me entregou ao cuidado do Arthur e eu fiz uma escolha ao concordar em vir para aqui. E o mais irónico de tudo é que, agora que fiz 18 anos, tecnicamente até posso ir embora, mas duvido seriamente que o Arthur me deixasse ir. E mesmo que deixasse, para onde é que eu iria? Achas mesmo que a

minha mãe quer que eu volte para casa se isso significa que ela fica sem o salário mensal e todas aquelas coisas que o Arthur lhe deu? — continuo, soltando um suspiro. — É uma verdade terrível, mas não adianta negá-la. É o que é. Por isso, se o preço a pagar para a minha mãe estar bem é ter de roubar umas pessoas ricas do passado, então suponho que estou preparada para aceitar isso.

O Braxton tem uma expressão triste espelhada no rosto.

— Eu entendo — diz ele. — Tenho uma história parecida com a tua. A maioria de nós tem. Apenas temos de aceitar o que nos é pedido.

— E, seja como for — prossigo —, estamos a roubar gente rica, certo?

O Braxton assente, hesitante, mas os dedos dele começam a largar os meus.

— Pronto, e esses nobres não roubam dos camponeses?

Ele larga a minha mão e coça o queixo. A voz adquire um tom desconfortável ao dizer:

— Não sei bem se...

— Eles não estão basicamente a explorar o trabalho dos camponeses para sustentar a sua própria riqueza? — Sinto a pulsação acelerada, mas deve ser por começar a ficar irritada. — Quer dizer, essas pobres pessoas vivem na miséria, sem qualquer hipótese de melhorar a sua situação. Enquanto os nobres ricos já nasceram ricos, não tiveram de trabalhar para terem o que têm. É um sistema injusto, e se pensar nele dessa forma, é difícil sentir-me mal por estarmos a roubar.

O Braxton solta um suspiro.

— Tens razão — concorda ele. — Só acho que...

— Olha — interrompo, pois preciso que ele acabe de me ouvir apesar do que me custa em termos morais estar aqui, não posso fingir que não gosto da pessoa em que me tornei desde que aqui cheguei. Pela primeira vez em muito tempo, estou a destacar-me em alguma coisa. E tem sido emocionante descobrir que tenho jeito para o tipo de coisas que nunca pensei ter. A miúda que conheceste na *Arcano* era uma fracassada apática, mas já não sou essa miúda.

Não tinha pensado em dizer aquilo tudo, mas tê-lo feito deixa-me subitamente com borboletas na barriga. Olho para o Braxton,

esperando que ele entenda. Se não entender, vou continuar a tentar até que ele me perceba.

— Nunca achei que fosses uma fracassada — diz o Braxton. — Eu...

— Só peço que me apoies. Só isso — interrompo. — E quanto ao resto, vou ter de descobrir o meu caminho sozinha.

— Tasha, eu estarei *sempre* aqui para te apoiar. — Ele estende novamente a mão, apertando a minha com força. — Só não quero que te sintas obrigada a fazer algo que não queres fazer só porque o Arthur te pediu.

— Eu sei defender-me — garanto, esperando parecer mais confiante do que me sinto.

Ele começa a esboçar um sorriso, mas os ombros e a postura continuam pesados. Tentando aliviar a preocupação dele, nem que seja apenas por uns segundos, puxo-o para mim e beijo-o.

O beijo é terno e sentido, mas quando dou por mim, o Braxton já se está a afastar.

— Tenho de ir, e tu precisas de descansar. — Dá-me um último beijo e depois levanta-se para ir embora.

— Braxton... — Corro para a porta antes de ele sair e puxo-o de volta para mim. — Obrigada — digo. — Por te teres lembrado do meu aniversário, pelo talismã e... por tudo.

Ponho-me em bicos de pés, dou-lhe um beijo no nariz e depois abro a porta.

Estou prestes a fechá-la quando olho na direção do quarto da Elodie, mesmo a tempo de ver o Jago a sair sorrateiramente do quarto dela com o cabelo despenteado e um sorriso satisfeito no rosto.

Parece que a Elodie cumpriu a promessa dela.



Capítulo 74

Pelos vistos, no dia do Primeiro Salto, o horário habitual não se aplica.

Depois de acordar ao som da *Quinta Sinfonia*, de Beethoven, vejo uma mensagem no meu *tablet* que diz que uma travessa com o pequeno-almoço está a caminho. Após terminar de comer, é suposto tomar banho e vestir-me (devo evitar usar produtos perfumados ou maquilhagem), e em seguida dirigir-me para a entrada principal da academia, onde alguém estará à minha espera.

Segundos depois, ouço bater à porta do meu quarto e mentiria se dissesse que não queria encontrar o Braxton com uma travessa de café e *croissants*. Provavelmente nem vou comer, já que tenho o estômago às voltas dos nervos.

Em vez do Braxton, vejo um rapaz que parece ter a minha idade. Tem uma expressão rígida no rosto e evita olhar-me nos olhos.

— Obrigada — agradeço, pegando na travessa. — Eu levo-a para dentro. — Vejo-o a assentir e a ir apressadamente embora, e penso nos tantos outros que, como ele, percorrem discretamente os corredores da academia, a limpar os quartos, a entregar a roupa lavada e a comida, sem dizerem uma única palavra, por mais que se tente falar com eles. De onde vêm? Por que razão estão aqui? Será que foram contratados para trabalhar como empregados? Ou será que é isto que acontece aos Amarelos que falham?

O Braxton disse-me, certa vez: *Nunca ninguém é mandado para*

casa por falhar.

Se é esse o caso, então para onde vão as pessoas que falham? Porque só de pensar em ter de limpar o quarto da Elodie faz com que fique ainda mais determinada em singrar hoje, dê por onde der.

Quando desço, como prometido, há um carrinho elétrico com motorista à minha espera. Depois de passarmos por inúmeros corredores e vários postos de controlo (nos quais temos de mostrar os nossos *tablets* para provar a nossa identidade), chegamos a uma enorme sala que me faz lembrar um daqueles centros de comando secretos que vemos nos filmes de ficção científica.

A sala está dividida por uma grande janela que vai do chão ao teto. De um dos lados, há um enorme painel de computador que pisca e zumbe, operado por inúmeros funcionários da academia. Do outro lado, há uma coisa que parece uma plataforma de lançamento.

É como poder vislumbrar o futuro.

Embora ele não seja, de todo, a pessoa mais alta da sala, o Arthur é a primeira que vejo. Acho que é porque ele parece ocupar mais espaço, tendo em conta que toda a sala gira em torno dele. Por outro lado, é ele quem tem a última palavra sobre tudo o que acontece aqui dentro.

Ao ver-me, o Arthur acena, e a multidão que o rodeia dispersa rapidamente.

— Como te sentes? — pergunta ele. — Descansaste bem? Comeste bem?

Assinto.

— Sei que provavelmente estás nervosa — continua ele. — Mas não te preocupes, estás em boas mãos. O primeiro Salto do Jago foi há pouco tempo, por isso ele sabe o que estás a passar. E, é claro, a Elodie, já completou inúmeros Saltos.

A Elodie? Sou atravessada por uma onda de náusea. Tenho a cabeça a andar à roda. Não consigo imaginar uma pior companhia de viagem, especialmente depois de ter estragado a festa dela. E tendo em conta que ontem à noite o Jago se envolveu com a Elodie, é óbvio que a lealdade dele estará com ela.

— A conclusão é que — prossegue o Arthur — vais com dois

ótimos parceiros. Faz o que eles fizerem e tudo irá correr bem.

Assinto. É única coisa que consigo fazer neste momento. Principalmente porque estou tão nervosa que nem confio na minha própria voz.

— Pouco antes do lançamento — continua ele —, é habitual a Roxane pôr-vos a par da lista de Aquisições.

— Aquisições? — repito, sem perceber muito bem o que isso significa, mas o Arthur não me esclarece.

— Desta vez, não há nada de concreto, por isso não te tens de preocupar. Tenho em mente algo muito diferente para ti. Algo de que os outros não estão a par.



Capítulo 75

Olho fixamente para o Arthur, as palavras que ele acabou de dizer a rodopiarem na minha mente.

Algo de que os outros não estão a par.

Tento dizer a mim mesma que deve ser algo inofensivo, mas o tom de voz dele não augura nada de bom.

— É absolutamente imprescindível que não fales a ninguém acerca desta tarefa — instrui o Arthur, observando-me tão atentamente que mal consigo respirar. — Inicialmente, quero que ajas de forma normal, para não levantar as suspeitas da Elodie e do Jago. Mas a certa altura quero que te afastes deles e completes a missão sozinha, percebeste?

Abano a cabeça.

— Sinceramente — reajo —, estou a sentir-me um pouco perdida.

O Arthur semicerra os olhos e sinto as minhas mãos a começarem a suar.

— Terás as instruções todas no bolso do teu vestido. Confesso que são um pouco enigmáticas. Mas é para isso que tens de usar as tuas capacidades, tanto as inatas como as aprendidas.

— O Jago teve de fazer isto? — pergunto, sem pensar.

O Arthur olha para mim fixamente durante uns segundos.

— Não — responde. — Mas tu tens algo especial que o Jago não tem, e eu nunca te daria esta tarefa se não achasses que tens

capacidades para a executar.

Não consigo parar quieta, dos nervos, preciso que o Arthur finalmente revele que qualidade tão especial é esta que só ele consegue ver. Já estava quase convencida de que todas aquelas coisas de eu ser a única que o podia ajudar a alcançar a sua maior ambição eram um monte de tretas. Mas agora percebo que ele estava a falar a sério. E embora seja bom saber que o lendário Arthur Blackstone acredita em mim, ainda não sei se ele tem razões para isso. Apesar da meia dúzia de conquistas que consegui até agora, há áreas, como o hipismo ou a esgrima, que ainda não consegui dominar.

Quero dizer-lhe que ele está errado sobre mim, mas antes de conseguir falar, o Arthur diz:

— Natasha, não te vou enganar. No teu caso, este não é um exame comum. A forma como este Salto correr vai decidir tudo o que se segue. A minha única expectativa é que sejas bem-sucedida. Nada mais, e certamente nada menos.

Engulo em seco.

— Bem — diz ele —, estás preparada? — A postura dele indica-me que ele está pronto para seguirmos em frente.

Sem dizer uma única palavra, assinto e tento parecer mais confiante do que me sinto.

O Arthur dá-me uma palmadinha no ombro.

— A Roxane ajuda-te a partir daqui.

Viro-me e vejo uma mulher, provavelmente de 30 e poucos anos, com uma prancheta nas mãos. O cabelo louro dá-lhe pelos ombros e ela emana um brilho elegante e polido, como aquelas pessoas que cresceram com cavalos, aulas de ténis e festas em iates — um mundo repleto de poder e privilégios. Mas os olhos azuis são ternos e sorriso dela deixa-me logo à vontade.

Ela começa a encaminhar-me para o outro lado da sala, quando o Arthur diz:

— E, Natasha...

Olho por cima do ombro.

— *Bon Voyage.*

Ele esboça um sorriso que lhe ilumina todo o rosto. E, por instantes, tenho um breve vislumbre do menino que ele outrora foi.

Aquele menino que, certa noite, há muito tempo, olhou para o céu estrelado e disse: *E se?* E depois foi mesmo à procura de respostas.

Segundos depois, ele já seguiu caminho e tem novamente uma multidão de pessoas à sua volta.



Capítulo 76

A Roxane apresenta-se e estende-me a mão.

— Tu és a Natasha, certo? — pergunta. — Sou eu a realizadora deste Salto.

— A realizadora? — repito, caminhando ao lado dela. O corredor está cheio de gente, mas ninguém olha para nós. — Como num filme? — A minha mente enche-se de imagens de câmaras e de pessoas a bater claquetes e a gritar: *Ação!* Ou: *Corta!*

A Roxane começa a rir.

— Bem, por acaso até tirei o curso de Cinema, mas isto é ligeiramente diferente, como irás ver. — Depois de caminhar uns segundos em silêncio, ela pergunta: — Estás nervosa?

Começo por fingir que não estou, mas como acho que ela vai perceber facilmente que estou a mentir, digo:

— Extremamente.

— É perfeitamente normal — assegura ela. — Lembro-me de estar no teu lugar, ou melhor, de usar uma camisola da cor da tua. Até batia os joelhos de medo.

— Eras uma Amarela?

— Sim, antes de me tornar uma Azul.

— E mesmo assim conseguiste tirar um curso de Cinema?

— Quando chegou a altura de me retirar, o Arthur pagou os meus estudos. E como há poucas oportunidades para mulheres realizadoras, voltei para Gray Wolf.

Bem, pelos vistos há mais perspetivas de trabalho aqui, além de empregada doméstica. Sinto uma onda de alívio a percorrer-me o corpo.

— Mas antes de tudo isso acontecer — continua ela tive de provar o meu valor. Tal como tu, não tive uma experiência de vida fácil. Quando dei por mim aqui, não tinha nada a perder. Por isso, atirei-me de cabeça e nunca olhei para trás. Este é um lugar onde os teus sonhos podem tornar-se realidade, desde que ponhas de lado a ideia predefinida da pessoa que és e penses na pessoa na qual te poderás tornar.

Ela está a parafrasear a citação de Hamlet que apareceu no meu *tablet* no outro dia: *Sabemos o que somos, mas não o que podemos ser.*

E ao ver a forma como agora olha para mim, o olhar terno a desvanecer-se, fico com a sensação distinta de que seria um erro terrível entrar em conflito com ela.

A Roxane leva-me até à Charlotte, que me entrega um vestido de gala e sapatos, antes de me levar para outra sala, onde me põem pó no rosto, pintam os lábios e arranjam o cabelo num penteado elaborado. A seguir, colocam-me em frente ao espelho e vejo diante de mim uma pessoa que quase não reconheço — um outro eu que pertence a outro lugar e a outra época.

O meu vestido é azul-escuro, em seda, muito decotado, com um corpete apertado e mangas de três-quartos, uma saia comprida e volumosa com uma enorme variedade de laços e rendas, que não servem apenas para o ornamentar, pois proporcionam bons esconderijos. Tenho uma bainha com uma adaga presa à perna, que rezo para não ter de utilizar. Neste último mês, habituei-me a usar espartilhos, crinolinas, anquinhãs, meias de seda seguras por laços e ligas de renda, assim como todo o tipo de coisas humilhantes que as mulheres eram obrigadas a usar em nome da moda, da beleza e da classe.

Naquela época, elas usavam uma espécie de gaiolas para dar a impressão de que tinham os traseiros enormes. Atualmente, usamos cintas para parecermos mais magras. A busca por uma estética impossível nunca termina.

Já os homens apenas passaram de usar calças curtas para calças compridas.

Mas este vestido, juntamente com o penteado elaborado e a maquilhagem... bem, fazem-me lembrar de como me senti quando a Elodie me fez a mudança de visual — com aqueles saltos altos e o vestido preto. Naquela altura, eu estava perante uma versão futura de mim à qual pretendia chegar. Agora, olho para o espelho e vejo uma versão minha de um passado que nunca foi meu — até agora.

— O que achas? — pergunta a Charlotte.

— Até gosto — replico, apercebendo-me de que é verdade. — Parece que estou dentro de um filme.

Solto uma risada, mas a Charlotte mantém-se em silêncio e aponta para os meus sapatos.

— Não foram feitos de propósito para ti — diz ela, encolhendo os ombros. — Mas em breve terás uns feitos à medida. E o teu talismã?

— Ah, pois! — solto, remexendo na minha carteira, sem acreditar que quase me esquecia dele.

Quando lhe mostro o colar que o Braxton desenhou, ela pega nele com cuidado.

— É lindo — elogia ela, removendo o fio de ouro e colocando uma fita de veludo no colar. — Esta fita é mais adequada para a época que vais visitar — explica, centrando o amuleto no meu pescoço.

A Charlotte afasta-se, permitindo que eu olhe novamente para o meu reflexo no espelho. O azul da lua lápis-lazúli combina na perfeição com a tonalidade azul do meu vestido. Considero isso um bom presságio, por isso digo-lhe que estou pronta.

— Boa sorte, Natasha. — A Charlotte agarra as minhas mãos e, ainda que ela seja bastante amigável, este gesto surpreende-me.

— *Merci beaucoup* — respondo. Passei a últimas quatro semanas a aperfeiçoar o meu sotaque francês, espero que tenha acertado em cheio.

Ela sorri e gesticula na direção à porta, e eu tento não pensar muito no olhar perturbador que me lança quando me vê a ir embora.



Capítulo 77

A Elodie já está na sala.

E o Jago também.

Ambos estão vestidos com trajes de época e parecem um rei e uma rainha natos.

Mas é o Braxton quem me salta à vista.

Tem a cabeça baixa e está concentrado a conversar com o Hawke, o Keane e a Roxane, mas assim que entro na sala, levanta imediatamente o olhar para se fixar no meu. Inclino a cabeça e faço a vénia que tenho praticado, e ele acena com a cabeça e faz uma vénia também.

— Como te sentes? — pergunta o Jago. — Pronta? Excitada? Prestes a virar o barco?

A Elodie dá uma cotovelada ao Jago. “Prestes a virar o barco” não é o tipo de coisa que se diz na presença do Arthur.

Ainda assim, ele faz com que me comece a rir. Além disso, basta olhar para lá do vidro, onde o Arthur está sentado, para perceber que tem coisas mais importantes em que pensar.

— Hum, todas essas opções?

O Jago sorri.

— É um resumo perfeito de como me senti antes do meu primeiro Salto. Se me permites dizê-lo, estás com um ar verdadeiramente charmoso. — Ele olha de soslaio para a Elodie, que solta um grunhido e olha para mim de cima a baixo.

— Não me lembro de ver isto no Guarda-Roupa. — Ela aproxima-se do talismã, mas não a deixa que lhe toque.

— Foi um presente — digo, segurando o talismã de forma protetora.

Ela olha para o talismã e depois para mim.

— Uma lua e uma estrela numa pequena gaiola dourada — observa ela, num tom maldoso. — Mas que... *adorável*.

Estou prestes a responder-lhe à letra quando, felizmente, a Roxane me chama. Não me posso dar ao luxo de cair na esparrela da Elodie. Hoje, não.

— Estão prontos para a grande revelação? — A Roxane tira um envelope de uma pasta e entrega-mo.

Deslizo um dedo sob o lacre vermelho com o logotipo da academia e retiro do envelope um papel. As instruções são as seguintes:

A sua presença é solicitada!

Quando: 25-26 de fevereiro de 1745

Onde: Palácio de Versalhes: Galeria dos Espelhos

O quê: Baile de Máscaras

*Porquê: Celebrar o casamento do Delfim Louis
com Maria Teresa Rafaela de Espanha*

O que não está escrito no convite é o facto de ser esperado que surripiemos o que acharmos valioso dos foliões da festa. A única condição é ser suficientemente pequeno para trazermos nos bolsos. Geralmente, é suposto darem-nos uma lista de Aquisições, mas tendo em conta que este Salto é o meu exame final em Espoliação, o Arthur quer ver como me safo numa experiência real.

Olho atentamente para a Roxane, fingindo estar concentrada em tudo o que ela diz, e coloco a mão direita no bolso onde o Arthur deixou as instruções secretas. Os meus dedos tocam na borda de dois pedaços de papel.

— Percebeste tudo? — pergunta a Roxane. Ela não fica satisfeita quando assinto e obriga-me a recitar tudo o que acabei de ler.

Felizmente, tenho uma memória razoavelmente boa, por isso, depois de recitar todos os detalhes do convite, acrescento mais uns

pormenores, num esforço desavergonhado de a impressionar.

— É uma festa organizada pelo rei Luís XV — digo. — Marca o início do seu caso de amor de longa data com a futura marquesa de Pompadour.

Só de dizer aquelas palavras em voz alta e de saber que em breve estarei junto daquelas pessoas fico toda arrepiada.

— Alguém andou a estudar — brinca a Roxane, e parece-me que está satisfeita. — Como diz no convite, vocês vão a um baile de máscaras. — Ela gesticula para que o Keane coloque uma belíssima máscara com joias no meu rosto.

Por fora, a máscara parece de uma fantasia normal. Por dentro, é revestida por uma substância tipo silicone que se molda ao meu rosto, ficando estanque.

— Assim não tens de usar as lentes de contacto, uma vez que as direções para o portal estão incorporadas dentro da própria máscara.

— Não a percas — avisa o Keane, afastando-se para ver se a máscara está bem colocada.

Lembro-me de usar as lentes de contacto durante uma das simulações da semana passada, quando participei numa simulação da Ópera de Viena. Apesar de serem mesmo muito fininhas, ainda demorei algum tempo a habituar-me. Por isso, fico feliz por não ter de as usar no meu primeiro Salto a sério.

Depois de estar pronta, junto-me à Elodie e ao Jago na plataforma.

— Tens três horas — lembra a Roxane. — O portal permanece aberto durante esse tempo. Se precisarem de sair mais cedo, a Elodie tem o contador.

Olho para a Elodie, que aponta para o seu brinco esquerdo. O dispositivo tem de se enquadrar na época para a qual Saltamos e combinar com o visual de quem o tem, por isso é construído um contador para cada Salto. Ainda assim, o meu estômago começa a andar às voltas só de pensar que é a Elodie quem tem o controlo sobre o meu regresso em segurança.

— Três horas — repete a Roxane, como se alguma vez me pudesse esquecer. — Se te atrasares... Bem, não te atrases.

Ela lança-me um olhar sombrio. E embora aquele olhar espelhe a seriedade das palavras, irrita-me que não verbalize a verdade alarmante: *Se me atrasar, ficarei presa em 1745 para sempre.*

— Alguma dúvida? — pergunta ela.

Abano a cabeça e engulo em seco.

— Ótimo. E não te preocupes, vai tudo correr bem! — A Roxane faz-me um sinal de fixe e depois segue, com o Keane, para a sala de controlo. Um escudo de vidro espesso eleva-se em torno da Elodie, do Jago e de mim.

— Estás pronta? — A Elodie dá-me a mão, e o Jago pega-me na outra.

Passei as últimas quatro semanas totalmente imersa nos meus estudos.

Nem nos fins de semana aproveitei o *spa* da academia, já para não falar na *Halcyon*, a discoteca da academia de que todos falam. Tudo para subir na hierarquia das cores.

E agora aqui estou. Prestes a enfrentar o exame final que acabará por determinar se consigo ou não chegar a Azul.

Claro que não estou pronta.

Nem pensar.

É impossível dominar por completo um novo idioma e aprender uma cultura que me é totalmente estranha no espaço de um mês.

Tenho a barriga a dar voltas. O coração a saltar-me do peito. Olho em volta, frenética, tentando ver o Braxton uma última vez antes de ir.

Consigo vê-lo atrás do vidro na sala de controlo. E embora não consiga ver bem a expressão dele, vejo-o a apontar para o peito, para me recordar do presente que me deu. Para não me esquecer de quem eu sou, de que época sou e de quem aguarda o meu regresso.

Olho para baixo e concentro-me na lua azul, na estrela brilhante.

— A primeira coisa que vai acontecer — começa a Elodie — é as luzes começarem a piscar e o chão a tremer. Quando começar a soprar o vento, *não* soltes as nossas mãos, dê por onde der.

Lembro-me de sentir o chão a tremer durante o meu almoço

com o Arthur, quando achei que estava a ocorrer outra Revelação. Agora percebo que aquilo aconteceu porque alguém na academia estava a partir para um Salto. E, no entanto, ainda me parece estranho que os Saltos e as Revelações tenham os mesmos efeitos.

A mão da Elodie aperta a minha. Aperto a dela de volta. E quando dou por mim, sinto um cheiro intenso a enxofre e vejo uma enorme nuvem de vapor a envolver-nos.

Com a mão do lago a apertar a minha com força e as unhas da Elodie a cravarem-se na minha palma, observo, assustada, um *flash* de luz branca deslumbrante a aproximar-se da nuvem de vapor e a transformar-se instantaneamente numa porta cintilante.

Antes que eu consiga entender o milagre que se desenrola perante mim, a parede desaparece, a gravidade desaparece, e nós levantamos pelo ar, uma enorme onda de vento a impulsionar-nos através do portal e a lançar-nos para fora deste tempo e para outro diferente.



Capítulo 78

Olho em redor da Galeria de Espelhos e belisco-me para ter a certeza de que não estou a sonhar.

É estranho pensar que não fui propriamente convidada para aqui estar e que sou uma viajante do tempo a entrar à socapa numa das mais importantes festas do Palácio de Versalhes.

Quer dizer, há um mês estava eu no centro comercial a experimentar óculos de sol que não podia pagar. Agora estou em França, no século XVIII, num vestido de gala espampanante e literalmente a viajar através da História.

Apesar de isto me estar a acontecer, é difícil acreditar que é verdade.

Depois do susto inicial, a viagem durou meros segundos. E é irónico pensar que foi mais fácil recuar 275 anos no tempo do que atravessar aquelas águas tempestuosas para chegar à academia.

Apesar de estar um pouco sem fôlego e um nadinha desidratada (face ao terror de ter de fazer xixi num penico, quase não consegui beber o dia todo), todos chegámos à festa tão arrançados como partimos.

— E agora? — Passo a mão nervosamente pelo meu vestido volumoso e aprecio o puro esplendor do espaço: os enormes candelabros e lustres cintilantes que pendem do teto abobado, as esculturas douradas e as colunas de mármore que alinham as paredes, um lado coberto de espelhos, o outro de janelas com vista para os magníficos jardins.

Lembro-me de ler que os espelhos pelos quais este salão é conhecido foram extremamente caros. Naquela época, apenas eram feitos em Veneza, e diz-se que logo após serem concluídos, os artesãos foram executados por revelarem como tinham sido feitos.

O portão que dá entrada para o palácio é coberto de ouro. Daqui a quatro décadas, será destruído durante a Revolução Francesa. Quase três séculos mais tarde, irá custar muitos milhões de euros para o restaurar.

Há uma parte de mim que quer avisar estas pessoas de toda a agitação social que está para vir. Dizer-lhes que as suas vidas extravagantes e o desrespeito pelo bem-estar dos outros acabarão por levar à sua desgraça. Mas não me cabe interferir e arriscar mudar o curso da História.

Ainda assim, agora a caminhar para me juntar à festa, que já está ao rubro, ocorre-me um pensamento: *Em que é que a minha vida se tornou?*

A Elodie, o Jago e eu juntamo-nos à multidão. Algumas pessoas vestem trajes completos, outras máscaras e vestidos. Uma coisa é certa, este palácio é o epítome da opulência, e não houve qualquer poupança ao nível do *design*. E, por um momento fugaz, penso no quanto o Mason adoraria estar aqui ao meu lado.

— Aquele é que é o rei? — pergunto, gesticulando na direção de um homem do outro lado da sala.

A Elodie vira-se para mim.

— O rei Luís XV está interessado numa única coisa neste momento — replica ela, a voz cheia de desprezo. — Em Jeanne— Antoinette Poisson, que, embora ainda não o saiba, será oficialmente apresentada à corte como Madame de Pompadour no próximo mês de setembro. O que significa que não devemos intrometer-nos na relação deles e correr o risco de mudar o curso da História. O rei Luís XV está estritamente fora dos limites. Ele é apenas o anfitrião desta festa. Não é o motivo deste Salto.

Olho para ela, incrédula. Da maneira como falou, até parece que eu queria seduzir o rei Luís XV, quando a única coisa que desejava era ver ao vivo uma personagem histórica. Ainda assim, o facto de ter de preservar a minha personagem exige que eu mantenha a compostura.

— Sabes a razão pela qual estás aqui, certo? — pergunta a

Elodie.

Reviro os olhos. Mas a verdade é que, agora que estou no Palácio de Versalhes, sou confrontada com a realidade de ter de roubar estas pessoas e até, possivelmente, sofrer as consequências de ser apanhada em flagrante. Quero que alguém me assegure de que isto não só é possível, como já foi feito centenas de vezes sem que ocorresse qualquer problema.

Quero que me garantam que o curso da História continua.

Que estes nobres ricos nem vão reparar que lhes faltam joias.

Que ninguém se vai magoar.

A Elodie inclina-se na minha direção, pega-me na mão e aperta-me com tanta força que sinto as unhas dela a cravarem-se na minha pele.

— A nossa tarefa é passarmos despercebidos, namoriscar, se for preciso, roubar o máximo possível, mas nunca podemos sair da personagem e sermos apanhados, pois se isso acontecer, garanto-te, não te vamos ajudar.

Aquela maneira casual de ela descrever um ato ilegal que é conhecido como furto qualificado faz-me perceber que roubar joias para o Arthur é para ela tão fácil e inocente como foi enganar-me.

Ela solta a minha mão, puxa o corpete do seu vestido para expor ainda mais o peito e depois tira uma taça de champanhe diretamente da mão de um belo e jovem cavalheiro. Ao afastar-se, lança-lhe um sorriso provocador por cima do ombro, que faz com o jovem prontamente a comece a perseguir. E fico espantada por perceber que a forma como ela age na Galeria de Espelhos é bastante parecida com o modo como se comportava na escola secundária.

— Aquele tipo de comportamento só funciona nos bailes de máscaras — observa o Jago, sem um pinga de ciúmes. — E mesmo assim, ela às vezes abusa. Mas já sabes como é a Elodie. No final desta noite, já lhe conseguiu tirar as joias todas e possivelmente a virgindade também.

Fico a vê-los a irem-se embora e depois olho em redor da sala, que está cheia de pessoas que aproveitam o facto de estarem anónimas atrás de uma máscara.

— Não sei se acredito que haja sequer alguma pessoa virgem

nesta sala — digo.

— Incluindo eu ou tu? — interroga o Jago, lançando-me um olhar sugestivo, mas tão exagerado que sei que está a brincar.

— Estás a confessar algo? — pergunto. Ele solta uma gargalhada ruidosa.

— Tenta divertir-te — sussurra ele, os lábios próximos do meu ouvido. — É raro podermos ir ao mesmo evento duas vezes. Às vezes acontece, mas o Arthur não quer que as nossas caras se tornem familiares e arriscar que alguém tenha um *déjà-vu*. A não ser que seja em benefício dele, é claro.

— Um *déjà-vu*?

Eu sei o que *déjà-vu* quer dizer, mas sempre considereei que fosse a *sensação* de estar a repetir uma experiência. Nunca me ocorreu poder estar realmente a reviver um momento que já aconteceu.

— Todos os momentos já foram vividos — continua o Jago e continuam a ser. Cada escolha que fazes provoca um disparo numa direção diferente. E no momento da decisão, todas as escolhas e direções são viáveis, estradas já percorridas. A única questão é: Que estrada vais tomar?

— Como sabes tudo isto? — questiono, olhando para o bonito rosto mascarado do Jago e tentando perceber as implicações daquelas palavras.

— As pessoas subestimam-me sempre por causa da minha aparência e do meu charme, mas na verdade sou bastante culto. — Ele observa a multidão. — Ah, e aviso-te já, quanto mais tempo ficares noutra época, mais fácil é perderes-te. Não só a nível de tempo, mas também a nível pessoal — adverte ele, e, apesar do sorriso, é óbvio que não está a brincar. — O teu talismã é mais do que um amuleto da sorte. Quando a tua memória começar a desvanecer-se, o talismã é a única coisa que te liga ao teu tempo.

Quando a minha memória começar a desvanecer-se? O que é que isso significa?

O Braxton disse algo sobre usar o talismã para me lembrar de quem sou e de que época sou, mas achei que ele estava a exagerar. Mas se aquilo que o Jago disse for verdade, então por que razão ninguém mencionou isso?

— Mas então, e a máscara? — pergunto. — Não me faz

recordar?

— A tecnologia pode falhar. — Ele inclina-se na minha direção, dá-me um beijo no rosto e depois vira-se e desaparece por entre a multidão.



Capítulo 79

Só quando dou por mim sozinha é que me apercebo de que o Jago e a Elodie me abandonaram por completo. E eu que estava preocupada em arranjar uma desculpa para me desmarcar deles.

Respiro fundo e olho em redor da sala. O que vejo deixa-me nervosa. Só de pensar em percorrer este palácio sozinha sinto o mesmo pânico que senti quando a Elodie me deixou sozinha na *Arcano*. A diferença é que então eu podia chamar um Uber para ir para casa. Aqui, na Versalhes de 1745, não há muito a fazer até a Elodie decidir que está na altura de irmos ou o portal se fechar.

Encosto a mão ao corpete justo do meu vestido. Não me posso esquecer de que estas pessoas se estão a marimbar para mim. Para eles, sou apenas mais um rosto mascarado no meio de tantos outros. Por isso, mais vale dar uma volta pela sala e focar-me no que vim aqui fazer.

Dou apenas meia dúzia de passos quando vejo uma mulher, provavelmente dez anos mais velha do que eu, a balançar para a frente e para trás. A peruca dela quase lhe cai da cabeça e dá para perceber que não é o primeiro copo de champanhe que ela bebe.

A mulher está carregada de joias, por isso é provável que nem repare se eu lhe surripiar uma ou outra.

Estou a pensar em como a devo abordar para perceber que joias serão mais fáceis de roubar quando a mulher me agarra o braço e começa a falar rapidamente comigo em francês. As únicas palavras que consigo perceber são:

— *Votre amulette!* — A mulher tenta agarrar o meu talismã. — Onde encontrou tal tesouro? Terei de ter um igual! — Puxa-me na direção dela e tenho de lhe pôr uma mão no ombro para não cair.

Já que estamos nesta posição ridiculamente íntima, aproveito para lhe tirar um alfinete de peito do vestido e um gancho com joias do cabelo.

— Foi um presente de um admirador — digo, colocando as joias dela num dos inúmeros bolsos escondidos do meu vestido e esperando que o meu francês seja suficiente para continuarmos a conversa.

— É absolutamente divinal! — diz ela, de forma efusiva. — Tem de me apresentar esse...

Antes de ela acabar, eu interrompo.

— A senhora é deveras amável. Mas agora tenho de ir!

Dou meia-volta e desapareço pelo meio da multidão, sem acreditar no que acabei de fazer. Não pode mesmo ser assim tão fácil, pois não? De certeza que alguém há de reparar...

Olho por cima do ombro, mas há tanta gente que já nem vejo a mulher. E já vou quase a meio da sala quando reparo que ainda tenho na mão a pulseira que lhe tirei do pulso ao vir-me embora.

Observo a multidão. Quando estou certa de que ninguém está a olhar para mim, coloco a pulseira num bolso escondido na minha manga.

E só então sou capaz de respirar normalmente.

Existe um terraço à minha direita e caminho nessa direção. Assim que me encosto à balaustrada em pedra, apercebo-me do que acabei de fazer.

Cometi um crime.

E se for apanhada, posso ir parar à prisão ou até ser condenada a morte.

E apesar de, por um lado, estar aliviada por já ter cumprido o meu objetivo sem ser apanhada, por outro, estou horrorizada por constatar como é fácil deixar de ser quem eu achava que era e me tornar nesta pessoa duvidosa.

Ainda assim, por muito culpada que me sinta, poder estar aqui

esta noite, com este vestido, no Palácio de Versalhes, ajuda-me a ultrapassar o facto de ter cometido um crime.

Talvez me sinta assim porque mais parece que estou imersa numa peça de teatro elaborada e não na vida real. E talvez seja assim que também os outros Saltadores encaram isto. Talvez esta característica surreal dos Saltos faça com que seja mais fácil ignorar as implicações morais dos atos que cometemos em nome do Arthur.

E, além disso, depois de todo o trabalho que tive para chegar até aqui, não há volta a dar.

O céu está cheio de estrelas e aproveito para fechar os olhos e inspirar fundo o ar fresco desta noite do século XVIII.

Quando me sinto mais tranquila, levo a mão ao bolso para pegar no papel com a pista que o Arthur me deu.



Capítulo 80

Remexo os dedos dentro do bolso e não encontro nada.

Volto a confirmar e procuro em todos os outros bolsos. A única coisa que encontro são duas cartas de tarô.

A carta da Morte e a carta do Eremita — ambas provenientes de um baralho de tarô antigo, semelhante ao que o meu pai costumava ter.

Observo a carta, frente e verso, procurando alguma mensagem ou instrução escrita à mão, algum tipo de pista, até que, por fim, apercebo-me de que as cartas são a pista — o quebra-cabeças que o Arthur queria que eu resolvesse.

Sem ter instruções claras ou um objetivo concreto, a tarefa é impossível. Quer dizer, o que é que ele espera que encontre?

Estou tentada a desistir, mas o mero pensamento de regressar à academia como uma falhada e ter de esfregar a sanita da Elodie para sempre dá-me toda a motivação de que preciso para me concentrar.

Usa todas as tuas capacidades, disse o Arthur. *Tanto as inatas como as aprendidas.*

Que capacidades? Quer dizer, não sou propriamente perita na leitura de cartas de tarô ou...

Nesse momento, vem-me uma memória à mente. Lembro-me de ver o meu pai a observar um baralho similar. A cabeça dele está inclinada na minha direção, um dos círculos da sua tatuagem espreita

sob a manga arregaçada. Ele diz:

Nunca se vê nada à primeira vez. É preciso olhar uma segunda vez, uma terceira vez, e todas as que se seguirem. Olha com atenção... reúne todos os elementos e monta o quebra-cabeças...

Reunir todos os elementos!

Ao dizer aquilo, ele estava a referir-se à numerologia da carta, juntamente com todos os elementos clássicos que representa, como terra, ar, fogo, água...

Observo a imagem do Eremita e tento lembrar-me de tudo o que o meu pai me ensinou. Está associado à Terra e, apesar de estas cartas antigas não estarem numeradas como as dos baralhos recentes, o tarô segue sempre uma ordem concreta. É como se fosse a viagem de um herói que passa por diferentes fases da vida. E como a numerologia lida maioritariamente com dígitos únicos, isso significa que o Eremita, sendo a nona carta dos Arcanos Maiores, partilha uma ligação numerológica com a carta da Lua, que é a décima oitava carta, o que dá $1 + 8 = 9$.

A carta da Morte é regida pela Água e é a décima terceira carta da viagem. Reduzem-se os dígitos a quatro e temos a carta do Imperador.

O Imperador!

Olho para o esplêndido jardim real à minha frente e a minha pulsação acelera. Contém uma interminável coleção de fontes e lagos — a tradução literal de água e terra. E já que o Arthur nunca faz nada sem um objetivo em mente, suponho que o objeto que ele quer que eu encontre (alguma joia ou objeto raro que caiba no meu bolso) está escondido algures nestes jardins que se estendem por quilómetros.

Parece-me uma tarefa impossível e questiono-me se ma deram para eu falhar.

Mas não me posso dar ao luxo de pensar assim. Eu consigo fazer isto — *tenho de conseguir*. Só preciso de pensar melhor.

Observo novamente os jardins, com as cartas na mão, e tento lembrar-me de mais detalhes daquele dia, há muito tempo, que passei com o meu pai. Tento juntar todos os fragmentos de memória que me estão disponíveis e penso na razão que o meu pai poderá ter tido para me ensinar aquilo — parecia que ele sabia que algum dia

eu iria precisar desta informação...

Abano a cabeça e foco-me na tarefa que tenho em mãos. Tem de haver mais elementos, algo de que me esqueci...

Vamos lá ver, numerologia, elementos clássicos e... claro, astrologia! A carta do Eremita está ligada a...

Ouçó passos pesados a aproximarem-se atrás de mim. E logo a seguir, sinto uma mão a agarrar-me o braço.

Nesse momento, os meus joelhos dão de si.

Sou invadida por uma sensação de terror e tento silenciar o grito que estou prestes a soltar.

Tenho de manter a calma.

Faça o que fizer, tenho de manter a calma e ligar o charme.

Mas não adianta.

Acabou.

É o meu primeiro Salto e já me apanharam.



Capítulo 81

A mão que me agarrou aperta-me o braço com força. Por momentos, tenho a certeza de que acabou tudo, vou para a prisão, para a guilhotina ou para qualquer outra coisa ainda pior que nem consigo imaginar.

Tenho o coração praticamente a saltar-me para fora do peito e estou prestes a confrontar quem me agarrou, a puxar da minha adaga, quando uma voz encantadora diz:

— Por onde andou, minha querida?

O meu primeiro pensamento é de surpresa por o Braxton estar aqui. Ele é a única pessoa que me chama querida. Além disso, falou em inglês. Mas quando me viro, vejo um rapaz mascarado com um fato repleto de medalhas, o que me faz pensar que deve ser militar, da realeza, ou ambos.

— Deve ter-me confundido com outra pessoa — digo, tentando afastar-me, mas ele continua agarrado ao meu braço.

— As minhas desculpas — reage ele. Ao ver que estou desconfortável, larga de imediato o meu braço. — Não era minha intenção rata-la. Desde o momento em que a vi, pareceu-me tão cativante que tive de vir falar consigo. Fico feliz por saber que não estava errado.

Começo a acalmar-me. Não está a acusar-me de roubo, isto é só uma tentativa de engate do século XVIII. E como isto é uma matéria que não foi dada nas aulas na academia, admito que tenho

curiosidade em ver como se irá desenrolar.

— O senhor é sempre assim tão atrevido? — pergunto.

— Para mim, é caminho mais rápido e certo de conseguir o que quero. — Ele sorri de uma forma tão natural que me sinto imediatamente à vontade. Quando ele olha para as cartas de tarô que tenho na mão, guardo-as rapidamente no bolso.

O rapaz coloca-se ao meu lado e gesticula para o céu.

— Já alguma vez pensou em quem poderá estar a olhar para a lua neste momento? Alguém que esteja algures do outro lado do mundo?

Ou a séculos de distância. Olho para o céu pintalgado de estrelas e para a meia-lua brilhante.

A lua!

Se o Arthur quer que procure por pistas no tarô, será que esta fase da lua é importante?

À primeira vista, parece-me um pouco ridículo, mas não posso propriamente descartar nada. Porque é que escolheu este palácio, nesta noite concreta? Podia ter escolhido quaisquer outras festas que ocorreram em Versalhes ao longo dos anos.

Tento pensar em todas as coisas que aprendi sobre a lua. Algo mais do que a minha obsessão e do Mason por horóscopos mensais. Metade da lua está iluminada pelo sol, a outra metade está à sombra. Está ligada à vida e à morte — o ritmo do... *tempo!*

A carta da Morte é regida pela lua e a carta do Eremita está ligada à lua. Deve querer dizer algo, mas o quê?

— Diga-me lá — insiste o rapaz, afastando-me dos meus pensamentos —, está a gostar da festa?

Olho para ele e fico com a estranha sensação de o estar a ver através de uma lente muito longa, que se estende através do tempo. Abano a cabeça, tentando focar-me novamente.

Estava a pensar em algo antes de ele aparecer. Era urgente, extremamente importante, mas já não me consigo lembrar do que era.

Volto a olhar para o rapaz e penso como será o rosto dele sob aquela máscara. É mais alto do que eu, quase 1,80 m, e tem ombros largos e a estrutura física de alguém que foi treinado para os cam-

pos de batalha. Apesar de estar de máscara, consigo perceber que tem um nariz proeminente e um queixo bem desenhado.

Não sei se é o corpete que não me deixa respirar ou a forte suspeita de poder estar a ser cortejada por alguém que aparecia nos meus livros de História (se me desse ao trabalho de abrir os livros de História), mas começo a perceber porque é que tantas mulheres eram dadas a desmaios séculos antes — eu própria sinto-me extremamente tonta.

— A festa? — repete o rapaz, apanhando-me a olhar para os lábios carnudos dele.

— Ah, sim, estou a gostar muito — replico, surpreendida com a facilidade com que respondo, quando nem sequer sei se é verdade.

Quer dizer, como vim aqui parar? Porque é que estou num terraço na França do século XVIII?

Estarei a sonhar? Tipo, aquele género de sonhos meio lúcidos que às vezes tenho?

Ou será que isto é mesmo real? Ou talvez seja um dos hologramas do Arthur...

Não sei a resposta, tenho a cabeça em água.

Olho para o corpo do rapaz e vejo-lhe um anel na mão direita e as botas muito engraxadas.

— De onde é? — pergunta ele.

Aquilo apanha-me desprevenida. Deve haver uma forma correta de responder, mas não faço ideia do que devo dizer.

Ele aproxima-se e inclina a cabeça, observando-me.

— O seu sotaque. É impossível de localizar.

Engulo em seco. Tento encontrar uma resposta adequada. Por fim, limito-me a sorrir com ar tímido.

— Estamos aqui anónimos, lembra-se? — digo, gesticulando para a minha máscara.

Ele começa a rir-se e eu rapidamente faço o mesmo. Foi a coisa certa a dizer, mas nem sei muito bem porquê.

Quando ele sugere irmos para dentro buscar champanhe, não me lembro de uma única razão para recusar.



Capítulo 82

Após beber uma ou duas taças de champanhe e dar umas voltas na pista de dança, retiramo-nos para um local escondido.

Há algo que me intriga acerca deste rapaz que vai para lá da minha curiosidade, sobre como poderá ele ter merecido todas as medalhas que traz ao peito. Também ajuda o facto de o hálito dele ser mil vezes melhor do que o de qualquer outra pessoa aqui, assim como o facto de não usar uma daquelas perucas brancas (tem o longo cabelo louro e encaracolado preso com uma fita em seda preta).

Por isso, quando dou por mim encostada a uma parede, com os lábios dele junto ao meu ouvido, sussurrando-me que nunca viu uma mulher com dentes tão brancos e que cheirasse tão bem, nem consigo pensar numa única razão para resistir aos avanços dele.

Ponho-me em bicos de pés e deixo que os lábios dele encontrem os meus. Sucumbo ao seu abraço e ao calor do beijo. E apesar de até ser um bom beijo — aliás, um beijo bastante bem dado —, sinto que é o beijo errado. Como se houvesse algures outro rapaz que eu preferisse estar a beijar.

Encosto uma mão ao peito dele e sinto a coleção de medalhas por entre os dedos. *Será que devia tirar uma e guardá-la na palma da mão?*

Mas depois penso melhor. *Por que raio haveria sequer de considerar tal coisa? Não seria errado?*

— A menina cativa-me. — Ele afasta-se um pouco e depois en-

costa a testa à minha, máscara com máscara, e passa um dedo na fita ao meu pescoço. — Qual é o significado disto? Interessa-se por astronomia? Foi por isso que a vi a olhar para a lua lá fora?

Baixo o olhar e vejo-o a segurar uma pequena gaiola dourada entre os dedos, e nesse momento, uma memória invade-me em torrente, dizendo-me quem sou e o que estou aqui a fazer.

Não moro aqui.

Este não é o meu século.

Sou apenas uma turista vinda de outro lugar e de outro tempo.

Era a isto que o Jago se referia quando me avisou sobre perder minha identidade?

Tento conter o meu horror por estar num local escuro com um rapaz que nem conheço, e depois tiro cuidadosamente a mão dele do meu pescoço.

— Tenho de ir — digo-lhe, apressando-me a voltar pelo sítio por onde vim.

O meu coração bate desenfreadamente dentro do meu peito. Um milhão de pensamentos invadem-me a mente e sinto culpa relativamente ao Braxton, apesar de aquele beijo não ter tido qualquer significado. E, além disso, que culpa tenho de a minha memória ter falhado?

É nesse momento que me apercebo de que perdi a noção do tempo.

As direções para o portal estão incorporadas dentro da própria máscara, disse o Keane.

Devia ter verificado a máscara de vez em quando. E agora, posso já nem poder voltar por ter andado tão distraída.

Pressiono freneticamente o botão na lateral da máscara. Nesse instante, aparece uma seta verde que indica o caminho de volta ao portal.

Um relógio digital diz-me que tenho menos de dez minutos até à descolagem. E nesse momento apercebo-me de que não completei a tarefa que o Arthur me incumbiu.

Atravesso a multidão de nobres bêbedos e estou prestes a desatar a correr quando o rapaz mascarado me agarra o braço.

— Quando a poderei ver novamente? — Ele está quase sem fôlego, ansioso, mas eu estou mais.

Todo o santo dia, se não me largares o braço imediatamente!

Para ele, apenas abano a cabeça e liberto-me da mão dele.

Nove minutos e doze segundos!

— Diga-me o seu nome! — grita ele. — Diga-me o seu nome, pelo menos!

Desato a correr, mas o rapaz é forte e está em forma, por isso consegue facilmente acompanhar-me. Nesse momento, percebo que estou no meio de uma versão combinada de *Um Sonho de Mulher e Cinderela*. Contudo, a minha carruagem não se vai transformar numa abóbora — nem tão-pouco numa limusina. Embora haja uma boa possibilidade de o portal desaparecer sem mim.

E ainda assim, sei que não posso deixar que aqui o Príncipe Encantado me veja a entrar para um portal sobrenatural. O que significa que tenho de dizer algo para ele deixar de me seguir.

Só me restam alguns minutos, por isso paro, encosto uma mão ao peito dele (lembrando-me do que o Jago me disse sobre raramente irmos à mesma festa duas vezes) e digo:

— Natasha. Chamo-me Natasha.

O rapaz leva a minha mão aos lábios dele.

— Chamo-me Killian de Luce, e nunca a esquecerei.

Ele inclina-se na minha direção e abraça-me, e eu fico tentada a roubar-lhe uma medalha, mas não o faço. Ele ganhou aquelas medalhas por atos de bravura; não me compete tirar-lhas.

Afasto-me e ele entrega-me um lenço branco com um monograma azul bordado.

Ponho o lenço no bolso e digo:

— Tenho de ir e o senhor não me pode seguir. — O meu tom é ríspido, por isso espero que ele faça o que lhe peço.

— Espero que nunca me esqueça — despede-se ele, enquanto saio para fora do palácio e desato a correr pela noite fora.



Capítulo 83

Encaminho-me para o jardim mais próximo, um dos muitos do palácio que se estendem por quilômetros. Mas assim que lá chego, não faço ideia do que devo fazer a seguir ou para onde ir.

O relógio da máscara diz que faltam apenas cinco minutos e trinta e três segundos para a descolagem. Desesperada, questiono-me o que será pior: ficar presa na Versalhes de 1745 ou voltar para a academia de mãos a abanar.

Só que não vou completamente de mãos a abanar. Ainda tenho as joias que roubei à mulher bêbeda. E por mais que me tente convencer de que é melhor do que não ter nada, a probabilidade de o Arthur concordar comigo é praticamente nula.

Em desespero, volto a tirar as cartas de tarô do bolso e observo-as rapidamente.

Já fiz a numerologia que liga a carta da Morte à carta do Imperador.

Já só tenho quatro minutos e nove segundos no relógio, por isso tento freneticamente juntar os fragmentos de memória daquela minha aula de tarô com o meu pai. Começo a lembrar-me de algo sobre o Eremita estar ligado ao deus romano Saturno, que estava ligado ao deus titã Cronos — o deus do tempo que comeu os próprios filhos para que eles não usurpassem o seu poder, como no quadro *Saturno Devorando um Filho* que vi na simulação de Veneza...

E a carta da Morte, a que todos temem, não é o que aparenta ser, já que os fins levam sempre a novos inícios e...

Viro-me para trás e observo o palácio resplandecente que outrora foi uma humilde cabana de caça. Este local é o epítome dos novos inícios, um sonho tornado realidade por Luís XV, também conhecido como...

— *Où allez-vous?* — brada uma voz zangada.

Fico com um nó no estômago. Volto-me para trás e vejo um homem a caminhar na minha direção.

Não é muito alto, mas é extremamente corpulento. A camisa de musselina puída permite ver um peito forte e enormes bíceps. Tem um cabelo negro despenteado e um rosto duro, com barba por fazer, um nariz grande e olhos escuros. Emana uma aura de autoridade de alguém que sabe tudo sobre estes jardins e não está propriamente contente por me ver por ali.

O homem continua a vir na minha direção, em passo decidido.

— Onde vai? — exige saber, falando rapidamente em francês.

Tento responder, mas estou demasiado nervosa. A minha língua tornou-se inútil, mantendo-se imóvel atrás da mandíbula presa e dos dentes a bater, enquanto quaisquer palavras em francês que sabia simplesmente se evaporaram.

— Eu... hum... quero dizer, *je suis*... — Tento sorrir, esperando conseguir desarmá-lo e fugir dali. Mas o ar zangado no rosto dele diz-me que o meu charme não funcionou.

Quando dou por mim, o homem está à minha frente a arrancar-me as cartas de tarô da mão.



Capítulo 84

— A menina não devia estar aqui! — diz o homem, com uma expressão ameaçadora.

Estou à frente dele, os joelhos a tremer, prestes a desatar aos gritos. Mas tenho de me acalmar, de ficar calada. Não posso chamar ainda mais as atenções.

— Cometeu um erro imperdoável. — A mão dele agarra-me o braço com força e antes que eu consiga fazer qualquer coisa para o impedir, já ele está a arrastar-me pelo caminho em gravilha.

Enterro os calcanhares e insisto em que ele me largue. Quando isso não serve de nada, atiro-me para o chão de propósito, aproveitando para levar a mão à bainha sob o meu vestido.

O homem murmura algo, puxa o meu braço com força e obriga-me a levantar. Fica de queixos caídos ao ver a adaga que tenho agora na mão.

— Não me obrigue a usar isto — silvo, o meu coração a bater desenfreadamente dentro do peito. Ao ver o olhar de choque na cara do homem, lembro-me do que o Braxton disse: *Se puxares da tua adaga, tens de estar disposta a usá-la.*

E apesar de esperar que não chegue a tanto, começo a agitar a adaga como se fosse um daqueles maníacos que se veem nos filmes de terror. Muito longe dos movimentos elegantes que o Braxton me ensinou.

O homem levanta as mãos calejadas no ar, rendendo-se, e larga

as cartas de tarô. Lança-me um olhar desafiante — está a tentar perceber se as vou apanhar do chão.

Olho para as cartas e depois para o homem, ponderando os prós e os contras. Mas já só me faltam 16 segundos no relógio, por isso viro-me para trás e desato a correr pelo jardim fora.

Lá ao fundo, vejo o Jago e a Elodie de mãos dadas em frente ao portal iluminado. Para qualquer outra pessoa que esteja a ver, são apenas um casal que saiu da festa e está a ter um momento romântico.

Aos meus olhos, parece-me que decidiram ir-se embora e deixar-me aqui.

— Esperem! — grito, sem fôlego e com uma dor aguda no lado do torso. — Por favor! Esperem! Estou quase a chegar!

Nesse momento, o Jago vira-se para trás com um ar alarmado e eu ouço alguém a correr atrás de mim.

O homem está a perseguir-me e encontra-se apenas a alguns metros de distância.

O Jago estica o braço para fora do portal e faz-me sinal para me apressar.

Tenho os pulmões prestes a explodir, mas obrigo as minhas pernas a correrem ainda mais depressa. A seta verde à minha frente começa a ficar mais pequena a cada passo que dou e o relógio com a contagem decrescente parece dizer-me: *Sim, estás quase, mas nunca irás conseguir.*

00.00.12

Olho para a Elodie, que, com um ar muito sério, coloca os dedos no seu brinco.

00.00.11

Continuo a correr desenfreadamente, tentando não me desequilibrar, mas sinto o meu pé esquerdo a embater numa pedra e o tornozelo a ceder. Sinto-me a cair para a frente, os meus braços a tentarem amparar a minha queda. Solto um grito e as minhas mãos embatem contra o chão duro. O golpe é tão repentino que arranca o ar dos meus pulmões.

00.00.09

Quase sem fôlego, tento levantar-me a custo, desesperada por chegar ao portal. Estendo a mão para o Jago e quase lhe toco nos dedos, quando o homem agarra o meu vestido e me puxa para trás tão abruptamente que o meu pescoço sofre uma chicotada cervical e a minha visão se torna desfocada.

00.00.07

Tento focar a visão, mas agora só vejo uma névoa de pontos brancos e cinzentos, tal como a estática das televisões antigas. Consigo pôr-me de joelhos e esticar o braço para a frente. Nesse momento, ouço a seda do meu vestido a rasgar e o homem solta um grito quando o meu cotovelo embate no nariz dele.

— Anda! Rápido! — grita o Jago, enquanto a Elodie está com os dedos no brinco, prestes a carregar no botão e a deixar-me aqui para sempre.

00.00.04

Ponho-me de pé a custo e atiro-me para a frente, tentando desajeitadamente apanhar a mão do Jago, mas o homem continua agarrado ao meu vestido. Consigo sentir-lhe o cheiro e vejo o nariz dele a esvair sangue para cima do meu vestido.

00.00.03

O Jago agarra-me e depois pontapeia o homem com tanta força que ele se curva de dores e cai para fora do círculo de luz.

00.00.02

Com o rosto enraivecido, o homem põe-se de pé e arranca na nossa direção. A Elodie suspira, dá-me a mão e diz:

— A sério, Nat? Foste apanhada pelo jardineiro?

Abana a cabeça, carrega no botão e disparamos para a frente no tempo.



Capítulo 85

Quando eu era miúda e ainda ficava entusiasmada por festejar o Dia das Bruxas, costumava pegar em todos os doces que me tinham dado, espalhava-os sobre a minha cama e passava horas a organizá-los e a observar o que me tinha calhado.

O meu regresso à academia foi bastante semelhante.

Depois de reunirmos com o Keane, de ele recolher as nossas máscaras e de se certificar de que ninguém se magoou, apesar de todo o sangue no meu vestido, chega a altura de esvaziarmos os bolsos para que o Arthur veja o que roubámos.

Não sei bem que género de coisas o Arthur está habituado a receber, mas o monte de joias à nossa frente parece-me bastante impressionante. Ainda assim, não faço ideia por que razão ele se interessa por isto.

O Arthur é um bilionário, alguém que pode comprar literalmente o que quiser, incluindo joias muito mais valiosas do que estas. Então, porquê dar-se ao trabalho de mandar três miúdos recuar no tempo para roubar um monte de coisas sem qualquer valor histórico real?

O que faz ele com estas coisas? Será motivado por ganância? Ou haverá outra razão? Algo que ainda não sei o que é?

— Muito bem — comenta o Arthur, observando um anel grosso de ouro. Aquela peça foi roubada pela Elodie e eu vejo-a a corar quando o Arthur a elogia.

É estranho ver como o comportamento da Elodie muda quando o

Arthur está presente. Quando a Song comentou que a Elodie encara o Arthur como um pai, acho que não compreendi muito bem.

Mas agora, ao vê-la desesperada pela aprovação dele, parece que estou a ver uma miúda a fazer o pino e a dizer: *Olha, papá! Olha para mim!*

É nesse momento que percebo que o Arthur é a criptonite da Elodie.

Mas qual será a criptonite do Arthur?

— Ouvi dizer que te safaste bem.

Estava tão preocupada a pensar na Elodie que nem reparei que o Arthur estava agora a falar de mim.

— Por outro lado, tinhas uns extraordinários crononautas a acompanhar-te.

— Crononautas? — pergunto.

— É uma palavra chique para viajantes do tempo — responde o Arthur.

Olho para o Jago e para a Elodie, e ambos evitam olhar-me de volta. E quando volto a olhar para o Arthur, percebo, pela expressão dele, que quer ver se os vou chibar por me terem abandonado ou se vão contar que fui apanhada e perseguida até ao portal, tendo-nos posto a todos em grande perigo.

Eu sei que ele sabe que algo de grave aconteceu. Não sei como, mas tenho a certeza de que ele...

Subitamente, apercebo-me de que, tal como tinha feito na simulação, o Arthur também monitorizou o meu Salto. O que até faz sentido, tendo em conta todo o dinheiro que ele tem investido nisto. Ainda assim, o que terá ele visto?

Será que apenas monitorizou a minha pulsação?

Ou será que sabe das bebidas, da dança, do rapaz mascarado que me levou para um sítio escondido, encostou à parede e beijou?

E, pior do que isso, será que já sabe que falhei a minha tarefa?

Ou será que estou só a ser paranoica e a ver conspirações onde não existem?

Há algo de que tenho a certeza: isto é um teste. Um teste que poderá até ter mais significado do que o Salto que acabei de fazer. Num local como Gray Wolf, a lealdade (ou a aparência de lealdade)

é essencial.

— Não podia ter tido melhores parceiros — digo, sorrindo para o Jago e para a Elodie.

Até posso dar um desconto ao Jago, *já* que ele me salvou ao puxar-me para dentro do portal meros segundos antes da descolagem.

Mas quanto à Elodie... claramente, estava mais do que disposta a deixar-me ali.

Para o Arthur, ainda acrescento, com uma expressão neutra:

— Eles ensinaram-me muito.

O Arthur assente e observa as coisas que roubei, a pulseira, o gancho de cabelo e o alfinete de peito. Comparando com as coisas que o Jago e a Elodie trouxeram, é uma coleção bastante patética.

— É só isto? — pergunta ele. Assinto, demasiado envergonhada para o olhar diretamente nos olhos. Mas ele acrescenta: — E o que é isto?

Olho para ele e vejo que tem o lenço do rapaz nas mãos. Já me tinha esquecido dele e nem me apercebi de que o tirara do bolso.

— Ah, isso... não é nada. — Tento pegar no lenço, mas o Arthur não mo entrega.

— Diz-me como é que o obtiveste — pede ele, passando o dedo pelo bordado azul-marinho.

— Bem... — começo, sentindo a Elodie e o Jago a olharem-me fixamente. — Foi... foi-me dado.

— Foi-te dado? — O Arthur inclina a cabeça e observa-me com ar inquisitivo. Ainda assim, é impossível perceber em que está a pensar.

Quase consigo sentir raios a dispararem dos olhos da Elodie e a queimarem-me o rosto, mas recuso-me a olhar para ela. Tendo em conta que foi ela quem trouxe mais peças, não consigo perceber por que razão se há de importar com o facto de alguém me ter dado um lenço.

E, claro, o Jago ficou em segundo lugar. Com aquele charme, de certeza que tanto mulheres como homens praticamente lhe atiraram as suas joias.

Começo a perceber que o mais importante não é trazer o maior número de itens, mas trazer algo interessante para o Arthur. E,

desta vez, seja por que razão for, o que lhe interessa é um simples lenço branco.

— Esta peça... — A Elodie pega noutro anel em ouro do seu monte de coisas. — Veio diretamente do dedo de um Marquês...

Mas o Arthur não quer saber. Faz um gesto com a mão e a Elodie cala-se.

— Conseguiu surpreender-me — diz ele, olhando para mim durante uns segundos. — Não é algo que aconteça frequentemente. Em suma, foi um bom Salto.

Olho para ele, incrédula. Achava mesmo que tinha falhado, estava convencida de que ia ser despromovida e passar a ser a empregada da Elodie. No entanto, o Arthur parece inegável e inexplicavelmente satisfeito.

— É habitual darmos aos Saltadores uma peça como recompensa pelo seu esforço — revela o Arthur. — Estes Saltos acarretam grandes riscos para vocês, e esta é a minha forma de mostrar o quanto aprecio o vosso trabalho.

Ele entrega uma peça roubada a cada um de nós e depois faz um gesto à Roxane para ela catalogar o resto das peças.

Assim que começo a afastar-me, o Arthur diz:

— Ah, e, Natasha...

Viro-me novamente para ele.

— Vou agendar uma hora para reunirmos mais tarde. Para já, dá um salto ao gabinete médico para eles fazerem uma avaliação. Se estiver tudo bem, podes passar o resto da noite como te apetecer.



Capítulo 86

Como não tenho mais do que uns arranhões, algumas nódoas negras e um tornozelo dorido (mas não partido ou deslocado), deixam-me voltar para o meu quarto. Vou direta para o chuveiro, onde me esperam aqueles incríveis óleos essenciais e sabonetes cheirosos.

Quando mais não seja, a minha viagem no tempo fez-me ficar agradecida por coisas do dia a dia como água canalizada, saneamento básico e elixir bucal.

É engraçado pensar em como eu gostava tanto de ver filmes românticos de época e imaginar como seria usar um daqueles vestidos chiques e ser cortejada por um rapaz bonito de fraque. Bem, agora já sei como é. E a verdade é que naqueles tempos as pessoas cheiravam mesmo muito mal.

Exceto uma.

Penso no cabelo dourado dele e no rosto mascarado. É uma imagem tão real que até me assusta e deixo cair o sabonete na base do chuveiro. Sinto a água quente a bater-me nas costas e penso em como a memória pode ser tão cruel: fez com que me esquecesse do Braxton durante o Salto, mas recusa-se a fazer o mesmo relativamente ao rapaz mascarado.

Parece que ainda sinto a mão dele na minha cintura.

Há um sítio no meu pescoço onde sinto os lábios dele.

E não faço ideia do que devo fazer.

Arrisco contar ao Braxton? Quer dizer, ele deve perceber, já

que ele próprio fez imensos Saltos destes antes. Certo?

Ou guardo esta memória dentro de uma caixa metafórica?

A Elodie e o Jago andavam por outros lados, por isso ninguém viu. E, além disso, nem vale a pena falar, já que nunca mais Vou voltar a ver aquele rapaz.

Lembro-me da forma como ele disse o nome — Killian de Luce.

Parece um nome inventado, como Elodie Blue.

Toda a experiência parece-me completamente surreal. E apesar de ter mesmo estado lá, é difícil acreditar que viajei milhares de quilómetros ao longo de dois séculos e meio em menos tempo do que demora ir de carro daqui até ao farol.

Quando começo a bocejar, percebo que nas viagens do tempo também existe cansaço devido às diferenças horárias, por isso fecho a torneira e pego numa toalha. Então, vejo o meu *tablet* a vibrar com uma mensagem do Braxton.

Braxton: Bem-vinda! Queres vir até ao meu quarto para celebrar?

Eu: ☺

Braxton: Até já. Seguem as direções.

Estou cansada, tenho fome, mas também acredito no poder regenerativo de um vestido bonito. Pego num vestido em veludo, curto sem costas, e num par de saltos altos com joias. E apesar de a maquilhagem ser simples e de deixar o cabelo solto, para completar o visual, coloco o gancho de diamantes que roubei da mulher em Versalhes, umas horas antes.

Ao chegar à porta do Braxton, já decidi que não vou contar nada da minha escapadela com o Killian. Acho mesmo que não vale a pena falar nisso. E também não quero arriscar estragar a noite.

Respiro fundo, passo uma mão pelo vestido e bato à porta.

Uns segundos depois, a Elodie abre a porta.



Capítulo 87

— Surpresa! — A Elodie está encostada à ombreira da porta com um largo sorriso no rosto. — Aposto que não estavas a contar com esta.

Parece que me transformei numa estátua. Tenho o coração a bater a mil e nem sei o que pensar. Isto é algum tipo de brincadeira? Será que este é sequer o quarto do Braxton? E se é, por que raio está aqui ela tão à vontade?

— Deixa de implicar com ela para podermos abrir o champanhe! — ouço o Jago dizer lá de dentro. Estou prestes a dar meia-volta e a ir-me embora quando o Jago afasta a Elodie e abre a porta para trás.

Lá dentro vejo o Oliver, o Finn, a Song, a Roxane, o Keane, o Hawke e, lá ao fundo, junto à janela, o Braxton.

Veste umas calças de ganga escuras, uma camisa em sede creme e um *blazer* em veludo no mesmo tom de azul dos olhos dele. A expressão no rosto dele é estranha, mas parece-me que se sente ligeiramente culpado porque não disse que era uma celebração com mais pessoas.

Quando entro no quarto, todos desatam a bater palmas e eu entro no papel, fazendo uma vénia.

Tal como prometido, o Jago abre uma garrafa de champanhe e entrega-me uma taça, e todos começam a dizer em uníssono:

— Dis-cur-so! Dis-cur-so!

Faço de conta que sou uma atriz que acabou de ganhar um Óscar

e digo:

— É uma honra incrível estar hoje aqui! Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à academia, neste caso, à academia Gray Wolf. E também gostaria de agradecer a todos os meus amigos que me ajudaram a realizar este sonho, seja ele *qual* for! Saúde!

Ergo o copo e dou um gole de champanhe, e todos bebem também.

— Alguém me vai explicar o que se está a passar? — pergunto, esperando que seja a Elodie a responder, já que é ela sempre a líder. Mas é o Braxton quem dá um passo em frente.

— Natasha Antoinette Clarke. — Ele coloca uma mão em cada um dos meus ombros, como se me fosse condecorar. — Hoje realizaste algo verdadeiramente extraordinário. Fizeste parte de um milagre que adveio da ciência, do conhecimento, da Natureza e de um génio visionário que tornou este sonho possível. Hoje alcançaste o que muitos consideram inalcançável. Agora, após semanas de muito treino e de um primeiro Salto bem-sucedido, és convidada a juntares-te ao nosso grupo exclusivo de crononautas. Tasha, bem-vinda ao Clube ADA.

Ele leva a mão ao bolso e pega num anel de ouro que coloca no meu dedo do meio da mão direita. É parecido com o anel que ele usa, aquele que costuma girar quando está nervoso. Ao olhar em redor, vejo que toda a gente na sala usa o mesmo anel.

É um anel com sinete, quadrado e liso em cima, gravado com um emblema da academia, dois símbolos que, julgo, representam o vento e o tempo, e um lobo de perfil de ambos os lados. Por baixo estão as iniciais ADA.

— O que quer dizer ADA? — pergunto.

— Os *Artful Dodgers* do Arthur! — grita o Finn, erguendo o copo no ar. — Bem-vinda ao grupo!

Olho para o Braxton, confusa.

— Do *Oliver Twist* — sussurra ele. Lembro-me de imediato de ter lido o livro para as aulas de Inglês, no 9.º ano.

É sobre um órfão que se junta a um grupo de miúdos carteiristas ao serviço de um homem chamado Fagin, que os manda roubar em troca de comida e de abrigo.

— Oh, meu Deus! — solto, a realidade da minha vida atual à minha frente. É mesmo verdade, agora o Jago, a Elodie, a Song, o Oliver, o Finn, o Hawke, o Keane, a Roxane e o Arthur são a minha nova família.

Nesse momento, o Braxton puxa-me para os braços dele, dá-me um beijo perto da orelha e sussurra:

— Bem-vinda. Desculpa ter-te surpreendido com isto, mas prometo que mais tarde te compenso.



Capítulo 88

O Oliver traz um bolo elaborado da cozinha do Braxton para a salinha onde todos estamos reunidos. Há também imensas garrafas de champanhe.

A cozinha dele é pequena, mas os eletrodomésticos são modernos e novos. Deve ser mesmo bom poder fazer as suas próprias refeições. Suponho que seja uma das vantagens de avançar — tal como o quarto gigantesco da Elodie.

Quando todos já têm bolo e champanhe, dizem-me que é habitual os Saltadores daquele dia partilharem uma história engraçada ou uma peripécia que tenha acontecido durante o Salto.

— É a reunião pós-Salto que interessa — brinca o Keane. Questiono-me sobre que sítios e épocas terá ele já Saltado.

O Jago oferece-se para começar e conta ter sido convidado para ir para a cama com um nobre bêbedo e a sua mulher. Todos desatam às gargalhadas. Ele jura a pés juntos que não foi em frente, ainda assim conseguiu surripiar-lhes uma série de joias.

Ao contrário do que seria de esperar, a Elodie não diz nada de especial, fala de dançar e namoriscar um pouco, mas especialmente de aperfeiçoar a técnica de furto.

Quando chega a minha vez, não sei bem o que dizer. Há muita coisa que não quero partilhar. Não quero que saibam da minha missão falhada, daquele encontro assustador no jardim, de ser perseguida até ao portal ou do tempo que passei com o Killian.

Por fim, digo:

— Estava tão nervosa. O meu único objetivo era conseguir gamar algumas coisas sem ser apanhada.

Alguns deles soltam uns grunhos, dececionados, mas, felizmente, não insistem. Encosto-me ao Braxton, feliz por me ter safado, quando a Elodie intervém:

— Não precisas de te acanhar. Já todos nós vimos e fizemos de tudo.

Toda a gente desata a rir.

— Por isso, vá lá. Estás a falar com um grupo de pessoas altamente sofisticadas e experientes. Somos uma família e os teus novos irmãos e irmãs não se chocam facilmente. Por isso, não há qualquer problema em nos contares sobre teres estado a observar as estrelas com aquele jovem lindíssimo carregado de medalhas. Na verdade, se bem me lembro, depois de darem uns passinhos de dança, vocês não foram para um sítio mais... digamos... discreto?

Sinto um calor de morrer dentro da sala.

Ou talvez o problema seja só meu.

Mas fico sem chão ao perceber que, afinal, a Elodie andou a espiar-me, quando eu pensava que ela me tinha abandonado.

Ela bate com os dedos na taça de champanhe e faz um olhar de contemplação profunda.

— Seria o mesmo cavalheiro que te deu aquele lenço que trouxeste de volta?

Sinto o Braxton a abraçar-me com mais força, mas nem sou capaz de olhar para ele. E nem aguento que ele olhe para mim.

Surpreendentemente, é a Song que me salva.

— Oh, deixa-a estar — diz ela. — Agora a Natasha é uma de nós. Além disso, todos sabemos que estavas demasiado ocupada a saltar para a cama com pessoal do baile para saberes o que a Natasha andava a fazer.

O silêncio invade a sala. Tal como num jogo de ténis, todos olham da Song para a Elodie.

A Elodie tem de decidir se lhe vai responder à letra ou não.

Esboça um largo sorriso para a Song, mas o olhar é gélido.

— Pronto, talvez tenhas razão — diz ela. — Além disso, estou cheia de fome. Alguém quer ir jantar à Sala Inverno?

Minutos depois, a sala está vazia, restando apenas eu, o Braxton e aquela acusação da Elodie a pairar entre nós.



Capítulo 89

Inclino-me na direção do Braxton — quero desesperadamente controlar a narrativa antes que a imaginação dele tenha a possibilidade de efabular ainda mais.

— Olha, aquilo que a Elodie disse...

Mas o Braxton interrompe-me.

— Esquece — reage ele rapidamente. — Não tens de explicar nada. Independentemente do que aconteceu ou não, só me importa que tenhas regressado bem.

Olho para ele, um pouco surpreendida por aquela reação. Quer dizer, até fico contente por ele querer esquecer o assunto, mas há uma parte teimosa de mim que insiste em querer explicar.

— Pois, aí é que está — digo. — *Não* aconteceu nada. — Aquela mentira faz-me refletir. Não só não fui minimamente credível, como ainda tornei as coisas piores. Agora que já estraguei tudo, tenho de ser honesta, por mais difícil que seja. — Não foi nada como a Elodie disse. Foi só... havia lá um rapaz, aquele de que ela falou, bem... ele beijou-me e... acho que o beijei de volta. Mas foi só isso que aconteceu. Assim que vi o talismã, lembrei-me de ti, de Gray Wolf e de tudo o resto. Comecei a lembrar-me de tudo e...

— Tasha. — O Braxton encosta um dedo aos meus lábios, para que pare de falar antes que piore ainda mais as coisas. — Eu já Saltei. Já senti a memória a desvanecer. Aconteceu-me isso montes de vezes. Por isso é que te dei o talismã, para te ajudar a lembrar. Mas

para que saibas, o Desvanecimento não é assim tão mau. Por vezes, esqueceres-te das coisas ajuda-te a encaixar. O truque passa por não te deixares ir completamente. É um equilíbrio que demora algum tempo a dominar.

Encosto-me contra o assento de veludo, grata por ter o apoio dele, mas triste por ter sido a minha indiscrição a razão para tal.

— Diz-me — pede ele. — O que achaste do Salto?

Olho para o teto abobado ao pensar nas palavras certas.

— Honestamente, foi muito fixe. Quer dizer, exceto o facto de não ter conseguido realizar todas as tarefas.

Lembro-me da expressão no rosto do Arthur ao observar o lenço e de como, por alguma razão, esqueceu-se, ou pelo menos não quis saber, do facto de eu não ter conseguido realizar a tarefa que me pediu que fizesse. Depois olho para o Braxton e questiono-me se o Arthur lhe deu uma tarefa similar. Talvez seja normal o Arthur convencer todos os novos recrutas da academia de que eles é que são os escolhidos para o ajudar a realizar a sua maior ambição, só para os mandar de volta no tempo com duas cartas de tarô aleatórias.

Mas a expressão do Braxton mantém-se inalterada. Ele simplesmente acena para que continue a falar.

Passo um dedo no brasão do anel novo que tenho no dedo.

— Ter estado em Versalhes, em 1745... Só me comecei a aperceber de que aquilo tinha mesmo acontecido quando regresssei. Quer dizer, eu estava tão nervosa, tão focada em fazer o que tinha a fazer sem ser apanhada, que nem tive tempo para absorver tudo.

— E agora que já estás de volta? — O Braxton inclina a cabeça para o lado e fixa os olhos nos meus.

Sei que lhe devo a verdade, mas espero que não me julgue por isso.

— Quando penso no local onde estive e em tudo o que vi... — Olho em redor da sala e depois volto a olhar para ele. — Bem, foi ainda melhor do que achava que iria ser. — Vejo-o a assumir uma expressão diferente, os olhos ligeiramente mais estreitos. — Toda a experiência pareceu-me um sonho. Foi completamente surreal e absolutamente incrível.

O Braxton ergue o copo na minha direção.

— Parece que és oficialmente uma Azul — diz ele.

— Ainda não é bem *oficial*... da última vez que verifiquei o meu guarda-roupa, as minhas camisolas ainda eram todas Amarelas.

— Amanhã de manhã já tens lá camisolas novas. — O Braxton passa a mão pelo meu rosto e põe-me uma mecha de cabelo atrás da orelha. Ele sabe o quanto trabalhei duro para este momento, no entanto, não posso deixar de notar que o humor dele está longe de ser festivo. — E não tiveste problemas em fazer o que Arthur te pediu? — pergunta ele, colocando a mão no meu braço e passando um dedo nas nódoas negras que o jardineiro provocou quando me agarrou.

Há ali uma questão à qual prefiro não responder. Nem me quero lembrar do episódio com aquele homem.

Bebo o resto do champanhe e coloco a taça vazia na mesa.

— Suponho que te estejas a referir a invadir uma festa e roubar nobres? — Olho diretamente para ele e percebo a verdadeira razão da sua falta de entusiasmo.

Ele está a pensar na nossa conversa anterior, quando me pediu que não fizesse o Salto. Quando me avisou de que eu ia voltar diferente.

E ele tem razão. Estou diferente. Experimentei algo verdadeiramente milagroso — um dos segredos mais bem guardados do mundo inteiro. Corri riscos, enfrentei perigos e fui bem-sucedida. E se roubar algumas joias for o preço que tenho a pagar para poder voltar a Saltar e para a minha mãe estar segura em termos financeiros, então estou disposta a isso. Porque agora que já regresssei, quero ver para onde e para que época posso ir da próxima vez.

É difícil esconder o meu entusiasmo. Suponho que o Braxton se apercebe disso, porque diz:

— Se calhar Salto há tanto tempo que já me esqueci de quão excitante pode ser.

Parece-me que ele ficou desconfortável e questiono-me se realmente acredita no que acabou de dizer. Ainda assim, fiquei tão entusiasmada por reviver a experiência que nada me afeta.

— Houve alturas em que achava que estava presa num sonho dentro de um sonho. Como se não conseguisse distinguir fantasia da

realidade. Suponho que isso esteja relacionado com o Desvanecimento. — Quando percebo que levei a conversa precisamente para o tópico que queria evitar, fico vermelha como um tomate.

— Agora fazes parte dos ADA. — O Braxton inclina-se na minha direção e traça um dedo pela minha corrente de ouro até ao talismã que pende sobre o meu peito. — E isso significa que, aconteça o que acontecer num Salto, tal não se irá intrometer entre nós. A não ser que queiras, claro.

Ele parece ter uma pergunta para me fazer, mas também há algo que lhe quero perguntar.

— Porque haveria de querer isso? — sussurro, puxando-o para mim e pondo os meus braços à volta do pescoço dele.

Nem sei bem quem é que avança primeiro para o beijo, só sei que dou por mim nos braços do Braxton e que é para aqui que irei sempre querer voltar.

Não é para a Ilha Gray Wolf, nem para o Arthur Blackstone, nem para a academia.

Quero voltar para este rapaz que tem olhos cor do mar e dá beijos que me preenchem.

Beijo-o com mais vontade e lembro-me da altura, no 10.º ano, em que namorei com um rapaz mais velho que fazia parte da equipa de futebol americano.

Certa vez, enquanto nos beijávamos no banco de trás do carro dele, achei que estávamos apaixonados.

Não demorei muito a perceber que me enganara.

Depois dessa relação, desisti do conceito de romance e de amor, desisti de tudo o resto, incluindo de mim própria.

Mas agora, aqui com Braxton, em Gray Wolf, parece que essas memórias pertencem a outra pessoa que não eu.

Vejo o rosto do Braxton, ele observa-me com ternura. Pega em mim ao colo e deita-me na sua cama de dossel. A lareira crepita ao nosso lado. Beija-me com ternura, depois com paixão. Quando diz o meu nome, fico toda arrepiada. Juntamos os nossos lábios, as nossas pernas estão entrelaçadas, os nossos corpos estão tão juntos que é impossível perceber onde acaba o meu e começa o dele.

E é neste momento, ao sentir os lábios do Braxton contra os meus, que juro a mim mesma que nunca vou esquecer como é bom sentir-me tão adorada e querida.

Deste dia em diante, prometo que nunca me irei conformar com menos do que isto.

O Braxton parece adivinhar no que estou a pensar, pois afasta-se e toma o meu rosto nas mãos dele.

— Estou mesmo feliz por teres voltado. Estou mesmo feliz por estares em casa — diz ele, e sei que está a ser absolutamente genuíno.

Este rapaz é agora a minha casa e eu pertença-lhe.



Capítulo 90

Acordo com o som da chuva a bater na janela e sinto que o Braxton já se levantou.

Solto um suspiro de contentamento, levanto-me da cama e estou prestes a pegar na camisa que ele usou na noite anterior quando o Braxton aparece à porta do quarto com café acabado de fazer e diz:

— Gosto mais de te ver sem ela.

Nesse instante, deixo cair a camisa ao chão e ele leva-me de volta para a cama.

Beija-me com uma paixão louca, como se não tivéssemos passado a noite anterior a fazer precisamente isso. A beijarmo-nos até já não podermos mais. A beijarmo-nos até adormecermos nos braços um do outro.

Antes de conhecer o Braxton, nem sabia que era possível dar beijos por tanto tempo e ficar satisfeita só com isso. Mas estar com este rapaz abriu-me uma porta para um mundo completamente novo. Ele é diferente de qualquer outro rapaz que conheci anteriormente, nada parece apressado, descuidado ou, pior ainda, algo de que me arrependa assim que acabe de o fazer.

Na noite anterior, houve uma altura em que concordámos em levar as coisas com calma. Queremos ter tempo para nos saborearmos, para nos conhecermos. Já que ambos sabemos que isto é verdadeiro, não vale a pena apressar nada.

O Braxton afasta-se, passando um dedo pelo meu rosto até ao queixo.

— Não te quero deixar — diz ele.

— Deixar-me? Para ir aonde? — É a última coisa que esperava ouvir e olho para ele fixamente, esperando uma resposta. Pelo que sei, só saímos da ilha para fazer um Salto. Mas ele não deve estar a referir-se a isso, já que os Saltos duram apenas algumas horas.

— Recebi uma mensagem há uma hora. Encontraram um potencial novo estudante e o Arthur quer que vá lá esta tarde.

Potencial novo estudante.

Tal como outrora fui.

— Foi assim comigo? — A minha voz adquire um tom amargo.

— Fui uma mensagem indesejada no teu *tablet*?

Ele fecha os olhos por uns segundos.

— Tasha, por favor...

Viro-me para o lado, deslizo as pernas para fora da cama, mas ele puxa-me de volta para ele.

— Onde vais? — pergunta. — Estás zangada?

Mordo o lábio. Sinto-me insignificante, aborrecida por razões que nem sei dizer quais são. Mas zangada? É demasiado forte para se aplicar a esta situação.

Será mesmo?

Penso na sucessão de eventos terríveis que me trouxeram até aqui e o quanto tive de trabalhar para conseguir chegar onde cheguei. E embora não deseje isso a ninguém, admito que a minha vida é muito melhor do que alguma vez poderia sonhar.

Aqui na academia tenho acesso ilimitado a roupas bonitas, joias, jantares chiques, um namorado giro, já para não falar em poder *viajar no tempo*. Tudo isto é incrível e quase como poder viver dentro de um conto de fadas. Um em que nunca podes sair do castelo, a não ser que estejas a fazer um Salto, e mesmo assim tens de roubar coisas para o Arthur.

— Tasha... fala comigo. — O Braxton afaga-me o rosto e beija-me na testa e no nariz. — Diz-me o que estás a pensar. Porque estás

preocupada?

Afasto-me, encosto-me a um monte de almofadas e olho fixamente para o anel de ouro na minha mão, subitamente assoberbada pela enormidade do que representa, do que me tornei.

Quero dizer-lhe que fico assustada com a facilidade dele em aceitar as ordens do Arthur de ir buscar um novo recruta.

Quero dizer-lhe que é errado — que ele devia recusar-se a fazê-lo.

Mas não digo nada disso.

Em parte, porque ainda ontem fui contra o conselho do Braxton e roubei joias a mando do Arthur, por isso não tenho grande moral para falar.

Mas principalmente porque o Braxton já percebeu a expressão acusatória no meu rosto e não vale a pena esfregar sal na ferida.

— Já desisti de fazer frente ao Arthur há muito tempo — confessa ele, a voz a competir com o som da chuva a bater contra o vidro da janela. Lembro-me do que o Jago disse quando me avisou sobre quebrar as regras. *Não te serve de nada lutar contra algo que é impossível ganhar.*

Também falou sobre nunca perder a noção do valor próprio, porque quanto mais eles investem, mas relutantes ficam em perderte.

Será que é isso que o Braxton está a fazer? A investir no valor dele aqui?

— É uma vida numa gaiola dourada — reconhece o Braxton, com um olhar triste. Parte-me o coração saber que fui eu que o pus assim. — Fazemos o que nos mandam e obtemos as recompensas que nos são possíveis obter. — Ele suspira. — Durante muito tempo, tentei convencer-me de que isso bastava.

Fico a refletir nas palavras dele. Acabou de se abrir uma porta, tenho de decidir se dou um passo em frente. Inspiro fundo, expiro e digo:

— O que aconteceu mesmo entre ti e a Elodie?



Capítulo 91

Observo o Braxton com atenção, mas tudo o que vejo é um ar triste a espalhar-se pelo seu rosto.

— Por favor, não desvalorizes — peço-lhe — nem me digas para não me preocupar com isso. Responde à minha pergunta, de uma vez por todas. Tenho o direito de saber o que me espera.

Ele passa uma mão pelo cabelo. Mas não começa a girar o anel, o que me deixa aliviada.

— Não tens de *estar à espera* de nada — responde ele, por fim.

— Isso já acabou há meses.

— Para ti, talvez tenha acabado, mas, para ela, não tenho tanta certeza.

— Tasha...

Tento perceber para onde o Braxton está a olhar. Vejo a coleção de quadros em molduras douradas penduradas na parede. Não me lembro dos nomes de todos os pintores, mas os quadros são naquele estilo dos grandes mestres da pintura — vívidos, altamente detalhados e de natureza bíblica representando pessoas cujos rostos, carregados tanto de dor como de prazer, simbolizam a luta entre os prazeres terrenos e a harmonia espiritual. Há um quadro que se destaca dos restantes.

— *Narciso*, de Caravaggio — diz o Braxton. Tendo em conta a expressão que faz quando me vê a observar o quadro, esta peça deve ser a mais importante deste quarto.

Retrata um belo rapaz a ver o seu reflexo na água. Tudo à sua volta é escuro, encolhendo efetivamente a realidade dele até à sua imagem na água.

É lindíssima, mas melancólica, tal como o Braxton. Questiono-me se esta pintura funciona como uma espécie de aviso para aqueles que se perdem nas futilidades do mundo.

— Olha — recomeça o Braxton —, só há uma coisa de que não te podes esquecer acerca da Elodie: ela apenas é leal a si mesma.

— E ao Arthur?

Ele faz uma pausa para refletir.

— Talvez. Mas mais do que isso, não. E arrependo-me de alguma vez me ter envolvido com ela. Para ela, não passou de um jogo.

— E para ti, significou alguma coisa? — Inspiro rapidamente, sem saber bem se quero ouvir a resposta dele.

— Não — responde ele rapidamente. Talvez um pouco rápido de mais? — Ou pelo menos não da forma que estás a pensar. Ouve, considero-me um tipo leal e... não sei bem o que queres que diga.

— E quando fazes um Salto? — pergunto. — Também és leal?

O Braxton deixa-se cair para trás, em cima de um monte de almofadas, e olha para o teto.

— Vamos mesmo fazer isto agora?

Levo uma das almofadas de seda ao peito e puxo a franja dos lados da almofada.

— Estou apenas curiosa por saber com quantas princesas e condessas já foste para a cama — digo. Sinto-me uma tonta carente, embaraçosamente minúscula. Mas na noite passada dei-lhe um pedaço do meu coração e quero saber que está seguro.

— Tasha... — O Braxton estende o braço, a mão dele pousa na minha anca. — Esta conversa não vai levar a lado nenhum.

— Mas tu sabes tudo sobre mim! Pesquisaste tudo acerca de mim, observaste-me, estudaste-me, passaste horas a ver as minhas redes sociais... E eu não sei praticamente nada sobre ti.

— Sabes muitas coisas sobre mim — diz ele, soltando um suspiro. Percebo que esta conversa está a deixá-lo incomodado.

— Sei que tens sido muito simpático comigo, mas, além de uma ou outra coisa que me contaste sobre o teu passado, não...

— O que queres saber? — Ele senta-se abruptamente e abre os braços. — Tens a tua oportunidade. Pergunta-me o que quiseres.

— Como é que alguém como tu andou com alguém como a Elodie?

Ele olha para mim durante alguns segundos sem dizer nada.

— É este sítio — responde ele, por fim. — Esta academia mudamos. E durante muito tempo, fui uma pessoa diferente. Mas estou a tentar voltar a ser a pessoa que era.

Ouve-se um ruidoso trovão.

O Braxton puxa-me para ele e beija-me, e eu tento esquecer-me de todas as coisas do passado e focar-me no presente.



Capítulo 92

A casa de banho dele é ainda maior do que a minha.

Quando acabamos de tomar banho, ele empresta-me umas calças de fato de treino e uma *T-shirt* cinzenta, para que não tenha de voltar para o meu quarto vestida com a roupa de ontem à noite.

Assim que se vira de costas, levo a *T-shirt* dele ao rosto e inspiro fundo. O aroma que sinto é fresco e limpo, tal como eu esperava. Mas também tem uma nota do calor que apenas associo a ele. O que me faz decidir que a partir de agora só vou dormir com esta *T-shirt* até ele voltar.

— Não são propriamente as peças de alta costura a que estás habituada — brinca ele, sorrindo. — Mas pelo menos dá para voltares ao teu quarto sem te fazerem perguntas.

— A caminhada da vergonha? Aqui, em Gray Wolf? Porque é que alguém haveria de se importar — digo, a rir. Mas logo a seguir penso que não tem assim tanta piada, porque é exatamente o tipo de coisa que a Elodie usaria contra mim se descobrisse. — E sapatos? Tens por aí alguns de tamanho 37? — Começo a vasculhar o roupeiro dele e pego numas botas pretas que estão cobertas em pó e sujidade de um século. — Posso usar estas botas? São claramente pequenas de mais para ti, por isso, talvez me sirvam.

Ele retira umas calças de ganga lavadas de um cabide e vira-se para mim. Ao ver as botas em que peguei, fica branco como cal. Em meio segundo, atravessa o quarto e arranca-me as botas da mão.

— Estas, não — diz ele, atirando-as novamente para o fundo do roupeiro. Tendo em conta a forma como o roupeiro dele está tão bem organizado, com um lugar para tudo e tudo no seu lugar, é estranho que tenha atirado as botas assim de qualquer maneira e para um sítio onde claramente não pertencem.

Olho para ele, confusa, com a sensação de que, inadvertidamente, toquei num assunto que não deveria ter tocado.

— Estava só a brincar — digo, a voz meia a tremer. — Não queria...

— Eu sei — desvaloriza ele. — É só que, da última vez que usei essas botas... — Ele passa uma mão no queixo. — Não sei, lembram-me de algo que aconteceu há muito tempo e em que não me apetece pensar.

— Então, porque é que ainda as tens? — pergunto.

— Porque não me posso dar ao luxo de me esquecer — replica ele, com um ar atormentado.

Ele veste as calças de ganga e eu vejo a tatuagem de um círculo dentro de um círculo no braço dele.

— O que é isso? — interrogo, gesticulando para a tatuagem. — O que significa? Era para te ter perguntado ontem à noite, mas distraí-me com outras coisas.

A última parte da frase foi dita em tom de brincadeira, no sentido de aligeirar o ambiente. Mas parece ter o efeito oposto, pois percebo que o corpo do Braxton fica tenso.

— É uma daquelas tatuagens que nos arrependemos de fazer — retorque ele, determinado. — É um resquício da minha juventude, quando era demasiado impulsivo.

— Parece não estar acabada. — Começo a aproximar-me dele, mas antes de conseguir ver melhor, ele veste rapidamente uma camisola.

— Durante a maior parte do tempo, até me esqueço de que a tenho — diz ele, ajustando as mangas da camisola. Posso estar a imaginar coisas, mas tenho a sensação de que está a tentar esconder a tatuagem propositadamente.

— Já reparaste que a tua pronúncia fica mesmo cerrada quando estás perante algo de que não queres falar?

— A sério? — solta ele, falando com uma pronúncia tão exage-

rada que parece que saiu diretamente de um romance de Charles Dickens. Isto faz com que ambos desatemos a rir.

— É mais um dos teus indícios reveladores.

A expressão do Braxton muda, fica mais tensa.

— E quais são os outros, diga lá, *se fizer o favor...* — Ao dizer a última parte da frase ele ri-se.

— Julgo não ser do meu interesse revelar isso — contraponho, começando a vestir-me.

Enrolo a cintura das calças de fato de treino para me ficarem a bater nas ancas, dou um nó na parte de trás da *T-shirt* para ficar mais justa e calço os saltos altos de ontem à noite. Quando termino, viro-me e encontro o Braxton encostado a uma cómoda, observando-me com um olhar melancólico no rosto.

— És mesmo linda — diz ele. — E inteligente, e amável e tão incrível que, às vezes... às vezes, nem sei a sorte que tenho por te ter conhecido.

Só de olhar para ele, percebo que está a dizer a verdade. E ainda que estejamos longe de dizermos “amo-te”, penso que um dia, talvez, chegaremos a esse ponto. Bem, *eu* espero chegar a esse ponto da relação. Quer dizer, nunca senti que amava alguém, por isso é difícil de imaginar.

— Até te acompanhava de volta ao quarto — comenta ele mas já estou atrasado.

— As minhas mais sinceras desculpas por te ter atrasado — reajo, em tom de brincadeira, batendo as pestanas de forma sedutora e inclinando a cabeça timidamente em direção ao emaranhado de almofadas e lençóis.

E resulta. Nesse momento, o Braxton puxa-me para os braços dele.

— Querida, por ti posso chegar sempre atrasado — diz ele, beijando-me de forma apaixonada. Beija-me com tal intensidade que já sinto saudades dele.

O Braxton suspira e pega numa mala para ele e num saco de pano da academia para eu levar o vestido.

Estou prestes a colocar o gancho de diamantes no saco quando me lembro de algo.

— Olha — digo, com o gancho na mão tenho uma ideia.

— Sim?

Ele percorre o quarto, guardando roupa e outras coisas dentro da mala.

— Já que vais lá fora, lembrei-me de que podias...

Ele olha para o gancho que tenho na mão e começa de imediato a abanar a cabeça.

— Nem sabes o que ia dizer! — observo, desapontada.

— Tu queres que eu dê isso a alguém. Mas isso nunca poderá acontecer, Tasha. E se estás a pensar na tua mãe, não te preocupes. Desde que continues cá, o Arthur irá sempre dar-lhe tudo aquilo de que ela necessita.

— Não era para a minha mãe.

— Então, era para quem? — Ele estreita os olhos, tentando determinar quem é que lhe poderia ter passado ao lado quando ele andou a investigar a minha vida.

— Era para o Mason. Nem me cheguei a despedir dele.

— Ah, pois — solta ele. — O teu melhor amigo, aquele que trabalhava contigo no café vegano.

— Uau — reajo. — Tu decoraste *mesmo* o ficheiro que compilaram sobre mim.

O Braxton encolhe os ombros.

— A resposta continua a ser não — persevera ele, retomando a missão de fazer a mala.

— Mas nem tinhas de o ir visitar — insisto, seguindo o Braxton da casa de banho para a cozinha, onde ele separa vitaminas e coloca-as numa caixinha de plástico, e depois para o quarto.

— Tanto melhor — diz ele. — Porque nem sequer vou para aqueles lados.

— Só te estava a pedir que enviasses isto por correio. Eu gostava de lhe dar uma oportunidade na vida. E se ele tivesse isto — teimo, mostrando o gancho —, podia vendê-lo e usar esse dinheiro para pagar a faculdade.

Ele empurra calças de ganga, camisolas, meias e cuecas para dentro da mala e depois fecha-a.

— Queres mesmo ajudar o teu amigo? — Quando ele se volta para mim, tem uma expressão sombria que eu nunca tinha visto. — Então, conforma-te com o facto de nunca mais o poderes contactar. Aconteça o que acontecer, percebeste?

Abate-se um silêncio entre nós. Não gostei nada do que ele acabou de dizer.

Ainda assim, não quero que se vá embora desta forma. Especialmente depois da noite maravilhosa que passámos juntos. Por isso, assinto, dou-lhe um beijo apaixonado e deixo-o acabar de fazer o que ele tem a fazer antes de ir embora.

Mas ao sair do quarto, deixo o gancho e um bilhete para o Mason, juntamente com o papel com a morada para onde o Braxton o pode enviar.

Ao voltar para o quarto, estou certa de que ele tomará a melhor decisão.



Capítulo 93

De acordo com as informações no meu *tablet*, hoje posso passar o dia como quiser. Nem sei muito bem o que hei de fazer, já que é o primeiro dia livre que tenho desde que aqui estou.

Desde que cheguei, tenho aproveitado os fins de semana para estudar, de forma a conseguir avançar o mais possível. O que significa que nunca fui à noite de cinema, em que o Arthur passa filmes que ainda nem foram tornados públicos; nem às festas de praia, em que todos vão para a piscina interior que faz ondas que até se podem surfar; nem à sala de jogos, na qual, supostamente, existem todo o tipo de videojogos e de aparelhos de realidade virtual que são tão avançados que nem existem no mercado normal; nem ao *spa*, onde, de acordo com o meu *tablet*, posso marcar um tratamento facial, uma massagem ou um tratamento na sala de crioterapia.

Decido ir ao *spa*. Ao entrar no meu quarto, a primeira coisa que vejo é uma pilha de camisolas azuis em cima da mesa. E quando dou por mim, estou de joelhos e tenho os olhos marejados de lágrimas. Geralmente, limpo-as assim que tocam no meu nariz. Mas hoje não tenho vergonha de chorar, e deixo as lágrimas caírem livremente, pois sinto que mereço esta vitória.

Isto significa muito mais do que passar a comer acompanhada. Quer dizer, é fixe poder estar com outras pessoas ao almoço e ao jantar, mas agora choro porque há tanto tempo que não ousava ser bem-sucedida em algo que parte de mim temia já não o conseguir fazer.

Com a mão a tremer, pego no envelope que está em cima do

monte de camisolas. Dentro do envelope está uma nota do Arthur, escrita a tinta preta, que diz:

Parabéns.

— A,B.

Passo um dedo sobre a mensagem, lágrimas a correrem-me pelas faces. Estou feliz por estar sozinha, feliz por ninguém nunca vir a saber o quanto isto significa para mim.

Ponha a nota para o lado, pego numa das camisolas, visto-a e vou ver-me ao espelho.

No meu reflexo, vejo uma rapariga que chegou a Azul, com um belo talismã ao pescoço, um anel de ouro no dedo e um ar apaixonado — de quem tem um novo namorado.

E apesar de ainda ter cabelo castanho, olhos verdes e 1,55 m sem saltos, a rapariga que vejo diante de mim é completamente diferente de outrora.

Todas aquelas aulas funcionaram. E ainda que me tenham mudado para melhor, e que eu esteja mais confiante do que nunca, questiono-me sobre o que irá acontecer agora. Estive tão focada em tornar-me Azul que nem pensei em mais nada.

Quer dizer, é só isto? Fico aqui fechada nesta gaiola dourada a Saltar e a saltar para o Arthur até que apareça alguém mais novo e eu seja remetida aos trabalhos de apoio? Será que *algum dia* conseguirei ir embora?

Ou será que a Ilha Gray Wolf está destinada a ser não só o meu presente, mas também o meu futuro?

Os *Artful Dodgers* do Arthur. As palavras saem suavemente dos meus lábios para o quarto luxuoso — os móveis antigos, o candela-bro requintado, os tapetes tecidos à mão e as paredes vazias.

É suposto eu roubar os quadros para o meu quarto? Foi assim que o Braxton e a Elodie conseguiram aquelas impressionantes coleções nos quartos deles?

Volto a olhar para o meu reflexo no espelho.

Desde que fique na academia, o Arthur vai ajudar a minha mãe. E quando o Mason receber o gancho de diamantes, posso ficar descansada por também o ter ajudado. Se este for o preço que tenho

a pagar por ajudar as pessoas que amo, então estou disposta a fazê-lo. Apesar dos avisos do Braxton, nunca deixarei que Gray Wolf me mude para o pior.

Dispo a camisola, dobro-a e volto a colocá-la no cimo do monte. Depois vou ao roupeiro procurar um biquíni, uma túnica e uns chinelos. Acho que ir ao *spa* e à praia da academia vai fazer-me bem.

Como os meus dias aqui são tão preenchidos, ainda não tive tempo de remexer em todas as gavetas e prateleiras. Vejo uma túnica bonita pendurada no roupeiro e depois abro uma gaveta para ver se encontro um biquíni. Abro a gaveta com demasiada força, ela desencaixa-se e um monte de pequenos papéis voam pelo ar.

Olho para os papéis no chão. Tendo em conta onde estavam guardados, parece-me que alguém se deu ao trabalho de os esconder, o que me aguça a curiosidade.

Ajoelho-me no tapete persa macio e começo a observar os papéis com atenção. As notas têm datas, por isso organizo-as por ordem à minha frente.

08/02

Mas que raio de sítio é este!? Obrigam-me a comer sozinha! O raio da Estrada da Quarta Dimensão?! Alguém me tire daqui, *por favor!!!*

12/02

A citação inspiradora de hoje: Sem Lama, Não Há Lotus.
Estão a gozar comigo, certo?

19/02

Objetivo: chegar a Azul a todo o custo. Já não aguento continuar a comer sozinha.

15/03

Sobrevivi à praxe deles. Que raio se passa com estas pessoas? Porque é que fazem tudo o que a Elodie manda? Não percebem que ela só tem poder porque eles alinham em tudo? E por que raio voltei a fazer a mesma escolha? OK, esta última parte é treta. Eu sei

porque voltei a fazer a mesma escolha — o que tenho lá fora à minha espera é muito pior do que tenho aqui dentro.

16/03

Equipa Amarela. *Pff*, ou isso. O que tenho de fazer para conseguir chegar a Azul?!

18/03

A Elodie quer tramar-me. Não tenho provas, mas acho que tem algo que ver com o Braxton me ter convidado para jantar com ele. Ele até é fixe, mas não é bem para o meu gosto. Ah, e tenho a certeza de que estou a ser vigiada. Quando comentei isso com a Song, ela disse que estava a ser paranoica. Pelo sim, pelo não, vou começar a esconder estas notas.

02/04

A Song é a minha única amiga a sério aqui. Acho que estou apaixonada por ela. Às vezes, acho que se calhar apenas nos sentimos sós e que no mundo lá fora nunca iríamos acabar juntas. Mas o mundo lá fora já não existe para mim. Quanto mais rápido me esquecer dele, melhor.

12/05

Há algo que a Song não me quer dizer. Não sei se é para me proteger ou se é para se proteger. Eles disfarçam bem, com aquelas roupas chiques, a fingir que são muito bem-educados... Mas eu sei que não posso confiar em ninguém. Eles só querem saber deles mesmos. É como sermos nobres na corte — passamos a vida a dar graxa ao rei Arthur, tentando que ele goste de nós.

28/06

Viagens no tempo?

A sério?! Devem estar a brincar...! Afinal, não eram só simulações. Estão a gozar comigo?

30/06

Amanhã, vou Saltar. Espero mesmo conseguir voltar.

31/06

Certo, foi incrível. O Braxton desapareceu durante algum tempo e depois apanhei-o a tentar curtir com uma condessa muito gata (ainda bem que a Elodie não viu!). Mas consegui regressar e, para ser sincera, mal posso esperar por Saltar outra vez!

01/07

Sou oficialmente Azul!

12/08

Afinal, as coisas não são assim tão más aqui e o Arthur anda contente com os meus esforços. Eu e a Song estamos apaixonadas. Sou muito amiga do Finn e do Oliver, e a minha vida é muito melhor do que era antes, por isso está na altura de deixar de escrever estas notas tristes e de me concentrar na minha vida aqui. É engraçado perceber que demorou mais do que pensava até chegar a este ponto, mas menos do que esperava.

São 13 notas que mostram por ordem cronológica e com precisão como é ser novato na academia.

Mas a questão é: Se ela decidiu que, afinal, nem era assim tão mau estar aqui, então onde é que ela está?

A última nota tem data de 12 de agosto. Em setembro, a Elodie era a aluna nova da minha escola, à procura de uma nova recruta.

Será que vim substituir esta miúda? E se for esse o caso, estaria a Song a referir-se a isso, naquela noite no farol, quando disse que a única razão pela qual eu estava cá era por causa de uma vaga repentina?

Pego em todas as notas e enfio-as novamente no envelope. Depois, procuro o biquíni e os chinelos, e sigo para o *spa*.

Pelo caminho, paro na porta roxa no meu corredor.



Capítulo 94

A Song surge à porta do quarto com ar de quem acaba de acordar.

— Olá, Natasha — saúda ela. — Que se passa?

Está de robe e não quero fazer-me de convidada, mas acho que é o género de coisa que é melhor falar à porta fechada.

— Posso falar contigo? — pergunto. — Aí dentro?

Após hesitar por uns segundos, a Song gesticula para eu entrar. A primeira coisa em que reparo é que o quarto dela não é tão bonito quanto o da Elodie, mas também não é tão básico como o meu.

Ela apanha-me a olhar para as obras de arte penduradas na parede.

— Ah, ainda não foste à Caixa-Forte, pois não? Não te preocupes, hás de ir.

— À Caixa-Forte?

Sigo-a para dentro do quarto e sento-me num divã com padrão de leopardo.

— Sempre que um de nós tem um Salto bem-sucedido, e por bem-sucedido refiro-me a conseguir regressar com uma Aquisição particularmente difícil ou arranjar algo que surpreenda o Arthur, ele deixa-nos escolher uma obra da coleção particular de arte dele na Caixa-Forte. E depois podemos levar essa peça para os nossos quartos.

— Estás a dizer que aquelas obras de arte nos quartos da Elodie

e do Braxton foram escolhidas por eles?

A Song abraça uma almofada cor-de-rosa e assente.

Penso na coleção da Elodie — é enorme, impressionante. Tem uma mistura de obras de arte contemporâneas e clássicas que são mesmo a cara dela, tendo em conta que a vida dela é dividida entre o presente e o passado.

A coleção do Braxton é mais sombria e épica, tanto em termos de História como de escala. É uma coleção de corpos contorcidos e rostos distorcidos que representam a dor dos seres humanos, tentando alcançar o divino, mas nunca conseguindo.

No quarto da Song há um quadro que ocupa quase toda a parede.

— Tendo em conta o quanto gostas de arte, acho mesmo que vais gostar de ir à Caixa-Forte — diz ela.

— Como é que sabes que gosto de arte? — Não me lembro de ter mencionado isso nas noites que passámos juntas na Sala Outono. Aliás, não me lembro de ter falado grande coisa sobre mim, nenhum de nós falava. Aqui, na academia, se não estivermos a viajar para o passado, tentamos focar-nos no presente.

— É uma das razões por que estás aqui — revela ela. — É uma das razões por que todos estamos aqui. O Arthur gosta de pessoas com um sentido de estética refinado.

— Não sei bem se o meu sentido de estética se poderá considerar refinado — replico. — Quando cá cheguei, vestia uma camisola de capuz, sapatilhas e um vestido que a Elodie me comprou por cima de umas calças de fato de treino que o Braxton me emprestou.

— Refiro-me a um gosto profundo por tudo o que é belo. A um gosto profundo pela verdadeira beleza. Sentir algo no nosso âmago quando vemos uma obra de arte particularmente incrível que faz com que queiramos entrar dentro dessa paisagem, das páginas desse livro ou até das notas dessa música, de forma a podermos conhecer melhor a obra, talvez até viver dentro dela. Eu sei que já sentiste isso, senão não estarias aqui. Eles não pretendem apenas encontrar adolescentes problemáticos, é mais do que isso. O Arthur não tolera nada que considere vulgar. Por isso é que odeia redes sociais. A maioria destes magnatas da tecnologia odeiam redes sociais. Mas o

Arthur acha que os *feeds* altamente selecionados que vemos nas redes nos estão a transformar em clones. Toda a gente fala em ter o seu próprio estilo, a sua marca própria, mas o Arthur chama-lhe a Caca Própria.

Solto uma gargalhada.

— O Arthur é bastante cómico, na verdade. Demora algum tempo até conhecermos essa faceta dele. Seja como for, se vais tentar analisar-me através das obras que escolhi para o meu quarto, aviso-te já de que gosto de peças simples e diretas. Para coisas sombrias e misteriosas já me basta esta academia.

Olho novamente para o quadro. Não sei se classificaria aquela obra de Jackson Pollock como *simples*. O grau de inquietação emocional necessário para cobrir aquela enorme tela com múltiplas camadas de respingos parece-me bastante complexo. Mas se é assim que a Song se prefere ver, não me cabe dizer o contrário.

— Porque é que tenho a sensação de que não vieste aqui só para ver os meus lindos olhos? — interroga ela, olhando diretamente para mim.

— Encontrei uma coisa no meu quarto — revelo. — Algo que, acho, devia ficar para ti.

A Song fica claramente interessada. Atira o cabelo longo e escuro por cima do ombro e inclina-se na minha direção.

Entrego-lhe o envelope e observo-a atentamente, tentando perceber a primeira reação dela, antes que possa tentar camuflar o que sente. Mas não é isso que acontece. Assim que lê a primeira nota, lágrimas começam a correr-lhe pelo rosto.

— Onde encontraste isto? — sussurra ela, parecendo temer que alguém a ouça.

— Estava escondido atrás de uma gaveta.

— Leste as notas? Claro que leste. Eu faria o mesmo — diz ela, suspirando. — Ela chamava-se Anjou. Nós namorávamos. Eu amava-a. E todos os dias sinto a falta dela.

— O que aconteceu? — pergunto. Os dedos longos e esguios da Song folheiam o monte de notas.

Ela não responde, por isso volto a fazer a mesma pergunta. A Song limita-se a limpar os olhos, a guardar o envelope e a olhar

diretamente para mim.

— Não digas a ninguém que encontraste isto — aconselha ela, a voz em tom de aviso.



Capítulo 95

— O que aconteceu, Song? — repito, o meu estômago às voltas por a ver tão desconfortável. A forma como o robe ornamentado dela lhe assenta na figura esguia fá-la parecer tão nobre quanto frágil. O olhar dela é gélido, o que me leva a crer que em breve já não serei bem-vinda aqui.

— Promete-me que não contas a ninguém — suplica ela.

Assinto.

— Prometo — digo, olhando em redor do quarto. Pelo canto do olho vejo um pequeno livro com a capa em couro numa mesa ali perto. É uma visão tão inesperada que volto a olhar.

Quer dizer, posso estar errada, mas à primeira vista, parece-me o objeto que vi durante a Revelação.

Era o que a rapariga que apareceu e desapareceu no labirinto sob a minha janela levava na mão.

Labirinto esse que nem existe na versão atual da academia. Mas certamente existiu no passado, pois se não tivesse existido, eu nunca o teria visto.

A capa do livro tem um símbolo. *Será um pentagrama ou outro símbolo diferente?* Não consigo perceber bem do sítio onde estou.

Começo a levantar-me, para ver mais de perto, quando a Song diz:

— Queres um conselho?

Volto a sentar-me.

— Tens de ter mais cuidado — adverte ela.

— Não sei bem o que queres dizer com isso... — Inclino-me na direção dela, pois preciso de saber mais, ainda que não goste do que poderá dizer.

A Song encosta a mão ao peito e agarra no talismã verde-mar que tem ao pescoço.

— Nós trabalhamos tanto para chegar a Azul — sussurra ela. — Especialmente por ser tão solitário quando ainda somos Verdes ou Amarelos. Mas assim que conseguimos alcançar esse objetivo, assim que conseguimos ser um ADA e arranjar amigos que juram defender-nos a todo o custo, é possível desaparecer sem deixar rasto e ninguém, nenhuma dessas pessoas, vai à nossa procura.

— Foi isso o que... — Fico com a boca tão seca que preciso de clarear a garganta para conseguir falar. — Song, foi isso o que aconteceu à Anjou? Ela simplesmente... desapareceu?



Capítulo 96

— Segundo a Roxane, a Anjou pediu para ir para casa. — A Song tem uma expressão de raiva no rosto, mas os olhos repletos de lágrimas. — Para *casa*. — Ela abana a cabeça. — É suposto eu acreditar nisso?!

— Mas então... não achas que isso é verdade?

A Song fecha os olhos por uns segundos, antes de dizer:

— Achas mesmo que isso seria possível? Achas mesmo que o Arthur deixaria qualquer um de nós ir embora? Acreditas mesmo nisso?

— Não sei — respondo. — A Roxane não saiu para ir estudar Cinema?

— Foi isso que ela te disse? — A Song revira os olhos. — Olha, há uma razão para este sítio ser no meio do nada. É porque o Arthur não se pode dar ao luxo de que alguém fora de Gray Wolf saiba o que realmente acontece aqui. Imaginas o que aconteceria se o mundo lá fora descobrisse que as viagens no tempo existem mesmo? Iria perturbar o equilíbrio existente e seria o caos. Já para não falar nas pessoas que tentariam explorar isto.

Solto um longo suspiro. Tento sempre nem pensar nisso, no enorme segredo que o Arthur quer que guardemos.

— E como é que temos a certeza de que o *Arthur* não explora isto?

A Song olha para mim com um ar alarmado, como se tivesse acabado de dizer algo estritamente proibido.

— Quer dizer, tem de haver mais história aqui do que apenas roubar joias e arte...

A Song interrompe-me.

— Se há, não sei nem nunca vi. O Arthur é culpado de ser um maluquinho por História, mas nunca vi nada que me fizesse crer que ele estaria disposto a mudar o rumo da História. — As palavras são perentórias e, apesar de não acreditar completamente naquilo, percebo que não vale a pena insistir. — Seja como for, quem está aqui na academia está aqui para sempre. Estamos a cumprir pena perpétua. Bem, pelo menos os sortudos estão. Os que não desaparecem.

— *Desaparecem?* — Fico feliz por estar sentada, pois tenho as pernas a tremer como varas verdes.

Lembro-me de algo que a Elodie disse há tempos: *Com alguma sorte, ficarás connosco por muito tempo.*

Naquela altura, não fazia ideia do que ela queria dizer. E acho que continuo sem saber.

A Song limita-se a encolher os ombros. E apesar de não me parecer propriamente recetiva a perguntas, tenho de tentar.

— Mas *como* é que ela desapareceu mesmo? Pelo que tenho visto, não há propriamente forma de fugir desta ilha. Pelo menos, a não ser que o Arthur deixe, não há.

Ela encolhe os ombros.

— A Anjou desapareceu da mesma forma que a maioria das pessoas aqui desaparece. — Olha para mim de uma maneira que me deixa a barriga a andar às voltas. — Foi fazer um Salto e nunca mais voltou.

Fico toda arrepiada só de pensar na Anjou perdida numa época a que não pertence. Depois lembro-me de que eu própria quase fiquei presa em 1745 e o meu corpo enregela.

É fácil de acontecer. Demasiado fácil.

— Ainda assim, deve haver algo que possamos fazer... — insisto, mas tenho consciência de que ninguém vai fazer nada. Foi o que aconteceu quando o parceiro de Salto da Elodie desapareceu e quem sabe quantos mais.

— Nem sei para onde é que ela foi. Ninguém sabe, exceto as pessoas que trabalham na sala de controlo. E acredita que já tentei sa-

car-lhes essa informação, mas ninguém diz nada.

Tenho o estômago às voltas. Não me sentia tão assustada desde a noite em que cá cheguei.

— Lamento imenso — digo, sabendo como é inadequado dizer isso, mas sem ter ideia do que mais possa dizer. Olho nervosamente em redor do quarto e vejo novamente o livro da capa em couro. — Posso... posso ver aquele livro? — pergunto.

A Song inclina a cabeça para o lado e olha-me de cima a baixo, tentando determinar se pode confiar em mim.

— Noutro dia — responde ela. Depois, do nada, diz: — Para que saibas, a magia foi sempre a moeda de troca dos oprimidos. — Esboça um sorriso sério e põe-se de pé, o que assinala o fim da nossa conversa. — Estava a falar a sério quando te pedi que prometteses não dizer nada a ninguém. Não podes contar que encontraste essas notas nem nada do que partilhei contigo.

Levanto-me — espero que as minhas pernas me levem até à porta, pois estou a tremer por todos os lados.

— Dou-te a minha palavra, Song — prometo, reparando que ela ainda não tocou no leitor de impressões digitais para me abrir a porta.

Espreito por cima do ombro dela e tento ver novamente o livro. Mas a Song dá um passo para o lado e fico com a nítida sensação de que me está a obstruir a linha de visão de propósito.

— E quando digo “ninguém”, refiro-me também ao Braxton — acrescenta ela, olhando fixamente para mim.

Semicerro os olhos, sem saber bem o que ela quer dizer.

— Não quero que lhe contes nada disto.

— Está bem — concordo, encolhendo os ombros. — Não sei bem porque é que ele poderia interessar-se por isso, mas...

— Se pensares bem, não conheces o Braxton, pois não? — diz ela, com um ligeiro tremer do queixo que me deixa inquieta.

Olho para a porta e depois novamente para a Song. Estou a começar a arrepender-me de ter vindo aqui.

— Na verdade, não conheces ninguém aqui. Estás cá há pouco tempo, ainda não ouviste metade da história.

História? Que história?

— Talvez me possas contar?

Ela morde o lábio, tentando decidir o que responder. Depois de uns segundos, diz:

— Falamos mais tarde. Em breve, está bem? Quero contar-te uma coisa. Mas hoje, não.

— Sabes onde me encontrar — digo, encolhendo os ombros.

Se eu também não desaparecer entretanto, claro.

A Song encosta o polegar ao leitor e a porta abre-se. Vou já a meio do corredor quando a Song chama por mim. Viro-me para trás, com um ar assustado. Mas ela limita-se a sorrir e diz:

— Obrigada.



Capítulo 97

A semana seguinte passa a correr.

Os meus dias são ocupados com as aulas e faço as refeições com os meus colegas Azuis. Mas as noites parecem não ter fim sem o Braxton por perto.

Tenho saudades dos beijos dele, de o ouvir a sussurrar o meu nome.

Tenho saudades de o sentir a abraçar-me, do corpo dele junto ao meu.

E não faço ideia de quando vai voltar, de quando poderemos retomar essa parte da nossa vida.

Solto um suspiro ao ouvir o meu *tablet* a tocar uma peça de Chopin. Geralmente, assim que saio da Sala Outono, e de junto dos meus amigos, rumo ao silêncio do meu quarto, começo a sentir-me só.

Só que esta noite é diferente. Quando saímos da sala de jantar para o corredor, recebo uma mensagem no meu *tablet*. Surpreendendo-me, a mensagem é do Arthur.

AB: Tenho uma surpresa para ti. Segue a seta.

Normalmente, as surpresas são coisas boas. Mas uma surpresa vinda do Arthur pode significar que ele quer finalmente reunir-se comigo para falar do meu Salto. E se for isso, não faço ideia do que esperar.

— Vens para cima? — pergunta o Oliver. A Song, o Finn, o Jago e a Elodie já vão a caminho dos quartos.

Abano a cabeça e vou ter com o Arthur. Ele está sentado num daqueles carrinhos elétricos que usam para se deslocar pelo complexo.

O Arthur faz sinal para me sentar ao lado dele e depois conduz por uma série de corredores em silêncio total, o que me deixa extremamente ansiosa. Quando, por fim, estaciona ao lado dos elevadores, tenho os joelhos a tremer.

— Estás nervosa — observa ele, com ar divertido. O Arthur gesticula para o elevador e começamos a descer para as profundezas da academia.

Assim que as portas do elevador se abrem, avançamos por um corredor curto e escuro. No final do corredor, ele para e olha para mim.

— Estás pronta? — pergunta.

Só consigo encolher os ombros. Estou prestes a começar a hiperventilar e até tenho medo de falar.

— Bem-vinda à Caixa-Forte!

Ele carrega num botão e as pesadas portas em metal abrem-se. O que vejo à minha frente é tão impressionante que fico literalmente de queixo caído.

— Anda lá, entra! Aproveita! — incentiva ele com um grande sorriso. — Não há nada como a primeira vez aqui dentro.

Em termos simples, este museu mete todos os museus num bolso. É enorme, tem climatização controlada e está repleto das pinturas, esculturas, joias, cartas, artefactos e objetos históricos mais importantes e maravilhosos que o mundo alguma vez viu. Tento absorver tudo aquilo e fico com a sensação terrível de que todas aquelas peças são verdadeiras. Foram pessoas como eu, os Saltadores, os crononautas, que as trouxeram para aqui.

Subitamente, apercebo-me de que todas as peças que tenho visto por Gray Wolf não foram feitas por uma equipa altamente qualificada. Não, na verdade, o trabalho deles é copiar as mais incríveis obras de arte que existem e depois os Saltadores substituem-nas pelas verdadeiras.

— Pelo teu olhar, já sabes do que isto tudo se trata, certo? — A

voz do Arthur ecoa pela gigantesca sala.

Assinto. É a única coisa que consigo fazer. Quer dizer, que palavras podem ser adequadas quando alguém nos revela que os museus estão cheios de obras de arte falsas? As obras de arte verdadeiras estão todas aqui.

— Ficaste chocada — comenta ele, sem julgar. — É chocante, eu sei. Mas tens de perceber que a sociedade moderna não merece estas grandes obras de arte. Por que razão há de a *Mona Lisa* limitar-se a servir de pano de fundo para pessoas narcisistas obcecadas com *selfies*? É uma blasfémia rata-la com tal desrespeito! Quantas vezes já estiveste em frente a uma grande obra e ouves algum turista energúmeno a teu lado dizer “eu conseguia pintar isso!”?

O Arthur diz a palavra “turista” da mesma forma que aquelas beatas da igreja repetem uma asneira que ouviram.

Então, começa a focar-se em mim, o seu olhar meio tresloucado, como nunca o vi antes.

— Quero responder-lhes: “Não! Nunca serias capaz de pintar isso, nem de escrever aquilo, nem de desenhar aquilo, nem de compor aquela peça ou de filmar aquele filme. Nunca fizeste nada dessas coisas. E não é porque não tens tempo, como dizes, é porque não és genial, não tens inspiração, nem coragem, nem curiosidade, nem generosidade, nem criatividade suficientes para criar algo tão belo. Nunca fizeste a ti mesmo as perguntas que são necessárias fazer para criar algo assim.”

O Arthur faz uma pausa.

— Quando a sociedade vira as costas à verdadeira arte, em detrimento da busca da banalidade, então, não, não merecem poder visitar a obra-prima de da Vinci só porque estão de férias perto do Louvre e querem riscar esse objetivo de uma lista de coisas a fazer. O Leonardo da Vinci não se esforçou para que o seu trabalho fosse visto por grupos de turistas desordeiros que querem lá saber se viram a obra e só estão interessados em publicar fotos nas redes sociais para que todos saibam que eles *estiveram lá*. O da Vinci criou as obras para poder alcançar o divino, e quando vemos as obras dele com olhos de ver, também nós somos capazes de o alcançar.

Os olhos do Arthur enchem-se de lágrimas, mas ele não faz

nada para o esconder. Não tem vergonha nenhuma disso. Este homem é um verdadeiro apaixonado por tudo o que é belo. E embora eu saiba que é errado privar o mundo destas obras, consigo perceber o ponto de vista dele. Amar algo de forma tão apaixonada faz-nos ficar obsessivamente protetores.

— E agora — continua ele, colocando uma mão no meu ombro chegou a altura de eu assistir a algo que gosto muito de assistir: ver um dos meus alunos a escolher uma peça para o seu quarto.

Limito-me a olhar para ele, chocada, e o Arthur diz:

— Presumo que já ouviste falar destas visitas à Caixa-Forte.

— Sim, já. Mas eu...

— Não achas que mereces ser recompensada, é? — pergunta ele. Como sempre, a análise dele consegue desmascarar-me.

— Não concluí a tarefa — lembro-lhe, encolhendo os ombros.

— Estava quase a conseguir, mas... — Quando olho para o Arthur, ele está a observar-me fixamente e sinto a minha boca a ficar completamente seca e quase nem consigo acabar de falar. — Bem... não tive tempo.

— E as cartas? — interroga ele. — Reparei que voltaste sem elas.

— Fui confrontada e... — Respiro fundo e olho para o chão. — Perdi as cartas.

O Arthur observa-me com tal intensidade ardente que parece que vou entrar em combustão espontânea.

— Anda cá — diz ele, por fim. — Quero mostrar-te uma coisa.



Capítulo 98

O Arthur encaminha-me por filas intermináveis de obras magníficas de Picasso, Van Gogh, Matisse, O'Keefe, Botticelli, Kahlo, Miguel Ângelo, Rembrandt, Velázquez, entre outros, e depois para em frente a uma porta tão bem camuflada na parede que só a consigo ver quando estou diretamente à frente dela.

— Poucas pessoas na academia viram o que estás prestes a ver — revela ele. — Nenhum dos Azuis viu, isso é certo. Antes de continuarmos, tens de me prometer que não falas disto a absolutamente ninguém.

No pouco tempo que estive na Caixa-Forte, vi tantas obras-primas que até tenho a cabeça a andar à roda. Por isso, questiono-me o que poderá estar atrás desta porta.

Ainda assim, prometo não contar nada. A porta abre-se, as luzes ligam-se e o Arthur encaminha-me para uma vitrine no centro da sala.

— Apresento-te a obra mais valiosa da minha coleção: A Máquina de Anticítera.

Ele vira-se para mim, à espera que eu... sei lá, desate a bater palmas? Comece aos saltos de felicidade?

Em vez disso, mantenho-me imóvel, sem saber o que fazer, olhando para aqueles pedaços antigos de metal.

— Ah, mas então isto... — Tento procurar o tipo de resposta que mostre um grau adequado de interesse e esconda a minha confusão. — Isto... hum, é o original, então? O que significa que existe por aí

algures uma réplica falsa?

O Arthur franze o sobrolho e, tendo em conta que ele é um homem que raramente revela o que está a pensar, neste momento é claro que está desapontado.

— Achava mesmo que a ias reconhecer — diz ele.

Aproximo-me da vitrine, semicerro os olhos, mas apenas vejo um velho monte de...

Antes sequer de perceber o que está a acontecer, a minha mão encosta-se instintivamente ao vidro, fazendo com que pequenas meias cúpulas de neblina floresçam ao redor das pontas dos meus dedos. Como um filme em câmara lenta, observo os antigos fragmentos de metal a restaurarem-se à sua forma original.

A caixa é feita de madeira envernizada.

O mecanismo dentro da caixa brilha, tem mostradores e botões dourados, um conjunto de inscrições que não consigo decifrar e uma variedade de pedras e joias que representam diferentes planetas e estrelas.

A restauração é tão extraordinária e requintada que até me deixa sem fôlego.

Mas o mais surpreendente de tudo são todas as memórias que esta visão faz emergir. É como encontrar um antigo álbum de família e ver uma coleção de fotos desbotadas de tardes passadas com meu pai há muito esquecidas.

Estávamos os dois sentados de pernas cruzadas, inclinados sobre um monte de objetos espalhados no chão. O meu pai ensinava-me pacientemente a montar a Máquina de Anticítera que costumava ter guardada numa gaveta.

E depois dava-me pistas através das cartas de tarô para descobrir onde as peças da máquina estavam escondidas pela casa...

O mecanismo do meu pai era uma reprodução, claro, feita de plástico e pedaços de metal. Mas juntamente com o conjunto de cavalinhos de brincar que eu adorava, esta máquina era uma das coisas de que eu mais gostava. Provavelmente, adorava aquilo porque só podia brincar com ela nos dias em que a minha mãe não estava. Nesses dias, assim que o carro da minha mãe estava a sair da garagem, eu começava a pedir ao meu pai que fosse buscar o

secreto.

Apesar de não me lembrar de ele me ter dito que não podia brincar com aquilo, recordo-me de que ele tinha sempre um olhar triste no rosto ao ver-me montar e desmontar todas as peças.

Neste filme que agora passa na minha mente, vejo o meu pai, com um ar triste e uma bola dourada na mão, a dizer: “E esta peça? Diz-me tudo o que sabes sobre..

Nesse momento, ouço alguém a clarear a garganta ao meu lado. A memória desaparece.

E fico a olhar para os pedaços de metal antigos atrás do vidro grosso da vitrine.

Lembro-me demasiado tarde de que o Arthur esteve sempre a observar-me.



Capítulo 99

— Está tudo bem? — O Arthur inclina a cabeça para o lado, observando-me.

Pela forma como me olha, é evidente que já me desmascarou. Ainda assim, assinto e murmuro algo sobre ter ficado tonta por uns momentos.

Consigo logo perceber que não acredita. Mas, felizmente, seja por que razão for, ele quer avançar.

— A Máquina de Anticítera foi o primeiro computador análogo — conta ele. — Era usado para fazer previsões das posições astrológicas e dos eclipses com décadas de antecedência. Esteve perdido durante mais de dois mil anos até ser descoberto num barco naufragado perto da Ilha de Anticítera, na Grécia; daí o seu nome.

Olho para Arthur e depois para o artefacto. Já conhecia a história desta peça. O meu pai contou-ma há muito tempo. Ainda assim, não sei bem por que razão é uma das peças favoritas do Arthur. Quer dizer, sim, é extraordinária na sua forma original. Mas agora, nas condições em que está, não é assim lá muito impressionante.

— Muitas das suas peças continuam desaparecidas — prossegue ele. — As engrenagens de metal, as pedras que compunham os diferentes planetas, os mostradores... todas as peças que eram fundamentais para a máquina funcionar. Infelizmente, estão desaparecidas há séculos.

Penso em todas as pessoas que fazem parte da equipa de artesãos do Arthur. A solução para o problema dele parece-me óbvia.

— Mas então, porque não manda simplesmente reconstruir as peças? — pergunto.

O Arthur gesticula com a mão, rejeitando a ideia.

— Já tentámos, mas não é possível replicá-las. Só funciona com as peças verdadeiras. — Ele olha diretamente para mim, com um ar pensativo. — O meu sonho é restaurar a máquina. E é por isso que preciso de ti. Tu vais encontrar as peças e trazer-mas de volta. Tu és a única pessoa capaz de o fazer.

Levo uns segundos para absorver o que ele acabou de dizer, mas depois a minha barriga começa a andar às voltas e sinto suores frios a percorrerem-me o corpo.

— Afinal, a coisa de que o Arthur falava naquele almoço, a sua maior ambição, era isto... — Faço uma pausa, suficientemente longa para perceber a reação dele. Como sempre, a expressão do Arthur não revela absolutamente nada, mas sei que tenho razão. — Ainda assim, deve estar a brincar! — exclamo, arrependendo-me de imediato de ter dito aquilo. Ninguém fala com o Arthur Blackstone desta forma. Mas como não posso retirar o que disse, tento explicar-me melhor. — O que eu quero dizer é...

O Arthur faz-me sinal para parar de falar.

— Não, não estou a brincar. Estou a falar muito a sério. E não tenho dúvidas de que vais conseguir. Mas agora quero que me contes sobre a pessoa que te confrontou em Versalhes.

Sem perceber muito bem o que esse episódio tem que ver com tudo isto, faço um resumo do que aconteceu com o jardineiro e o quão próxima estive de não conseguir voltar. Quando acabo de contar a história, o Arthur parece bastante satisfeito.

— E é por isso que achas que falhaste a missão?

Observo-o, sem perceber o que ele quer dizer.

— Bem, não consegui trazer a Aquisição e...

— Mas tu nem sabias o que a Aquisição era, certo?

Ele tem razão, embora esteja disposta a apostar que era uma das peças desaparecidas do tal mecanismo.

— Tendo em conta o teu “encontro imediato”, diria que estiveste bem mais próxima do que pensas.

Ele observa-me em silêncio durante vários segundos e eu, sem

saber o que fazer, olho para a Máquina de Anticítera.

— Não percebo porque é que isto é tão importante para si — comento. — Deve haver uma forma mais fácil de cartografar as estrelas. Há alguma coisa que eu ainda não esteja a perceber?

O Arthur oferece-me um daqueles sorrisos que as pessoas fazem quando veem animais de estimação ou crianças pequenas.

— Pelos vistos, a Máquina de Anticítera é muito mais complexa do que os estudiosos achavam inicialmente. Contém um grande poder. É o meio para o mundo alcançar o seu potencial máximo. Mas, infelizmente, desde que foi criada, há um grupo de idiotas incultos, como o homem com quem te encontraste em Versalhes, que estão empenhados em destruí-la. É por isso que há tantas partes do mecanismo escondidas.

Olho novamente para aquele antigo pedaço de metal e concluo que o Arthur deve estar imensamente entediado. Quer dizer, o que pode um multimilionário fazer depois de já ter viajado pelo tempo a roubar os maiores tesouros do mundo? Em vez de ir jogar golfe, como qualquer outro velho rico, decidiu completar o quebra-cabeças mais difícil de sempre e agora precisa de mim para encontrar todas as peças e poder gritar vitória.

— Mas por que razão me enviou para Versalhes? Porque não viajar dois mil anos para ir roubar o mecanismo completo?

O Arthur parece estar divertido.

— Porque viajar no tempo requer imensa energia e quanto mais longe viajarmos, mais energia é necessária. Gosto de usar a analogia do elástico de borracha: se o esticarmos demasiado, ele parte-se. E, para já, ainda não conseguimos viajar mais de 800 anos para trás sem que o elástico se parta. Ou, no nosso caso, sem desaparecermos. É óbvio que andamos a tentar resolver essa questão. Mas neste momento, a solução não está para breve.

Acho que deixei de ouvir quando ele disse a palavra “desaparecemos”.



Capítulo 100

O Arthur olha fixamente para mim.

— A minha equipa Azul é composta por pessoas extremamente talentosas — prossegue ele, distraíndo-me de algo em que prefiro nem pensar. — Ainda assim, és a única com quem posso contar para realizar esta tarefa. E isto aqui. — Ele abre uma gaveta por baixo da vitrine e pega num pergaminho antigo. — Isto vai ajudar-te a encontrar as peças desaparecidas.

Olho para o desenho detalhado de oceanos e continentes, com uma série de símbolos dispostos de forma aparentemente aleatória, embora me pareça que não há nada de aleatório nisto.

— Isto não é um mapa qualquer — revela o Arthur. — Isto é o mapa, o mesmo que Cristóvão Colombo usou na sua viagem para atravessar o Oceano Atlântico. Foi criado por um cartógrafo alemão, Henricus Martellus, em 1491. Estes símbolos são como placas de sinalização para encontrar as peças desaparecidas. O mapa também contém texto escondido que ainda andamos a tentar decifrar. Para já, a maioria continua ilegível.

Apesar de o mapa ser realmente impressionante, não sei bem o que o Arthur espera que eu faça com ele. Como membro da Geração GPS, não faço a mínima ideia de como usar um mapa e não tenho problemas nenhuns em admitir isso.

O Arthur continua, decidido:

— Tu percebes estes símbolos, não percebes? Olha para eles e diz-me o que vês. Mas, por favor, foca-te apenas em França, para já.

Observo aquela secção do mapa por uns segundos. Algures nos arredores de Paris, existe um símbolo antigo de tarô para a carta da Morte, e como já a tinha conseguido decifrar em Versalhes, agora é fácil fazê-lo novamente.

— A carta da Morte pode significar tanto um fim como um novo começo, e tem uma ligação numerológica à carta do Imperador, que julgo estar ligada a Versalhes. Não só por ser a localização do palácio real, mas também por ser um símbolo de um novo começo. Além disso, o seu elemento é a água. — Paro de falar e olho para o Arthur. Está claramente interessado, por isso continuo. — O símbolo da carta do Eremita tem uma ligação astrológica a Saturno, que está relacionado com o deus titã Cronos, conhecido como o Deus do Tempo. E tendo em conta que o seu elemento é terra, suponho que a coisa que procuramos esteja escondida algures nos jardins do palácio.

— Extraordinário — solta o Arthur, olhando fixamente para mim.

— Mas calculo que já soubesse tudo isto. Não foi por isso que me mandou para lá?

Ele assente e responde:

— E, ainda assim, é quase doloroso admitir o tempo que demos a decifrar isso. Infelizmente, temos tido muitas pistas falsas que nos atrasaram imenso. Posso saber quem é que te ensinou tudo isto?

Foi o meu pai. Ao longo de uma mão-cheia de tardes, o meu pai ensinou-me coisas que na altura não me faziam sentido. E, por alguma estranha razão, agora essas memórias voltaram ao de cima, depois de estarem enterradas durante muitos anos nas profundezas da minha mente.

Limito-me a encolher os ombros e não lhe digo quem foi. Felizmente, o Arthur não insiste.

— Mas se já sabe tudo isto, então, para que precisa de mim?

É esta a pergunta para a qual preciso de resposta. O Arthur está sempre a dizer que eu tenho um dom. Mas ainda não me disse que tipo de dom tenho.

Ele lança-me um olhar inesperadamente sincero.

— Porque de todas as pessoas da academia, és a que está mais apta para encontrar as peças. Tu tens o tipo de visão necessária para conseguir realizar a tarefa — replica ele.

— Não tenho a certeza se... — começo, mas o Arthur levanta uma mão para que eu pare de falar.

— Não precisas de ter a certeza do que quer que seja — diz ele. — Deixa isso comigo. Só preciso que confies no que vês. Acho que ambos sabemos que a tua visão tem muito mais alcance do que estás disposta a admitir.

Mantenho-me em silêncio, quase sem conseguir respirar, quanto mais falar. Ainda assim, consigo dizer, por fim:

— Posso levar o mapa comigo?

O Arthur abana a cabeça.

— Já cometi esse erro antes. Era uma cópia, claro, mas emprestei-a e nunca mais voltou. Mas volta a observá-lo, se quiseseres.

Digo que não. Já vi o que tinha a ver. Mas há um detalhe óbvio que o Arthur deixou de fora.

— Vai dizer-me que tipo de peça procuro? É uma pedra, um pedaço de metal, um pedaço do armário desaparecido?

O Arthur está prestes a colocar o mapa dentro da gaveta e estaca.

— Como é que sabias do armário desaparecido? — pergunta ele.



Capítulo 101

Estou à frente do Arthur, com a barriga às voltas e o coração a bater desenfreadamente — que erro crasso acabo de cometer.

Falei no armário! E agora ele já sabe das Revelações e da minha capacidade de ver imagens do passado.

Ou talvez já soubesse isso.

Talvez se referisse a isso quando disse que a minha visão tinha mais alcance do que eu estava disposta a admitir.

Engulo em seco e, a custo, digo:

— O A— Arthur já tinha falado nisso. Já...

— Não — reage o Arthur, com um brilhozinho nos olhos. — Não tinha, não. — Ele vira-se de costas e coloca o mapa na gaveta. Depois, volta-se para mim: — Eu sei que vais saber qual é o objeto que procuro quando o vires.

Não sei bem se concordo com ele, mas já que não adianta tentar convencê-lo do contrário, faço-lhe a outra questão sobre a qual tenho estado a pensar.

— Vamos imaginar que até consigo encontrar essa peça e, eventualmente, o resto das peças que faltam. O que acontece depois disso? Já disse que a Máquina de Anticítera é o meio para o mundo alcançar o seu potencial máximo, mas não percebo o que isso significa. O que é que o Arthur planeia fazer com o mecanismo quando ele estiver completamente restaurado?

Por uns segundos, o Arthur parece olhar para o infinito.

Quando volta o rosto para mim, tem uma expressão meio desvairada.

— Vou refazer o mundo — responde ele, como se estivesse a dizer algo completamente óbvio.

Abate-se um silêncio entre nós e lembro-me da conversa que tive com a Song, sobre ela estar completamente convencida de que o Arthur nunca tentaria mudar o rumo da História. E depois lembro-me da noite em que cheguei — quando o Braxton me disse que o Arthur era um “coleccionador de beleza”. Agora questiono-me se o objetivo do Arthur não se encontra algures entre estas duas definições.

Ele já foi curador de uma coleção pessoal de arte ao longo dos séculos. Talvez agora queira curar o próprio mundo.

Mas será que ele acredita que isso é possível?

Estou prestes a pedir-lhe que se explique melhor quando ele diz:

— Vamos lá. Quero que escolhas uma peça para o teu quarto.

Apesar de tudo o que acabou de acontecer, apesar desta sensação estranha que sinto na barriga, só de pensar em ter um destes quadros para mim faz-me ficar mais entusiasmada do que um miúdo na noite de Natal — um que vive numa casa à qual o Pai Natal vai e leva o que é pedido.

O Arthur encaminha-me para fora do quarto secreto e para uma vitrine com uma tiara resplandecente.

— Esta coroa de safiras e diamantes foi desenhada pelo príncipe Alberto para a rainha Vitória, em 1840 — diz ele, orgulhoso. — Eles tiveram uma história de amor e tanto, e este é um símbolo da devoção deles, O que achas? Se quiseres, é tua.

Imagino a cara da Elodie ao ver-me a entrar na sala de jantar com aquela coroa na cabeça. Iria passar-se e só de pensar nisso fico inclinada a aceitar. Contudo, decido não a levar. Uma relíquia que representa a história de amor de outras pessoas não me desperta muito interesse.

Seguimos para a secção que contém as obras de arte mais importantes.

— Como é que vocês recriam os pigmentos e os materiais das pinturas falsificadas? — interrogo. — Deve haver peritos que conseguem perceber a diferença, certo?

— Peritos — solta o Arthur, com desdém. — Sim, claro que há imensos *peritos* em arte, mas nós conseguimos sempre enganá-los, graças aos Vermelhos.

— Aos Vermelhos? — Assim que acabo de fazer a pergunta, concluo que está a falar da cor da camisola, como os Verdes, os Amarelos ou os Azuis. Aparentemente, há outra categoria que nem sabia que existia e agora penso se esse não será o meu próximo objetivo a alcançar.

— Os Vermelhos são discretos. Além disso, os saltos deles duram muito mais tempo do que os vossos. Às vezes, viajam como benfeitores e encomendam peças, compram suprimentos, etc. Outras vezes, trazem de volta pigmentos, pincéis, telas e outras ferramentas para os artesãos da academia usarem.

Volto-me para o Arthur. Estou tão espantada quanto horrorizada face ao que ele conseguiu fazer aqui.

— O Arthur pensou em tudo, não foi? — digo, ficando imediatamente preocupada por ter falado de forma demasiado à vontade e familiar.

Mas o Arthur, orgulhoso do seu estatuto de iconoclasta, limita-se a sorrir.

— Sim. Pensei em tudo. E só para que não penses que a minha motivação se limita à ganância, quero que saibas que, além das Aquisições e das peças com que vocês ficam, tudo o resto é devolvido à época de onde foi tirado e distribuído pelos pobres.

Olho para o Arthur de queixos caídos. Ele nunca para de me surpreender.

— Sempre fui um defensor dos desfavorecidos. Por isso, tento redistribuir a riqueza sempre que é possível.

— Que cena... — solto. — O Arthur é o Robin dos Bosques.

Ele solta uma gargalhada ruidosa.

— É melhor ser o Robin dos Bosques do que o Fagin, de Dickens — aceita ele, piscando-me o olho.

Torno a olhar para as obras de arte e, depois de alguma consideração, decido que quero o quadro *Primavera*, de Boticelli, simplesmente porque me parece alegre e ando a precisar de alegria. Mas depois mudo de ideias, quando vejo uma peça muito conhecida do movimento surrealista — o quadro de uma paisagem árida e de re-

lógios a derreter. Este quadro também tem um rio ao fundo, como o retrato da *Mona Lisa*.

É a obra mais famosa de Salvador Dali: *A Persistência da Memória*.

— É uma escolha interessante — comenta o Arthur. Agora percebo que ele gosta de nos trazer aqui para poder analisar as nossas escolhas em termos de quadros e descobrir algo sobre nós que possamos estar a esconder. — Dali dizia que não eram relógios, que eram pedaços de *camembert* a derreter ao sol. O que é que tu achas?

— Acho que Dali odiava críticos de arte.

Desatamos os dois a rir, mas tenho consciência de que o Arthur continua a observar-me.

Questiono-me se vai achar que foi uma escolha demasiado óbvia, já que o quadro representa o tempo, a teoria da relatividade de Einstein e o fim do conceito de uma ordem cósmica fixa. Em última análise, não faz diferença o que o Arthur acha. Para mim, ter esta peça no meu quarto é uma necessidade.

Tal como o Braxton, que escolheu o quadro *Narciso*, se eu olhar para este quadro todas as noites antes de dormir e todas as manhãs ao acordar, talvez consiga guardar a memória do que aconteceu naquela noite na *Arcano* — talvez me ajude a recordar que existe outro mundo para lá destas paredes.

Quanto mais tempo passo em Gray Wolf, mais me convenço de que o Desvanecimento da Memória não acontece apenas quando Saltamos, mas também aqui dentro.

Esta combinação inebriante de conforto e luxo extremos, juntamente com a monotonia do dia a dia, faz com que seja fácil esquecer a que mundo realmente pertencemos.

E é isso o que mais me assusta.

Quando chego ao quarto, vejo um bilhete por baixo da porta.

Desculpa ter andado desaparecida. Amanhã de manhã, vou Saltar. Mas quando voltar quero falar contigo.

Estou pronta para te contar tudo.

Song



Capítulo 102

A frase motivacional de hoje parece que escolhida especialmente para mim.

Nenhum grande artista vê as coisas como elas realmente são. Caso contrário, não seria um artista. — Oscar Wilde.

Estou a fazer uma pausa depois da aula de Francês e recebo uma mensagem no *tablet*.

Keane: Tens uma boleia à tua espera lá fora. Vais Saltar.

Olho para o ecrã, sem saber se as borboletas que sinto na barriga se devem à excitação ou aos nervos — mas depois da minha última conversa com o Arthur, na qual me disse o que esperava de mim, acho que são nervos.

Fico ainda mais nervosa quando penso que esta poderá ser a minha primeira viagem a solo. Uma espécie de exame final. Embora no meu último Salto tenha estado quase sempre só, por isso....

Ainda assim, fico aterrorizada ao pensar que me vão largar noutra país e noutra época sozinha.

Ponho o saco de pano ao ombro, sigo pelo corredor e encontro a Roxane à porta do centro de controlo.

Ela sorri e eu sigo-a. Agora não consigo deixar de pensar naquilo que a Song disse. Será que a Roxane me mentiu mesmo sobre ter estudado Cinema? E, se sim, sobre que mais pode mentir?

A Roxane deixa-me na secção do Guarda-Roupa e eu pergunto-lhe para onde e quando irei Saltar. Mas ela limita-se a dizer que

devo relaxar e garante-me que em breve serei informada de tudo.

Cumprimento a Charlotte como se fosse uma velha amiga e sento-me. Segue-se uma sessão de embelezamento na qual limam-me as unhas, põem-me pó no rosto e *rouge* nos lábios e faces, fazem-me um penteado complicadíssimo e borrifam-me o decote com o mesmo perfume da outra vez.

— Não é de admirar que as mulheres tivessem tão pouco poder — comento. — Passavam metade da vida a vestir e a despir. E precisavam de muitas mãos a ajudá-las. — Olho para Charlotte, mas ela está muito concentrada.

A seguir, ela traz-me o meu vestido e fico triste por ver que é o mesmo que usei da outra vez. Esperava pelo menos poder usar uma coisa diferente.

— Não posso usar outro vestido?

A Charlotte abana a cabeça e aperta-me o corpete com tanta força que até fico sem fôlego.

Quando me põe as anquinhas até solto um grunhido. Serviam para aumentar o raio das ancas e são extremamente desconfortáveis de usar.

— Ocupávamos muito espaço, mas não tínhamos autoridade absolutamente nenhuma — continuo. — Agora parece que quanto mais autoridade temos, mais pequenas nos querem. Porque é que concordamos com esta treta?

— E tu até tens sorte — replica ela. — As nossas eram feitas de osso de baleia. A tua é feita com aço muito leve desenvolvido pelo Arthur. Além disso, podem vir a dar mais jeito do que pensas.

Ela lança-me um olhar que não consigo decifrar.

Acho que fiquei fixada no facto de ela ter usado a palavra *nossas*. A Charlotte tem uma pele ótima, sem rugas e parece ter uns 20 ou 30 anos.

— Oh, claro que não tens idade para teres usado uma coisa destas! A Charlotte fica corada e vai rapidamente buscar o vestido.

— Estava a falar das minhas antepassadas. — Ela faz cara feia, o que não é habitual, e depois recorda-me de onde estão os bolsos escondidos. Os sapatos são iguais aos que usei da outra vez e quando estou prestes a falar, ela diz: — Já sei, já sei, da próxima

vez irás ter uns feitos à medida para ti.

— Prometes?

Inicialmente, ela parece ficar surpreendida, mas quando me vê a sorrir, faz o mesmo.

A seguir, passa o meu talismã da corrente em ouro para uma fita em veludo preto e encaminha-me para o espelho. Estou quase igual ao que estava da última vez que Saltei.

Sigo para a plataforma de descolagem e a Roxane entrega-me um envelope que contém um papel no qual se lê:

A sua presença é solicitada!

Quando: 25-26 de fevereiro de 1745

Onde: Palácio de Versalhes: Galeria dos Espelhos

O quê: Baile de Máscaras

*Porquê: Celebrar o casamento do Delfim Louis
com Maria Teresa Rafaela de Espanha*

Depois da conversa com o Arthur na Caixa-Forte, não me admira que ele volte a mandar-me para Versalhes.

Mas por que raio me mandaria ele para a mesma festa?



Capítulo 103

Olho para o papel e depois para a Roxane.

— Devem ter-se enganado — digo.

— Eles nunca se enganam — responde ela num tom brusco. Depois, tal como da outra vez, a Roxane arranca-me o papel das mãos e obriga-me a repetir o que acabei de ler.

— Vais Saltar sozinha — revela ela, confirmando o que eu já suspeitava. — Tens duas horas.

— Isso é menos uma hora do que o Salto anterior! — reclamo. Pareço uma miúda a queixar-me, mas não quero saber. Da última vez quase não consegui a chegar ao portal a tempo e agora não tenho o Jago para me ajudar.

— Podes recusar ir, se quiseses — lembra a Roxane. — Mas se não fores, a tua vida como Azul acaba — conclui, olhando fixamente para mim. Ambas sabemos que essa não é uma escolha que estou disposta a fazer.

— Como é que funciona? Voltar ao mesmo sítio na mesma altura?

Claro que estudei os conceitos de passado, presente e futuro como sendo coexistentes. O baile de máscaras passa a ser um eco de um tempo que se repete. Mas o que acontece se eu encontrar a senhora embriagada a quem roubei as joias?

Será que ainda tem o gancho de diamantes? E, se sim, isso significa que o gancho que pedi ao Braxton que entregasse ao Mason desaparece?

Ou será que o gancho nem lá vai estar por eu o ter roubado da primeira vez?

Até fico com a cabeça a andar à roda.

— O baile de máscaras é um momento num tempo que vais visitar — explica a Roxane. — Isto já foi falado nas vossas aulas.

Limito-me a assentir, pois não quero antagonizá-la ainda mais.

— Dito isto, não podes voltar atrás no tempo para uma altura em que já exististe, não podes cruzar a tua própria linha temporal...

— Porque a dualidade da existência resulta na não existência! — completo bruscamente, lembrando-me de repente de algo que o meu pai me costumava dizer ao tentar explicar-me que o Universo está num estado permanente de mutação e que, devido a esse facto, nunca nada se mantém igual.

Nenhum homem poderá banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois não é o mesmo rio e ele não é o mesmo homem.

Mas por que razão diria o meu pai tal coisa, já para não falar de andar a citar Heráclito a uma miúda de 9 anos?

E porque é que, desde que cheguei a Gray Wolf, sou invadida por estas memórias há muito perdidas do meu pai, juntamente com múltiplas referências a esse antigo filósofo grego?

Quando olho para a Roxane, vejo-a que me está a observar atentamente, muito interessada.

— Por causa disso, marcámos o teu Salto para duas horas mais cedo do que a última vez. E, Natasha, dê por onde der, apanha o portal de volta. Se não conseguires, na melhor das hipóteses, ficas presa em 1745. Na pior das hipóteses...

Ela nem precisa de acabar de falar, ambas sabemos o que aconteceria.

Na pior das hipóteses, deixo de existir.



Capítulo 104

Aqui, em Gray Wolf, deixar de existir é a versão deles de ter uma nega num teste.

— Certo... — reajo, sem ter bem noção do que isso poderia significar, embora talvez até seja melhor assim. — E qual é a Aquisição?

— O Arthur quer que lhe tragas algo belo e extraordinário, algo único. Sabes o que isso quer dizer, certo?

Sei exatamente o que ele quer dizer. Bem... acho eu. Limito-me a assentir.

— Ah, tens de levar isto — diz ela, entregando-me um envelope castanho. Dentro do envelope encontra-se o lenço que o rapaz mascarado me deu da última vez.

— Não estou a perceber... — Olho para o lenço de que o Arthur gostou tanto. — É suposto devolvê-lo?

— De certa forma. — A Roxane respira fundo e eu preparo-me para o que ela vai dizer a seguir. — O Arthur quer que encontres o rapaz que te deu o lenço e que o tragas de volta a Gray Wolf.

Eu sei que ouvi bem o que ela disse, mas não pode estar a falar a sério, de certeza.

— Querem que traga de volta uma *pessoa*?

Ela assente rapidamente, de forma mecânica, sem qualquer emoção.

— Vocês querem que eu rapte alguém de outro sítio e de outra

época e o traga para aqui?

Ela volta a assentir. Só que, desta vez, parece começar a ficar chateada.

— O Killian — digo. — Ele chama-se Killian de Luce. Foi um rapaz que conheci numa festa que aconteceu há 250 anos e vocês querem que eu...

— Natasha, acho que fui clara. Esta é a tua missão. Aceitas ou não os termos da mesma?

Olho em redor da sala de controlo, todas as pessoas estão ocupadas a fazer as suas tarefas. Depois, olho para o lenço. É macio e está limpo. Quando o Killian me deu o lenço, pediu-me que nunca o esquecesse. Vejo as iniciais do nome dele bordadas em azul-marinho. O Arthur também viu aquelas iniciais, e é por isso que quer que o traga de volta.

Mas quem será este rapaz que despertou tanto o interesse do Arthur?

Dou por mim a pensar que devia ter passado mais tempo a estudar História. Em minha defesa, não achei que fosse voltar a vê-lo...

Afinal, não foi o Jago quem me disse: *É raro podermos ir ao mesmo evento duas vezes. Às vezes acontece, mas o Arthur não quer que as nossas caras se tornem familiares e arriscar que alguém tenha um déjà-vu. A não ser que seja em benefício dele, é claro.*

Bem, isto é, claramente, em benefício do Arthur.

Não só acha que irei conseguir encontrar as peças desaparecidas da Máquina de Anticítera, como espera que eu encontre o Killian. Embora admita que é possível, também existe a possibilidade de não conseguir. E, nesse caso, o que faço?

O que me vai acontecer quando — *se* — eu regressar sem as Aquisições do Arthur?

— Vamos lá, tens de pôr a máscara e acabar de te preparar.

O som da voz da Roxane acorda-me dos meus pensamentos e traz-me de volta para este momento real, em que temo pelo meu futuro aqui, bem como pelo Salto que estou prestes a fazer ao passado.

— E diz lá, então, aceitas a missão que te foi atribuída?

Dobro o lenço e escondo-o no compartimento secreto entre o

corpete e o saiote.

— Podem contar comigo — respondo, virando-me e vendo a Elodie ao lado do Keane, com a minha máscara na mão.



Capítulo 105

O meu coração dispara quando vejo a Elodie a segurar a ferramenta de que preciso para voltar ao portal.

— O que estás a fazer? — grito. Devia ter pensado antes de falar, pois agora já mostrei o quão nervosa fico com isto. Mas agora já está e não posso voltar atrás.

— O Keane esta a mostrar-me como e que se programa uma máscara. Sempre tive imensa curiosidade em saber como era e hoje deixou-me ser a estagiária dele.

A Elodie olha fixamente para mim. A única coisa que me vem à mente é a imagem dela dentro do portal com o Jago, o olhar mal-doso ao ver-me a correr em direção a eles, o dedo sobre o botão que me podia ter deixado presa no passado para sempre.

— Não sabotaste a máscara, pois não?

A Elodie revira os olhos e entrega a máscara ao Keane.

— Porque haveria de fazer isso? — replica ela, fingindo um ar inocente que não lhe fica bem.

— Este é o teu primeiro Salto sozinha, por isso temos de rever algumas coisas — adverte o Keane, dando um passo atrás para me inspecionar. — Tens o teu talismã?

Aponto para o amuleto que trago ao pescoço.

— Tens a lista de Aquisições?

Assinto.

— Então, toma lá o teu contador. — O Keane entrega-me um

belo anel de ouro e safiras, que coloco no dedo. Diz-me para tocar na pedra do anel e esta começa a brilhar ligeiramente. — Só precisas de carregar aí se por acaso tiveres de vir embora mais cedo. E só funciona quando já estás dentro do portal, por isso não tens de te preocupar se carregares acidentalmente.

Volto a assentir.

— Pronto, está tudo — diz ele. — Desejo-te um bom Salto. Ah, e, Natasha... — Faz uma pausa, como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas depois apenas acrescenta: — *Bonne chance!*

A última coisa que vejo antes de descolar é o sorriso manhoso da Elodie e o brilho perverso nos olhos dela.



Capítulo 106

Assim que chego aos jardins do Palácio de Versalhes, tenho logo consciência da rapidez com que os segundos passam.

A contagem decrescente começou e tenho menos de duas horas para encontrar o tesouro escondido do Arthur e um rapaz mascarado no meio de uma multidão de mais de dez mil pessoas.

É como encontrar uma agulha num palheiro misturado com uma bomba-relógio. E se eu, por acaso, não me despachar a tempo e não conseguir regressar, o preço que tenho a pagar é a minha aniquilação.

Simplemente desapareço — e é como se nunca tivesse existido.

Lá ao fundo, o Palácio de Versalhes a brilhar sob o céu estrelado é uma visão de tirar o fôlego. Questiono-me se seria este o tipo de cenário esplendoroso que o rei Luís XIV idealizou para a sua cabana de caça no meio da floresta?

Como se sentiria ele se o visse nesta noite, numa festa organizada pelo seu bisneto?

E o que é que pensaria de o palácio se transformar em atração turística, com uma banca de sumos ao lado da Fonte de Apoio e uma loja dentro da Capela Real que vende postais, guias turísticos e outras recordações?

Preciso de me focar na tarefa que tenho em mãos. Após a minha visita à Caixa-Forte, comecei a pesquisar tudo sobre os jardins do Palácio de Versalhes, tendo descoberto que são muito mais extensos do que inicialmente pensava.

Além disso, existe uma secção que se destacou.

Se estiver correta sobre os símbolos que vi no mapa de Colombo, há uma fonte específica que me deve levar diretamente à peça em falta da Máquina de Anticítera.

Mas antes de começar a procurar a peça, tenho de perceber exatamente onde estou para conseguir determinar para que lado devo seguir.

Ao meu lado, há uma escultura de uma mulher bonita, com uma máscara na mão e uma raposa agachada a seu lado. Reconheço de imediato a estátua — vi-a num livro que encontrei na prateleira das primeiras edições raras na biblioteca de Gray Wolf. Recordo-me de imediato de todos os pormenores que li sobre a estátua.

A máscara simboliza adulação.

A raposa é astuta.

A escultura foi criada por Louis Leconte, em 1685, a partir de um desenho de Mignard.

Chamou-lhe *Traição*.

Lembro-me da Elodie a entregar-me a máscara e no ar de inocente dela que não era propriamente sincero. Por momentos, questiono-me se ela está a tentar dizer-me algo, se está a meter-se comigo.

No mesmo momento, apercebo-me de quão parvo é pensar isso.

De acordo com o Arthur, a Elodie não sabe que a Máquina de Anticítera sequer existe, muito menos qual a Aquisição que ele quer que encontre.

Sim, ela até poderia estar a tentar picar-me com aquela cena toda da máscara, mas duvido que tenha controlo sobre onde vim parar.

Ainda assim, não consigo deixar de pensar que esta estátua tem um simbolismo que não posso ignorar.

Em pânico, toco no botão no lado da máscara, para ver se funciona. Em vez da seta verde que indica o portal, aparecem dois círculos em forma de alvo, que confirmam a minha localização. Solto um suspiro de alívio.

Embora seja bom saber que a Elodie não andou a manipular o único meio que tenho de voltar para a academia, fico horrorizada

ao perceber que acabei de gastar seis preciosos minutos com tudo isto.

Ou será que era isso mesmo que a Elodie queria?

Será que ela quis que eu aterrasse ao lado desta escultura para que pensasse...

Abano a cabeça. Tenho de parar de pensar estas coisas. Não há tempo a perder.

Mas antes de continuar, volto a olhar para a estátua.

Além do seu simbolismo, também li que esta é a primeira estátua do lado norte da *Allée Royale*. O que significa que não tenho de andar muito até chegar ao meu destino.

Solto outro suspiro e tento acalmar-me. Tenho uma missão a cumprir. Tenho de passar este teste. Tenho um namorado giro à minha espera. Mais vale esquecer a ameaça de morte iminente que paira sobre mim.

Ainda assim, por muito que tente deixar de pensar na Elodie, esta estátua continua a chatear-me a cabeça.

Quer dizer, talvez tenha percebido tudo mal.

Talvez esteja a ser paranoica, e isso fez com que lesse mal todos os sinais.

Talvez a Elodie tenha mesmo tido intenção de fazer isto, mas não em forma de ameaça, mas mais como uma piada de mau gosto.

Um lembrete para não me deixar levar pela grandeza desta época e deste lugar.

Para que nunca me esqueça de que, por mais excitante que tudo isto pareça, nesta altura, em 1745, era perfeitamente normal representar a falsidade e a traição como uma mulher — como se a longa lista de homens como Judas ou Bruto simplesmente não existisse.

Sigo pela *Allée Royale* até à coleção de estátuas das Quatro Estações, e depois caminho para a *Fontaine de Saturne*, uma alegoria do inverno que, de acordo com o livro que li, está localizada na *Allée de l'Hiver*.

É difícil caminhar com esta roupa e estes sapatos duros de uma forma graciosa, por isso caminho o mais discretamente possível, tentando não chamar atenções para mim, desejando que aparecesse aqui um cavalo a pastar para poder pôr aquelas aulas de equitação a

uso e desatar a galopar pelo resto do percurso.

Embora o evento principal decorra dentro do palácio, os jardins têm bastante gente. Por isso tento passar despercebida até chegar a um local que não tenha ninguém para poder desatar a correr.

Assim que passo para lá do Bosque da Girândola, começo a correr ainda mais depressa.

Quando ouço o som de água a correr, sei que não falta muito para chegar.

Contorno uma enorme parede de sebes e vejo a *Fonte de Saturno*. Paro uns momentos para recuperar o fôlego e faço a pergunta óbvia: *E agora?*



Capítulo 107

Olho para a fonte e penso que, afinal, o plano não era assim tão bom.

Quer dizer, é mesmo suposto entrar dentro da fonte à procura daquela coisa e depois entrar no palácio com o cabelo e o vestido encharcados à procura de um rapaz que nem conheço bem?

Era isto que o Arthur tinha mente?

E eu concordei em fazer isto?

Assim que decidi que a fonte era o meu destino, devia ter pensado numa estratégia melhor. Também não posso propriamente ir agora à Galeria de Espelhos, pegar no Killian e dizer para relaxar um pouco ao lado do portal enquanto vou dar um mergulho noturno com Saturno e seus amiguinhos. Por isso, faço a única coisa que posso fazer — espreito para dentro da fonte e faço uma análise mental de tudo o que li sobre isto.

A fonte foi criada por Girardon, em 1677, e representa o deus romano Saturno — também conhecido com o Deus do Tempo — sentado sobre conchas e rodeado por cupidos. Está encostado a um saco que ele julga conter Júpiter — o filho que ele queria matar mas que, na verdade, fora substituído por uma pedra.

Constato que tudo na estátua está exatamente igual ao que dizia o livro e solto um suspiro de alívio. *Certo. Até agora, tudo bem.*

Ao longo dos anos, houve muitas partes do jardim que foram remodeladas ou transferidas de sítio, por isso suponho que o Arthur me mandou para aqui na esperança de que o tesouro que procura

se mantenha no mesmo lugar.

Encosto-me à extremidade da fonte e espreito por entre a água; no centro da fonte existe uma estátua de bronze reluzente e sei de imediato que tinha razão — algures neste quadro mitológico encontra-se o que procuro. Agora, só me resta encontrá-la.

Mas para a encontrar, tenho de enfrentar oito poderosos jatos de água.

Tiro os sapatos, as meias-calças e a bainha presa à minha coxa. Puxo as saias para cima e entro para dentro da fonte. A água está tão gelada que tenho de abafar um grito. Caminho pela fonte até ao seu centro, onde coloco a mão sobre o traseiro de um querubim para conseguir trepar pela estátua.

A primeira coisa que me vem à cabeça é que a peça está escondida no meio das conchas. Mas depois de procurar muito bem, não encontro absolutamente nada. Tenho os dentes a bater, estou toda a tremer do frio e os meus dedos dos pés começam a ficar azuis — preciso urgentemente de encontrar a peça perdida. Caso contrário, antes sequer de poder ser aniquilada, morro de hipotermia.

Toco no botão da máscara e constato que já passaram 27 minutos. Começo a pensar se celebrei cedo de mais, se interpretei mal as pistas.

Quer dizer, e se a Aquisição não tiver nada que ver com esta fonte? E se...

Abano a cabeça e tento de novo. Talvez tenha de usar o método utilizado nas missões de resgate e analisar o terreno de forma metódica, como se fosse uma grelha. Vejo um querubim com a mão esticada na direção da asa de Saturno e lembro-me do meu segundo dia em Gray Wolf, quando o Arthur me pediu que trouxesse um rubi da simulação da festa de Veneza.

Nessa festa, ao lado de um quadro de Goya sobre Saturno a fazer do seu filho uma refeição, havia uma pintura de Heráclito e Demócrito que me levou ao objeto premiado.

Nessa pintura, Heráclito tinha uma expressão agonizada, tal como a expressão que Saturno tem nesta escultura. E Demócrito, que parecia muito mais alegre, apontava para a pista de que eu precisava, tal como este querubim aponta para um espaço sob a asa de Saturno.

Subitamente, ocorre-me que, desde o primeiro dia em que cheguei a Gray Wolf, o Arthur me tem levado por um caminho que tinha obrigatoriamente de vir dar aqui — a este conjunto de penas em bronze pertencentes ao Deus do Tempo.

E tal como na simulação, quando vi a joia dentro do medalhão da Elodie, agora vejo uma luz amarela brilhante que há meros momentos não existia, mas que agora brilha tanto como o sol.

O sol!

Nesse momento, uma imagem surge-me na mente e é tão nítida como no dia em que aconteceu.

Estou em casa. Tenho 9 anos, o meu pai está à minha frente e tem na mão uma peça que sei pertencer à réplica da Máquina de Anticítera. “Diz-me o que sabes sobre esta peça”, pede ele, com uma bola brilhante dourada na mão. “Diz-me tudo o que sabes sobre o sol.”

Sinto borboletas na barriga e estico a mão em direção à luz, mas esta desaparece abruptamente e só resta a minha mão vazia.



Capítulo 108

Deixo-me cair para trás. Será que o frio me subiu à cabeça?

Será que estou como aquelas pessoas perdidas no deserto que, em desespero, começam a ver miragens?

Não pode ser. No meu íntimo, sei que aqui há mais qualquer coisa. Naquela noite em Gray Wolf, quando o Arthur me levou à Caixa-Forte, tive uma visão da versão original da Máquina de Anticítera e vi como era antes de ser desmontada e de as peças se perderem. Sei que o sol é a pista que vai resolver este mistério. E que, seja por que razão for, o meu pai preparou-me para este momento.

Será que ele estava, de alguma forma, a trabalhar com o Arthur?

Tento não pensar nisso e concentro-me naquilo que é verdadeiro. Todas as pistas me estão a levar para o *le soleil*.

Facto: O rei Luís XIV era conhecido como o Rei Sol.

O desenho deste jardim, desde o eixo central que começa no *château*, passa pelo *Bassin de Latone* e termina no *Bassin d'Apollon*, percorre uma linha reta de este para oeste — *igual ao caminho diário do sol*.

Tanto o baralho Visconti-Sforza como os baralhos de tarô modernos retratam a carta do Sol com a imagem de um querubim e do sol.

No baralho Sforza, o mesmo que o Arthur e o meu pai usavam, o querubim segura o sol nas mãos.

Além disso, a carta do Sol no tarô encontra-se na décima nona posição.

Em termos numerológicos, $1 + 9 = 10$. E, claro, reduzindo ainda mais, $1 + 0 = 1$.

A carta da Roda da Fortuna que me saiu na *Arcano* naquela noite é o número 10 dos Arcanos Maiores, que reduz para um.

E a carta do Mago, que associei ao Arthur, é a primeira carta. Será que todas estas ligações são uma coincidência?

Ou estarei a pensar demasiado, a ver conexões onde não existem? Seja como for, tenho de descobrir.

Aproximo-me da asa de Saturno e olho para o sítio onde vi a luz, mas agora já não há lá nada.

Espreito por cima do ombro, como que pedindo ao querubim que me ajude.

Depois observo Saturno, um tipo que tinha tanto medo de perder poder que comeu os próprios filhos.

— Vá lá — sussurro. — Eu sei que isto está aqui escondido. Eu sei... Nesse momento, vejo pelo canto do olho algo a brilhar. Estendo novamente a mão e, para meu espanto, toco numa pequena bola dourada que apareceu vinda do nada.

É isto.

Tenho a certeza absoluta.

Esta antiga esfera em ouro representa o sol e é a peça que falta da Máquina de Anticítera.

Agarro a superfície macia e brilhante da bola e tento puxá-la para fora. Mas não a consigo tirar, por isso agacho-me, encosto os pés contra o rabo de Saturno, agarro a bola e puxo-a com toda a força que tenho. A esfera solta-se e agora tenho-a nas minhas mãos.

A primeira coisa que penso é que triunfei quando tantos outros falharam.

Mas nesse momento, descubro, horrorizada, que o impulso

que criei para libertar o sol está agora a trabalhar contra mim, fazendo com que minha cabeça se levante em direção às estrelas enquanto o meu vestido se inclina ao longo da encosta escorregadia da perna estendida de Saturno, antes de a minha anca bater contra o ombro do querubim, catapultando-me para o céu, com os braços indefesos a balançar e pernas abertas sobre minha cabeça, fazendo-me girar para trás até dar uma cambalhota e cair bem junto da extremidade.

Uma onda de água imunda entra dentro da minha boca e tento desesperadamente perceber como voltar à superfície. Por fim, consigo fazê-lo e apercebo-me de que o meu punho direito continua fechado, mas tenho demasiado medo de o abrir.

Vamos lá. O meu coração bate desenfreadamente. Tens de fazer isto.

Lentamente, forço-me a abrir a mão, com a certeza de que perdi a esfera dourada ao cair da estátua. Felizmente, constato que aquele artefacto antigo, com mais de dois mil anos, continua na palma da minha mão.

A descarga de adrenalina que me alimentou até agora acaba de se dissipar e sinto o quão gélida estava a água da fonte. Com uma tarefa feita e outra por realizar, apresso-me a sair da fonte. Mas assim que toco no chão, o céu abate-se sobre mim e o mundo inteiro desaparece.



Capítulo 109

O mundo tal como o conhecia já não existe.

Desapareceu.

Evaporou-se como se nunca tivesse existido.

Foi substituído por uma espécie de paisagem onírica composta pelo mesmo jardim, pela mesma fonte, mas em tons sépia, parecendo-me pertencer a tempos ainda mais antigos.

Tal como em todas as outras Revelações que experienciei anteriormente, sou refém deste filme, forçada a assistir ao desenlace até que a cortina caia.

Desta vez, a estrela deste filme é um menino. O rosto dele está escondido por uns caracóis negros perfeitos pelo quais as miúdas da minha antiga escola dariam um rim. A camisola dele é de lã castanha, com mangas muito compridas que têm imensos remendos. As calças são, no mínimo, um tamanho acima do dele. Apesar de ser magrinho e escanzelado, é rápido e ágil. Espantada, observo-o a correr pelo meio da noite como se fosse uma chita libertada.

Apesar de parecer decidido, está com medo de algo. Eu sei que está com medo porque, inexplicavelmente, consigo ouvir o batimento cardíaco dele, que é extremamente acelerado.

Uma gota de suor escorre-lhe da sobrancelha para o olho e sinto uma picada salgada, como se a gota tivesse entrado no meu olho.

Subitamente, sinto-me enjoada e agarro a barriga, constatando, espantada, que o rapaz faz exatamente o mesmo.

Juntos, respiramos fundo e contamos *un, deux, trois...* até o enjoo passar. Tenho a certeza de que agora já não sou uma mera observadora. Agora, faço parte deste sonho.

Impulsionado tanto pela determinação como pela ansiedade, o rapaz sobe pela extremidade da fonte acabada de construir e começa rapidamente a atravessar a água. Parece não se importar com os salpicos de água gélida que lhe atingem a pele — a *nossa* pele. Depois, trepa a estátua, tal como fiz, e, momentos antes de esconder a esfera dourada sob a asa de Saturno — a mesma esfera dourada que agora tenho na minha mão —, inclina a cabeça, fecha os olhos com força e infunde o objeto com a história que agora se desenrola ao meu redor.

Dentro da palma da minha mão, sinto o sol a começar a aquecer e a tremer. A vibração intensifica-se e a esfera salta na minha mão, forçando-me a agarrá-la com mais força.

Isto não é uma Revelação normal.

Isto é uma mensagem — uma espécie de telegrama energético que este rapaz quis que eu recebesse.

Este fenómeno tem um nome — o meu pai costumava usar esse termo quando me ensinou tudo sobre campos de energia que existem nos objetos e como aceder a essa energia...

Psicometria.

Assim que o termo me ocorre, a mensagem que o rapaz me quer enviar aparece como em catadupa.

Algo sobre outro sol que ele escondeu numa antiga cripta real... É um engodo... Uma armadilha... Eram precisos dois sóis, porque havia demasiado em jogo...

Tento ligar as palavras à visão, mas aparecem tão rapidamente que fico assoberbada.

Fecho os olhos com força, tentando concentrar-me. Mas o alcapão da minha memória abre-se repentinamente, invadindo-me com uma amálgama de verdades esquecidas e de coisas que suprimi ao longo de tantos anos.

O meu pai sabia que este momento iria chegar.

Tentou ensinar-me, preparar-me, mas fui teimosa e escolhi esquecer tudo.

Acreditava, erradamente, que se o esquecesse, assim como tudo o que me ensinou, se negasse a existência dele, também conseguiria esquecer e negar a dor que a sua ausência me causou.

Mas agora ele está aqui — uma visão tremeluzente do pai de quem tive tantas saudades. Ele parece-me forte. Em forma. Aquele cabelo castanho, a forma como sorri, o nariz estreito e olhos iguais aos meus. Vê-lo é o suficiente para sentir o meu coração a partir-se em milhões de pedacinhos.

Ainda assim, o meu coração sabe que ele não está realmente ali.

Esta visão dele serve como um aviso: cobrir os olhos, como fazia quando via filmes de terror com o Mason, não me serve de nada. Recusar-me a ver não me irá salvar das coisas que ele quer que eu saiba.

Que ele quer que eu veja.

“Olha!”, diz-me ele. “Abre os olhos e...”

Abro os olhos e vejo o rapaz a colocar a esfera dourada sob a asa de Saturno, onde ficará escondida até eu a encontrar.

O rapaz vira-se para ir embora e observo o rosto dele.

O que vejo deixa-me de queixo caído. Solto um grito.

Entrego-me à visão, tentando confirmar o impossível. Nesse momento, sinto uma mão a agarrar-me o braço com força, acordando-me do sonho. Uma voz zangada grita:

— *Où allez-vous?*



Capítulo 110

A primeira coisa em que reparo é que o nariz dele não está partido.

O que significa que ele não se lembra do nosso encontro anterior.

Como desta vez cheguei aqui duas horas antes da minha outra visita, para o jardineiro, esta é a primeira vez que me vê.

Lanço-lhe um olhar indignado e aviso-o de que ele não pode falar comigo naquele tom de voz.

Só depois reparo que as minhas meias-calças e sapatos estão ao ombro dele, a esfera dourada — que devo ter perdido durante a visão — está na mão esquerda dele, enquanto a mão direita segura a minha adaga. Nesse momento, ele encosta a adaga ao meu pescoço.

— A menina leva algo que não lhe pertence — diz ele, falando tão rapidamente em francês que demoro uns segundos para traduzir mentalmente. Ele coloca o sol numa bolsa em couro que traz à cintura e encosta a lâmina com mais força, quase rompendo a pele.

Estupidamente, deixei a adaga pousada em cima dos meus sapatos com medo que a bainha ficasse molhada. Foi claramente um erro de principiante.

— A menina não tem nada que estar aqui — sussurra o homem ao meu ouvido. Puxa o meu pulso com força e encosta o meu corpo ao dele. — E agora vai aprender o que acontece aos ladrões nesta corte.

Começa a arrastar-me e, apesar de me tentar libertar, é comple-

tamente escusado. Este homem é cinco vezes maior do que eu e tem três vezes mais força.

Sinto a gravilha a arranhar-me os pés descalços. As saias enso-
padas estão coladas às minhas pernas, que agora estão tão dormen-
tes do frio que nem parecem minhas.

Quando chegamos ao *Parterre D'eau* e vejo uma multidão de
foliões mascarados a olhar para mim, nem acredito na sorte que
tenho, pois isto em breve irá acabar.

Sim, tudo bem que o meu cabelo está todo escorrido, e não pre-
ciso de me ver ao espelho para saber que o meu vestido está uma
lástima, mas certamente eles conseguirão ver para lá disso e per-
ceber que pertenço ao grupo deles.

Certamente, assim que se aperceberem do meu ar bem-educado
e refinado, a única conclusão lógica a que vão chegar é que tudo
isto foi um mal-entendido com um jardineiro irracional que
embirrou comigo e vão ajudar-me.

Contudo, ao ver todas as pessoas a desatar a rir, lembro-me de
que, independentemente da classe a que aparente pertencer, sendo
uma mulher desta época, não tenho quaisquer direitos.

Aos olhos deles, este jardineiro indignado deve ter boas razões
para me arrastar a meio da noite para um destino desconhecido.
Claramente, devo ter feito algo terrível para receber tal tratamento.
Porque haveriam eles de se preocupar comigo?

Começo a assimilar a seriedade da situação em que me
encontro. Para estas pessoas, não passo de mais um momento de
espetáculo, semelhante a malabaristas, acrobatas, cuspidores de
fogo e músicos. E se não me conseguir safar desta alhada, dentro de
algum tempo o portal fecha-se, eu entro na minha própria linha
temporal e deixo de existir.

Deixo. De. Existir.

A ideia de isso acontecer é aterrorizante, mas não pode ser real
— *ou pode?*

Quer dizer, como é que alguém simplesmente... deixa de
existir? Simplesmente... *desaparece* como se nunca tivesse existido?

Sinto um arrepio na espinha e sei que não tem propriamente
que ver com o ar gélido da noite, mas sim com a onda de náusea

que agora sobe pela minha barriga, deixando-me engasgada, a sufocar.

Tenho de encontrar forma de sair daqui — uma forma de fugir.

Tenho de...

Atiro-me contra o jardineiro e o meu ombro bate com força no braço dele. Mas ele nem um grunho dá. O homem aperta-me o braço com mais força e continua a puxar-me para a frente.

Como tenho o braço direito livre, toco discretamente no botão na parte lateral da máscara, pois preciso de saber quanto tempo ainda me resta. Mas não acontece nada. Onde deveria aparecer a seta verde e a contagem decrescente não há nada.

Volto a tocar no botão, desta vez com mais força, mas o resultado é o mesmo.

Não há seta verde.

Não há contagem decrescente.

Não há nada, além do vazio no espaço onde deveria aparecer a forma de sair daqui.



Capítulo 111

Não, não, não, não, não! Não pode ser. Tem de ser um erro, tem de ser...

Continuo a pressionar o botão na lateral da máscara e estou prestes a ter um colapso mental. Mas o resultado é sempre o mesmo.

Tento freneticamente calcular o tempo que me resta, subtraindo o tempo que passou às duas horas que tinha, mas apenas consigo ter uma estimativa aproximada. A única coisa que sei ao certo é que agora as coisas estão a ficar sérias.

Isto já não é um quebra-cabeças existencial enquanto tento determinar como a minha aniquilação irá ocorrer.

Será que vou desvanecer-me num piscar de olhos?

Ou será uma morte mais gradual? Em que desaparecem peças de mim, uma a uma, membro a membro, até não sobrar nada, exceto a memória mantida por aqueles que me conheceram?

E, nesse caso, quanto tempo demorará até eles se esquecerem completamente de mim?

O jardineiro continua a arrastar-me como se eu fosse uma boneca de trapos e a derrota apoderou-se de mim.

Ouço o som da música de orquestra a aumentar quando nos aproximamos da escadaria em mármore do palácio — é extremamente irónico ter uma banda sonora festiva para este meu pesadelo. Olho por cima do ombro, tentando vislumbrar o esplendor dos jardins de Versalhes por uma última vez, e vejo um rapaz alto e louro,

com uma taça de champanhe na mão, e uma rapariga bonita ruiva a seu lado.

Mas é apenas uma ilusão.

Uma miragem.

É a prova de que finalmente sucumbi aos efeitos do frio. Já não tenho os tremores do estado de hipotermia, por isso agora estou no estado de exaustão e confusão. Em breve, a minha consciência começará a deteriorar-se e assim ficarei até acabar o tempo e eu desaparecer.

Ainda assim, pestanejo para ter a certeza.

Pestanejo uma segunda vez e, surpreendendo-me, o rapaz louro continua ali.

— Killian! — grito. Coloco os dedos no bolso escondido do meu vestido, tentando encontrar o lenço que o rapaz me deu da última vez que estivemos juntos. O jardineiro continua a arrastar-me sabe Deus para onde. — Killian de Luce! — grito novamente, ainda mais alto, a voz esganiçada.

O rapaz vira-se e olha na minha direção. Ainda assim, mantém-se exatamente no mesmo sítio.

Sabendo que esta poderá ser a minha última oportunidade, uma cartada que não posso desperdiçar, tento desesperadamente encontrar o lenço, mas não está no meu bolso.

É impossível! Lembro-me perfeitamente de o pôr no bolso assim que a Roxane mo deu. Volto a procurar, mas nesse momento chego a uma terrível conclusão.

O lenço não está no meu bolso porque cheguei aqui mais cedo, muito antes de o Killian me conhecer no terraço da Galeria dos Espelhos.

O que significa que ele não me conhece.

Nunca me beijou.

Nunca me deu o lenço nem prometeu que jamais me iria esquecer.

E, mais importante ainda, tendo em conta que nada disso aconteceu, não tem qualquer razão para intervir e me salvar.

O jardineiro continua a arrastar-me, mas, por mais que me de-

bata, a minha força não se compara à dele.

A cada passo que dou, menos hipóteses tenho de que o Killian interceda por mim. Em breve, nunca mais o irei ver. Mas não posso simplesmente desistir. Tenho de tentar novamente.

— Killian — grito. — Killian de Luce! — Tenho lágrimas a correr pelo rosto, o jardineiro aperta-me o braço com tanta força que sinto um espasmo de dor até ao pulso. Ainda assim, numa última súplica, olho por cima do ombro e digo: — Sou a Natasha! Nós conhecemo-nos! Nós... — O jardineiro coloca a mão dele por cima da minha boca e continua a levar-me.

Já não consigo ver o Killian e agora sou invadida por uma onda de puro terror. Nesse momento, vejo o rosto assustador de um rapaz que não conheço.

O rapaz da minha visão.

O rapaz com olhos azuis penetrantes que eram incrivelmente parecidos com os do Braxton.



Capítulo 112

Não faço ideia do que hei de fazer.

Não falámos disto nas aulas de História. Caso contrário, teria prestado mais atenção.

Também não foi um tópico falado na academia, já que o foco se resumia a passarmos despercebidos e evitarmos episódios como este.

Ainda assim, apesar de todo o tempo despendido nos estudos, dou por mim a ser arrastada pelas catacumbas do palácio, onde já não existem aquelas salas grandiosas, pois estas estão reservadas para prender pessoas e torturar prisioneiros.

Percebendo que esta é, provavelmente, a minha última hipótese de me safar, grito:

— Pare! Eu... eu peço desculpa. Hum... *je suis désolé!*

O jardineiro lança-me um olhar desdenhoso e depois empurra-me com força contra uma parede. Carrego novamente no botão da máscara, mas não acontece nada.

A tecnologia pode falhar, avisou-me o Jago.

E apesar de acreditar que isso é verdade, tenho uma teoria sobre o que está a acontecer aqui.

— Sabe o que acontece a ladras como a menina? — rosna o jardineiro, encostando a ponta da minha adaga ao meu pescoço.

— Peço imensa desculpa — sussurro, baixando a cabeça.

O jardineiro aproxima-se de mim.

— *Repetez!* — ordena ele, e sei que não tenho outra opção senão obedecer.

Levanto a cabeça lentamente e encaro-o nos olhos.

— Eu disse, peça imensa...

Nesse momento, aproveito para lhe dar uma valente joelhada no meio das pernas.

— Aula de defesa pessoal, Educação Física do 10.º ano! — rosno, vendo o homem a cair ao chão de joelhos, contorcendo-se de dores.

Agacho-me ao lado dele, pego na minha adaga e retiro a esfera dourada da bolsa de couro que o homem tem à cintura.

Depois, enfio as minhas meias-calças num dos meus bolsos e tento não gritar ao calçar os sapatos nos meus pés mazelados. Para ter a certeza de que ele não se levanta tão cedo, dou-lhe um pontapé em cheio nas costelas e desato a correr dali para fora.

Não faço ideia de para onde vou, mas já que não posso correr o risco de encontrar um daqueles nobres que me viram na escadaria, que se podem sentir tentados a desempenhar o papel de heróis e a prenderem-me novamente, corro na direção oposta.

Há uma esquina um pouco mais à frente e, apesar de não fazer ideia do que posso descobrir do outro lado, espero poder esconder-me algures para me compor e encontrar o caminho de volta ao portal no tempo que me resta. Por muito medo que tenha em ver o Arthur desapontado por não ter levado o Killian para Grey Wolf, prefiro isso a desaparecer para sempre.

Tal como o lenço que desapareceu do meu bolso, sei que irei desaparecer no momento em que cruzar a minha própria linha temporal.

Tenho as plantas dos pés em carne viva, pelo que caminhar é uma agonia total. Ainda assim, sigo em frente. Estou prestes a virar a esquina quando choco contra um homem enorme.

Ele grita, espantado, mas ajuda-me a levantar. Nesse momento, vê que trago nas mãos uma bola brilhante e uma adaga, e que, atrás de mim, está o jardineiro esparramado no chão.

Quando dou por mim, estou presa dentro de uma cela.



Capítulo 113

Lembro-me de ver o filme *Marie Antoinette* com o Mason. Ambos adorávamos todo aquele *glamour* e opulência — as festas, as taças de champanhe sempre cheias, as torres de bolinhos, as joias reluzentes, aqueles penteados ridículos.

Mas nunca na minha vida me passou pela cabeça que eu pudesse acabar como ela — presa no Palácio de Versalhes e destinada à guilhotina.

Embora, agora que penso melhor, tenha mais probabilidades de ser esartejada e enforcada em frente a uma multidão sedenta de sangue, ou talvez até queimada viva, pois não sei se já usavam a guilhotina em 1745.

De qualquer forma, isso são apenas pormenores. Porque possivelmente nem vou estar cá para isso poder acontecer. Serei aniquilada antes disso.

Lembro-me de o Oliver ter dito que preferia ser decapitado a ser preso numa destas celas. Questiono-me se ele alguma vez esteve nesta situação. Ou será que fui a única a falhar de forma tão espetacular?

É que não podia ter corrido pior.

O guarda tem o sol na sua posse e o Killian de Luce continua por aí algures a beber champanhe e a desfrutar da festa. Estou presa neste sítio horrível, quase a vomitar devido ao cheiro a urina, a vomitado e a sabe-se lá que mais.

A minha companheira de cela é uma ratazana gorda e imunda

que está a devorar uma ratazana muito mais pequena do que ela.

Esta é cor-de-rosa e não tem pelo, por isso deve ser bebé. O que significa que a ratazana mãe está a comer uma das suas crias. Lembro-me de certa vez ter lido que as ratazanas são dadas a esse tipo de coisas quando não têm comida.

Observo a ratazana a deleitar-se com um dos seus filhos, esperando que ela não se lembre de se aproximar de mim. É irónico pensar que a minha própria mãe me sentenciou a um destino similar. Consentiu que eu fosse embora de forma a assegurar a sua própria sobrevivência, e agora aqui estou eu, presa neste inferno até o relógio do portal chegar a zero.

Sinto-me a ficar enjoada. Um grito involuntário de angústia cresce no meu peito, roubando-me o fôlego e fazendo com que meus joelhos vacilem e as pernas cedam, deixando-me cair no chão numa pilha de roupas finas encharcadas — sedas volumosas, ricas e requintadas, assim como a guarnição de renda, transformadas numa confusão encharcada e caída —, enquanto os laços, outrora alegres, não passam agora de uma coleção de tufo murchos.

Agora, esta roupa de gala já não interessa para nada.

Mesmo quando estava em condições, não seria isso que iria impedir que me tornasse em mais uma mulher sem nome, abusada e esquecida.

Será que o Braxton vai ter saudades minhas?

Será que alguém vai suspeitar da Elodie?

Eu sabia que ela podia ser cruel — mas isto é um nível completamente diferente.

Nunca me senti tão sozinha. Nunca me senti tão impotente e perdida.

Lembro-me de quão arrogante fui na *Arcano*, quando me ri da minha própria lápide.

Quando agora imagino as palavras escritas na minha lápide, estas seriam:

Natasha Antoinette Clarke

Filha decepcionante — amiga terrível

Morreu tal como viveu:

Uma rapariga desconhecida, desconectada, sem querer saber de

nada.

Morreu num local e numa época aos quais não pertencia.

E acabou por cair no esquecimento.

Não interessa que a cova esteja vazia.

Não houve lugar a um final feliz.

Não houve um cavaleiro corajoso que me viesse salvar.

Não houve um empresário a vir buscar-me de limusina branca.

O único resultado possível é o meu desaparecimento.

Passo as mãos nos braços para me tentar aquecer e levo a mão ao pescoço, de forma a tocar nó amuleto — o meu lembrete de que algures para lá destas paredes existe uma lua no céu, estrelas a cintilar como diamantes e um rapaz lindo à minha espera...

Mas não tenho o meu talismã.

Não.

Não!

Num instante, ponho-me de pé. Tenho o coração a bater desenfreadamente. Frenética, procuro em todos os bolsos, dentro do meu corpete, nas saias do meu vestido.

Procuro por todo o lado no chão da cela, dou pontapés a pedaços de palha ensopados em urina e enxoto a ratazana — que leva a sua refeição para um canto —, mas o talismã não está em lado nenhum.

Devo tê-lo perdido na fonte, ou durante a luta com o jardineiro, ou então quando choquei contra o guarda.

E agora, sem ter o talismã para servir de lembrete, em breve também a minha memória irá desaparecer.

Corro para a porta da cela e atiro-me contra as grades com toda a minha força. Mas não adianta, as grades não mexem e não há qualquer forma de escapar.

Tenho os olhos cheios de lágrimas, o que faz com que a minha visão esteja desfocada. Deixo-me cair no chão, raspando as minhas costas contra as grades frias e sujas.

Lembro-me do que o Braxton disse sobre ninguém ser mandado para casa por falhar. Mas agora sei que não vão para casa porque, quando falham, ficam perdidos noutra época e todo o conceito de

casa ou identidade simplesmente desaparece.

Foi isto que a aconteceu à Anjou e, provavelmente, também o que aconteceu ao primeiro companheiro de Salto da Elodie.

Quem sabe quantos outros Azuis não terão regressado a Gray Wolf?

E o que acontecerá quando eu cruzar a minha própria linha temporal?

Será que irei desaparecer neste mundo, no mundo moderno, ou talvez até em ambos?

Mas isso interessa sequer?

No fim de contas, o meu nome vai ser apenas mais um a acrescentar a uma longa lista de falhados.

Fecho os olhos com força e tenho não gritar. Não posso dar-me ao luxo de esquecer e recuso-me a deixar que a Elodie consiga ser bem-sucedida em fazer-me desaparecer.

Ponho-me de pé e começo a andar pela cela, sussurrando para mim mesma:

Chamo-me Natasha Antoinette Clarke. Sou da Califórnia. Nasci no novo milénio. A minha última morada foi na Academia Gray Wolf. Tenho uma mãe, um melhor amigo chamado Mason, um namorado chamado Braxton e sou uma dos Artful Dodgers do Arthur Blackstone...

Continuo a repetir as partes mais importantes da minha biografia, na esperança de, ao recitar estes factos, não os esquecer.

Este vestido não é meu.

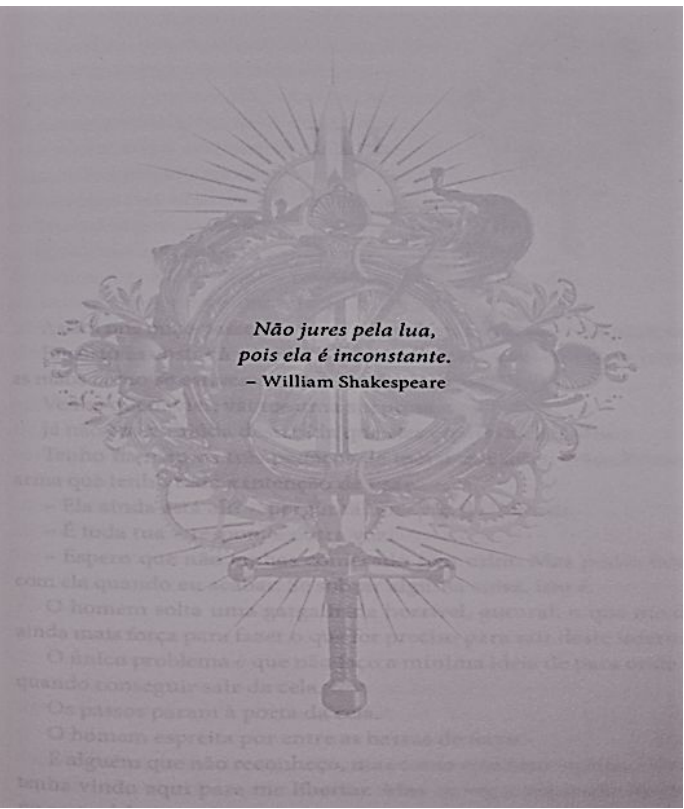
Estes sapatos não são meus.

Nem tão-pouco estas anquinhas.

Agarro na gaiola metálica com ambas as mãos, prestes a arrancá-la de uma vez por todas da cintura, quando me lembro da expressão estranha que a Charlotte fez enquanto me vestia e assegurava de que, às vezes, estas coisas davam jeito.

Ponho uma mão sob as saias e localizo três pedaços de metal mais grossos e fortes. Depois de os soltar, corro para a parede e escrevo o meu nome na pedra. Espero que, ao ler o meu nome ali, isso ajude a lembrar-me de quem sou e de onde venho.

E se isso não resultar, pelo menos não desapareço sem que ninguém saiba que estive aqui.



*Não jures pela lua,
pois ela é inconstante.*
- William Shakespeare



Capítulo 114

Assim que ouço passos a aproximarem-se, coloco-me em posição.

Encosto as costas à parede, baixo a cabeça em submissão e junto as mãos como se estivesse a rezar por redenção.

Venha quem vier, vai ter uma surpresa.

Já não sou a miúda destruída que eles esperam encontrar.

Tenho na mão os três pedaços de metal que afiei, criando uma arma que tenho toda a intenção de usar.

— Ela ainda está ali? — pergunta uma voz de homem.

— É toda tua — responde outra voz.

— Espero que não tenhas começado sem mim. Mas podes ficar com ela quando eu acabar. Se sobrar alguma coisa, isto é.

O homem solta uma gargalhada horrível, gutural, o que me dá ainda mais força para fazer o que for preciso para sair deste inferno.

O único problema é que não faço a mínima ideia de para onde ir quando conseguir sair da cela.

Os passos param à porta da cela.

O homem espreita por entre as barras de ferro.

É alguém que não reconheço, mas como está bem vestido, talvez tenha vindo aqui para me libertar. Mas ao ver a expressão lasciva no rosto dele, percebo que só está interessado numa coisa.

À medida que o chiar agudo das grades a abrir ecoa pela cela, eu

agarro a minha arma com mais força.

A porta abre-se...

Posiciono-me para levantar.

O homem entra...

Dou um salto no ar, com a arma em punho.

— *Que diab...* — Antes de ele terminar de falar, já a ponta da arma está encostada ao pescoço dele.

— Vou dizer-te o que vai acontecer. — Encosto a lâmina com mais força até lhe rasgar a pele, para que ele perceba que estou a falar a sério. — Vais ficar caladinho. Vais dar-me essa chave e ficar aqui preso como um prisioneiro obediente. E quando te perguntarem o que aconteceu, vais dizer que estavas bêbedo e que não fazes ideia de como vieste aqui parar, mas nunca me viste. *Comprenez-vous?*

Até correu bem, mas dois segundos depois, o homem empurra-me com imensa força, enviando-me contra a parede. A arma cai-me da mão e o homem dá-lhe um pontapé para o canto da cela, onde não lhe consigo chegar.

Estou assustada e tenho o estômago às voltas — o homem tem uma expressão de ódio; sorri de forma lasciva e começa a desabotoar as calças.

— Não tens para onde fugir — diz ele. — Por isso, mais vale aproveitares.

Encosto-me contra a parede. Tenho o coração a bater desenfreadamente e os joelhos quase a ceder. Começo a dizer os palavrões em francês que o Oliver e o Finn me ensinaram, mas o homem limita-se a rir. Ele baixa as calças e o meu corpo congela de terror, pois sei o destino horripilante que me aguarda.

Não. Não! Não pode ser. Isto não pode estar a acontecer. Estou a sonhar. Isto é um pesadelo... Tenho de acordar, tenho de...

O homem tem as calças à volta dos tornozelos, ainda assim consegue agarrar-me, virar-me de costas para ele, atirar-me contra a parede e agarrar-me a cintura.

A facilidade com que executa todo este ato violento revela que não é a primeira vez que faz isto. Mas, se depender de mim, vai ser a última.

Ele solta um grunhido e levanta a bainha da minha saia até às ancas. Nesse momento, sinto um choque de adrenalina a percorrer-me o corpo e dou-lhe com o calcanhar com tanta força no joelho que o ouço a partir.

O homem solta um grito de dor e tenta agarrar-me a cabeça. Mas como tem as calças à volta dos tornozelos, desequilibra-se.

Aproveito para me desviar dele e apanhar a arma, mas ele agarra-me as saias com tanta força que tropeço e caio ao chão.

Está agora em cima de mim. O peso dele é sufocante e tento desesperadamente encher os pulmões com ar, enquanto o hálito nojento dele aquece-me as orelhas e os dedos gordos e sujos tentam rasgar o meu vestido.

Abro os olhos e vejo a ratazana no canto oposto da cela. Já parou de comer o seu bebé e está focada em mim. Estico o braço, quase deslocando o ombro, ainda assim não consigo chegar à arma.

Ouçó o homem a dizer palavras terríveis ao meu ouvido, mas já deixei de o ouvir e não quero saber o que ele tem para dizer.

Ele solta um grunhido assustador, puxa-me na direção dele e dá-me uma estalada na cara, o anel dele marca-me a pele. Apesar de continuar a debater-me, a dar pontapés, a lutar com toda a força que tenho, não adianta, ele é demasiado pesado e forte, e os meus golpes não surtem qualquer efeito.

Fecho os olhos e tento não gritar. Nesse momento, o meu penteado desfaz-se e um dos inúmeros ganchos que o mantinham no sítio cai ao chão.

Abro os olhos e vejo um gancho de diamantes com duas pontas afiadas.

Será que são suficientemente afiadas?

Só há uma forma de descobrir.

O homem encosta a boca dele ao meu ouvido e diz-me para relaxar e desfrutar do inevitável.

Depois as mãos dele começam a apalpar as minhas pernas, e eu espeto-lhe o gancho de cabelo na cara.

O homem afasta-se, em choque, e aproveito para sair de debaixo dele e procurar a arma.

O homem está esparramado no chão, as calças emaranhadas nos

pés. Leva a mão ao rosto e arranca o gancho do sítio onde estava espetado, por baixo do olho. Segue-se uma torrente de sangue e ele agora está totalmente enraivecido.

Dou um passo na direção da porta. Está aberta e seria fácil escapar — mas o homem ainda tem a chave e está a gritar tanto que tenho medo que o guarda ouça.

Tenho de arranjar forma de o calar. Dê por onde der.

Ele está a gritar comigo, a chamar-me ladra, pega e outros nomes que o Finn e o Oliver nunca me ensinaram, mas que posso presumir não serem muito simpáticos.

Com um ar tresloucado, o homem tenta levantar-se e avançar contra mim, mas o joelho cede na direção contrária e ele cai para trás.

Corro para ele de arma em punho.

— Dá-me a chave — ordeno.

O homem cospe-me na cara.

Golpeio-lhe o pescoço, rasgando o lenço de seda dele e cortando a pele.

Com sangue a escorrer-lhe de ambas as feridas, enfio-lhe o lenço na boca e depois tiro as meias-calças do bolso, usando-as para lhe prender os pulsos atrás das costas.

Levo a mão ao casaco dele, à procura da chave, mas ele consegue dar-me uma joelhada na barriga, deixando-me sem fôlego.

Sinto uma onda de raiva a invadir-me e enfio a lâmina no meio do peito dele.

Estou prestes a esfaqueá-lo novamente quando uma sombra paira sobre mim e uma voz de homem diz:

— Para! Vais matá-lo.



Capítulo 115

— Talvez ele mereça morrer! — silvo.

Levanto novamente a lâmina, apenas para a ver a ser arrancada da minha mão.

— Já chega. Para. Confia em mim, se matares alguém, não há volta possível.

Olho para cima e vejo um rapaz com a minha arma na mão. É-me estranhamente familiar, mas a parte do rosto que não tem máscara está escondida pela sombra.

O rapaz retira um lenço do bolso e oferece-mo.

— Tens sangue aí... — Gesticula para a minha face e para o meu queixo.

Limpo o sangue e quando lhe entrego o lenço, o rapaz fica a olhar para ele durante tanto tempo que parece que o está a ver pela primeira vez.

Olho novamente para o homem ensanguentado no chão e o rapaz diz:

— Não te cabe mudar a História. Este homem tem um papel a cumprir para lá deste momento. Se o matares, arriskas a causar uma brecha no tempo que terá efeitos futuros.

— Isso não é problema meu — replico, dividida entre o desejo de acabar com ele e a percepção terrível do que fiz e do que ainda sou capaz de fazer.

— Vamos deixá-lo viver para que não se torne mesmo num pro-

blema. — O rapaz estica a mão, mas afasto-a e levanto-me sozinha.

— Quem és? — pergunto, dando um passo atrás. Ele parece inofensivo, mas agora já desconfio de toda a gente. Além disso, está a agir de forma estranha.

Ele abana a cabeça e passa a mão pelo queixo.

— Encontrei uma coisa — revela ele. — Estava lá fora, no chão. Acho que te pertence.

Olho por cima do ombro e depois novamente para ele. O rapaz dá um passo em frente em direção à luz.

O cabelo dele é longo e louro. O nariz proeminente, o queixo forte. Tem um monte de medalhas presas à lapela do casaco e as botas muito polidas, o que me diz que é alguém importante. Mas o que agora prende a minha atenção é um pequeno amuleto dourado que segura na palma da mão.

É uma gaiola dourada com uma lua e uma estrela lá dentro.

— Graças a ti, consegui lembrar-me — diz ele, a voz um mero sussurro. — E agora estás na altura de também tu te lembrares.

Ele dá outro passo em frente, até ficar a meros centímetros de mim.

Com os dedos a tremer, agarro no amuleto e uma tempestade de imagens invade-me a mente.

Braxton.

Gray Wolf.

Arthur.

Elodie.

O portal que se vai fechar — e a minha aniquilação caso não consiga chegar lá a tempo.

A minha mente é uma tempestade de memórias.

— Chamo-me Killian de Luce — diz o rapaz. — E quero ajudar-te.

Posso ajudar-te? — A voz dele é suave, gentil.

Olho para ele, assustada.

— A não ser que sejas um grande amigo do rei, acho que vais arranjar problemas se me ajudares.

Ele abana a cabeça.

— Nada disso me importa. Agora já me lembro de quem sou.

— E quem és? — pergunto, a minha voz a tremer.

— Sou como tu.

O Killian aponta para a parede atrás de mim e, inicialmente, não percebo onde quer chegar.

Depois, vejo o sítio onde escrevi o meu nome e as iniciais ADA, numa tentativa de não me esquecer.

— Os *Artful Dodgers* do Arthur — diz ele, e fico de queixo caído, sem conseguir acreditar. — E tu és a Natasha.

— Mas, é impossível... — começo, antes de perceber que nada é impossível. Abano a cabeça e digo: — Há quanto tempo estás aqui?

— Há demasiado. — Ele suspira e estende-me a mão.

— Há um guarda ali fora — aviso, mas o Killian abana a cabeça.

— Já tratei dele. Está a dormir. Mas temos de sair daqui antes que acorde.

Começo a sair da cela e lembro-me de que ainda há algo que tenho de fazer.

— Natasha, não temos tempo!

Agacho-me ao lado do homem ensanguentado no chão e arranco-lhe o anel do dedo, o mesmo que me marcou a cara. E apesar de ele estar preso, o homem lança-me um olhar de vingança.

Assim que coloco o anel no bolso, olho para as marcas que fiz na parede, onde assumi publicamente fazer parte dos *Artful Dodgers* do Arthur.

— Achas que devo apagar aquilo? — pergunto, mas o Killian abana a cabeça.

— Deixa — responde ele. — Agora já fazes parte dos anais da História. Não prives os historiadores do futuro da diversão de tentar decifrar o que significa ADA.

Ele ri-se e eu questiono-me se isso significa que já há algum livro de História no futuro que contém esta referência.

Se eu voltar ao Palácio de Versalhes no futuro, será que vou encontrar o meu nome gravado nesta parede?

É algo sobre o qual posso refletir noutra altura.

Estou prestes a sair da cela, mas o Killian para-me.

— Toma o teu sapato — diz ele, pegando no sapato que devo ter perdido durante a luta com o homem e que, entretanto, já foi roído pela ratazana. — Além disso, continuas com sangue na cara. Posso?

Ele estende a mão e a minha primeira reação é encolher-me. Assim que repara, o Killian entrega-me a minha arma.

— Quero que te sintas segura — garante ele. — Mas também quero limpar o sangue da tua cara. Sem ofensa, mas neste momento estás um pouco desgrenhada e nós temos de passar despercebidos.

Ele passa o lenço no meu rosto com cuidado e volta a guardá-lo no bolso.

— Ah, e também é preciso tratar disto... — Ele aponta para o meu cabelo, que está todo despenteado, metade preso, metade solto, ganchos por todo o lado. Ele retira os ganchos e passa os dedos pelo meu cabelo até cair naturalmente sobre os meus ombros.

— Está melhor assim? — pergunto.

— Muito melhor — responde ele, sorrindo. — Mas acho que não há muito a fazer em relação ao teu vestido, por isso, toma lá. — Despe o casaco de cauda e coloca-o sobre os meus ombros.

— Foste estilista numa vida passada? — interrogo, agradecida por sentir o calor do casaco no corpo, que continua húmido e frio.

— Já fui muitas coisas — replica ele, com uma gargalhada. — Mas em breve serei um homem procurado, por isso...

Sem dizer mais uma palavra, o Killian encaminha-me para fora da cela, tranca o homem lá dentro e desatamos a correr.



Capítulo 116

Quando chego ao fundo do corredor, vejo o guarda que me trancou na cela caído no chão e o homem que me trouxe para aqui a sangrar devido a uma facada.

— O que fizeste? — interrogo, aproximando-me do jardineiro que, pelo que vejo, está prestes a morrer, se é que já não morreu.

— Fiz o que tinha de fazer — responde bruscamente o Killian. — Vamos lá. Temos de ir embora. Temos de continuar a andar antes que alguém nos veja.

Eu sei que ele tem razão. Não há um minuto a perder. Mas o jardineiro ainda tem a bolsa em couro à cintura. Tenho de confirmar se o guarda lhe devolveu a bola dourada, ainda que essa hipótese seja ínfima.

Ajoelho-me ao lado do homem. Tento não olhar para a ferida na barriga dele e vejo uma tatuagem estranha no braço. É um conjunto de círculos interligados — um desenho que me é familiar.

Aproximo-me para ver melhor quando o Killian diz:

— Não vale a pena chorar pelo Guardião do Tempo.

Viro-me para ele, confusa.

— O quem?

Ele limita-se a abanar a cabeça e diz:

— Já está?

Olho para o homem moribundo à minha frente, solto o fio da bolsa e coloco um dedo dentro. Solto um suspiro de alívio, pois

constato que o sol está lá.

Depois de colocar a esfera dourada dentro do bolso, levanto-me com a ajuda do Killian e começamos a correr para as escadas.

— Quanto tempo temos? — pergunta. Tento acompanhá-lo, a custo.

— Não sei — sussurro. — A minha máscara deixou de funcionar pouco tempo depois de chegar.

Ele olha por cima do ombro.

— Isso não aconteceu por acaso — diz ele, de forma críptica, deixando-me a pensar como é que acabou aqui preso. Mas não há tempo para discutir essas coisas. Temos de continuar.

— Dá-me a mão e anda rápido — pede ele. — Mas não corras até ser seguro.

— Mas temos de chegar ao portal! — argumento.

— Primeiro, temos de sair daqui sem que ninguém repare em nós.

Caminho ao lado dele, com os objetivos em mente: a saída, o jardim e, com sorte, a escultura *Traição* que leva ao portal — que espero que continue aberto.

Tinha duas horas. Da última vez que verifiquei, já tinha gastado algum desse tempo. Considerando tudo o que aconteceu desde então, parece que já estou aqui há dias. Se o portal já estiver fechado e ficarmos presos em 1745 com um homem furioso fechado numa cela, um jardineiro morto e um guarda que pode acordar a qualquer momento, então o Killian está feito e eu... bem, não interessa muito, porque nessa altura já nem existo.

Este pensamento faz-me apressar o passo. Não me importa o que ele pensa, não podemos perder mais tempo. Mas o Killian tem outros planos, e nesse momento dou por mim nos braços dele e com ele a pegar-me ao colo.

— Que raio... — solto, dando-lhe um murro no ombro. — Eu sabia que não podia confiar em ti! Eu sabia... — Encosto-lhe a lâmina ao peito, mas ele nem reage.

— Para — sussurra ele. — Ou então podes discutir, mas assim meio na brincadeira.

— Mas que po...

Quando dou por mim, o Killian encosta os lábios dele aos meus, mas ao contrário do Jago, não finge beijar-me, beija-me mesmo. Os lábios dele são quentes, macios e familiares. Mas ao contrário da outra vez em que nos beijámos, agora não estou num Desvanecimento, por isso não vou entrar no jogo dele.

Abro um olho e vejo dois guardas a correrem na nossa direção. Abrandam ao passar por nós, olhando para mim e para o Killian, e tenho a certeza de que vão perceber que isto é uma fachada.

O Killian agarra-me com mais força, sussurrando:

— Desculpa, mas, por favor, alinha comigo por agora. — Depois, continua a empurrar lábios contra os meus.

Os guardas passam por nós e apressam-se a descer pelo corredor de onde viemos. O Killian começa a afastar-se, mas mordo-lhe o lábio de baixo.

— Ai! Credo! — grita ele, colocando-me no chão e levantando as mãos no ar.

— Olha, não sei há quanto tempo estás aqui... mas as regras mudaram. Tens de pedir antes de beijar alguém.

Ele passa a mão de forma dramática sobre os lábios, como se estivesse a apagar o beijo, ou talvez a ver se está a sangrar, não consigo perceber bem.

— Precisava de ser convincente. Achas mesmo que os franceses não conseguem perceber se estivermos a fingir? Já para não falar que tens pingas de sangue no vestido que o meu casaco não esconde, querias mesmo que eles vissem isso? Ah, para que fique claro, tendo em conta a forma como também me beijaste, creio que me achaste igualmente convincente.

Começo a argumentar que *não* o beijei de volta e ele desata a rir.

— O teu nome verdadeiro é Natasha?

— O teu não é Killian?

— Agora é — responde ele. — Muitos de nós inventam o próprio nome. Ter uma nova vida, uma nova identidade. Esse tipo de coisas.

— Eu sabia que Elodie Blue era um nome falso... — murmuro, mas o Killian ouve-me.

— A Elodie... — Ele olha para o horizonte e assobia baixinho.

Mas não é um assobio *sexy*, é um assobio como quem diz “aquela-miúda-só-traz-sarilhos”. E faço uma nota mental para tentar perceber o significado daquilo, mas mais tarde, agora não. — Já não ouvia esse nome há muito tempo. E ainda bem. — Ele muda de assunto e continua. — Lembras-te de onde aterraste? Onde era o portal? Porque sem a ajuda da máscara...

Reviro os olhos, chateada por ele me estar a tratar com uma novata. Quer dizer, até sou, mas não sou eu que estou aqui presa há sabe-se lá quanto tempo.

Assim que saímos do palácio, desatamos a correr.

— É já ali — indico, sem fôlego, tentando correr mais rápido. Quando passamos pelas sebes cortadas em forma de triângulo, vejo a estátua que marca a localização do portal e corro ainda mais depressa.

— *Traição?* — diz o Killian, soltando uma gargalhada. Ao contrário de mim, está a respirar normalmente. — E, deixa-me adivinhar... tu achas que isso é uma coincidência?

Ele começa a rir ainda mais, e agora é perfeitamente claro que se está a rir de mim.



Capítulo 117

— Tens a certeza de que é isto que queres fazer? — pergunto. Estamos agora muito próximos do que julgo ser o local do portal que, na verdade, não consigo ver. — Tens a certeza de que queres voltar para Gray Wolf?

— Tenho uma condição — retorque ele. Agarra-me a mão e põe-se à minha frente, não me deixando passar.

— Estás mesmo a tentar negociar?! Quer dizer, agora? Neste momento? — bufo, pondo uma mão no meu corpete estupidamente apertado e tentando respirar.

— Tendo em conta que estou na tua lista de Aquisições, acho que estou em posição de negociar, não é verdade?

— Como é que sabes que estás na minha lista? — interrogo. Estico as costas e passo uma mão pelo meu vestido imundo.

O Killian começa a rir.

— Por que outra razão te mandariam? Para roubares um anel de ouro de um duque?

Reviro os olhos e começo a avançar em direção ao portal, quando me apercebo do que ele acabou de dizer.

— Aquele predador era um *duque*?

Nem sei porque fiquei surpreendida. Além de ser um sacana, um predador e um criminoso violento, era completamente arrogante e mimado. Questiono-me se cometi um erro ao não o matar quando tive oportunidade.

— Era o Duque de Valentois — revela o Killian, correndo a meu lado. — Mas não te preocupes, aposto que mereceu o que teve.

— Não me preocupo? Eu teria acabado com ele se tu não...

Ele para de correr e agarra o meu cotovelo.

— Não tinhas o direito de tirar a vida dele — diz, muito sério.

— E o jardineiro? — pergunto, e o Killian parece ficar confuso.

— Não tiveste qualquer problema em deixá-lo esvair-se em sangue.

O Killian passa a mão no queixo.

— O *jardineiro*? É isso que achas que ele era? — Desata a rir às gargalhadas. — Para que saibas, esse homem era um Guardião do Tempo. E, confia em mim, ninguém vai ter saudades dele. Quanto ao duque, tinha imensos inimigos, por isso é uma questão de tempo até que um deles acabe o que começaste. Mas isso não irá acontecer até que ele engravide a esposa, que irá dar à luz uma filha que, por sua vez, será mãe de vários filhos, um dos quais terá um impacto significativo no mundo. E foi por isso, resumidamente, que não deixei que o matasses. Pensa nisto como dominós em pé, se deitares um abaixo, é provável que toda a fila caia. Além disso, não vieste aqui para limpar o sebo a duques, certo? O Arthur disse-te o meu nome por alguma razão.

— *Tu é que me disseste o teu nome.* — Abano a cabeça. *Fogo, qual é o problema deste tipo?* — Da última vez que cá estive, *tu é que me deste o teu lenço para que eu não me esquecesse de ti.* Mas, na verdade, apenas querias que eu o mostrasse ao Arthur. O que significa que já tinhas recuperado a memória.

O Killian ultrapassa-me e começa a correr de costas, o que me irrita profundamente. *Parece mesmo que este tipo quer que eu desapareça.*

— Se te dei o lenço durante o teu primeiro Salto, como é que to poderia ter dado há pouco?

— Porque cheguei umas horas mais cedo neste Salto e... — Abano a cabeça, frustrada, e acrescento: — Olha, sei lá! Não interessa.

— Então, o que *é* que interessa? — pergunta ele, com um ar divertido, o que me irrita ainda mais.

— Chegar ao portal a tempo, *obviamente!* — grito. — Que raio de joguinhos estás a querer jogar?

Ultrapasso-o e corro para o local onde espero que o portal esteja, mas o Killian não se coloca a meu lado.

— Nunca te aconteceu teres algo durante tanto tempo que eventualmente deixas de ver o significado dessa coisa? — questiona ele, retirando uma espada da bainha à cintura e atirando-a para o chão. — Por falar nisso, já não vou precisar disto. Se queres que o meu regresso seja autêntico, é melhor ir desarmado.

— Tu tinhas uma espada?! — brado, revoltada. — Todo este tempo? Ele começa a rir.

— Esta porcaria? É só a minha espada de ir a festas. É muito mais pequena do que a que uso em batalha. E nem chegava aos calcanhares da tua arma improvisada.

Reviro os olhos, agarro o braço dele e puxo-o para meu lado.

E embora não esteja muito entusiasmada por o levar de volta, estou aliviada por ter chegado aqui a tempo, com ambas as Aquisições comigo.

— Estás pronto? — pergunto, colocando o dedo na safira que ativa o portal, prestes a carregar, quando o Killian me impede de o fazer.

— Qual é a pressa? — reage ele.

— Estás a brincar?! — Gesticulo para os jardins, com foliões por todo o lado, alguns deles demasiado próximos de nós. — Eles podem vir atrás de nós a qualquer momento!

O Killian olha em redor, confuso, e depois para mim.

— Não está aqui ninguém. Estamos só nós.

— Ah, a sério? E aquelas pessoas ali? — Aponto para um grupo de pessoas que estendeu um cobertor na relva para fazer um piquenique neste dia de primavera. Reconheço de imediato Maria Antonieta.

Mas assim que acabo de falar, lembro-me de que não estamos na primavera.

E é de noite.

E estamos a 30 anos de Maria Antonieta se tornar rainha.

Além disso, o chão está a tremer ligeiramente. E a única razão pela qual as luzes não estão a piscar é porque não havia eletricidade em 1745.

— Uau! — A voz do Killian traz-me de volta para o presente, ou, pelo menos, para esta versão do presente. — Não estava a contar com esta. O Arthur sabe que tens esse dom? — Ele inclina a cabeça para o lado, observando-me com interesse.

— Tenho... o quê? — balbuceio, a medo.

— O dom de ver através do tempo.



Capítulo 118

A Revelação.

Olho para o sítio onde vi a rainha francesa trágica a fazer um piquenique com os amigos. Ela agora já desapareceu, já desapareceram todos, mas a imagem perdura, tal como aconteceu com aquela rapariga que vi no labirinto, no primeiro dia em Gray Wolf, ou com os meus pais a discutirem na cozinha sobre o teste de gravidez.

Ainda assim, foi a primeira vez que vislumbrei o futuro em vez do passado.

Será que por ter viajado para o passado consegui um vislumbre do futuro?

— Não sou vidente, se é isso que estás a pensar. Se fosse, não estaria aqui.

— Não — diz Killian, olhando atentamente para mim. — És uma coisa completamente diferente.

— Talvez tenha sido apenas uma distorção ou algo do género... — digo, mas ambos sabemos que não se tratou disso.

— Queres um conselho? — pergunta o Killian, aproximando-se de mim. — Não contes a ninguém que consegues fazer isso.

— Mas agora já sabes — digo, e admito para mim mesma uma verdade assustadora: *E o Arthur também deve saber. Não é por isso que estou aqui?*

— Pois sei — concorda o Killian. Depois cala-se durante uns

segundos e não sei como hei de interpretar o silêncio dele. — Mas antes de carregares nesse botão, quero que me prometas uma coisa. — Devo parecer cautelosa, pois ele acrescenta rapidamente: — Não te esqueças de que me estás a dever uma. Salvei-te a vida. Além disso, sou o único que sabe o teu segredo.

— Deves estar a brincar! — silvo. — Se bem me lembro, eu é que fiz a arma improvisada e dei uma tarefa naquele duque.

— Pronto, está bem — anui ele, levantando as mãos no ar. — Não eras propriamente uma dama em apuros, mas estavas a passar por um Desvanecimento, por isso...

— Diz o que tens a dizer de uma vez por todas. O que queres?

— Quero que finjas que me estás a levar para Gray Wolf contra a minha vontade.

Agora fiquei confusa.

— Quero que prometas que, quando chegarmos lá, tens a arma ao meu pescoço e um ar de quem a pretende usar, se necessário. Tal como fizeste com o duque. Podes fazer isso?

— Mas porquê?

— Tens de prometer.

— Tudo bem. Prometo. Mas pelo menos diz-me porquê, para perceber o que me espera.

O Killian aproxima-se de mim. Num tom sombrio, diz:

— Não podes confiar em ninguém naquela ilha. Mas espero, depois de tudo o que acabámos de passar juntos, que possamos ser amigos.

Observo-o durante alguns segundos. Mas como os olhos são a chave para desvendar e os dele estão obscurecidos pela máscara, é difícil deduzir muita coisa.

— Se achas que é assim tão horrível, porque queres voltar? — pergunto. — Quer dizer, corrige-me se estiver errada, mas tenho a sensação de que não é só por medo das repercussões pelo que fizemos ao duque e ao guarda.

O Killian respira fundo, inclina-se para mim e diz:

— Porque serei o primeiro. Nunca ninguém regressou depois de ficar perdido no passado. E é assim principalmente porque o Arthur

não manda ninguém para os procurar. E o facto de estares aqui leva-me a crer que ele não sabia que eu estava perdido, porque alguém mentiu e disse-lhe que eu estava morto. Por isso, o plano só funciona se essa pessoa não suspeitar que sei disso.

— Há um plano?

— Achas mesmo que o Arthur construiu Gray Wolf com o único propósito de roubar bugigangas e obras de arte? Toda a gente naquele sítio tem um plano, querida. Especialmente o Arthur. E o plano dele não se resume a isso.

Fico a pensar se o Killian sabe alguma coisa sobre a Máquina de Anticítera e o plano do Arthur de refazer o mundo.

Mas limito-me a dizer:

— Não me chames “querida”.

— Ah, já percebi — diz ele, com um sorriso matreiro. — Há outra pessoa que já te chama isso.

Reviro os olhos. É uma pena ele não conseguir ver.

— Mas quem é que mentiu? Quem é que te deixou aqui? Isto tem algo a ver com a Elodie?

O Killian olha para o Palácio de Versalhes, que reluz e ilumina o céu noturno. Depois, pega na minha mão.

— Tem que ver com o Braxton. — Mas antes que consiga pedir que ele se explique melhor, acrescenta: — Ah, e já agora, foste mesmo incrível há pouco. Arrumaste com aquele duque com uma mão atrás das costas. E para que conste, peço desculpa por aquele beijo, especialmente depois de tudo o que passaste com o duque, mas quero que fique claro que me *beijaste* de volta.

Dito isto, carrega na safira e disparamos 275 anos para o futuro.



Capítulo 119

Assim que aterramos na plataforma, espeto a lâmina no pescoço do Killian até lhe escorrer um fio de sangue.

— Eu disse que era a *fingir* — rosna ele, entre dentes.

— Esta foi pelo teu comentário sobre o beijo — reajo. Em seguida, afrouxando ligeiramente o meu aperto, acrescento: — Isso é a fingir.

O Killian clareia a voz e assume a postura de alguém que acabou de ser arrastado contra a sua vontade. Mas sussurra-me:

— Fogo, ele não mudou nada...

O Arthur caminha decidido na nossa direção, olhando para mim e para o Killian, mas é impossível perceber no que está a pensar.

— Estava a ficar preocupado. O tempo estava a esgotar-se. Más parece o teu Salto foi bem-sucedido.

— Era isto o que queria? — pergunto, encostando a lâmina com mais força ao pescoço do Killian.

— Calma, tigre — murmura o Killian. O Arthur baixa o meu braço e retira-me a arma da mão.

— Estou a ver que houve problemas... — O Arthur examina a minha arma improvisada antes de a entregar ao Keane.

— Nada que não conseguisse resolver. — Lanço um olhar ao Killian, mas ele é esperto de mais para responder.

— Estás bem? — O Arthur inclina a cabeça, observando-me com interesse. Provavelmente, tem mais que ver com a minha aparência

desgrenhada do que com qualquer outra coisa.

A resposta sincera seria: *Não tenho a certeza.*

Possivelmente seguida de uma longa lista de coisas que aconteceram devido ao facto de ele me ter posto numa situação perigosa, ainda por cima numa altura em que o simples facto de ser mulher era perigoso, quanto mais uma mulher acusada de um crime.

Fui agredida.

Atirada para dentro de uma cela.

Quase violada.

E quase morri.

Foi a pior coisa que alguma vez me aconteceu, mas agora não me apetecer reviver isso. Por agora, prefiro focar-me nesta vitória e em como, com um pouco de criatividade e uma mecha de ferocidade que nunca teria imaginado, consegui sobreviver.

Por isso, digo simplesmente ao Arthur:

— Estou aqui, não estou?

Ele faz sinal ao Keane para levar o Killian para a sala de controlo.

— Ele não queria vir — revelo. O Killian recusa-se a cooperar e o Keane tem de o agarrar pelo braço e arrastá-lo para fora dali à força.

— Mas conseguiste convencê-lo.

O Arthur faz sinal para que eu me sente, mas prefiro ficar de pé.

— Vai dizer-me quem ele é? — pergunto.

— Ele não te disse?

Nesse momento, não sei o que responder. Será que o Arthur sabe que estamos só a fingir?

Talvez.

Provavelmente.

O Arthur costuma saber tudo. Mas agora já menti, por isso não há volta a dar.

— Ele disse que se chamava Killian de Luce, mas acho que é um nome inventado.

O Arthur solta uma gargalhada ruidosa e genuína.

— E tu? — interroga ele. — Estás satisfeita com quem és?

Começo a responder, mas depois percebo que esta pergunta tem mais matizes do que pensava. O Arthur não está a referir-se apenas ao meu nome. Quer que eu escolha entre a pessoa em quem me tornei desde que cheguei a Gray Wolf e o meu eu futuro que ainda não descobri.

Lembro-me de estar naquela cela da esquadra da polícia antes de vir para aqui, a contemplar o futuro triste que me esperava.

Lembro-me da facilidade com que entreguei o meu futuro à Elo-die, e depois ao Braxton e, por fim, ao Arthur.

Lembro-me de ver a cara radiante da minha mãe perante toda aquela abundância, apesar de a minha vida estar em jogo.

Aquela miúda que outrora era não tinha coragem para decidir nada acerca do seu futuro. Recusava-se a ouvir o Mason quando ele dizia que ela ainda podia ser alguém, escolhendo acreditar na mentira que contara a si mesma de que não se podia dar ao luxo de escolher o seu destino.

Segundo o Jago, os caminhos já estavam predefinidos. Havia inúmeras rotas por onde decidir — diversas formas através das quais podia mudar a sua vida. Mas era demasiado apática para investir qualquer energia nisso, por isso deixou que outras pessoas decidissem por ela.

A miúda que eu era nunca seria capaz de conseguir sair de 1745. Não tinha coragem para sequer tentar fazer tal coisa, quanto mais regressar com o saque.

Já fui parar à prisão duas vezes desde que tudo isto começou, mas foram duas situações tão diferentes que é ridículo sequer tentar compará-las.

Afinal, o Braxton tinha razão — depois de Saltarmos, nunca mais voltamos a ser quem éramos.

Mas a realidade é que não quero voltar atrás. Gosto desta minha nova versão.

Sou mais forte.

Mais esperta.

Estar aqui em Gray Wolf acendeu uma chama dentro de mim que incinerou toda a minha apatia e substituiu-a por uma sede de progredir e ser bem-sucedida — uma sede tal que às vezes até me

assusta.

Mas estou satisfeita em ser quem sou?

Olho para o Arthur. Os olhos negros dele não revelam qualquer emoção. Quero ser aberta e honesta, nem que seja só desta vez.

— Não — respondo. — Isto é apenas o começo. Mas, se não se importar, quero ficar com o nome que a minha mãe me deu.



Capítulo 120

O Arthur esboça um sorriso. De repente, lembro-me de que ainda não lhe entreguei o resto das Aquisições.

Retiro a bola dourada de um dos bolsos do vestido.

— O sol! — exclama o Arthur, observando a pequena esfera brilhante. — Eu sabia que ia conseguir!

Lembro-me do que pensei nos momentos antes de encontrar o sol — as cartas do Sol, da Roda da Fortuna e do Mago estão interligadas. Apesar de não ter a certeza do que isso significa, sei que não é uma coincidência.

Revelo ao Arthur onde encontrei a esfera e alguns dos imprevistos que ocorreram antes de regressar. Claro que não digo nada da parte em que me apontaram a minha própria adaga ao pescoço, imaginando que ele gostaria de ouvir sobre isso tanto quanto eu de o reviver.

A Elodie referira-se àquele homem como o jardineiro. Mas o Killian afirmou com toda a certeza que ele era um Guardião do Tempo. Antes de conseguir perguntar ao Arthur o que isso significa, ele aponta para o anel que roubei ao duque.

— E isto aqui? — pergunta ele.

— Pertencia a um duque. — Entrego-lhe o anel, feliz por me livrar do lembrete do que aquele homem me fez.

E do que eu quase lhe fiz.

— Isto tem alguma história interessante? — quer saber o Arthur,

observando o anel de perto.

Respiro fundo. Acho que ainda não estou preparada para lhe contar o que aconteceu. Mas o Arthur acena, encorajando-me a continuar, e percebo que há dois lados desta história, pois isso conto-lhe a versão que prefiro recordar.

— É a história de uma rapariga que deu por si mergulhada na escuridão, a achar que ia morrer, mas descobriu que a coragem e a força de que precisava para sobreviver já existiam dentro dela.

— E o duque? — questiona o Arthur.

Faço cara feia, mas depois lembro-me do estado em que o deixei — coberto de sangue e cego de um olho.

— O duque sobreviveu para continuar a escrever a sua história.

Mas aposto que nunca se vai esquecer do dia em que me conheceu. O Arthur pega na minha mão e coloca o anel na minha palma.

— Sei que há um outro lado dessa história — diz ele. — Uma versão muito mais dolorosa do que aquela que acabaste de contar. E lamento que isso tenha acontecido. Mas quero que sabias que a tua decisão de contar a história dessa forma é extremamente sábia. Não interessa se foi para me impressionar ou para te sentires melhor. Porque este anel representa o tipo de escolha que temos de fazer quando narramos as nossas vidas através das histórias que contamos a outros, mas, ainda mais importante do que isso, das histórias que contamos a nós mesmos.

O Arthur cala-se e eu assinto para ele continuar. A forma intensa com me olha, a maneira séria como fala — quero ouvir tudo o que tem para dizer.

— Tu é que decides se queres ver este anel como um símbolo de tudo o que sofreste ou como um símbolo da força que descobriste dentro de ti e que, em última análise, levou ao teu triunfo.

— E, como vencedora, já posso escrever a minha própria história? Ele olha diretamente para mim.

— Nós estamos constantemente a escrever as nossas histórias. São aquelas que escolhes repetir que determinam o teu destino. Tu és a alquimista da realidade que crias.

— Amor Fati — sussurro, repetindo uma expressão que o meu pai costumava dizer. É sobre aprender a acolher o nosso destino e transformar as experiências desagradáveis em algo significativo, melhor. Ainda que o meu pai dissesse esta expressão sempre com um ar extremamente triste.

Observo o anel de ouro e depois guardo-o.

— E, Natasha — continua o Arthur —, tenho completa noção dos riscos que vocês correm quando Saltam. É por isso que temos um psicólogo na equipa que vos ajuda a processar qualquer trauma. Vou marcar uma consulta para ti para amanhã. Depois disso, podes ir sempre que quiseres. Aqui não há estigmas. Todos nós precisamos de ajuda de vez em quando.

Sorrio, engulo em seco e sigo para a sala de Guarda-Roupa para tirar o vestido de uma vez por todas.

— Ah, e obrigado por teres trazido o Killian de volta — finaliza ele. Eu sei que me está a testar.

Se quiser prosseguir com a mentira, tenho de dizer: *De volta? Como assim, trazê-lo de volta? Ele já cá esteve antes?* E outras coisas desse género.

Mas estou demasiado cansada para joguinhos. Para quê fazê-lo? Ambos temos consciência de que eu sei. É parvo continuar a tentar enganar o Arthur. Por isso, não digo nada.

— Acho que mereces mais uma visita à Caixa-Forte. Acho que a *Primavera*, de Boticelli, ainda está disponível.

Pondero na sugestão por momentos — aquele quadro é lindo, vibrante e alegre. Depois, surpreendo-nos a ambos com a minha resposta.

— Não. Esse quadro já não é para mim. O quadro que eu gostaria de ter é o que está pendurado no *hall* de entrada. Aquele com a mulher no cemitério, com a ampulheta na mão. Acho que se chama *Vanitas*.

O Arthur observa-me durante tanto tempo que fico preocupada em ter ido longe de mais.

— Vou pedir que tratem disso — diz ele por fim. Depois, vira-se e vai falar com o Killian, e eu vou despir a roupa e pedir desculpa à Charlotte por lhe ter trazido um vestido destruído, sapatos roídos e umas anquinhas sem três peças de metal.



Capítulo 121

Reservo algum tempo para me vestir.

Deixo o cabelo solto e pinto-me com *eyeliner*, rímel e batom, e ponho *blush* cor de pêssego nas faces e na testa. No final, vejo-me ao espelho e fico contente com o reflexo diante de mim.

O vestido que escolhi seria mais apropriado para o verão. Mas, apesar de estar uma grande tempestade de inverno lá fora, com chuva tão forte que até abana as janelas, cá dentro podemos escolher a estação em que estamos.

O vestido é verde-relva e feito de linho, com flores cor-de-rosa, roxas e amarelas bordadas. É bastante decotado e tem daquelas mangas volumosas até aos cotovelos que escondem as nódoas negras que tenho nos braços feitas pelo jardineiro. Mas as que tenho na cintura feitas pelo duque ainda são mais feias...

Toco no espelho, a minha mão a tremer, e surge-me na mente uma imagem terrível dos olhos odiosos daquele homem, daqueles lábios nojentos. Só de pensar quão perto ele esteve de...

Abano a cabeça e tento afastar aquela imagem, desejando desesperadamente substituí-la pelo som gratificante do joelho dele a partir quando o pontapeei, pela imagem do corte na cara dele quando o esfaqueei...

Já chega de pensar no duque. Sei que o Arthur tem razão — só eu posso exorcizar a memória dele da minha mente. Mas há muito tempo para lidar com isso noutro dia.

Esta noite não é dele.

Estico as costas e ponho os ombros para trás. *Agora sou uma Azul*, penso para mim. E já que a roupa que usamos é uma forma de nos expressarmos, ao usar um vestido que não esconde as nódoas negras que tenho nas pernas, espero mostrar que estou comprometida com a vida na academia.

Os meus pés ficaram bastante mazelados, com algumas feridas abertas e cortes, e tive de visitar o gabinete de enfermagem para me fazerem os curativos. Por isso, estou a usar uns sapatos rasos que me dão algum conforto.

Coloco uns brincos de diamantes nas orelhas e diferentes anéis nos dedos.

Guardei o anel do duque — para já, nem consigo olhar para ele. Um dia, quando estiver pronta, vou levá-lo aos artesãos do Arthur para que eles o derretam e transformem em algo que eu goste de usar.

Vou transformar algo feio em algo belo.

Mudar uma história de vitimização para uma história de triunfo. É esta a alquimia que aprendi nesta academia.

Quando estava a despir o vestido de gala, a Charlotte retirou o meu talismã da fita de veludo e voltou a colocá-lo no fio de ouro.

— Tiveste sorte em encontrá-lo — disse ela.

Estive quase para dizer que não o encontrei. Que foi o Killian a devolver-mo, mas, entretanto, ela mudou de assunto e acabei por não dizer nada.

Aproximo-me do quadro agora pendurado na minha parede. Quem diria que seria a dona de um quadro original de Salvador Dali?

Na verdade, suponho que não sou dona de nada neste sítio. Na realidade, tudo pertence ao Arthur. O quadro é emprestado. E ele nunca me disse por quanto tempo.

Volto a olhar para o *tablet*. Desde que voltei para o quarto, não consigo parar de ver se aparece alguma mensagem. Mas o Braxton ainda não disse nada.

Contudo, tenho a minha frase motivacional do dia:

A música não está nas notas,
mas no silêncio entre elas.

E por baixo uma mensagem da Elodie. Para ser sincera, é por causa dela que demorei tanto tempo a arranjar-me.

Elodie: Festa na *Halcyon*, às 20h00 em ponto.

Eu: ☺

Não vale a pena dar já a entender que eu sei que ela sabotou o meu Salto. Há muito tempo para isso.

É melhor fingir que está tudo bem até ter um plano concreto. De acordo com o Killian, toda a gente aqui tem um plano, incluindo o Braxton.

Ou pelo menos foi isso o que o Killian deu a entender ao responsabilizar o Braxton pela estadia alargada dele em 1745, segundos antes de dispararmos dois séculos e meio para o futuro.

Por outro lado, também me acusou de o ter beijado de volta, o que não é, de todo, verdade.

A *Halcyon* só está aberta aos fins de semana, e apenas deixam entrar os Azuis ou superiores, pelo que esta vai ser a minha primeira ida à discoteca e tenho curiosidade em perceber porque falam tanto dela e como é que a Elodie conseguiu que estivesse aberta num dia em que normalmente está fechada.

Olho-me novamente ao espelho, ponho o *tablet* e um batom dentro da carteira e saio do quarto.

Lembro-me do bilhete que a Song me deixou, por isso passo no quarto dela para ver se quer falar ou ir juntamente comigo para baixo. Como ninguém abre a porta, assumo que ela já lá está e vou-me embora.



Capítulo 122

Pelos vistos, a *Halcyon* ocupa uma ala inteira do edifício. Passo pelas portas envernizadas e cor de laranja; lá dentro, o espaço é enorme e está escuro, os meus olhos demoram algum tempo a ajustar-se.

Ouçó música *jazz* a vir de uma coluna escondida, o chão é escuro e tem mesas e cadeiras diferentes, as paredes contêm variadas peças de inúmeras culturas e épocas. É uma estética audaciosa e estranha.

— Pensava que vinha a uma festa — digo. A Elodie está atrás de um balcão de mármore verde, com um *shaker* prateado na mão. Caminho até ela, sento-me num banco vazio e coloco a minha carteira no banco ao meu lado.

— E é uma festa. É uma festa para nós as duas — responde ela, abanando o *shaker*. — Há imenso tempo que não estamos só nós. — Ela retira a tampa do *shaker* e distribui um líquido vermelho iridescente em dois grandes copos de martíni.

— Saúde! — solta ela, levantando o copo e dando um gole da bebida. Segundos depois, faço o mesmo. — O que achas? Podes ser sincera — diz ela.

Fecho os olhos e tento arranjar a palavra ideal. Encontro duas.

— Estranho. Doce — respondo. — Mas até gosto. É o quê?

— É uma receita secreta — replica ela, piscando o olho e dando outro gole. — Ando a trabalhar nela há imenso tempo. Ainda não está perfeito, mas estou quase lá. Se calhar devia chamar-lhe isso:

Estranho Doce. Achas que alguém iria querer beber uma bebida com esse nome?

A Elodie esboça um sorriso enorme e não tenho dúvidas de que se há alguém que conseguiria tornar uma bebida nova num grande sucesso, seria ela.

— É bom ver-te. Estava muito preocupada.

Encosto o copo aos lábios e observo a reação dela.

— Preocupada? Porquê?

Ela encolhe os ombros, os olhos azuis brilhantes a esconderem na perfeição o que está a pensar.

— O nosso primeiro Salto a solo é sempre a mais difícil. Há muitas coisas que podem correr mal. Fico feliz por saber que voltaste sã e salva.

Ela mantém-se em silêncio por uns segundos, como quem espera que eu me lembre de alguma coisa, uma confirmação de que o plano dela quase resultou.

Em vez disso, aproveito aqueles momentos para pensar na melhor forma de responder à falsa preocupação dela.

Tanto posso admitir que sei que foi ela quem sabotou a minha máscara com o objetivo de me deixar presa no passado e me obliterar, como dar mais um gole da minha bebida e fingir que está tudo bem.

Escolho a última opção. O meu pai costumava dizer: *Quem age com precipitação, arrepende-se facilmente*. Só recentemente compreendi verdadeiramente o que isso quer dizer. Aliás, só recentemente percebi a maioria das coisas que o meu pai me ensinava.

— Consegui encontrar as Aquisições e voltei. Sem problemas — minto, sorrindo.

— Não fazes ideia de como isso me deixa feliz. — A Elodie bate as pestanas estupidamente longas e coloca a mão no peito de forma teatral. — Estava mesmo preocupada com a possibilidade de poder ter feito asneira.

— Como assim? — Pouso os braços no balcão, curiosa por saber que raio de desculpa é que ela inventou agora.

— Bem, eu nunca tinha programado uma máscara antes e quando o Keane insistiu que eu aprendesse a fazê-lo, eu...

— O Keane insistiu? — pergunto, olhando fixamente para ela. Não me lembro de nada disso, principalmente porque não foi isso que aconteceu.

— Ah, sim — reage ela, encolhendo os ombros. — Eles querem que eu faça mais coisas. Mas eu gosto de ser uma Azul. É só isso que quero fazer. — Ela inclina a cabeça para o lado de uma forma quase cómica, numa tentativa de parecer inocente.

Estou farta desta treta. Mas ela acha que sou burra ou quê?!

— Seja como for — ela pega no *shaker* e no seu copo de Martini —, sei que não acreditas, mas gosto que estejas cá. Gray Wolf não seria o mesmo sem ti. — Sai da parte de trás do bar e gesticula para umas cadeiras de ar confortável.

A Elodie senta-se numa cadeira de veludo e estende as pernas em cima de uma mesa de madeira com pérolas incrustadas que provavelmente custa mais do que o que a minha mãe ganharia em cinco anos.

Eu sei o que ela está a fazer. Está a relembrar-me do quão confortável se sente num mundo de objetos refinados e de preço incalculável. Que ela pode pousar os pés em cima deste artefacto tão facilmente como pousaria os pés numa cadeira de plástico da cantina da escola.

A Elodie aproveita qualquer oportunidade para me lembrar de que é a pessoa que cá está há mais tempo e que foi a primeira a conquistar tudo cá dentro.

Gray Wolf.

O farol.

Os Azuis.

O Braxton.

Mas conquistar é uma coisa; outra coisa é conseguir manter esse poder.

Ela inclina o queixo na minha direção e, por uns momentos, deixa cair a fachada e percebo que me está a desafiar. Quer um confronto. Está doida por isso.

Mas como tenho muitas suspeitas e poucas confirmações, limito-me a seguir o que aprendi nas aulas de etiqueta, puxando a cadeira de couro à frente dela e sentando-me, preparada para entrar nos joguinhos dela.



Capítulo 123

— O que achas de tudo isto? — pergunta a Elodie, gesticulando para o espaço. Torna-se claro que está muito orgulhosa por ter sido a primeira a mostrar-me a discoteca.

— Acho que é o sonho de qualquer historiador. — Olho para um escudo do tempo dos *vikings* e depois para um busto que deve ser de Júlio César.

— Não são hologramas, se é isso que estás a pensar. Tudo o que vês aqui dentro foi trazido por Saltadores.

— A sério? — Olho novamente, agora com mais atenção, para a coleção de objetos estranhos e extravagantes espalhados pela sala.

— O Arthur deixa-nos sempre ficar com uma coisa que trazemos de volta, certo?

Assinto, lembrando-me do gancho de diamantes que por esta altura já deve estar com o Mason. Ah, e, claro, do anel de ouro que tirei do duque.

— Depois de algum tempo, as coisas começaram a ocupar muito espaço, por isso o Arthur deixou-nos usar a discoteca para colocarmos as coisas extra. Depois, claro, as pessoas começaram a ficar competitivas sobre o tipo de coisas que traziam. E, bom, o que vês aqui é o resultado disso.

Vejo um esqueleto humano dentro de um caixão feito de vidro. A caveira do esqueleto tem joias incrustadas e o corpo está vestido num robe preto em veludo bordado a ouro e prata. A peça é simultaneamente linda e perturbadora.

— E o Arthur não se importa? — Observo a peça estranha e assustadora, a mandíbula incrustada de diamantes e rubis, a caveira repleta de pérolas.

— Se trouxermos tudo o que está na lista de Aquisições dele, não se importa. Aquela peça — diz ela, gesticulando para o caixão — foi uma das contribuições do Braxton.

Viro-me para a Elodie, tenho a certeza de que está a mentir. Infelizmente, o meu ar espantado ainda lhe dá mais pica.

— Ele não te falou nisso? — interroga ela, sem esconder a felicidade por saber algo sobre o Braxton que ele ainda não me contou. — Ele tem muito orgulho neste esqueleto.

Olho para a Elodie e depois para o esqueleto incrustado de joias. Por um lado, é estranho, assustador e incrivelmente mórbido. Por outro, conhecendo os gostos artísticos do Braxton, faz todo o sentido.

— É um santo das catacumbas de Roma — explica ela. — Tornaram-se controversos, por isso restam muito poucos. O Braxton trouxe este do século XVI.

Tento visualizar o Braxton a caminhar para o portal com esta coisa às costas. É impossível de imaginar, mas quem sou eu para dizer que não aconteceu?

— Agora que já és uma Azul, podes vir aqui aos fins de semana.

Às vezes, pode ficar uma loucura, nem imaginas as bandas e os convidados especiais que o Arthur cá traz. — Ela aponta para o palco no lado oposto da sala. Faz-me lembrar aquele que vi na *Arcano*.

— Estás a falar de bandas de holograma, certo? — Volto a olhar para a Elodie, mas, por alguma razão, não consigo deixar de pensar na cantora da *Arcano* e na canção hipnótica que cantava.

A Elodie encosta o copo aos lábios.

— Será? — diz ela, com um sorriso enigmático. — Olha, conta-me lá o que aconteceu no teu Salto. Quero saber todos os pormenores sórdidos.

Descruzo as pernas para ficar mais confortável na cadeira.

— Foi tudo muito normal — minto. — Embora haja algo em que tenho estado a pensar...

Ela senta-se na ponta da cadeira e inclina-se na minha direção. A expressão no rosto dela é de antecipação, como se o momento pelo qual esperava tivesse finalmente chegado. Quer que a acuse de coisas das quais não tenho provas, para que ela possa fazer queixa ao Arthur e eu seja despromovida do meu estatuto Azul e vá trabalhar como empregada dela.

Olho fixamente para ela e brinco com o pé do meu copo.

— Quando viajas para essas épocas, nunca te sentiste tentada a levar coisas como tampões ou métodos de contraceção? Para dar um mínimo de autonomia às mulheres?

Por momentos, a Elodie bloqueia. Depois, desata a rir com tanta vontade que sem querer entorna a bebida dela pelo vestido abaixo.

Agora, ao ver o vestido dela e o penteado que escolheu usar, parece-me que é bastante similar à escultura *Traição*. Não consigo deixar de pensar que foi algo que ela fez deliberadamente para me provocar.

Embora também seja inteiramente possível que esteja já completamente paranoica relativamente a tudo o que a Elodie faz.

Ela continua a rir e pega num guardanapo de papel para limpar a mancha no vestido. Não foi a acusação de que ela estava à espera, mas pelo menos divertiu-a e serviu para aligeirar o ambiente.

— Nem consigo imaginar! — confessa ela. — Ainda éramos arrastadas para a frente de uma tribuna só de homens que não perdiam tempo em acusar-nos de bruxaria só para terem o gosto de nos ver a arder na fogueira. — Abana a cabeça. — Não, muito obrigada!

E nesse momento, a tensão entre nós desaparece. Já somos amigas novamente. Ou, pelo menos, somos aparentemente amigas.

E depois apercebo-me de que talvez a Elodie só seja capaz de aparentar ser amiga de alguém, ser leal a alguém.

Talvez esteja sob o controlo do Arthur há tanto tempo, forçada a representar tantos papéis diferentes, que nem faz ideia de como é ser uma verdadeira amiga — nem faz ideia de quem ela própria é, além de representar para o Arthur.

Será que ela merece misericórdia da minha parte, em vez de desconfiança?

— Eu costumava achar que devia ser bem fixe viver naquela época — digo, com um suspiro. — Nos filmes parece tudo tão romântico.

— E às vezes até é — garante a Elodie, com um ar sonhador. — Já dancei com príncipes, andei de carruagens puxadas a cavalo...

— E foste para a cama com o rei Henrique VIII — completo, ainda sem saber se acredito nisso.

— Sim, também. — Ela assente e dá um gole da bebida.

— Ainda assim, embora goste de visitar essas épocas, acho que prefiro um mundo onde haja sanitas com autoclismo e secadores de cabelo — digo, rindo-me.

— Um brinde a isso! — A Elodie levanta o copo e eu faço o mesmo. Mas quando olha para mim, a expressão é sombria. — Queres saber a verdade?

Ela fala como se tudo o que dissemos até agora foi mentira — e, claro, há uma grande probabilidade de ser esse o caso.

— Desde que cheguei a Gray Wolf, nunca quis viver em mais nenhum lado. Só recentemente é que me apercebi de que isso não se aplica a todas as pessoas aqui.

Ela observa-me e fico com a sensação de que quer algo de mim. Talvez que mostre gratidão por ela ter mudado a minha vida.

Como não respondo, ela inspira fundo e diz:

— Continuas zangada comigo? — Sustém a respiração, mas como não digo nada, ela é obrigada a repetir a pergunta. — Estás chateada comigo por eu te ter trazido para aqui?

Se responder demasiado rápido, ela nunca irá acreditar. Tal como o Arthur, a Elodie é uma pessoa difícil de enganar.

— Não — replico, por fim. *Não por isso*. Mas no último instante, mudo as minhas palavras. — Já não estou. — E quando encontro o olhar dela, espero que o que ela veja seja a verdade.

Já não estou chateada por ela me ter trazido para Gray Wolf.

Estou zangada porque ela tentou sabotar a minha máscara para que nunca mais voltasse.

Apesar de ter sentido momentaneamente pena dela, sei que é responsável pelo que me aconteceu e um dia vou conseguir prová-lo.

A Elodie pega no *shaker* para voltar a encher os nossos copos vazios. Nesse momento, o meu *tablet* começa a vibrar e tenho a certeza de que deve ser o Braxton.

Mas depois reparo que o *tablet* da Elodie também está a vibrar, por isso deve ser outra coisa, nada de importante.

— Chegou o novo recruta. — A Elodie levanta-se e passa uma mão pelo vestido. — O Arthur quer-nos a todos lá em baixo.

Mas a única coisa em que consigo pensar é: *O Braxton voltou!*



Capítulo 124

A Elodie abre a porta e depois segue-me para o corredor. Dou apenas uns passos e ela coloca uma mão no meu ombro.

— O que aconteceu? — pergunta ela, apontando para o meu peito. Inicialmente, fico a pensar que derramei bebida no meu vestido, mas depois percebo que ela quer pegar no meu talismã.

— Está amassado. Aqui.

Apesar de não gostar nada de ver os dedos dela a tocar no amuleto que o Braxton me deu, constato que tem razão. Duas das barras douradas da gaiola estão ligeiramente amassadas para dentro.

Deve ter amolgado quando o perdi. E fiquei tão feliz por o encontrar que nem olhei para ele com atenção.

A Elodie espreita para dentro da gaiola.

— Tiveste sorte em não ter perdido essa estrela — diz ela. — Podia ter caído pelo meio das barras sem que te apercebesses. — Inclina a cabeça e o olhar que ela me lança deixa-me com arrepios na espinha. — Faz-me lembrar aquela citação de Ovídio — continua ela. — *A beleza é um bem frágil.*

Esboça um sorriso estranho, mas neste momento não me apetece tentar decifrar a expressão dela. Agora, quero focar-me no Braxton, e no seu regresso a Gray Wolf e a mim.

Sem dizer uma única palavra, retiro a mão dela do amuleto e dirijo-me para as escadas.

Quando vejo toda a gente agrupada lá em baixo, lembro-me da

noite em que cheguei aqui.

Lembro-me de estar superdesconfortável ao lado do Braxton, e extremamente zangada e assustada.

Lembro-me de ver as cadeiras penduradas do teto e das pessoas que não conhecia sentadas nessas cadeiras — agora nenhuma delas desconhecida.

O Oliver, a Song, o Jago, o Finn — tentei decorar os nomes deles.

Agora estão todos aqui, à exceção da Song, que não está em parte nenhuma.

Naquela noite, quando vi a Elodie a entrar na sala com aquela tiara na cabeça, percebi logo quem é que mandava aqui.

E agora que ela caminha a meu lado, sei que o reinado dela está longe de acabar.

Naquela noite, não tinha noção do que tudo aquilo significava.

Por que razão as cadeiras estavam penduradas do teto.

Por que razão a Elodie estava vestida como um membro da família real.

Por que razão todos ficaram desconcertados por me ver.

Por que razão fui escolhida para viver aqui com eles.

Mas agora que sou uma deles, prometo a mim mesma que, independentemente de quem seja este novo recruta, vou ser mais simpática e prestável do que qualquer um deles foi comigo.

Quero lá saber se é “suposto” os Azuis ficarem dentro do seu grupinho — ter-me-ia ajudado ter alguém que me guiasse no início. E está na altura de acabarmos com a tradição sádica de pôr um saco na cabeça de alguém e arrastá-lo para o farol.

A Elodie senta-se na última cadeira suspensa vazia e eu ocupo o divã em veludo cor-de-rosa. Sinto-me irrequieta, como se tivesse um enxame de abelhas dentro da barriga, mas deduzo que seja por antecipação por ver o Braxton.

Viro-me para o Oliver, que está sentado na cadeira ao lado da minha, e estou prestes a perguntar-lhe se ele viu a Song, quando ele diz:

— É bom voltar a ver-te.

Estou quase a responder quando percebo que ele vai dizer mais coisas.

— Ouvi dizer que trouxeste um amigo contigo.

O Oliver olha para as escadas. Vejo um rapaz lindo e alto, vestido com uma camisa em seda, calças de ganga claras e chinelos de veludo.

Quando vejo os caracóis louros dele, agora cortados pelos ombros, percebo que o rapaz é o Killian.



Capítulo 125

Devo ter feito algum som, sustido a respiração ou algo do género, porque o Oliver desata a rir.

— Sim, reação totalmente adequada face a um pão destes — comenta ele. — Mas não deixes que o Braxton te veja assim. Ele e o Killian não são propriamente amigos.

É a primeira vez que vejo o Killian sem máscara e levo uns momentos a adaptar-me. O nariz dele parecia-me muito proeminente, mas agora já nem tanto. Ainda assim, tem um rosto forte. Um rosto que podia estar em moedas romanas antigas ou em estátuas esculpidas por Miguel Ângelo. Mas os olhos dele são amigáveis e doces, e tem um sorriso lindo.

— Olá, velhos amigos. — Ele olha para todos os elementos do grupo, e tento perceber a reação de cada um deles.

O Finn passa a mão pelo cabelo e dá uma cotovelada ao Oliver. Trocam um olhar que deveria ser discreto, mas que falhou redondamente.

O Jago limita-se a acenar com a cabeça. Como está cá há tão pouco tempo, não faz a mínima ideia de quem o Killian é.

A Elodie olha para o Killian e depois para mim, mas, surpreendentemente, não diz absolutamente nada.

— Com que então, esta é a tua versão contemporânea. — O Killian olha para mim, observando lenta e tranquilamente o meu cabelo, o meu vestido, as minhas pernas. — E devo dizer que este século te fica a matar.

Ele senta-se ao meu lado e eu sussurro:

— Tens a certeza de que te queres sentar tão perto de mim? Da última vez que me viste, eu tinha uma arma apontada ao teu pescoço.

Ele solta uma gargalhada ruidosa, e ao pôr a cabeça para trás, vejo uma pequena ferida onde carreguei a arma com demasiada força. Depois, ele aproxima-se de mim e diz:

— Já me disseram que sou rancoroso. Mas contra ti, não. Estou a guardar o meu rancor para outra pessoa.

Recosto-me na cadeira. Ele também se encosta para trás e abre tanto as pernas que elas ocupam o meu lado do divã.

— Há outra coisa que aconteceu na tua ausência — digo, dando um encontrão no joelho dele. — Os homens já não se sentam assim de pernas abertas. Aliás, todo o sistema patriarcal levou um abanão. Tens de te atualizar.

Nesse mesmo instante, ele cruza as pernas, inclina-se para mim e sussurra:

— Parece que perdi a revolução. Mas quero me ensines tudo sobre este admirável mundo novo. — E depois diz, para todos na sala: — Digam lá, como têm estado?

O Oliver e o Finn limitam-se a encolher os ombros.

O Jago apresenta-se de forma entusiasta.

E a Elodie continua a baloiçar para a frente e para trás no seu trono roxo.

— Certo, então não mudou nada — troça o Killian, com um sorriso sarcástico. — A não ser a sociedade ter imposto regras de conduta bastante restritivas, ou pelo menos é o que me conta a minha nova amiga Natasha. Mas nada de grave, faço tenções de deixar de lado a minha forma de ser bárbara para me poder integrar novamente entre as pessoas de bem. E tendo em conta que a Natasha se ofereceu para me ajudar, não deve demorar muito. Na verdade, é o mínimo que pode fazer, tendo em conta que me trouxe para aqui contra a minha vontade.

— Esta Natasha? Trouxe-te contra a tua vontade?! — É a primeira coisa que a Elodie diz desde que o Killian chegou, e percebe-se que aquelas palavras são uma crítica.

O Killian olha para ela com imensa calma.

— Sim, encostou uma faca ao meu pescoço. Bem, na verdade, foi uma arma improvisada que ela fez a partir do corpete dela.

— Anquinhas — corrijo.

— Ah?! — solta ele, com ar divertido.

— Oh! Esquece — digo, fazendo uma carranca.

O Killian encosta-se para trás e observa o enorme candelabro pendurado do teto.

— Fosse o corpete, as anquinhas ou as cuecas de renda, só sei que foi genial. E também verdadeiramente assustador ter aquela coisa apontada ao meu pescoço.

Fala agora com uma pronúncia diferente e fico com a sensação de que está constantemente a representar uma personagem ou a usar algum tipo de máscara. Este tipo tem tantas identidades diferentes que nem deve saber qual é a verdadeira e quais são falsas.

Mas depois lembro-me da expressão dura no rosto dele quando me disse que achava que fora o Braxton a sabotar o Salto dele, há muitos anos. Foi sincero nessa altura. Provavelmente, o mais sincero que alguma vez tinha sido.

— É curioso teres deixado essa parte de fora quando te perguntei como tinha corrido o teu Salto. — A Elodie apoia um pé no chão e balança a cadeira para a frente e para trás. O olhar dela parece querer matar-me.

— Ah, não te contou? Talvez seja demasiado modesta para se gabar — reage ele, batendo o ombro contra o meu em tom de brincadeira. — Mas tu não sabes o que isso é, certo, El? Não és propriamente a pessoa mais humilde do mundo. — Quando ele olha para a Elodie, mostra uma expressão séria.

Todas as pessoas na sala sustêm a respiração, curiosos por ver como a Elodie responderá. Surpreendendo todos, limita-se a revirar os olhos e bufa baixinho, deixando-me a pensar no que poderá ter acontecido entre eles para ela desistir tão facilmente.

— Bem, pelo menos ficámos a saber que é possível as pessoas voltarem — intervém o Finn, ao que o Oliver lhe lança um olhar de aviso. — Isso significa que há esperança para a Song. Já para não falar da Anjou — murmura ele.

— A Song está desaparecida? — pergunto, mas o Jago fala nesse preciso momento e as atenções viram-se para ele.

— Isso aconteceu mesmo? — O Jago inclina-se para a frente e aponta para mim e para o Killian.

— A cena da arma improvisada? — pergunta o Killian, a rir. — Claro que sim! Não a subestimem, ela é dura de roer. — O Killian dá uma palmada no meu joelho. Depois, faz uma expressão de preocupação claramente falsa e diz: — Ai, que chatice, voltei a quebrar mais uma das tuas regras, certo?

— As regras não são *minhas*, são...

Estou prestes a dar-lhe na cabeça, mas, nesse momento, o Braxton entra na sala.

Olha para mim, depois para o Killian e para a mão do Killian no meu joelho.

Mas não consigo tirar os olhos do novo recruta atrás dele.

Ele está aterrorizado, zangado e à procura de alguém para culpar. Nesse momento, olha para mim.

Salto da cadeira, completamente passada, e grito:

— Que raio está o Mason aqui a fazer?!



Capítulo 126

A cena desenrola-se da mesma forma como quando era eu a nova recruta, mas desta vez parece-me verdadeiramente diferente, pois agora não sou eu a recruta, mas o Mason, o meu melhor amigo.

E tal como eu culpava a Elodie por vir aqui parar, pelo olhar do Mason, ele acha que a culpa é minha.

— O que foste fazer?! — pergunto ao Braxton, correndo para o meu amigo.

Mas o Mason levanta logo a mão.

— Para — diz ele, com um olhar tão frio que me faz parar de imediato. — Não finjas que não tens culpa nisto. Não finjas que ainda somos amigos.

Estaco, consciente de que o Jago, o Killian, a Elodie, o Finn e o Oliver estão praticamente a cair das cadeiras para verem melhor o espetáculo que agora se desenrola à frente deles. Mas não quero saber o que eles pensam. Só quero saber como é que a única pessoa de quem gosto aqui dentro foi capaz de fazer uma coisa tão horrível à única pessoa de quem gosto lá fora, com exceção da minha mãe.

O Braxton passa uma mão pelo cabelo e foca-se no Killian.

O Mason está à minha frente. O sobretudo dourado e verde está encharcado da chuva e ele usa aquelas botas de borracha como as que o capitão do barco me deu na viagem de barco para Gray Wolf. Tem pendurado das mãos um par de saltos altos azuis. Quando reparo que tem os nós dos dedos em carne viva e ensanguentados,

fico toda orgulhosa por saber que ele pelo menos deu luta.

— Por favor, Mason — digo. — Eu não sabia, eu...

Mas é escusado, ele nem sequer me quer ouvir falar e limita-se a olhar para mim com rímel a escorrer-lhe dos olhos. Nesse momento, o Arthur entra na sala.

Depois de toda a gente se apresentar, o Arthur manda o Jago levar o Mason ao seu quarto e depois diz a todos para se irem embora, exceto eu.

— Ficas bem?

À superfície, parece uma pergunta perfeitamente inocente. Mas sei que o que ele realmente quer saber é se vou causar problemas.

Se vou voltar a saltar da cadeira e desatar aos gritos, como há pouco.

Se vou querer lutar contra algo que já aconteceu — algo que não posso alterar.

E porque não sei a resposta a essa pergunta, porque ainda não tive oportunidade de perceber como me sinto acerca disto, limito-me a olhar para ele e a dizer:

— Fui apanhada de surpresa. Não estava a contar com isto.

O Arthur assente, vira-se e gesticula para eu o seguir. Nenhum de nós fala e a única coisa que se ouve é o som dos nossos sapatos a bater no soalho.

Quando chegamos ao fundo do corredor, ele para de andar.

— Tens tido um bom desempenho aqui. Não achas que o Mason será capaz de se dar bem?

Quero dizer-lhe que, ao contrário de mim, o Mason tem um futuro pela frente, tem algo a perder. Em vez disso, digo:

— E a avó dele? Ela gosta tanto dele...

— Ela assinou os papéis. E não teve qualquer problema em fazê-lo. Já alguma vez te ocorreu que isso poderá não significar um ato de abandono?

Sinto-o a olhar diretamente para mim, mas estou tão zangada e revoltada que nem consigo encará-lo nos olhos.

— Tu viste a tua mãe a ficar toda contente quando soube que ia ter um carro novo e a casa arranjada, e decidiste que esse seria o ponto mais importante da tua narrativa. Mas nem imaginas a

quantidade de negociação que foi necessária para chegar àquele ponto. Ela insistiu em que eu lhe desse garantias de que seria bem tratada, que eu te desse as oportunidades que ela não te podia dar. E, até agora, acho que consegui fazer isso, certo?

Nem sei o que lhe hei de responder. Não faço a mínima se está a ser sincero, e também ainda não consegui determinar o que significa estar aqui.

O Arthur tem razão em alguns pontos, em muitos pontos. Vir para aqui foi a melhor coisa que me aconteceu e a minha vida melhorou, sem dúvida.

Ainda assim, continuo a achar que existe muita coisa que ainda não sei acerca de Gray Wolf. Há um lado negro, sombrio, que o Arthur esconde. E tendo em conta que está a contar comigo para encontrar as peças desaparecidas da Máquina de Anticítera, agora pergunto-me se não terei cometido um erro ao trazer o sol de volta.

Quando o Arthur me disse que queria o mecanismo para refazer o mundo, não o levei à letra.

Mas agora fico com a sensação terrível de que talvez o devesse ter feito.



Capítulo 127

— O teu amigo é muito inteligente — comenta o Arthur. — É bonito, tem imenso potencial e, apesar de ele ainda não conseguir ver isso, esta é uma oportunidade para ter uma vida melhor. Podes ajudá-lo nesse aspeto, melhor do que ninguém.

— Acho que o Mason não quer a minha ajuda — digo, lembrando-me da expressão zangada no rosto dele ao ver-me. — Ele culpa-me por isto.

— E quem é que tu culpas?

Solto um suspiro. Quando aqui cheguei, tinha uma lista longa de pessoas que culpava, mas agora só tenho um nome — o meu.

A Elodie enganou-me, a minha mãe assinou os papéis, mas *eu* é que estava a reprovar na escola e acabei por aceitar vir para aqui.

— O dia vai longo — diz o Arthur. — Vai descansar e amanhã podes levar o tabuleiro do pequeno-almoço ao quarto do Mason. Assim, podem falar à vontade e começar a fazer as pazes.

Assinto. Quer dizer, que mais posso fazer?

Estou prestes a ir embora, mas reparo num prego vazio na parede atrás do Arthur.

Era o local onde o quadro *Vanitas* costumava estar pendurado.

Nada do que o Arthur faz é por acaso. Até uma simples caminhada por um corredor tem de ter um motivo.

Ele vê-me a olhar para a parede e diz:

— Já seguiu para o teu quarto. Se não gostares do sítio onde está

pendurado, avisa-me e eu mando colocá-lo noutro lugar.

Olho para o espaço vazio na parede e reparo que a tinta é mais escura no local onde o quadro estava pendurado. Em seguida, olho para o Arthur e sinto-me enjoada.

Apesar de ter pedido aquela pintura como recompensa por ter conseguido as Aquisições do Arthur, agora fico a achar que ele só concordou em dar-me o quadro por causa do Mason.

Será que o Arthur está a usar a pintura para me distrair da coisa horrível que fez ao meu amigo?

Engulo em seco, olho para os meus sapatos de marca e digo:

— Obrigada.

É a única coisa que consigo dizer.

— Não precisas de agradecer. Tu mereces.

O que não sei bem é por que razão *mereço* tudo isto.

Terá sido por tê-lo ajudado a dar mais um passo no restauro da Máquina de Anticítera?

Ou por trazer o Killian de volta a Gray Wolf?

Ou por ter concordado em ajudar o Mason a ajustar-se a esta nova vida?

— Além disso — continua o Arthur —, como sabes, ainda há duas peças que faltam e tu és a única capaz de as encontrar. Na verdade, podes ter de ficar algum tempo na tua próxima localização. Vais precisar de treino específico, por isso vamos ver como corre. Mas o que achas de Saltar para a Itália do Renascimento por umas duas semanas?

Por fora, limito-me a ficar imóvel e apenas pestanejo.

Por dentro, tenho a mente a andar à roda com a amálgama de coisas que poderei fazer, as pessoas que poderei conhecer. Quer dizer, *Itália do Renascimento!* Foi a época de Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Botticelli, Ticiano, Caravaggio, Rafael, Donatello... e tantos, tantos outros.

— Conheces a pintura *Salvator Mundi*? — pergunta o Arthur.

— O... o *Salvador do Mundo*? — gaguejo, ficando toda arrepiada ao ver o Arthur assentir.

— O que sabes sobre esse quadro? — quer ele saber.

Olho para o espaço vazio na parede e tento lembrar-me de tudo o que sei.

— Falámos dele nas aulas de Artes Visuais, pensa-se ser uma pintura de Leonardo da Vinci que esteve desaparecida durante muitos anos. Foi adquirida por menos de dois mil euros, mas depois foi vendida em leilão por mais de quatrocentos milhões.

Olho para o Arthur e questiono-me se ele quer que eu volte atrás no tempo de forma a trazê-lo para depois fazer um grande negócio. Mas ao ver a reação dele quando falo no valor do quadro, percebo que não se interessa por isso.

— Já viste imagens desse quadro? Sabes como é?

Encolho os ombros.

— Já foi há muito tempo, mas acho que é uma imagem de Jesus.

— E lembras-te do que Jesus tem na mão?

— Hum... — Esfrego os lábios um no outro e tento lembrar-me da imagem. — Acho que tem uma das mãos no ar...?

— E a outra?

Fecho os olhos. As aulas de Artes Visuais do secundário parece que foram há séculos.

— Tem um cristal? Ou melhor, uma orbe de cristal, talvez?

— E o que é que essa orbe te faz lembrar? — pergunta ele. — Assemelha-se a quê?

Nesse momento, vem-me uma imagem à memória e vejo o meu pai à minha frente com uma pequena bola de cristal na mão. *Fala-me da décima oitava carta*, disse ele.

— A lua. — A resposta sai-me de repente, e quando abro os olhos, o Arthur está diante de mim, tal como o meu pai estava na visão. Só que o Arthur tem um largo sorriso no rosto e o meu pai tinha um ar triste.

— É algo em que deves pensar — aconselha o Arthur, a ver se mordo o isco. — Mas não fales disto a ninguém, por favor. Pronto, vai lá descansar. É outra coisa que mereces.



Capítulo 128

Caminho de volta para o quarto, perdida no labirinto dos meus pensamentos tormentosos — ver o Mason em Gray Wolf e talvez poder ter a oportunidade de conhecer pessoalmente Leonardo da Vinci!

Estou tão embrenhada que quase vou contra o Braxton no final do corredor.

Por dentro, sinto-me tão desapontada, como se tivesse o coração partido ao meio. Apenas consigo dizer, num tom acusatório:

— O que foste fazer?

— Por favor — sussurra ele. — Aqui, não. Vamos para o meu quarto. Podemos falar em privado lá.

Ela tenta pegar na minha mão, mas quando me encolho, ele retrai-se.

— Diz lá, o que foste *fazer*?! — grito, sem me importar com quem nos poderá estar a ouvir. — Porque trouxeste o Mason para aqui?

— Tasha... — Ele fecha os olhos. Quando os abre novamente, perscruta-me com um olhar naufragado. — Imploro, por favor.

Olho para o fundo do corredor, para a porta do meu quarto, onde, a meu pedido, agora se encontra o quadro *Vanitas*. É uma obra que pretende exprimir a fugacidade da vida e mostrar quão inútil é fazer esforços para acumular prazeres e bens mundanos.

Uma pintura cuja posse troça com sua própria mensagem.

É uma pintura que usei como um jogo de poder e que agora irá assombrar o resto dos meus dias.

— Está bem — concordo, seguindo-o com relutância. — Mas não te vou dar a mão, nem penses.

Ao fundo do corredor, o Braxton encaminha-me para dentro do quarto dele, pousa o saco de viagem no chão e dirige-se para o carrinho de bebidas perto da janela.

— Queres beber alguma coisa? — pergunta, virando-se para mim. Tem a camisola amarrotada, o cabelo completamente encharcado e enormes olheiras sob os olhos. Nunca o vi tão exausto, tão derrotado.

Abano a cabeça — prefiro estar alerta para o interrogatório que lhe pretendo fazer.

— Importas-te que eu beba? — pergunta ele.

Encolho os ombros. Reparo numa ferida no queixo do Braxton e lembro-me dos nós dos dedos ensanguentados do Mason.

— Foi o Mason que te fez isso? — interrogo, apontando para a ferida no rosto dele. O Braxton passa uma mão no queixo como se se tivesse esquecido de que tinha aquela ferida.

— Deu-me um belo murro.

Tira a tampa de um decanter de cristal, serve um pouco de *whisky* num copo e bebe-o de uma golada. A seguir, serve-se novamente, desta vez saboreando a bebida.

— O Mason é muito mais forte do que aparenta — digo. — Sendo um rapaz negro, que gosta de se vestir daquela maneira, numa escola de ignorantes como a nossa, não teve outro remédio senão aprender a lutar. No final do 9.º ano, já ninguém se metia com ele. Até tu apareceres.

O Braxton encosta-se à parede, com um ar soturno, e torna-se claro o preço que esta viagem exigiu dele. Que, basicamente, é a única coisa que poderá justificar o que ele diz a seguir.

— Que raio está o Killian aqui a fazer e porque é que tinha a mão no teu joelho?

Olho para a porta e penso seriamente em ir-me embora. Em vez disso, digo:

— Deves estar a brincar comigo.

Ele agarra no copo com tanta força que vejo os nós dos dedos dele a ficarem brancos e imagino o copo a partir-se em mil pedacinhos.

— Como é que ele veio aqui parar?

— Talvez a questão mais importante seja... — reajo, a minha voz séria. — Por que razão é que ele não voltou do último Salto?

O Braxton bebe o *whisky* de golada e depois deixa-se cair no sofá em couro castanho que parece ter vindo diretamente da casa de campo de um membro da realeza.

— Há quanto tempo está cá?

Coloco-me à frente dele.

— Tu respondes à minha pergunta. Eu respondo à tua.

O Braxton olha para mim com ar cansado.

— O que está o Mason aqui a fazer? — interrogo.



Capítulo 129

O Braxton começa a acalmar-se. Os ombros relaxam e ele descarta a minha raiva, a raiva dele, como se me estivesse a ver pela primeira vez desde que chegou a Gray Wolf e me viu sentada ao lado do Killian.

— Senta-te aqui — pede ele, apontando para o assento ao lado dele. — Por favor.

Contorno a mesa e sento-me ao lado dele. Espero que não pense que já desisti.

— Caramba, és mesmo linda — diz ele, a voz quase um sussurro. Não faz qualquer esforço para me tocar, pois sabe que eu não quereria isso. — Nem fazes ideia das saudades que senti.

Coloca as mãos no colo. Vê-lo assim tão indefeso faz-me lembrar quão perto estive de nunca mais o ver e sinto um aperto no coração.

E agora que ele está aqui, sentado à minha frente, com o cabelo encharcado da chuva e um olhar saudoso, percebo como seria tão fácil puxá-lo para mim e esquecer tudo o que aconteceu.

A nossa atração é inegável, mas, neste momento, temos coisas importantes a discutir.

Ele deve pressentir que estou impaciente, pois diz:

— Como é que conseguiste enviar o gancho de diamantes ao Mason?

— Espera? O quê? — Agora sou eu que estou confusa. — Não

foste tu que o enviaste?

O Braxton abana a cabeça e suspira.

— Não — responde ele. — Não o mandei. Eu disse-te na altura que não o podia fazer. Por isso, não percebo como é que o gancho acabou na posse dele.

A forma como ele diz *na posse dele* põe-me o estômago a dar voltas. Essa expressão é geralmente usada quando falamos de crimes, como “posse de arma proibida” e coisas do género. Segundos depois, o meu maior medo confirma-se.

— Eles encontraram o gancho e ele foi acusado de furto qualificado. Eu estava na costa leste quando recebi uma mensagem a dizer que havia uma mudança de planos.

— Oh, não. Oh, não. — Estou com dificuldade em respirar. Tenho o coração a bater como louco. Num instante, sinto a sala a andar à roda e levo as mãos à cabeça, porque sei o que ele vai dizer a seguir.

— Mandaram-me ir para a Califórnia, mais especificamente para...

— A minha escola. — Olho para o Braxton, assustada. — Oh, não. Afinal, a culpa é mesmo minha!

— Mas como é que conseguiste mandar o gancho?

Desesperada, baixo a cabeça e tento encontrar uma explicação lógica para isto ter acontecido.

— Não te levei a sério. Achei que estavas a ser... — Mordo o lábio. Sinto-me parva, mas obrigo-me a continuar. — Não sei, achei que estavas só com pressa e não querias ter ainda mais uma coisa para fazer. Achei que mudarias de ideias quando acabasses de fazer a mala. Por isso deixei o gancho na mesinha ao lado da tua porta, juntamente com um bilhete para o Mason e um papel com a morada dele. Pensei que o fosses ver quando saísses do quarto.

— Não cheguei a ver.

As palavras dele são como um machado a partir-me o coração.

— Saí do quarto a correr pouco depois de teres saído. Estava com pressa para sair da ilha, para conseguir chegar ao aeroporto a tempo.

— Mas se não foste tu que mandaste o gancho, então quem foi?

O Braxton semicerra os olhos.

— Quem é a primeira pessoa que te vem à cabeça? Os nossos instintos geralmente estão corretos.

Fecho os olhos e suspiro. É a mesma pessoa que me vem à cabeça sempre que falamos de sabotagem, artifícios, fraude e mentiras. Olho para ele e digo:

— Isto é obra da Elodie, sem tirar nem pôr. O Mason nunca gostou dela. Nunca confiou nela. E avisou-me várias vezes de que ser amiga dela ia meter-me em sarilhos. Mas como é que ela entrou no teu quarto? Ela tem acesso?

O Braxton levanta uma mão.

— Não. Nem quando andávamos ela tinha acesso. Por outro lado, ela está aqui há mais tempo do que qualquer um de nós. Deve ter acesso a muitos sítios aqui dentro.

— Ela conseguiu ter acesso à *Halcyon* num dia de semana, por isso não deve ser muito difícil para ela ter acesso ao teu quarto.

— Tu foste à *Halcyon*? — O Braxton fica surpreendido, mas agora não me apetece discutir isso — nem o donativo macabro que trouxe para decorar a discoteca.

Encosto-me contra o sofá macio e olho para as paredes cheias de obras arte. Depois olho para o Braxton, que tem a mesma expressão atormentada daqueles tipos pintados a óleo.

— Ela tentou sabotar o meu Salto — digo. — Deve ter achado que iria ganhar de qualquer maneira. Se eu não conseguisse voltar, ela contava ao Mason que eu era a culpada por estragar a vida dele. E se eu voltasse, iria ter de sentir na pele a raiva do Mason.

Um longo silêncio estende-se entre nós como um rio que, temo, nunca conseguiremos atravessar.

Então, o Braxton aproxima-se de mim e diz:

— Tasha, preciso de saber uma coisa. Qual foi o teu papel no regresso do Killian?

Ele tem uma expressão de angústia no rosto e sei que não vai gostar da minha resposta.

— Trouxe-o de volta. O Killian estava na minha lista de Aquisições. Vejo a postura do Braxton a mudar, o corpo dele retrai-se.

— E onde é que o encontraste?

— No Palácio de Versalhes. — Puxo uma almofada em ponto cruz para o meu colo. Tem uma imagem da bandeira do Reino Unido e parece estar roída nas pontas por um cão. Por momentos, pergunto-me se isto foi propriedade da rainha Isabel e se terá sido um dos *corgis* dela a roer a almofada? Esqueço isso e continuo. — O meu primeiro Salto a solo foi basicamente uma repetição do meu Salto anterior. O Arthur quis que regressasse ao baile de máscaras.

As olheiras por baixo dos olhos do Braxton parecem ter-se acentuado.

— Mas porquê? — A voz dele é um sussurro, como se temesse a resposta que se seguirá. — Porque achas que ele te mandou novamente lá?

Puxo a almofada para o peito e obrigo-me a dizer as palavras que ele não quer ouvir.

— Porque no primeiro Salto, o Killian e eu... estivemos juntos.



Capítulo 130

O Braxton inspira fundo e olha em redor da sala, claramente a tentar olhar para tudo menos para mim.

— Já percebi. — Ele fecha os olhos e passa uma mão na cara. — O Killian fez parte do teu Desvanecimento.

— Tu disseste que compreendias, que a culpa não era minha. — A minha voz sai mais esganiçada do que eu queria, mas não vou deixar que me culpe por um fenómeno que não controlo.

— Não te culpo. — Ele olha finalmente para mim. — A sério. Quanto ao Killian... já é outra história.

— Pois, mas a questão é mesmo essa — digo. — O Killian também foi apanhado pelo Desvanecimento. Ele não fazia ideia de que época era e...

Apercebo-me demasiado tarde de que a última coisa que o Braxton quer é que eu defenda o Killian.

Ele faz cara feia, desvendando algo sombrio e desconhecido.

— E como é que sabes isso?

Encolho os ombros. Atiro a almofada para o chão. É ele quem tem de escolher se acredita em mim ou não.

— Olha, não sei o que queres que te diga. Só sei o que experienciei e, para mim, era verdadeiro.

— Imagino que sim. — O Braxton suspira. — O Killian tem o dom de convencer as pessoas de todo o tipo de coisas. Apesar do que aconteceu entre vocês, não o conheces como eu o conheço.

Estou farta disto. Farta desta rivalidade que começou muito antes de eu os conhecer. E é por isso, provavelmente, que cometo o erro de dizer:

— Bem, se queres que te diga, tenho a certeza de que ele também pensa o mesmo de ti.

— O que significa isso?

Solto um suspiro exagerado. A verdade é que não sei o que tudo isto significa. Só sei que o Killian me avisou de que eu não devia confiar no Braxton.

E a Song também me disse que eu não conhecia o Braxton tão bem como achava que conhecia — que eu não estava aqui há tanto tempo quanto isso, que nem sabia metade da história.

A Song tinha razão acerca de uma coisa: todos estes corredores estão repletos de mistérios que desconheço. Incluindo aquele livro que vi no quarto dela — e que ela claramente não queria que eu visse —, o mesmo que, quase de certeza, vi nas mãos da rapariga durante a Revelação.

Será que aquela rapariga era a Song? Ou a Anjou? Ou...

Abano a cabeça e viro-me para o Braxton.

— Sabias que a Song está desaparecida? — interrogo, observando a reação dele face a esta novidade.

Ele limita-se a murmurar uma resposta meio distraída sobre os riscos de Saltar. Está tão obcecado com o Killian que nem se dá ao trabalho de dar uma resposta mais adequada, mais solidária.

— Era assim que reagias se *eu* desaparecesse? — É um golpe baixo, mas pelo menos consegui captar a atenção dele.

— Não! Claro que não. Só de pensar nisso... — Passa uma mão pelo cabelo. O olhar dele brilha de dor. — Como podes dizer tal coisa?

— O Killian ajudou-me a fugir de lá — revelo.

Mas o Braxton não quer saber. Recusa-se a ouvir-me. O tom dele está cheio de ressentimento:

— Sim, sim, tenho a certeza disso.



Capítulo 131

Estou prestes a responder, já sem querer saber como o Braxton reage, mas nesse momento lembro-me do meu primeiro Salto ao Palácio de Versalhes. O Killian deu-me o lenço dele e prometeu que nunca me iria esquecer.

No meu segundo Salto, o Killian acordou do Desvanecimento ao ver o lenço. Mas então, porque não acordou durante o meu primeiro Salto?

Será que ele nunca teve um Desvanecimento?

Será que notou logo que eu era alguém de outra época e, depois de perceber que eu estava a ter um Desvanecimento, deu-me aquele lenço sabendo que quando o Arthur o visse me mandaria de volta para o ir buscar?

Não.

É impossível.

O Killian estava a ter um Desvanecimento, de certeza. Por que outra razão ficaria ele durante tanto tempo em Versalhes?

A não ser que estivesse a evitar algo em Gray Wolf.

Ou a evitar *alguém*... como o Braxton?

Lembro-me de o Killian dizer que Gray Wolf não servia apenas para roubar obras de arte e bugigangas. Mas estava tão irritada por me ter chamado *querida* que nem perguntei o que ele queria dizer com aquilo.

Será que ele sabe da Máquina de Anticítera? Será que era por

isso que ele estava em Versalhes? Era a isso a que o Arthur se referia na Caixa-Forte quando mencionou os erros dispendiosos que cometeram ao tentar decifrar o mapa? Será que o Killian foi um erro dispendioso?

E porque é que o Killian se referiu ao jardineiro como *Guardião do Tempo*? Quer dizer, que raio é um Guardião do Tempo? E se esse homem é um inimigo, porque é que tinha uma tatuagem igual à do meu pai, no mesmo sítio e tudo?

E aquela visão que eu tive no jardim? A visão do rapaz que colocou uma mensagem no sol. O mesmo rapaz que era incrivelmente parecido com o Braxton.

Porque é que tenho estas memórias dos estranhos ensinamentos esotéricos do meu pai? Eram memórias que estavam adormecidas há quase uma década e que começaram a voltar a partir do momento em que entrei na *Arcano*.

O meu pai, o Arthur, o Guardião do Tempo, o Killian, o Braxton... Qual poderá ser a ligação entre eles?

— Em que estás a pensar? O Braxton aproxima-se de mim e coloca uma mão no meu joelho, a medo. O calor do toque dele traz-me de volta ao presente.

Solto um longo suspiro, tentando libertar-me de um peso que não quero trazer comigo.

— Estou a pensar em tudo. E em nada. Os meus pensamentos são como um quebra-cabeças, e nenhuma das peças encaixa. — Fecho os olhos com força. Gostava de poder limpar a minha mente, como quem passa tinta branca numa tela, e começar de novo.

— Por favor, não deixes que eles se metam entre nós — pede ele. — O Arthur, o Killian, a Elodie... eles só querem saber deles mesmos. Tu és a única coisa verdadeira que tenho na minha vida.

Abro os olhos e vejo o Braxton inclinado para mim. Encara-me a medo, como quem não sabe se os beijos dele continuam a ser bem-vindos. E pela primeira vez desde que o vi com o Mason, olho para ele através de uma lente sem filtro.

Gray Wolf contém muitos segredos, mas este belo rapaz que está agora à minha frente com olhos cor do mar fará sempre tudo para me proteger. Para ser honesto comigo. E não posso dizer o mesmo de qualquer outra pessoa aqui dentro.

Inclino-me na direção do Braxton, passo-lhe as mãos pelo peito e agarro-lhe o pescoço. Mas assim que o beijo, surge-me na mente a imagem daquele duque nojento e afasto-me de imediato.

— Estás bem? — O Braxton afasta-se e olha para mim com um ar tão preocupado que sinto um aperto no coração.

Lembro-me do que o Arthur disse sobre só eu poder decidir como enquadrar as minhas narrativas.

Estarei em negação se apenas me focar nas coisas boas?

Ou estarei apenas a escolher o lado positivo da verdade?

Seja como for, só eu posso decidir o que acontece a seguir. E decido que o duque não fará parte disso.

— Sim — respondo, aproximando os meus lábios dos dele. Estou bem.

Estou melhor do que bem.

Sinto-me triunfante.

E quando a boca do Braxton se aproxima da minha, eu cedo ao beijo dele. Deleito-me com o sabor daqueles lábios, a ternura da sua língua, o desejo do corpo dele contra o meu. Acomodo-me junto dele, abrindo-me para o improvável milagre de nos termos encontrado contra todas as probabilidades. Apoiando os meus joelhos de cada lado das ancas dele, percorro-lhe com a língua o arranhão na mandíbula enquanto ele geme profundamente e acaricia o meu pescoço.

— O que aconteceu aqui? — Ele afasta-se, pega no talismã por entre os dedos e aponta para o sítio onde as barras douradas estão amolgadas.

O meu primeiro impulso é contar-lhe a história do homem que apontou a minha própria adaga ao meu pescoço...

Da minha máscara a deixar de funcionar...

De ter de lutar pela minha vida...

De perder o talismã e de me esquecer quem sou...

Das memórias que me invadiram quando voltei a ter o amuleto... Do meu dom estranho que me permite ver através do tempo... Mas, no final, decido não partilhar nada disso.

Há muitas formas diferentes para narrar a minha história; esta é a que escolho:

— Perdi o talismã. Depois, voltei a encontrá-lo. E agora estou aqui, contigo.

Puxo-o para mim e os olhos dele já não se assemelham a um mar tempestuoso, mas a uma noite sem fim, em que a lua brilha e as estrelas cintilam, e o mundo está repleto de oportunidades.

FIM

Temos uma surpresa para ti já a seguir!



Arcano

Braxton

Observo-a do outro lado do espelho.

Vejo-a a caminhar através do espaço escuro. Usa uns saltos altos a que não está habituada, o que a faz parecer um potro acabado de nascer. Ao contrário de todos os outros que já percorreram este caminho em gravilha, esta rapariga não mostra medo.

— Estás a admirar a paisagem? — pergunta a Elodie, ao entrar na sala.

Assinto — não faz sentido fingir. A rapariga é bonita, não há qualquer dúvida. Mas ao contrário da grande maioria das raparigas de hoje em dia, não finge que está a uma *selfie* de ser a próxima grande influenciadora das redes sociais — o que, para mim, é uma novidade.

— Disse-lhe que a querias conhecer. Até lhe mostrei a tua fotografia.

Sinto o meu coração a bater mais depressa, mas limito-me a encolher os ombros. Não posso descortinar uma verdade que não estou disposto a admitir a mim mesmo — apesar de ainda só a conhecer através das informações que li no ficheiro dela, desenvolvi uma simpatia por esta rapariga.

Inclino-me para o vidro. A rapariga acaba de ver a fila de bonecas de olhar vazio e tenho curiosidade em ver como vai reagir.

— O que é que ela disse que tu tinhas? Um queixo de modelo, não foi? — A Elodie desata a rir. É um riso irritante, que tento ignorar. — Ela não acreditava que eras uma pessoa verdadeira. “*É demasiado bonito para ser verdade*”. — A Elodie fala no tom de uma pessoa oca, sem nada na cabeça. Mas tenho seguido o percurso desta rapariga desde que o Arthur a encontrou. Praticamente decorei o dossiê sobre ela, pelo que sei que é tudo menos insípida.

Ainda assim, talvez esta rapariga, esta Natasha Antoinette Clarke (que, para mim, agora é Tasha), saiba o que está a dizer. Não sobre o facto de eu ser lindo, claro. Mas sobre a parte de eu não ser uma pessoa verdadeira. Na maioria dos dias, sinto-me um fantasma, ainda que não seja tonto ao ponto de acreditar nessas coisas.

E sei disso porque as pessoas não chegam a morrer.

A morte é uma ilusão e o tempo não é nada mais do que um círculo plano sem fim, que roda continuamente.

— Que seca — queixa-se a Elodie, aproximando-se de mim. — Tive saudades tuas. — Ela encosta os lábios ao meu pescoço e tenta enfiar uma mão pela parte da frente das minhas calças.

Mas não estou para isso. Hoje, não. Nem hoje nem nunca. Agarro na mão dela e afasto-a com firmeza.

— Deves estar a brincar comigo — reage ela, zangada e incrédula, mas a verdade é que estou a falar muito a sério.

Em retrospectiva, consigo perceber perfeitamente o que foi o tempo que estivemos juntos — um ato de fraqueza ou de solidão, ou fruto de qualquer uma das vulnerabilidades que advêm do isolamento prolongado e da falta de contacto humano significativo. Mas agora que acabámos, torna-se claro que cometi um erro terrível — um erro que prometo a mim mesmo não voltar a repetir.

Afasto-me da Elodie e aproximo-me do espelho. A Tasha já chegou à lápide e vejo-a a inclinar-se para a frente, a colocar o cabelo atrás da orelha e a ler o nome dela gravado na mármore branca.

É esta a parte mais significativa de toda a simulação.

O momento que revela a verdadeira natureza do carácter dela — algo que não é possível perceber através dos registos escolares, do telemóvel ou das redes sociais.

Encosto uma mão ao vidro e semicerro os olhos — ela acaba de

ver a data da morte dela, hoje. O que até acaba por ser verdade.

— E lá vem a choradeira — diz a Elodie, suspirando e sentando-se no sofá. — A sério, esta é sempre a parte mais entediante e previsível.

Geralmente, até concordaria com ela. Mas, ultimamente, dou por mim a reear todas as fases do recrutamento. Ainda assim, fiz a minha escolha há muito tempo.

E, em breve, a Tasha terá de fazer a dela.

Estou tão perdido nos meus pensamentos que demoro a perceber que ela não está a reagir como seria de esperar.

— Mas que... — A Elodie levanta-se e espreita pelo vidro. — Ela está mesmo a rir?

Um sorriso espalha-se pelo meu rosto. Nesse momento, aparece uma luz verde no meu *tablet*. E uma mensagem que diz: *É para avançar com a Tasha*.

Segundos depois, coloco a minha máscara.

— Serve as bebidas e põe a tocar a música — ordeno, correndo para a porta.

— Aonde é que pensas que vais? — silva a Elodie. — Não podes ir ali agora! É contra o protocolo. Não é...

Mas eu já fui.

Estou a caminho de mudar a vida da Tasha de formas que ela nunca sonhou.

Aproximo-me dela e apercebo-me de algo dentro de mim.

O meu coração bate mais rápido.

Sinto algo estranho na barriga, algo dolorosamente esperançoso, como quem vê o sol a espreitar por entre as nuvens num dia chuvoso.

É claro que a Tasha não vai ter noção de nada disto. E, provavelmente, de início vai ficar ressentida comigo.

Mas talvez eu consiga dar a volta a isso.

Talvez, se me esforçar, ela venha a gostar de mim — e talvez um dia até me perdoe por tudo o que vier a seguir.

E se eu conseguir conquistar uma rapariga como ela, então talvez ainda não seja o monstro em que me temo ter tornado.



Agradecimentos

Esta é a parte em que agradeço a todos os que ajudaram a fazer este livro. Embora sejam muitas as pessoas que me ajudaram com os seus diferentes talentos, nada disto seria possível sem os meus leitores. Para aqueles que me seguem desde o início, e para os que acabam de descobrir os meus livros, obrigada. Obrigada do fundo do coração. Vocês tornam este sonho possível.

Quero também agradecer a toda a equipa Entangled, incluindo Liz Pelletier, Stacy Cantor Abrams, Jessica Turner, Meredith Johnson, Riki Cleveland, Bree Archer, Curtis Svehlak, Nancy Cantor — vocês ajudaram a transformar o meu livrinho sobre viagens no tempo nesta coleção maravilhosa, e eu estou eternamente grata por isso.

Quero agradecer à minha agente e amiga Elizabeth Bewley — este é para ti.

Para a minha família e amigos — obrigada por todos os momentos de risota no Zoom e ao vivo. E, Sandy — obrigada por teres lido todos os rascunhos, por me teres ajudado com os paradoxos das viagens no tempo e pelo teu incentivo constante.